



Tradução comentada do livro de Abel Salazar

A Crise da Europa

Alexandra Soeiro da Fonseca Guimarães

Trabalho de Projeto

Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas

Porto – 2013

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**



Tradução comentada do livro de Abel Salazar

A Crise da Europa

Alexandra Soeiro da Fonseca Guimarães

**Trabalho de Projeto
apresentado ao Instituto de Contabilidade e Administração do Porto para
a obtenção do grau de Mestre em Tradução e Interpretação
Especializadas, sob orientação de Suzana Noronha Cunha**

Porto – 2013

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**

RESUMO

Este trabalho de projeto do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas consiste na tradução, para inglês, do livro *A Crise da Europa*, de Abel Salazar. O protocolo celebrado entre a Casa-Museu Abel Salazar e o ISCAP deu o mote a esta colaboração que tem como objectivo final a edição da obra traduzida, possibilitando que o legado de Abel Salazar esteja cada vez mais acessível a um número crescente de pessoas. Este trabalho pretende, não só, tornar disponível a obra do autor a novos públicos através da sua publicação na que é hoje a língua universal – o inglês –, mas também dar conta de quem foi Abel Salazar em toda a sua soberba pluralidade. Para além da tradução, o presente trabalho leva a cabo uma análise da metodologia utilizada no processo tradutivo e das opções que foram tomadas na produção do texto de chegada. Finalmente, o desfasamento temporal entre o autor/texto fonte e o tradutor/texto de chegada é ilustrado, com recurso a exemplos que o demonstram e clarificam a postura metodológica da tradutora. A tradução desta obra é a primeira alguma vez feita de um livro de Abel Salazar para inglês e considero que será a primeira de muitas que poderão surgir da parceria com a Casa-Museu Abel Salazar.

Palavras chave: Abel Salazar, Crise da Europa, tradução, desfasamento temporal na tradução.

ABSTRACT

This final project is the translation, into English, of *A Crise da Europa*, by Abel Salazar. The cooperation agreement established between the *Casa-Museu Abel Salazar* and the *ISCAP* set the tone for this collaboration which resulted in the publication of the translated book, ensuring the accessibility of Abel Salazar's legacy to an increasing number of people. This paper aims, not only at making the author's work available to new audiences, through the publication of his work in what is now the universal language - English -, but also at shedding some light on who Abel Salazar was, in all his superb plurality. This paper also intends to carry out an analysis on the methodology used in the translation and on the options that were made in the production of the target text. Finally, the time lag between author / source text and translator / target text is evidenced through explanatory examples of situations that clearly illustrate it, as well as reveal the translator's choices. The translation of this book is the first translation into English of a book by Abel Salazar, and I believe it can be the first of many that may result of the collaboration with the *Casa-Museu Abel Salazar*.

Key words: Abel Salazar, European Crisis, translation, time lag in translation.

À minha mãe e a ti

Agradecimentos

Este trabalho é o resultado final de uma ideia que se materializou.

Agradeço à minha orientadora, Mestre Suzana Noronha Cunha, pela ajuda e disponibilidade que sempre demonstrou no acompanhamento deste trabalho.

Agradeço à Casa-Museu Abel Salazar a amabilidade com que me facilitou o acesso aos documentos indispensáveis à minha tradução e ao meu trabalho de projeto.

Agradeço também às minhas colegas de curso, pela forma como nos conseguimos ajudar, ainda que tenha sido pelo mútuo reconhecimento das nossas dúvidas e incertezas.

Por fim, agradeço à inquietude que me trouxe a este mestrado.

ÍNDICE GERAL

Introdução.....	1
Capítulo I – Biografia de Abel Salazar.....	3
Capítulo II – Contextualização da obra.....	9
2.1. <i>Sol Nascente</i>	11
2.2. <i>O Trabalho</i>	16
Capítulo III – Análise da tradução.....	20
Capítulo IV – Conclusão.....	46
Referências Bibliográficas.....	49
Apêndices.....	1
Apêndice A.....	2
Apêndice B.....	155
Anexos.....	1

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Laboratório de Abel Salazar (1931).....	6
Figura 2 – Expulsão da Faculdade de Medicina (1935).....	7
Figura 3 – Gráfico explicativo das publicações em periódicos.....	11
Figura 4 – Excerto de um artigo publicado na revista <i>Sol Nascente</i>	12
Título: “A Crise Europeia – Esquiço de uma teoria biomecânica da História”	
Digitalização de um artigo publicado no nº 12, a 1 de agosto de 1937	
Figura 5 – Excerto de um artigo publicado na revista <i>Sol Nascente</i>	13
Título: “A Crise Europeia 2 – A Idade da Europa”	
Digitalização de um artigo publicado no nº 19, a 15 de novembro de 1937	
Figura 6 – Excerto de um artigo publicado na revista <i>Sol Nascente</i>	14
Título: “A Crise Europeia – Esquiço de uma teoria biomecânica da História”	
Digitalização de um artigo publicado a 1 de setembro de 1937	
Figura 7 – Excerto de um artigo publicado na revista <i>Sol Nascente</i>	15
Título: “A Crise Europeia – Esquiço de uma teoria biomecânica da História”	
Digitalização de um artigo publicado no nº 12, a 1 de agosto de 1937	
Figura 8 – Excerto de um artigo publicado no jornal <i>O Trabalho</i>	17
Título: “Reflexões sobre a Crise Europeia I”	
Digitalização de um artigo publicado a 29 de fevereiro de 1940	
Figura 9 – Excerto de um artigo publicado no jornal <i>O Trabalho</i>	18
Título: “Reflexões sobre a Crise Europeia XV”	
Digitalização de um artigo publicado a 13 de junho de 1940	
Figura 10 – <i>Print Screen</i> da página da internet TheFreeDictionary.....	39

Introdução

A escolha deste projeto aconteceu de forma inesperada e a sua execução foi agradavelmente difícil. Diante de todas as dificuldades com que me deparei no processo de tradução, cada solução encontrada e opção tomada serviu para consolidar a certeza de uma escolha profissional algo tardia mas, definitivamente, genuína.

O objetivo primordial deste trabalho é a tradução para inglês de *A Crise da Europa* de Abel Salazar tendo em vista a sua posterior publicação. Desse principal objetivo resultam, conseqüentemente, a análise da tradução, considerando as dificuldades acrescidas de um texto de partida escrito há mais de cinquenta anos e o enquadramento da obra na vida do autor e no contexto sociocultural em que ambos se inserem.

Na procura de tentar compreender o autor e as motivações que o levaram a escrever este livro, editado em 1942, mas cujo título nos parece tão apropriado ainda a este ano de 2013, assoberbou-me a vida do artista plástico e a quantidade de obras, editadas em livro ou em publicações periódicas, a par da história de uma vida que acabou em 57 anos e que, mesmo com tantas contrariedades, soube sempre gritar a plenos pulmões os seus ideais e a sua sabedoria, sempre com o nobre intuito, não da valorização, mas da passagem do conhecimento. Ao escrever sobre Abel Salazar é quase impossível abstermo-nos de engrandecer a já tão grande figura que foi. Cientista, professor, artista, pensador e, sobretudo, inconformado com os dogmas estabelecidos e assertivo no seu direito de os questionar e de não se deixar subjugar a eles.

Para que possa sentir este trabalho de mestrado cumprido, começo por um breve resumo da vida e obra do autor para depois me alongar naquela que foi o objecto de estudo do meu trabalho. E então, compreender as razões que levaram à sua realização, tendo em conta a época em que foi escrita, a realidade social em que se insere e as motivações que levaram Abel Salazar a escrevê-la. O livro que foi objeto de estudo deste trabalho começou por ser escrito em artigos publicados em duas das diversas publicações periódicas com que Abel Salazar colaborou. Primeiro na revista quinzenal portuense *Sol Nascente*, depois no semanário viseense *O Trabalho*.

Seguidamente, darei conta das dificuldades de tradução que considerei mais importantes destacando, por força das circunstâncias, a dificuldade acrescida de traduzir um texto que foi escrito há mais de meio século. Tendo em conta que o leitor-alvo da tradução vive nos dias de hoje, no séc.XXI, foi necessário, antes mesmo do trabalho de tradução, um processo de actualização de prováveis arcaísmos que dificultam a compreensão do texto, na língua portuguesa dos nossos dias. E, partindo dessa actualização terminológica, passar à tradução do texto, datado de 1942, para a língua inglesa, da forma como é escrita hoje em dia. Assim, a influência do desfasamento temporal, que separa o autor da tradutora, no resultado da tradução é avaliada, ao mesmo tempo que é tomado em consideração o facto de esta ser uma tradução feita para uma segunda língua.

Capitulo I – Biografia de Abel Salazar

Abel de Lima Salazar nasceu em Guimarães a 19 de Julho de 1889. Completou o ensino primário e parte do secundário no Seminário-Liceu onde foi aluno distinto e laureado. Esta instituição, de cariz eclesiástico, contribuiu em grande parte para a sua “crise” religiosa, mais tarde convertida numa questão definidora da sua personalidade e dos seus valores. Pertenceu à geração que proclamou a Liberdade, de orientação anarquista e anti-clerical, “sem servilismos de programas, de escolas ou de dogmas”, de acordo com o lema da revista portuense *Nova Silva*, fundada em 1907. Tendência, de resto, comum à elite estudantil da época (Santos, 1997, p. 5).

Em 1903, matriculou-se no Liceu Central do Porto, em São Bento da Vitória, onde concluiu a 7ª Classe de Ciências, decorria o ano lectivo de 1906/07. Foi por esta altura que se revelou a sua aptidão para o desenho, em caricaturas dos seus mestres, que lhe valeram a admiração dos companheiros. Este talento abriu-lhe portas para uma tertúlia de colegas mais velhos, atentos às reformas políticas do país, de onde nasceu *O Arquivo*, um jornal escolar declaradamente republicano, do qual apenas dois números foram impressos. Assumidamente republicano, Abel Salazar defendia a independência do ensino, que acreditava profundamente deveria ser laico e predominantemente científico. No ano de 1907, subscreve uma representação de estudantes do Porto em defesa da liberdade de imprensa ameaçada por um projeto franquista e adere à greve académica (Castro, 1992, p. 8).

Em 1909, Abel Salazar ingressou na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, concluindo o curso de Medicina em 1915 com a dissertação *Ensaio de Psicologia Filosófica*, classificada com 20 valores (Santos, 1997, p. 5). Quatro anos depois, em 1919, com apenas 30 anos de idade, é nomeado Professor Catedrático e, um ano mais tarde, Director do Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina do Porto (hoje com o seu nome). Este Instituto era um modesto centro de estudos, fundado por Abel Salazar, onde, apesar da falta de recursos, conseguiu realizar uma série de notáveis trabalhos de investigação. Entre eles destaca-se a investigação, cujo objectivo de definir e esclarecer a estrutura e evolução do ovário, resultou no célebre método de coloração Tano-férrico, de análise microscópica, que lhe abriu caminhos no meio científico - Método Tano-férrico de Salazar (Castro, 1992, p. 9).

Entre 1919 e 1925, o seu trabalho atinge o reconhecimento internacional sendo publicado em várias revistas científicas internacionais. A este respeito Afonso de Castro (1992, p. 10) testemunha que:

Estudos feitos por Abel Salazar utilizando microscópios rudimentares da época, são inteiramente confirmados por microscópios electrónicos da actualidade; e trabalhos seus são citados em revistas da especialidade de outros países, 50 anos passados sobre a sua apresentação pública.

Abel Salazar publicou 113 trabalhos científicos nas áreas dos aparelhos de Golgi e Para Golgi, Método Tano-Férrico, ovário, tecido conjuntivo, anatomia do cérebro, tecido celular, sangue, técnica de desenho microscópico e temas gerais.

No entanto, a sua genialidade não se confina às barreiras da academia e da ciência, transcendendo-as numa espécie de torrente desmedida que descobre na arte o leito por onde deve correr. Ao mesmo tempo que o seu lado científico progride, Abel Salazar participa, em 1915, numa exposição de Humoristas e Modernistas, realizada no Salão Passos Manuel, no Porto, juntamente com Almada Negreiros, Jorge Barradas, Cristiano Cruz, Stuart de Carvalhais, entre outros. Com Cerqueira Machado, seu companheiro de infância, realiza uma exposição no Porto, em 1922, e em Lisboa, em 1924, na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Devido à afluência inesperada do público, foi alongado o período de funcionamento da exposição chegando mesmo a ser necessário abrir as portas durante a noite. A classe operária, sobretudo, revia-se e irmanava-se com o autor diante das suas obras. Um dos temas recorrentes nos trabalhos de Abel Salazar era a mulher. Tanto na sua vertente urbana, sofisticada e ociosa, da mulher parisiense, quanto na perspectiva da mulher trabalhadora, conhecedora da miséria e vítima das intempéries da vida. Como descreve Alfredo Ribeiro dos Santos (1997, p. 15): “Não foi um pintor de *atelier*, preferiu pintar a figura humana, onde ela mais se mostra e agita – na rua.”

O artista pintou incansavelmente o que considerou ser a dignidade justificada pela força do trabalho das mulheres da Ribeira do Porto. Frequentemente, deambulava pelo Cais da Alfândega e por Miragaia onde encontrava inspiração para esta mulher trabalhadora. Mais tarde, já em 1940, voltará a expor, primeiro no Porto e depois em Lisboa, os seus trabalhos em cobre martelado e lacado a fogo, uma nova forma de arte a que se dedica entretanto (Castro, 1992).

Em 1926, ao fim de 10 anos de trabalho em condições adversas, Abel Salazar sucumbe ao cansaço e à depressão, sofrendo um esgotamento que o leva a interromper a sua atividade universitária durante quatro anos. Interna-se na Casa de Saúde de São João de Deus, que viria a apelidar de “Ilha do Pavor”. Na tentativa de sobreviver à atmosfera vivida nesta Instituição, Abel Salazar dedica-se às Artes. Escreve *Uma Primavera em Itália*, *Recordações do Minho Arcaico*, *Filosofia da Arte*, *Notas sobre Arte Portuguesa*, *A Morte da Fantasia* e mais de 200 desenhos entre esboços e estudos para quadros.¹

De regresso à Faculdade em 1931, cheio de projetos e com uma energia renovada, encontra o seu gabinete desmantelado.

¹ Informação recolhida na página da internet da Casa-Museu Abel Salazar.



Figura 1 - Laboratório de Abel Salazar (1931)²

De acordo com a informação disponível na página da internet da Casa-Museu Abel Salazar, a citação que se segue é um apontamento do próprio autor, manuscrito, no verso da fotografia apresentada na Figura 1: “Estado em que encontrei as salas do Laboratório no regresso da minha doença. Presenciado por várias testemunhas” (s.d.).

O seu constante contributo às causas em que acreditava e a sua manifesta disponibilidade interventiva, primeiro durante a Ditadura Nacional e depois no Estado Novo, foram sempre pagos a um preço elevado. Conforme constata Alfredo Ribeiro dos Santos (1997, p. 6):

O Histologista, a partir de 1932 passa a intervir intensamente na actividade cultural de associações de estudantes, do Porto, de Lisboa e de Coimbra, defendendo as suas ideias pedagógicas vanguardistas e fazendo a apologia da Ciência, ao mesmo tempo que promove o descrédito da Metafísica e da Religião [...] Abel Salazar não podia deixar de se opor à ameaça nazi-fascista e aos seus imitadores internos, insistindo numa campanha de pensamento livre. É então que ingressa na loja maçónica portuense *Lux et Vita*.

Mostrando não se submeter às limitações impostas pelo sistema é mandado, em 1934, num exílio mascarado, para Paris, onde trabalha no laboratório do Prof. Champy. Persiste, porém, nas suas atividades de cidadão português, ao lado de grandes notáveis da cultura francesa. Toma parte em manifestações contra a repressão exercida em Portugal ao lado de Marcel Prenant, George Cogniot, Henry Wallon e outros. Provando-se mais incómodo em Paris do que em Portugal, é-lhe retirada a bolsa, e Abel Salazar regressa em Agosto desse ano, sendo demitido compulsivamente numa ação persecutória do Salazarismo (Castro, 1992, p. 13).

² Fonte: página da internet da Casa-Museu Abel Salazar.



Figura 2 - Expulsão da Faculdade de Medicina e recolha do que resta do laboratório de Histologia (1935)³

A página da internet da Fundação Mário Soares, com a colaboração da Casa-Museu Abel Salazar, procedeu à recolha e disponibilização do espólio documental do autor onde, entre outros documentos digitalizados, se pode ler o curriculum vitae de Abel Salazar, manuscrito e em francês, de onde foi retirada a seguinte afirmação: “*J’ajouterais que je n’ai jamais été politicien; toute ma vie s’écoula dans l’ Institute d’Histologie; tout mon activité s’est réalisé dans le champs intellectuel*” (Salazar, s.d.).

Abel Salazar, Professor Universitário, Investigador Científico, Criador de Ciência fica, daí em diante, em forçada inatividade, sendo-lhe inclusivamente vedada a biblioteca da sua Faculdade. Vê, igualmente, ser-lhe recusada a possibilidade de se ausentar do país aquando do convite feito pelo *British Council*, situação que se repetirá no futuro (Castro, 1992, pp. 13-14).

O afastamento da vida académica resulta num frenesim de criatividade. Nada que não fosse já de esperar de uma personalidade como a de Abel Salazar. Dedicar-se a uma vasta colaboração em diversos jornais e revistas (de que são exemplo os dois periódicos mencionados mais adiante, relevantes para a realização deste trabalho) e desenvolve, em sua casa, uma produção artística variada na temática e na expressão plástica: gravura, pintura, pintura mural, aguarela, desenho, caricatura, escultura e cobses martelados (caso único entre os artistas contemporâneos).

³ Fonte: página da internet da Casa-Museu Abel Salazar.

Entre as várias direções da sua intervenção plural, Abel Salazar dedicou particular atenção à colaboração jornalística, abordando diversos temas, de onde se destacam a Arte e a antítese Ciência-Metafísica (Santos, 1997, p. 8). Abel Salazar acreditava visceralmente que Portugal devia actualizar-se no que respeitava ao conhecimento das modernas correntes e doutrinas europeias, considerando ser esta a única forma de cada cidadão fazer as suas opções de forma consciente (Castro, 1992, p. 15).

A lista de publicações em que participou é vasta e nela se inclui o semanário *O Trabalho*, de Viseu, e o quinzenário *Sol Nascente*, do Porto, do qual foi membro fundador. Estas são, de resto, as duas publicações onde surgem os primeiros esboços da obra traduzida neste trabalho de projeto.

Em 1941, Abel Salazar é reintegrado na Universidade, embora não como docente. Para que possa voltar a trabalhar é-lhe confiada a direção do Centro de Estudos Microscópicos, na Faculdade de Farmácia, sob o patrocínio do Instituto para a Alta Cultura. Abel Salazar apelida este centro de “Centro Bicudo”, devido à falta de verbas com que se debate constantemente, não deixando, no entanto, que esta falta de meios o demova, chegando a orientar cerca de 50 trabalhos, alguns com repercussão imediata dentro e fora de Portugal (Castro, 1992, pp. 19-20). Não obstante a fecunda atividade científica em que se envolve, Abel Salazar transforma, por vezes, este laboratório num improvisado *atelier* de escultura - outra modalidade a que veio a dedicar-se na sua febre criadora sempre renovada.⁴

Não foi um pintor de “atelier”, preferiu pintar a figura humana, onde ela mais se mostra e agita – na rua. Foi também obcecada e sensualmente, um pintor da mulher. Pintou os “chiços” (jovens aprendizas das modistas que entregavam as obras no domicílio das clientes), as caixeiras das Galerias La Fayette e as elegantes dos “boulevards” mas também as mulheres em cena de trabalho, em armazéns na Ribeira ou nas descargas dos batelões em Miragaia (Santos, 1997, p. 15).

O ano de 1944 foi marcado pela publicação de *Hematologia*, um volumoso trabalho considerado por Norberto Cunha, um estudioso da vida e obra de Abel Salazar, como uma obra de notável reflexão epistemológica que assinala o regresso à investigação científica (Castro, 1992, p. 20).

Pouco mais de um ano passado, Abel Salazar morre em Lisboa, a 29 de Dezembro de 1946, com 57 anos de idade, vítima de cancro pulmonar, e retorna à nossa invicta cidade do Porto para tomar a sua última morada no cemitério do Prado do Repouso, no primeiro dia do ano de 1947.

Tal como no caso dos grandes homens, porém, uma figura como a de Abel Salazar não se confina aos momentos que marcaram a sua existência física, antes continua e se projeta no futuro pela obra que produziu, pela linha do seu comportamento, pelo devotamento às grandes causas, pela coerência dos seus atos (Castro, 1992, p. 21).

⁴ Informação recolhida na página da internet da Casa-Museu Abel Salazar.

Capítulo II – Contextualização da obra

Abel Salazar morreu há 66 anos mas a herança que nos deixou é de tal forma vasta que ainda há muito caminho para desbravar no sentido de entender, ordenar e divulgar a sua obra. Em Maio de 2012, apenas, António Zilhão, professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciado e mestre em filosofia pela mesma instituição e doutorado em filosofia pela *King's College London*, debruçou-se sobre a tarefa necessária e urgente de organizar e compilar os escritos de Abel Salazar publicados em diferentes periódicos, facilitando o acesso aos mesmos através da sua publicação em livro. Surge, assim, prefaciado e editado por António Zilhão, *O Pensamento Positivo Contemporâneo*. A localização e a catalogação dos trabalhos de Abel Salazar, nomeadamente na área das artes plásticas, estão ainda em curso, sendo que muitas das suas obras pertencem a coleções privadas e a sua dispersão dificulta o trabalho dos investigadores (Fernandes, 1998).

Foi precisamente na tentativa de me orientar nos meandros por onde o intelecto de Abel Salazar jornadaeu que encontrei o que acredito serem os passos iniciais do autor para a escrita de *A Crise da Europa*. Periódicos como o *Sol Nascente*, em 1937 e *O Trabalho*, em 1940, davam conta, em artigos que foram sendo publicados quase consecutivamente, dos primeiros esboços daquilo que viria a ser *A Crise da Europa*, editada em livro, em 1942. Para que não restassem incertezas sobre a veracidade desta conjectura, dirigi-me à Casa-Museu Abel Salazar onde consultei os originais das publicações, para saber se, de facto, diziam respeito ao mesmo tema e aos mesmas concepções expressas no livro referido. Dúvidas dissipadas. Efetivamente, o autor começou a transpor para o papel o que viria a ser *A Crise da Europa*, certamente em pensamentos embrionários e mais dispersos, a 1 de Agosto de 1937, aquando da primeira publicação do artigo intitulado “A Crise Europeia - Esquiço de uma Teoria Biomecânica da História”, no nº 12 da revista quinzenal *Sol Nascente*. Ao todo, esta revista publicou, entre agosto de 1937 e janeiro de 1939, 16 artigos escritos por Abel Salazar, sob o título *A Crise Europeia* (tão semelhante ao título do livro – *A Crise da Europa*), que se debruçavam sobre os mesmos conceitos. A semelhança evidente entre o título do livro que foi objeto de estudo deste trabalho e os títulos dos artigos previamente publicados nos dois periódicos - *A Crise Europeia*, para os artigos da revista *Sol Nascente*, e *Reflexões Sobre a Crise Europeia*, para os artigos do jornal *O Trabalho* - alertaram-me para a possibilidade de uma reflexão (e redação) prévia das concepções expressas no livro, antes mesmo da sua publicação. Foi feita, então, uma análise às duas publicações. O diagrama em baixo pretende clarificar o que foi dito anteriormente.

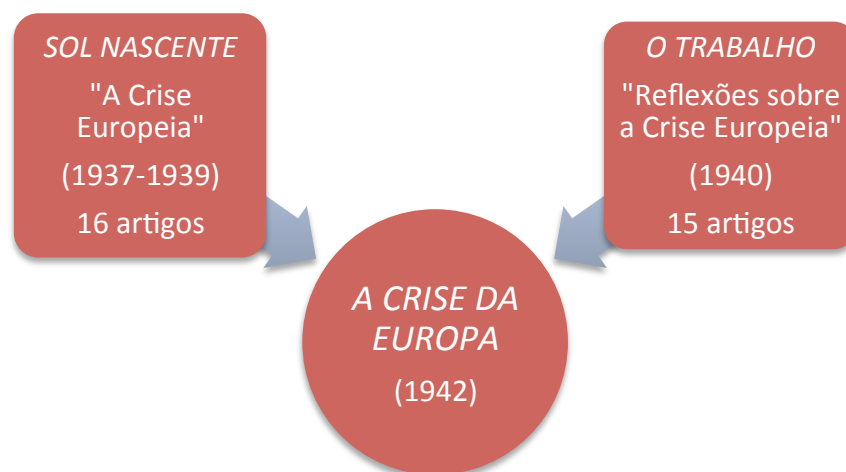


Figura 3 – Publicações em periódicos relativas ao tema abordado no livro *A Crise da Europa*.

Os sub-capítulos que se seguem explicam as conclusões retiradas dessa análise, recorrendo a digitalizações de excertos dos originais das duas publicações periódicas, comparando o conteúdo dos textos publicados nos periódicos com o conteúdo do texto editado em livro.

2.1. *Sol Nascente*

Para que melhor se entenda o propósito do livro *A Crise da Europa* importa compreender o intuito do autor e, já que os arquivos o permitem, perceber de que forma as suas ideias foram desenvolvidas até desembocarem no texto final, traduzido para inglês pela autora deste trabalho.

A revista *Sol Nascente* foi fundada por um grupo de jovens do Porto ocupando, imediatamente, lugar de relevo na imprensa cultural portuguesa, lutando sobremaneira pelo objectivo fixado pelos seus fundadores logo desde a sua abertura: “Contribuir para o elevamento do nível cultural português, depois de citar o sublime conceito do nosso Eça – o fim de toda a cultura humana consiste em compreender a humanidade” (Lopes, 1960, p. 105).

A história desta revista, apesar de atribulada, contou com a nobre colaboração do escol da intelectualidade nacional. A relação do seu egrégio Mestre, Abel Salazar, com os restantes membros da revista, que apenas poderia denominar-se de companheirismo sem qualquer tipo de subserviência, resultou na expectável entrega fervorosa por parte do autor, que durante toda a vida acreditou nas potencialidades de uma juventude ávida de valores e de conhecimento.

O artigo apresentado na Figura 4 menciona alguns conceitos desenvolvidas na obra, como o Princípio da Irredutibilidade de Tyndall ou a categorização da História como

protociência, isto é, uma ciência não exata e em estado primário de evolução que tem como conteúdo especulações ou hipóteses ainda não testadas adequadamente. Precisamente o âmagu de *A Crise da Europa*.

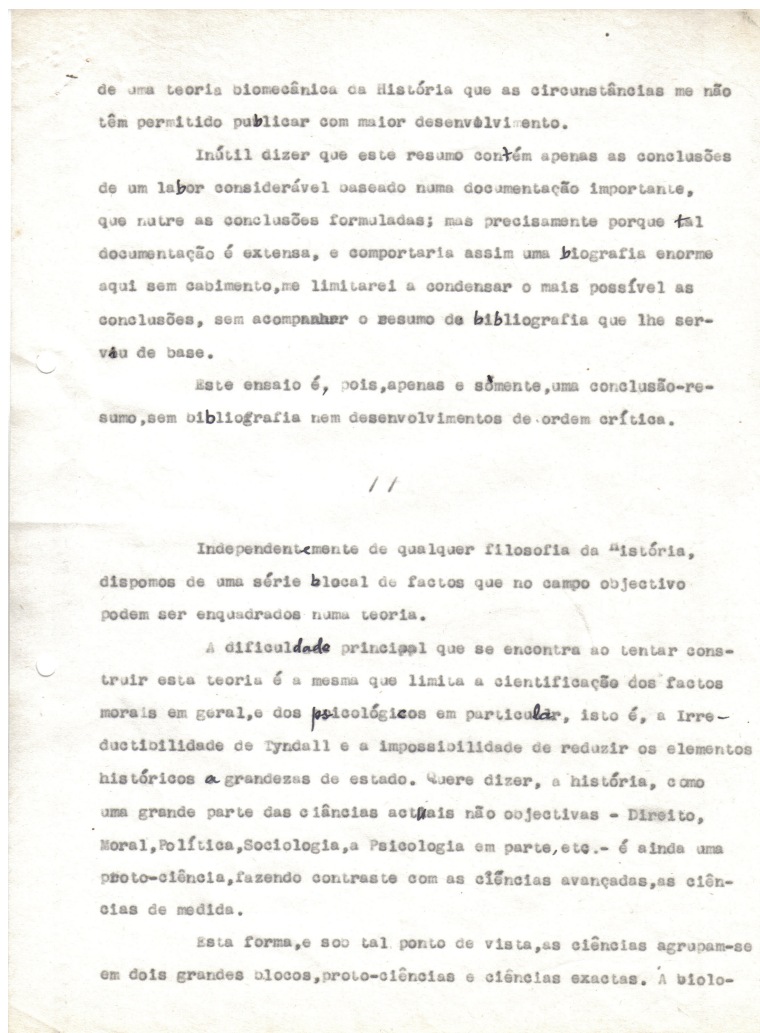


Figura 4 - Excerto de um artigo publicado na revista *Sol Nascente* (1937)

Alguns artigos publicados nesta revista têm títulos iguais aos dos capítulos do livro que foi editado posteriormente ou incluem termos usados no livro. Citemos como exemplo: "A Idade da Europa" ou "Elementos e Movimentos Mecanoides", respectivamente. Para não sobrecarregar este trabalho com digitalizações, escolhi o exemplo referente à "Idade da Europa", Figura 5, que no livro corresponde ao capítulo III da Primeira Parte.

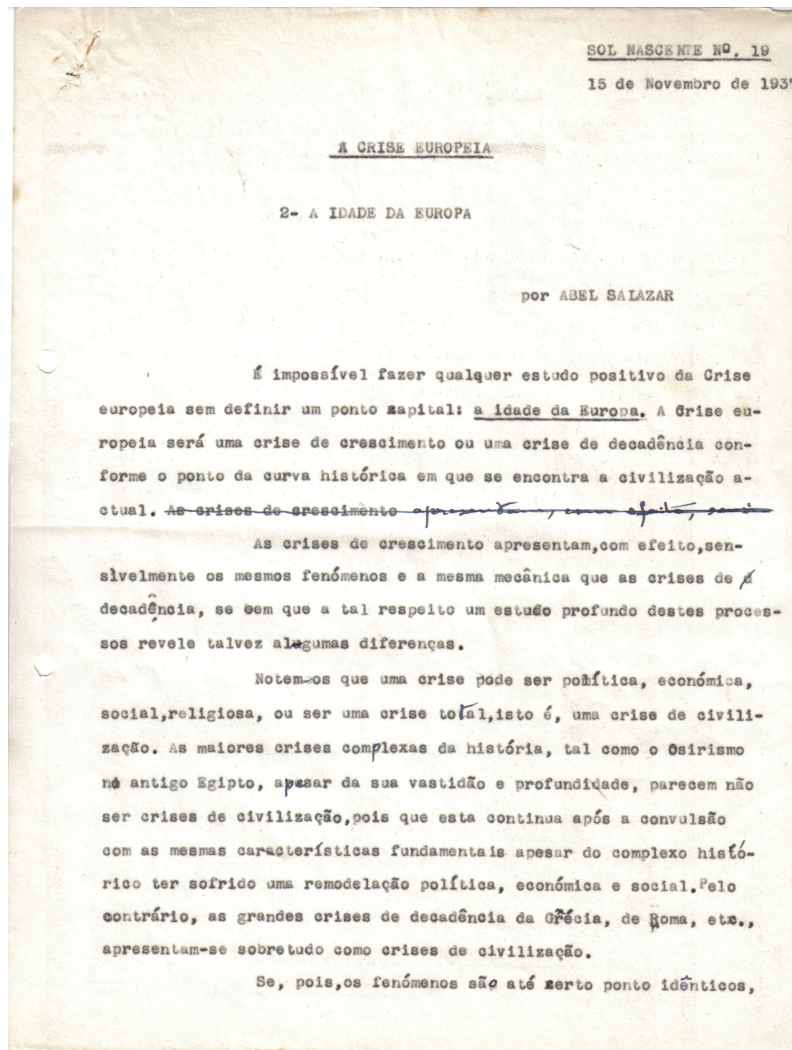


Figura 5 - Excerto de um artigo publicado na revista *Sol Nascente* (1937)

Inversamente, foram publicados nesta revista diversos artigos com capítulos que, ainda que inseridos no mesmo tema da crise europeia, não se relacionam diretamente com os temas abordados no livro, ou não estão estruturados ou descritos da mesma forma. A Figura 6 apresenta um desses artigos, cujo título não se repete no livro.

Contudo, nele está presente o conceito da “totalização da experiência”, constantemente referido no texto editado em livro. Este pequeno excerto ilustra, ainda, diferenças na escrita entre os dois textos – o do artigo publicado em periódico e o do livro. No segundo parágrafo pode ler-se o seguinte: “Nestes períodos de decadência, a nota dominante, como dissemos já em outros trabalhos, é a acentuação da mentalidade e do temperamento esquizóide em suas características místicas, patéticas e autísticas”. As místicas asiáticas e a aversão do autor às

mesmas estão, de facto, presentes no texto do livro, mas nunca essa aversão é tão clara como nesta frase. A palavra “patéticas” nunca é utilizada no livro.

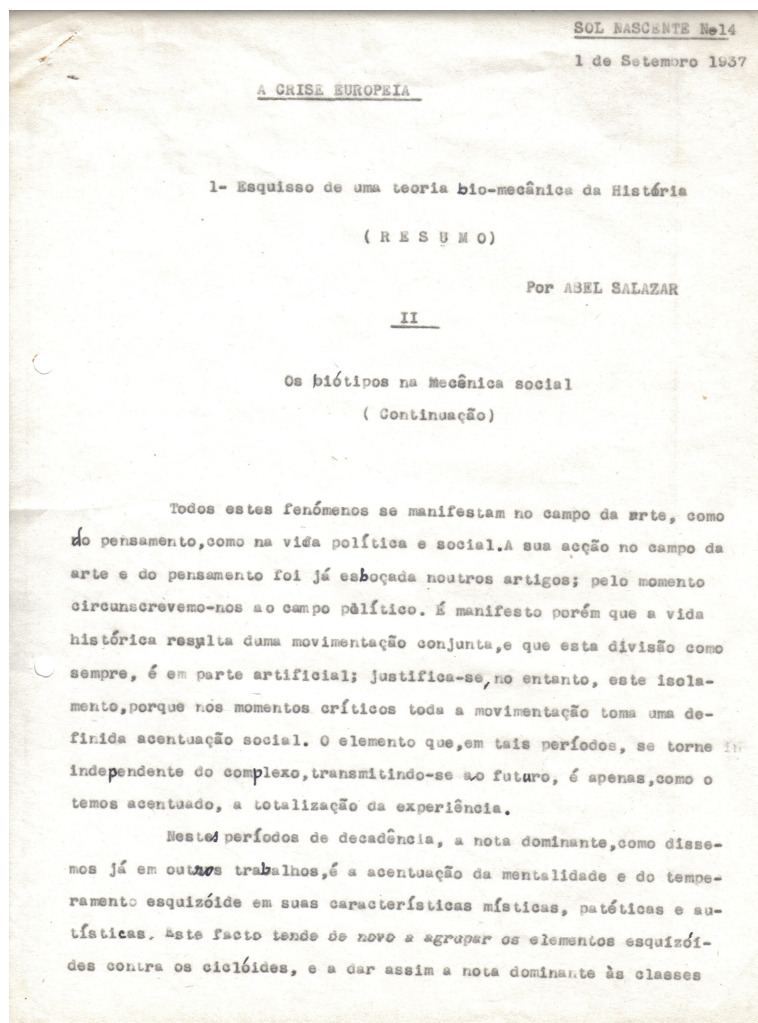


Figura 6 – Excerto de um artigo publicado na revista *Sol Nascente* (1937)

Na Figura 7, pode constatar-se que estas publicações serviram de tubo de ensaio para *A Crise da Europa*. No último parágrafo, pode ler-se que os Sistemas Históricos, as suas curvas e cadeias e os seus processos de encadeamento, a divisão dos Sistemas Históricos em períodos distintos que desenham as suas respectivas curvas está dividida em cinco períodos: 1º período ou período embrionário, 2º período ou período de formação, 3º período, de estado adulto ou auge, 4º período ou período de decadência e, por fim, o 5º período ou período de decomposição. Em *A Crise da Europa* esta divisão compreende 3 períodos apenas, sendo eles: 1º período ou período de formação, 2º período ou período áureo e 3º período ou período

de decadência. Este pormenor clarifica que a obra objeto de estudo deste trabalho representa como que um limar de arestas que, naturalmente, fundamentou a posterior publicação do apuramento destes pensamentos em livro.

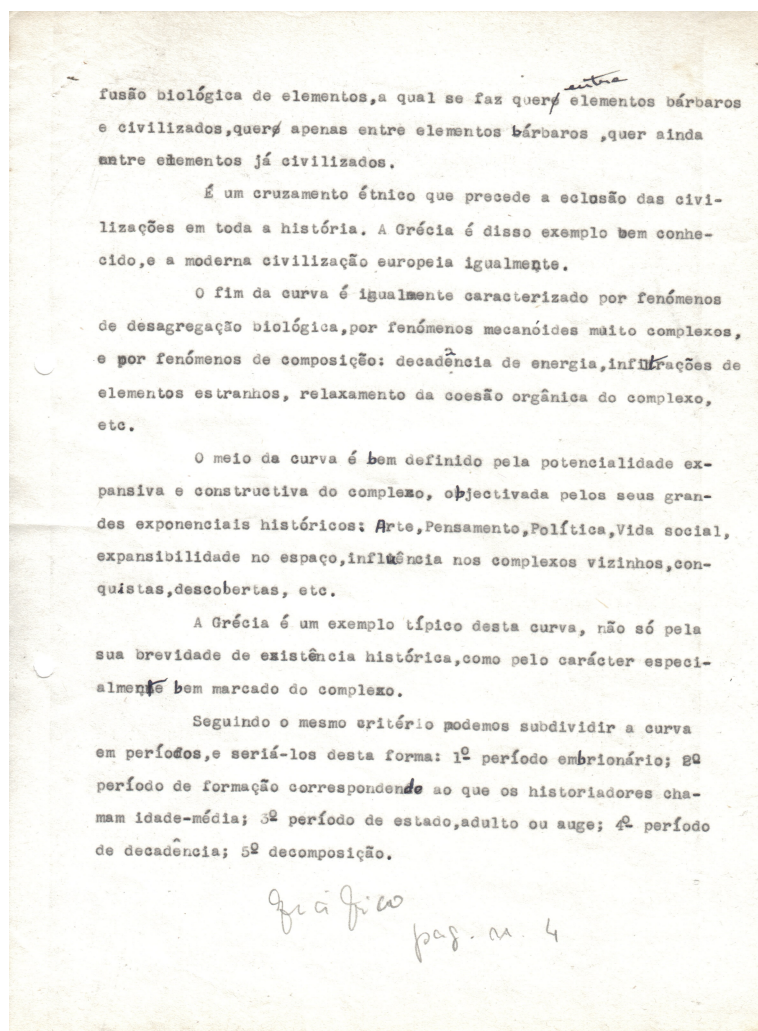


Figura 7 - Excerto de um artigo publicado na revista *Sol Nascente* (1937)

A este respeito Alfredo Ribeiro dos Santos (1997, p. 13) esclarece que “nesta nova fase da revista [*Sol Nascente*], a colaboração de Abel Salazar ficou praticamente limitada à sua obra *A Crise Europeia*, que vinha a ser publicada desde o início da revista, sendo depois coligida em volume”.

Atrevo-me a retificar a reflexão de Alfredo Ribeiro dos Santos que, nesta sua afirmação limita *A Crise da Europa* a um repositório dos artigos publicados na revista *Sol Nascente* sob o título “A Crise Europeia”. De facto, não foi isto que aconteceu. Se analisarmos a

correspondência entre os capítulos do livro e os títulos dos artigos, verificamos que apenas dois se correspondem quase na totalidade. São eles “A Idade da Europa” – que corresponde ao capítulo III da Primeira Parte do livro e ao artigo publicado no nº 19 da revista – e “Dissolução Mística do Pensamento” – que corresponde ao capítulo II da Segunda Parte do livro e ao artigo publicado no nº 31 da revista. Ainda assim, o título completo deste último artigo é: “ O Período Europeístico: A dissolução mística do pensamento; A infiltração dos complexos históricos.”. Comprova-se, portanto, que há alguma correspondência, mas não total.

Assim, mesmo numa análise superficial, se pode constatar que os seis capítulos que compõem o livro não equivalem aos dezasseis artigos que foram publicados nesta revista (e muito menos aos 31 artigos publicados em ambos os periódicos).

A estes artigos juntam-se outros, perfazendo um total de 16 relacionados com o mesmo tema, até ao nº 33 desta publicação. Fazendo as contas, apenas três números foram editados de permeio com textos que não se cingiam ao mesmo assunto. Curiosamente, foram três números que o autor consagrou a um desentendimento com António Sérgio relativamente a diferenças de concepção no que respeita ao ideal de difusão cultural que ambos consideravam necessário ao país. Esta desavença com António Sérgio, como veremos mais à frente⁵, tem relevância para este trabalho pela sua importância no desenrolar da história da revista e na defesa dos ideais defendidos pelos seus fundadores e, ainda, porque conseguiu ter consequências na tradução de *A Crise da Europa*, mais de 70 anos depois.

O subcapítulo seguinte diz respeito à publicação de artigos no jornal *O Trabalho*, também subordinados ao mesmo tema tratado no livro *A Crise da Europa*, desta vez intitulados “Reflexões sobre a Crise Europeia”.

2.2. O Trabalho

Em Fevereiro de 1940, após um ano de interregno desde a última publicação no quinzenário *Sol Nascente*, surgem novos escritos, desta vez no jornal semanal viseense *O Trabalho*.

Optei por escolher excertos do primeiro e do último artigo publicados em *O Trabalho* sobre o tema da crise europeia, como forma de ilustrar o objetivo central deste subcapítulo: mostrar, mais uma vez, que antes da publicação de *A Crise da Europa*, em formato de livro, Abel Salazar desenvolveu as mesmas ideias em diversos artigos publicados em duas das inúmeras publicações que gozaram do privilégio da sua colaboração.

A imagem que aparece desenhada no topo da Figura 8 (digitalização do primeiro artigo publicado no jornal *O Trabalho*), representa as curvas dos Sistemas Históricos e é uma das imagens existentes no original do livro que não foram, no entanto, incluídas na cópia disponível no Apêndice A deste trabalho, simplesmente por não serem relevantes do ponto de vista da análise da tradução. A imagem representa o encadeamento, por sobreposição, das curvas de

⁵ Vide página 44 deste trabalho.

civilizações subsequentes. Assim, o 1º período (período de formação) da curva seguinte sobrepõe-se ao 3º período (período de decadência) da primeira curva.

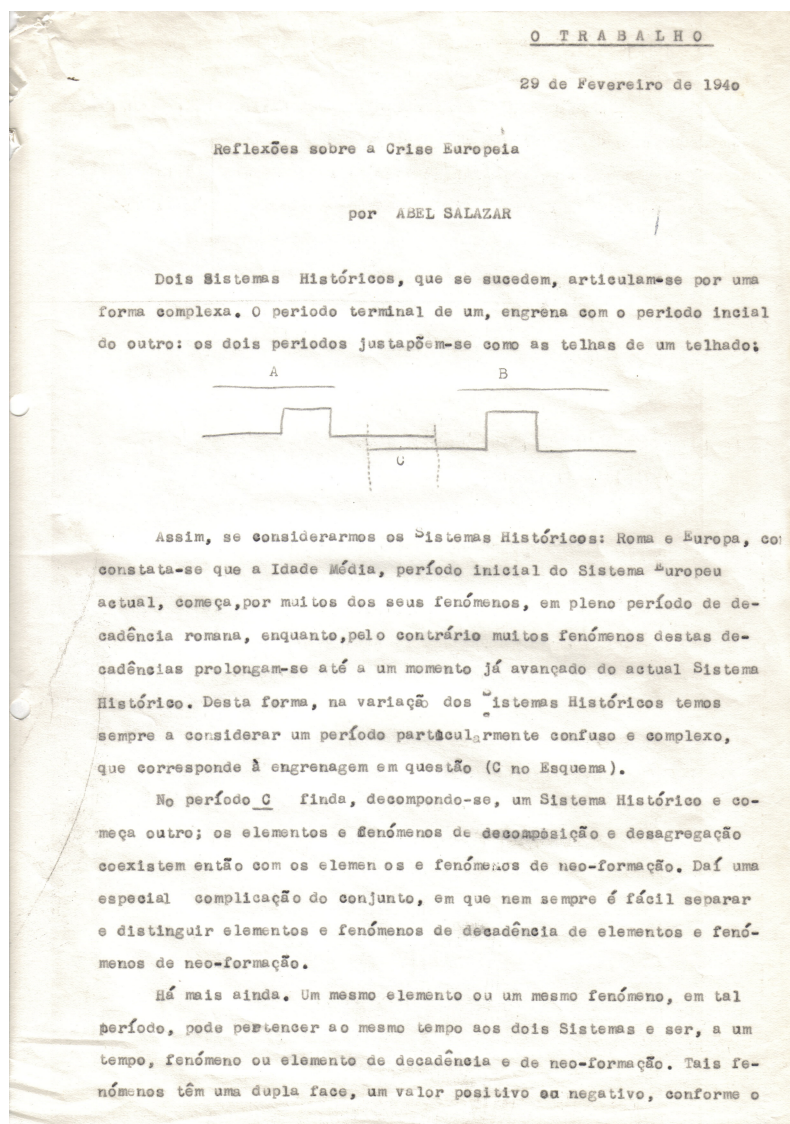


Figura 8 – Excerto de um artigo publicado no jornal *O Trabalho* (1940)

No texto apresentado na Figura 9, pode, novamente, constatar-se a apreciação de Abel Salazar, referida acima na análise de um dos artigos da revista *Sol Nascente* (Figura 6), e mais tarde transposta para o livro *A Crise da Europa*, sobre o papel preponderante das “místicas asiáticas” no processo de decadência das sociedades ocidentais. A citação que se segue é retirada do texto da Figura 9, para facilitar a leitura:

Uma das manifestações típicas desse facto – análogo ao que se constata na decadência da Grécia e de Roma – é a multiplicidade de proliferações místicas, e a tendência para as formas do ocultismo oriental (...) Espiritismo, ocultismo, metapsíquica, supra-naturalismo, yogas, tantrismos, xenoglossismos, etc., etc., etc.,

surgem, proliferam, invadem os campos como tortulhos (...) Em Paris, o autor destas linhas assistiu a coisas extraordinárias, algumas inacreditáveis. Artistas, homens de ciência, escritores, banqueiros, mundanas, cocotes, escrocs, snobs aristocratas, filósofos, sociólogos, etc., entregam-se com *franesi* às mais *estragantes* práticas ocultistas.

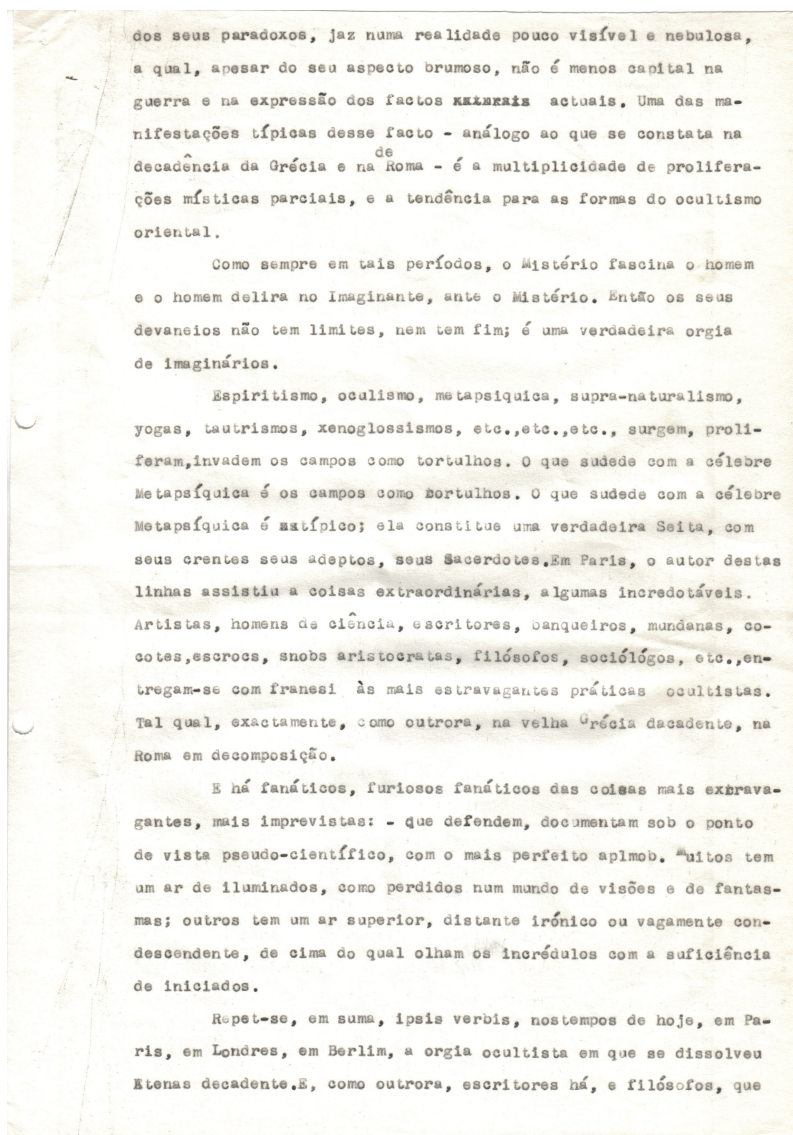


Figura 9 – Excerto de um artigo publicado no jornal *O Trabalho* (1940)

Em suma, *A Crise da Europa*, livro editado em 1942, traduzido para inglês pela autora deste trabalho, é uma seleção e um aperfeiçoamento dos pensamentos e reflexões de Abel Salazar, previamente publicados em artigos de duas publicações periódicas. Primeiro, na revista *Sol Nascente*, entre 1937 e 1939, e depois no jornal *O Trabalho*, no decorrer do ano de

1940. As restantes digitalizações, relevantes para o estudo realizado, estão disponíveis para consulta nos anexos deste trabalho⁶.

No capítulo seguinte é efectuada a análise da tradução da obra, da metodologia utilizada nas opções de tradução e é feita, finalmente, a fundamentação dessas mesmas opções.

De salientar que a principal dificuldade se relaciona com o facto de este ser um texto escrito há mais de 70 anos, com terminologia em desuso e/ou desconhecida da tradutora e com grafias que suscitam dúvidas quanto à sua essência: arcaísmos, erros tipográficos ou ortográficos?

A análise engloba, ainda, uma catalogação dos processos de tradução utilizados nas orações de maior dificuldade de compreensão em português e que, conseqüentemente, resultaram num acrescido desafio de tradução.

⁶ Vide Anexos (CD – Digitalizações das publicações em periódicos – *Sol Nascente* e *O Trabalho*).

Capítulo III – Análise da tradução

Traduzir as linhas de pensamento de Abel Salazar provou ser uma tarefa hercúlea.

A obra que foi objecto de estudo deste trabalho começou a ser escrita nos finais dos anos 30, antes da invasão da Polónia pelos nazis, antes da Guerra Fria, antes de existir o mundo como o conhecemos hoje. Parece-me crucial salientar a dificuldade acrescida de traduzir um livro que foi escrito há mais de 70 anos. Um dos objectivos da tradução definidos por Peter Newmark (1993) é a precisão, sendo a questão fulcral se a precisão diz respeito à transposição do conteúdo exato da língua de partida para a língua de chegada ou se, por outro lado, diz respeito ao subtexto, isto é, ao efeito que se pretende que o texto tenha no leitor. O distanciamento temporal entre o autor e a tradutora dificultaram esta tarefa, precisamente porque resulta num distanciamento equivalente entre os dois leitores-alvo.

Para além da existência de arcaísmos e considerando, como atesta Carlos Ceia⁷, que a língua é um organismo vivo, em constante mutação e evolução, é impossível não realçar que o conceito de história e a realidade vividas pelo autor e respectivo público-alvo, não são as mesmas experienciadas pela tradutora que produz o texto de chegada, ou pelo público-alvo da tradução.

A primeira preocupação da tradução foi a descodificação da mensagem que o autor quis transmitir ao seu público-alvo. E, tendo presente esta preocupação primordial, passar ao segundo passo que foi transpor para a língua de chegada as palavras do autor, ainda que por outras palavras, tendo presente a existência de um novo leitor-alvo.

A linguagem usada por Abel Salazar nem sempre é imediatamente perceptível, pois a transcrição do seu raciocínio é constantemente enriquecida com palavras que, entretanto, caíram em desuso ou com referências históricas que, forçosamente, necessitaram de pesquisa e confirmação para que o seu sentido não se perdesse numa tradução incorreta. Todavia, estas referências históricas são clássicas e intemporais, pelo que a sua tradução resultou num exercício de pura equivalência de uma língua para a outra. A obra está repleta de frases extensas e extremamente ricas, graças à língua portuguesa que tão bem consente que se abuse da sua uberdade de recursos. No entanto, ao tratar-se de uma tradução que se distancia do texto original por um fosso temporal tão extenso, não pode deixar de ser tomada em conta a necessidade de a actualizar de acordo com a linguagem e o léxico atuais. Venuti (1995, pp. 4-5), descreve as características discursivas que produzem fluência numa tradução para a língua inglesa:

A fluent translation is written in English that is current (“modern”) instead of archaic, that is widely used instead of specialized (“jargonization”), and that is standard instead of colloquial (“slangy”). [...] A fluent translation is immediately recognizable and intelligible, “familiarised”, domesticated, not “disconcertingly” foreign, capable of giving the reader unobstructed “access to great thoughts”, to what is “present in the original.” Under the regime of fluent translating, the translator works to make his or her work “invisible”, producing the illusory effect of transparency that simultaneously

⁷ http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=74&Itemid=2

Página acedida a 5 de abril de 2013.

masks its status as an illusion: the translated text seems “natural”, that is, not translated.

A invisibilidade na tradução de *A Crise da Europa* incidiu, pois, na capacidade de reproduzir um texto português em inglês, sem que os 70 anos que distanciam os dois textos fossem perceptíveis quer ao nível linguístico, quer nas características que, de alguma forma, evidenciam a distinção sócio-cultural que os separa.

A tradução de *A Crise da Europa* obrigou, ainda, a tradutora, pouco ou nada familiarizada com o tema, a metamorfosear-se, ainda que temporariamente, numa experiente conhecedora da ciência da história, tal como a viu Abel Salazar.

Para além do recurso previsto a dicionários unilingues, dicionários bilingues, gramáticas portuguesas e inglesas, dicionários de sinónimos e a outras ferramentas de tradução, foi necessário um trabalho prévio de pesquisa no sentido de, antes de tudo, perceber o raciocínio do autor em português para saber, sem incertezas, as palavras a escolher em inglês.

Não pretendo elaborar uma explanação das teorias da tradução, mas antes identificar as metodologias que serviram de base ao processo de tradução de *A Crise da Europa*, enfatizando e descrevendo aqueles que considero serem os mais relevantes do ponto de vista da eterna problemática da fidelidade simultaneamente ao texto de partida e ao leitor-alvo da tradução, neste caso particular, protagonistas de um processo tradutivo que se encontram separados por mais de 70 anos.

Na tentativa de clarificar e caracterizar as dificuldades sentidas durante o processo de tradução recorri, inicialmente, à categorização proposta por Vinay e Darbelnet (1968), que defendem que a tradução é uma disciplina exata e dotada de problemas específicos passíveis de categorizar e de submeter a uma metodologia. Segundo o estudo elaborado por estes autores, o tradutor encontra-se diante de um ponto de partida e elabora na sua mente um ponto de chegada. Avalia o conteúdo descritivo, afectivo e intelectual das unidades de tradução e considera os efeitos estilísticos. Frequentemente, a leitura do texto de partida remete, quase simultaneamente, para uma opção de tradução. No entanto, o tradutor deverá fazer uma análise mais aprofundada para garantir que nenhum elemento do texto fonte é esquecido.

A catalogação definida por Vinay e Darbelnet (1968, p. 46). estabelece dois principais métodos de tradução: a tradução direta ou literal e a tradução oblíqua. A primeira diz respeito às situações em que o texto de partida pode ser perfeitamente transposto para o texto de chegada havendo, entre as duas línguas, um paralelismo estrutural. A segunda obriga o tradutor a recorrer a procedimentos que permitam chegar a uma equivalência de conteúdo ainda que haja uma modificação na estrutura do texto. Estes dois métodos subdividem-se em sete possíveis procedimentos tradutivos. A tradução direta compreende o Empréstimo, o Decalque e a Tradução literal. A tradução oblíqua engloba a Transposição, a Modulação, a Equivalência e a Adaptação.

Com base na metodologia apresentada por Vinay e Darbelnet, Francis Henrik Aubert propõe uma nova classificação. Segundo Urrutia (2008, pp. 16-22), Vinay e Darbelnet

descrevem de modo sistemático a metodologia usada pelos tradutores condensando-a em sete procedimentos estabelecidos numa escala crescente de complexidade, enquanto a proposta de Aubert, que compreende treze modalidades de tradução, suprime ou altera a designação de outras modalidades existentes no modelo de Vinay e Darbelnet. Optei por recorrer à catalogação definida por Francis Henrik Aubert, considerando-a mais abrangente no que concerne às dificuldades de tradução sentidas neste trabalho de projeto.

Aubert (1998, p. 132) esclarece que a escala definida por Vinay e Darbelnet, apelidada pelos autores como *procedés techniques de la traduction*, partia do Empréstimo (considerado o grau zero da tradução por estes autores) até à Adaptação, o procedimento que mais se distanciaria do texto fonte.

Aubert considera que houve uma necessidade de repensar as modalidades propostas por Vinay e Darbelnet e, em 1990, após uma série de experiências envolvendo vários tipos de texto, determinou um modelo revisitado do anterior modelo proposto por estes teóricos (Urrutia, 2008, pp. 22-24). Este novo modelo (Aubert, 1998, pp. 134-139) determina uma escala mais abrangente de diferenciação das modalidades de tradução que estabelece as treze seguintes modalidades: Omissão, Transcrição (considerada por Aubert como o verdadeiro grau-zero da tradução), Empréstimo, Decalque, Tradução literal, Transposição, Explicitação/Implicitação, Modulação, Adaptação, Tradução intersemiótica, Erro, Correção e Acréscimo.

Os exemplos que se seguem dão conta das dificuldades que considerei mais importantes no processo de tradução de *A Crise da Europa*, tomando como ponto de partida as treze modalidades propostas por Aubert que, por sua vez, se apoia na anterior catalogação estabelecida por Vinay e Darbelnet.

Exemplo 1

Texto de partida (Apêndice A, página 9):

“O ser exclui o Devir e o Devir exclui o Ser; no entanto, os dois fundem-se, constantemente, no pensamento corrente e no pensamento filosófico.”

Texto de chegada:

“The Being excludes the Becoming and vice versa; however, the two constantly merge, in common and philosophical thought.”

Esta opção de tradução pretende evitar a repetição das palavras *Being* and *Becoming* usando a expressão *vice versa* bem como suprimir o duplo uso da palavra “pensamento”, optando por usá-la apenas uma vez.

Foi utilizado o método da Transposição já que se substituiu a repetição da frase “o Devir exclui o Ser” pela expressão *vice versa* e se eliminou o duplo uso da palavra

“pensamento”. Neste caso, não se trata de uma Omissão porque não houve perda de informação no texto de chegada.

Na página seguinte (página 11) usou-se, novamente, a expressão *vice versa* em vez da repetição da frase “*Being and Becoming*” numa tentativa de simplificar o conceito que já é, por si só, complexo. No espaço de seis linhas este par de substantivos repete-se cinco vezes. Este facto, aliado à complexidade do texto em geral, resultou nestas duas opções tradutivas.

Exemplo 2

Texto de partida (Apêndice A, página 9):

“Chocando-se neste escolho, a corrente do pensamento divide-se em dois braços; e ora desenvolve o tema do Ser, ora o tema do Fluxo. **Exausto cada desenvolvimento, cada uma destas correntes encontra diante de si um vácuo.**”

Texto de chegada:

“Colliding with this obstacle, the current of thought is divided in two; and, in turn, develops the idea of Being, and the idea of Flow. **When the development of each of these concepts is exhausted, each of these currents faces a void.**”

A tradução da frase que se pretende analisar, assinalada a negrito, pretende clarificar que a palavra “desenvolvimento” se refere ao desenvolvimento dos conceitos “Ser” e “Fluxo” que aparecem na frase anterior, que não está a negrito: “*develops the idea of Being and the idea of Flow*”. A esta razão se deve o uso da frase “*the development of these concepts*”. A explicação de que o autor do texto de partida se refere ao desenvolvimento dos conceitos de “Ser” e “Fluxo”, quando apenas escreve “cada desenvolvimento”, insere-se na modalidade Explicitação/Implicitação. Não se trata de um Acréscimo já que, ao contrário do que acontece nessa modalidade de tradução, o segmento textual incluído pelo tradutor no texto de chegada é motivado por conteúdo implícito no texto de partida.

Existe, também, uma alteração na ordem das palavras na frase (Transposição): o verbo “exausto”, que está no início da frase, no texto de partida, passa a estar no meio da frase, no texto de chegada. Se optasse por manter a ordem das palavras a tradução resultaria numa frase sem sentido: “*Exhausted the development of each of these concepts...*”.

Existe, ainda, uma expansão no número de palavras (Transposição), na alteração da frase “encontra diante de si” para “*faces*”. Novamente, a língua inglesa consegue pôr em menos palavras, e de uma forma mais simplificada, a ideia presente no texto em português. A frase foi alterada na tradução pois uma tradução que não recorresse a esta modalidade de transposição resultaria numa tradução deste género: “...finds before itself...”.

Exemplo 3

O exemplo que se segue diz respeito a uma revisão que resultou numa tradução diferente da primeira.

Texto de partida (Apêndice A, página 11):

“...impõe com a força dos imperativos da vida.”

Texto de chegada (1ª tradução):

Primeiramente traduzi esta frase da seguinte forma:

“...imposed by the imperatives of life.”

Em seguida optei por alterar a tradução da seguinte maneira (2ª tradução):

“...imposed with the strength of the imperatives of life.”

Optei pela segunda tradução por uma questão de fidelidade para com o texto de partida. Ambas as traduções são perceptíveis e, de facto, bastante semelhantes. No entanto, na primeira tradução não está explícita a noção de que os imperativos da vida têm uma força ou um peso determinados e, quase podemos dizer, pré-concebidos. Além disso, a primeira tradução omite a palavra “força”, recorrendo à modalidade a que Aubert chamou Explicitação/Implicitação. Novamente, apesar de haver uma omissão da palavra “força” ela está implícita no texto de chegada (1ª tradução). A sua ausência não resulta em perda total de informação, irrecuperável no texto de chegada. Contudo, na revisão que fiz ao texto (2ª tradução) não encontrei qualquer razão para ocultar essa palavra, concluindo até, que a sua presença era necessária à carga visual da frase. Podemos dizer que a opção final (2ª tradução) diz respeito a uma Tradução literal, já que a ordem das palavras é mantida e o número de correspondentes é praticamente igual, diferindo apenas na tradução da palavra “dos”, (contração da preposição “de” com o artigo definido “os”), pelas palavras “*of the*”, que a língua inglesa mantém separadas e que a língua portuguesa aglutina, formando a palavra “dos”.

Exemplo 4

Texto de partida (Apêndice A, página 11):

“É a mesma coisa pensar e aquilo a propósito do qual tem lugar o pensar; porque sem o Ser a propósito do qual tem lugar o enunciado, não encontrareis o pensar, visto que não há nada que seja ou possa ser, além do Ser e fora dele.”

Texto de chegada:

“The act of thinking and whatever creates the purpose of thinking are the same thing; because without the Being, which is the subject of that action, you will not find thought, since nothing exists, besides the Being.”

Para a tradução desta frase foi necessário recorrer a um processo que englobou quatro estádios: descodificação, clarificação, remontagem e actualização.

Primeiro a descodificação da mensagem em português, depois a clarificação da linguagem utilizada, em seguida a remontagem da frase, visando uma melhor percepção dos conceitos e, finalmente, a actualização da linguagem.

Verifica-se, mais uma vez, a Transposição na colocação do predicado “*are the same thing*” a meio da frase, ao contrário do que acontece no texto de partida, onde o correspondente se encontra no início da oração. Na tradução da frase: “a propósito do qual tem lugar o pensar” para “*whatever creates the purpose of thinking*” ocorrem duas modalidades de tradução distintas: a substituição das palavras “a propósito do qual tem lugar” pelas palavras “*whatever creates the purpose of*” inserem-se na modalidade Modulação, já que existe uma mudança do ponto de vista ou da forma como se expressa a mesma ideia. Existe também uma alteração da função sintática da palavra “pensar”, que no texto de partida é um substantivo e no texto de chegada é substituído por um tempo verbal do verbo *to think*. Mais à frente surge mais uma Modulação na frase “a propósito do qual tem lugar o enunciado” que foi traduzida para “*which is the subject of that action*”. Na tradução deste excerto da frase: “não há nada que seja ou possa ser”, para “*nothing exists*” recorreu-se à modalidade Transposição, através da redução do número de palavras usadas na tradução. O mesmo acontece no resto da frase em que se traduz “além do Ser e fora dele” para “*besides the Being*”.

Exemplo 5

Texto de partida (Apêndice A, página 21):

“...entificação...”

Texto de chegada:

“...materialization...”

Uma das palavras mais difíceis de traduzir foi a palavra “entificação”. Curiosamente, não encontrei, sequer, a palavra em nenhum dicionário português. Apenas a palavra “ente”. O dicionário em linha Priberam define “ente” da seguinte forma: “criatura; ser; o que existe ou julgamos existente”. Esclarece, ainda, a raiz latina da palavra que funcionava como sufixo, “ens” ou “entis”, para indicar a noção de agente, de qualidade ou de estado.

Optei por “*materialization*”, porque aglutina as noções de realização de algo e existência de algo. De acordo com o dicionário em linha TheFreedictionary, “*materialization*” significa: “*to cause to become real or actual; to assume material or effective form*”.

Exemplo 6

Texto de partida (Apêndice A, página 25):

“Nestas circunstâncias, põe-se o problema de saber se em História existem “leis”.”

Texto de chegada:

“In these circumstances, the question is, are there “laws” in History?”

Formulei uma pergunta que no original é apenas formulada indirectamente, mantendo a fidelidade ao texto de partida, que utiliza a expressão “põe-se o problema”, (ou questão), transformando-a numa frase interrogativa. No original fala-se na questão a colocar, na tradução formula-se essa mesma questão. Foi utilizada uma Modulação. Houve uma mudança de perspectiva e uma variação na forma da mensagem mas não no seu conteúdo.

Através desta opção evitei a tradução da forma verbal do verbo “pôr” que na língua inglesa não se utiliza neste contexto. O predicado “põe-se o problema” não pode ser traduzido literalmente para inglês, visto que o verbo “*to put*” não é usado com a mesma finalidade que o verbo “pôr” nesta situação particular.

Exemplo 7

Texto de partida (Apêndice A, página 31):

“... aplicando a um processo uma imagem, a um ser inerte, a Terra, uma imagem tomada do mundo dos seres vivos, e muitos seres individuais viventes, que vivem coetânea e sucessivamente, a muitas classes de animais e a homens, uma imagem que se obteve tendo como base um só indivíduo vivo.”

Texto de chegada:

“... when linking an image to a process, the Earth to an inert being, an image of the living world and many individual living beings coexisting and consecutively living in it, to several animal species, and men to an image obtained based on a single living individual.”

A compreensão desta frase no texto de partida só foi possível com a ajuda de um quadro de correspondência que, graficamente, estabelecesse a associação entre os conceitos que o autor pretende unir:

“um processo”	“a uma imagem”
“a um ser inerte”	“a Terra”
“uma imagem tomada dos seres vivos, e muito seres individuais viventes, que vivem coetânea e sucessivamente”	“a muitas classes de animais”
“a homens”	“uma imagem que se obteve tendo como base um só indivíduo vivo”

Foi utilizada a Transposição na tradução das orações: “aplicando a um processo uma imagem” para “*when linking an image to a process*” e “a um ser inerte, a Terra” para “*the Earth to an inert being*”, pela alteração da ordem das palavras na frase. Esta alteração foi efectuada para facilitar a leitura e a compreensão através do uso de uma construção frásica mais simples que, sendo mais natural, não salientasse o facto de se tratar de uma tradução (Venuti, 1995, pp. 4-5). Caso contrário, as traduções seriam: “when linking to a process an image...” e “to an inert being, the Earth” Houve uma Correção da pontuação da frase do texto de partida para facilitar a compreensão do texto de chegada introduzindo as vírgulas nos lugares mais adequados à pausa da leitura e consequente linha de pensamento do leitor.

Exemplo 8

Texto de partida (Apêndice A, página 31):

“E faz também com que se conceda, mais do que o valor do seu mero sistema humano de ordenação, o valor de um “sistema natural” à série de espécies do mundo vivo.”

Texto de chegada:

“And more than the value of its mere human system of organization, this discovery also adds a value of “natural system” to the number of species of the living world.”

A posição das palavras na frase foi alterada para facilitar a compreensão no texto de chegada (Transposição): “mais do que o valor do seu mero sistema humano de ordenação”, “*more than the value of its mere human system of organization*”. A introdução das palavras “*this discovery*” é uma Explicitação de uma ideia que está implícita no texto de partida. A tradução das palavras “faz com que se conceda” para “*also adds*” é feita através de uma Transposição pois resume-se em menos palavras a mesma ideia e de uma Modulação pois o segmento é alterado sem que, contudo, se altere o significado geral da frase.

Exemplo 9

Ao longo do texto aparecem inúmeras expressões em latim que foram mantidas na sua forma original. Estão referenciadas neste capítulo da Análise da Tradução como exemplo de uma das modalidades – Transcrição - que foi recorrente na tradução do texto de partida: *Antonianus, Assignat, Etymologiarum libri, Dea-Roma, Majestas, Defensor Civitatis, Collegia, Collegium e Impérium* (aliás, mais uma das modalidades utilizadas – Correção - já que *Imperium* não tem acento, como aparece grafado no texto fonte)⁸.

Como referi no início deste capítulo, a Transcrição é considerada por Aubert como o “grau zero” da tradução. Existe uma Transcrição quando a tradução inclui segmentos comuns às duas línguas ou, como no caso que se pretende ilustrar neste trabalho de projeto, segmentos pertencentes a uma terceira língua - latim. A citação que se segue explica, nas palavras de Aubert (1998, pp. 135-136), em que consiste esta modalidade:

Transcription. This is the real ‘zero degree’ of translation, and includes text segments which are the common heritage of the two languages involved (e.g. numbers, algebraic formulae, and the like) or, contrariwise, which pertain to neither the source language or the target language but to a third language and which, in most cases, would be deemed as loan words or expressions already in the original text (e.g. Latin phrases and aphorisms – *alea jacta est*).

Os exemplos acima descritos dizem respeito às orações que apresentaram as dificuldades mais relevantes no processo de tradução analisado neste trabalho. No entanto, o capítulo não estaria completo sem a apresentação do quadro analítico que se segue, que enumera alguns nomes de personalidades históricas, doutrinas e princípios que pontuaram toda a obra, cujas biografias e definições obrigaram a uma investigação profunda, no sentido de se confirmarem as suas origens. Devido à extensão do quadro, foram recolhidos apenas alguns exemplos representativos da metodologia utilizada. O quadro completo está disponível para consulta nos apêndices deste trabalho⁹.

Uma característica essencial da metodologia que segui durante a tradução diz respeito ao recurso frequente a ferramentas de tradução como as que estão disponíveis na página da internet da Wikipédia ou da Infopédia, tendo sempre o cuidado de confirmar, posteriormente, a sua credibilidade em enciclopédias e dicionários fidedignos, de que são exemplos a página da Universidade de Stanford, que disponibiliza uma Enciclopédia de Filosofia em linha (<http://plato.stanford.edu>), a página da *Encyclopedia Britannica* (<http://www.britannica.co.uk>) ou a página da Internet *Encyclopedia of Philosophy* (<http://www.iep.utm.edu>).

⁸ A análise da tradução da palavra *Impérium* está incluída no quadro analítico da tradução, página 35 deste trabalho, e Apêndice B, página 172.

⁹ Vide Apêndice B.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto do partida
Devir	Becoming	<p>Conceito associado a Heráclito – a página da internet que se segue tem a opção de se apresentar em várias línguas, pelo que a tradução foi feita, num primeiro momento, através da ferramenta de tradução facultada: http://www.lpefil-uerj.net/filoimg/327-2011-o-devir-de-heraclito</p> <p>Citação de Heráclito que explica a sua ligação ao conceito de Devir (<i>Becoming</i>): http://plato.stanford.edu/entries/spacetime-bebecome/</p>	Página 9

Este primeiro exemplo explica como foi feita a tradução da palavra “devir” e demonstra uma das situações recorrentes neste trabalho de tradução: a interligação entre conceitos. A procura de um determinado termo ou princípio científico muitas vezes resultou na descoberta, incidental, de outros conceitos ou nomes de personagens históricas também presentes no texto.

A primeira página apresentada (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Laboratório de Licenciatura e Pesquisa sobre o Ensino da Filosofia) tem uma ferramenta de tradução que permitiu traduzir com facilidade o termo “devir”. A segunda página que aparece no exemplo é a página da Universidade de Stanford (*Metaphysics Research Lab, CSLI, Stanford Encyclopedia of Philosophy*) e foi uma das páginas mais usadas no processo de tradução de *A Crise da Europa*. A consulta a esta página serviu, ainda, para confirmar a fiabilidade da ferramenta de tradução facultada pela primeira página. Seguidamente, e mantendo a ligação entre conceitos, exemplifica-se a tradução de “Heráclito”.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
Heráclito (de Éfeso)	Heraclitus (or Heraclitus of Ephesus)	<p>Heráclito: http://www.infoescola.com/filosofos/heraclito/</p> <p>Heraclitus: http://plato.stanford.edu/entries/heraclitus/ http://www.trincoll.edu/depts/phil/philo/phiils/heraclitus.html</p>	Página 11

A procura do nome Heráclito na página do *Google* remete imediatamente para o conceito de mobilismo, que aparece mais à frente no texto, e a página da Universidade de Stanford (*Methaphysics Research Lab, CSLI, Stanford Encyclopedia of Philosophy*) sobre Heráclito remete para a teoria da harmonia dos Contrários ou *unity of Opposites*, outro conceito que aparece também mais adiante no texto de partida e, conseqüentemente, neste quadro analítico.

Como as palavras “Conflitos e Discórdias” aparecem grafadas com letra maiúscula a meio de uma frase tive que verificar que conceitos seriam. A melhor opção de tradução que encontrei foi a do original, em latim, através da página da *The Literary Encyclopedia*.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
mobilismo	mobilism	http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Heraclit.html http://www.scielo.br/pdf/trans/v13/v13a01.pdf	Página 11
harmonia dos Contrários (de Heráclito)	unity of Opposites (of Heraclitus or Heracleitus)	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31731990000100001&script=sci_arttext http://plato.stanford.edu/entries/heraclitus/#UniOpp	Página 11
Conflitos e Discórdias	<i>Concordia Discors</i>	http://www.academia.edu/2050380/Renaissance_aesthetics_and_the_harmony_of_discord http://www.litencyc.com/php/stopics.php?rec=true&UID=1693	Página 11

Ainda na mesma página da Universidade de Stanford (*Methaphysics Research Lab, CSLI, Stanford Encyclopedia of Philosophy*) no resultado da busca efectuada por *Heraclitus*, encontra-se *Anaximander*. Mais uma vez, recorreu-se ao método do cruzamento de referências, ou *cross-referencing*, utilizando, numa primeira etapa, a ferramenta de tradução da Wikipédia, e a sua posterior confirmação através da página da *Encyclopedia Britannica*.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
Anaximandro	Anaximander	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Anaximander Encyclopedia Britannica: http://www.britannica.com/EBchecked/topic/23149/Anaximander	Página 11

A pesquisa da palavra “Pluralismo” resultou na descoberta da sua oposição ao conceito de Monismo e à ligação a outros filósofos pré-socráticos que aparecem mais adiante no texto, como por exemplo, Empédocles e Demócrito.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
monismo (imobilista)	monism (immobilistic)	Monismo – em oposição ao pluralismo mobilista. http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx?pal=monismo Ferramenta de tradução da Wikipédia (espanhol): http://es.wikipedia.org/wiki/Monismo http://plato.stanford.edu/entries/monism/ Imobilista: http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/imobilista	Página 15
pluralismo (mobilista)	pluralism (mobilist)	Pluralismo – em oposição ao monismo imobilista. http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/lexico/entry.php?entryID=774 http://wiki.answers.com/Q/Monism_and_pluralism_what_it_means_to_Heraclitus Mobilista: http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/mobilista	Página 15

É importante salientar que estes conceitos e nomes nem sempre estão relacionados de forma evidente no texto de partida. Alguns não estão, sequer, no mesmo capítulo.

Os princípios que se seguem constituem outros dois exemplos de conceitos que tiveram que ser analisados. A pesquisa do princípio corpúsculo-onda resultou, igualmente, na descoberta do princípio seguinte, da complementaridade de Bohr.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
antítese corpúsculo- onda	wave-particle duality	http://en.translatethings.com/w/a/v/wave-particle_duality.html As duas páginas que se seguem remetem, imediatamente, para o conceito seguinte da complementaridade: http://www.thefreedictionary.com/wave-particle+duality http://en.wikipedia.org/wiki/Wave-particle_duality#Origin_of_theory	Página 11

		http://hyperphysics.phy-astr.gsu.edu/hbase/mod1.html	
princípio da complementaridade de Bohr	Bohr's principle of complementarity	Primeiro a pesquisa sobre o autor: http://en.wikipedia.org/wiki/Niels_Bohr http://prd.aps.org/abstract/PRD/v19/i2/p473_1 http://encyclopedia2.thefreedictionary.com/complementarity+principle http://van.physics.illinois.edu/qa/listing.php?id=19527	Página 11

Os exemplos seguintes dizem respeito a grafias que não consegui encontrar em português. Na tentativa de distinguir arcaísmos de possíveis erros ortográficos ou topográficos fiz um levantamento dos Acordos Ortográficos da língua portuguesa até aos nossos dias¹⁰. Portugal estabeleceu pela primeira vez um modelo ortográfico no início do séc. XX, o Formulário Ortográfico de 1911, que se destinava a servir de referência para as publicações oficiais e para o ensino. O facto de o Brasil não ter adoptado este Formulário levou a um longo processo de negociações com o objetivo de instituir, através de um único tratado internacional, normas comuns que rejessem a ortografia oficial de todos os países de língua portuguesa. As tentativas iniciais concretizaram-se num primeiro acordo, assinado em 1931, que, todavia, viria a ser interpretado de forma diferente nos vocabulários ortográficos nacionais entretanto produzidos: em Portugal, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1940; no Brasil, o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1943, acompanhado de um Formulário Ortográfico. A fim de eliminar estas divergências, foi assinado por ambos os países um novo acordo ortográfico, em 1945, mas este apenas foi aplicado em Portugal, continuando o Brasil a seguir o disposto no Formulário Ortográfico de 1943. Seguiram-se diversas tentativas de chegar a novo consenso mas, apesar de no início da década de 1970 ter havido revisões que aproximaram as duas variedades escritas, não foi oficialmente aprovada uma reforma que instituisse um documento normativo comum. Fruto de um longo trabalho da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa é instituído, em 1990, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado pelos, então, sete países de língua oficial portuguesa (Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), em vigor em Portugal desde maio de 2009 (razão pela qual se acaba de escrever “maio” em vez de “Maio”).

O exemplo seguinte do quadro diz respeito a uma grafia que caiu em desuso. Nos dicionários de português apenas encontrei o nome “Crátilo” que, de acordo com a pesquisa que fiz sobre a sua biografia, corresponde a *Cratylus*. O nome “Cratyló”, utilizado pelo autor no texto fonte, seria a grafia correta na altura em que o livro foi escrito (entre 1937 e 1942) pois, segundo os acordos do Formulário Ortográfico de 1931 e 1940, e no que respeita ao uso do y, pode ler-se: “Manutenção do k, do w e do y em derivados vernáculos de nomes próprios

¹⁰ Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa, disponíveis no Portal da Língua Portuguesa: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php> (Último acesso a 15 de abril de 2013).

estrangeiros [...] nos derivados de nomes próprios estrangeiros devem usar-se as formas que se acham de conformidade com a primitiva: *byroniano*, *maynardina*, *taylorista*, etc [...] não é lícito, portanto, em tais derivados, que o *k*, o *w* e o *y* sejam substituídos por letras vernáculas equivalentes: *cantismo*, *darwinismo*, *baironiano*, etc.”¹¹

No caso do substantivo “Leucippo”, ainda segundo o mesmo Formulário Ortográfico, identifica-se que deve ser feita a “manutenção, também, em derivados de nomes próprios estrangeiros, de combinações gráficas que não sejam peculiares da nossa escrita”¹². Assim, o nome que hoje em dia se escreve “Leucipo” seria escrito da forma que Abel Salazar o escreveu, com uso da dupla consoante “p” – Leucippo – nos finais da década de 30 e início da década de 40.

Ainda no tema das grafias “estranhas” à língua portuguesa atual, o autor parece optar frequentemente por uma fusão entre o português e o francês ou entre o português e o inglês, (como veremos mais adiante na análise da palavra “Pleroma”). O nome “Varron”, no entanto, é assumidamente escrito em francês, sendo que em português seria “Varrão”, como está descrito e fundamentado no quadro que se segue. O facto de esta obra ter sido escrita pouco tempo depois do exílio forçado de Abel Salazar em Paris pode ser uma explicação plausível para a repetição destas situações. Os substantivos “Straton” e “Varron” estão escritos em inglês e francês, respectivamente. Em português as grafias corretas utilizadas hoje em dia seriam “Estratão” e “Varro”. A confirmação das grafias em português, francês e inglês está incluída no quadro.

Relativamente à palavra “impérium” (já referida acima), foi necessário recorrer novamente aos acordos ortográficos disponíveis no Portal da Língua Portuguesa para confirmar se a grafia usada pelo autor diria respeito a um grafia correta mas em desuso ou se se trataria de um erro ortográfico ou tipográfico. Neste caso, a palavra “*impérium*” foi corrigida para “*imperium*” através do procedimento tradutivo Correção, estabelecido por Aubert, já que a sua acentuação não está prevista em nenhuma das alíneas dos Acordos Ortográficos celebrados em Portugal.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
Cratylo	Cratylus	“Crátilo” - grafia usada na língua portuguesa dos nossos dias. Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Cratylus http://plato.stanford.edu/entries/plato-cratylus/	Página 13

¹¹ <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1943>
(Último acesso a 15 de abril de 2013).

¹² <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1943>
(Último acesso a 15 de abril de 2013).

		http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1943	
Leucippo (português atual: Leucipo de Mileto)	Leucippus	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Leucipo_de_Mileto http://en.wikipedia.org/wiki/Leucippus Tanto na página da Infopédia como na da Wikipédia o nome aparece como “Leucipo” e não como Abel Salazar escreveu: <i>Leucippo</i> . http://www.infopedia.pt/\$leucipo http://plato.stanford.edu/search/searcher.py?query=leucippus	Página 15
Straton (português atual: Estratão de Lampsaco)	Straton (ou Strato of Lampsacus)	Em português, “Estratão”. Como em situações anteriores Abel Salazar optou pelo nome traduzido, desta vez para inglês. Ferramenta de tradução da Wikipédia : http://en.wikipedia.org/wiki/Strato_of_Lampsacus http://www.oxfordreference.com/search?q=Straton	Página 15
Varron	Varro (Marcus Terentius)	Mais uma vez o autor utiliza um nome em francês. Ferramenta de tradução da Wikipédia (francês-português-inglês): http://fr.wikipedia.org/wiki/Varron_(écrivain) Francês - Varron Português - Marco Terêncio Varrão Inglês - Marcus Terentius Varro (= latim) http://www.britannica.com/EBchecked/topic/623569/Marcus-Terentius-Varro	Página 103
Impérium	Imperium	O autor uniu a palavra latina ao acento da palavra traduzida para português: <i>imperium</i> + império. Optei por manter o latim. http://books.google.pt/books?id=gBnCL--Z7E4C&pg=PA19&lpg=PA19&dq=imperium+significado&source=bl&ots=nIzHwqWWYR&sig=fSgZug2VaPkE8k33CpwAM_NWX7k&hl=en&sa=X&ei=HecYUePzHsm2hQeBIIIGABw&ved=0CGcQ6AEwCA#v=onepage&q=imperium%20significado&f=false http://www.thefreedictionary.com/imperium	Página 129

A palavra que se segue exemplifica um dos neologismos que o autor adoptou ao longo do texto. A palavra “asiatoidismo” é usada diversas vezes para designar a influência asiática no mundo ocidental. Apesar de a palavra “asiatoidismo” não existir no dicionário português, o sufixo “oide” é usado para designar forma ou semelhança. Poderia optar pela liberdade de criar um neologismo juntando o sufixo *oid* à palavra *asian* na tradução, já que este é um sufixo

utilizado na língua inglesa para designar algo que se relaciona com algo (<http://dictionary.reference.com/browse/-oid>). No entanto, porque o sufixo “oide” se repete noutras palavras (“processos mecanóides” - traduzido para *mechanical processes*, e “papel mecanóide” – traduzido para *mechanical role*, ambos na página 68 do Apêndice A) utilizei uma palavra já existente. Note-se que a palavra “mecanóide” é acentuada, de acordo com a grafia instituída na altura em que o livro foi escrito, alterada apenas através do Acordo Ortográfico de 1990¹³. A repetição do sufixo “óide” ao longo do texto contribui para o estabelecimento deste sufixo como construtor de palavras e para que a sua aparente carga depreciativa¹⁴ perca a determinação que teria se fosse usado apenas uma vez, como gracejo ou ironia, motivo que contribuiu também para que, na tradução, se usasse um sufixo mais neutro.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
asiatoidismo	asianism	<p>http://www.thefreedictionary.com/-oid</p> <p>http://www.jacobs-university.de/asianisms</p> <p>http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14683840802648562</p> <p>O sufixo <i>oid</i> provém do latim <i>oides</i> (grego <i>eidōs</i>) e significa semelhante a alguma coisa mas não exatamente igual: http://www.merriam-webster.com/dictionary/-oid</p> <p>http://www.learnthat.org/word_lists/view/1349</p> <p>Significado do sufixo “oide” em português: http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=oide</p> <p>Pejoratividade do sufixo “oide” em português: http://www.gel.org.br/resumos_det.php?resumo=5754</p> <p>Pejoratividade do sufixo “oide”, por Sandmann: http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19181/12479</p>	Página 15

Os exemplos abaixo descritos referem-se a dois erros ortográficos ou tipográficos, presentes no texto original, e às suas eventuais Correções (Aubert, 1998) no texto de chegada:

No primeiro caso, o autor escreve “Hermes Trimegista”. A palavra correta seria “Trimegisto”, não como está grafado na obra, provavelmente por erro ortográfico ou tipográfico.

¹³ <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1990&search=óide>
(Último acesso a 15 de abril de 2013)

<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=oide>
(Último acesso a 15 de abril de 2013)

¹⁴ SANDMANN, A. J. (1989). *A Expressão da Pejoratividade*. Curitiba: Universidade Federal do Panamá.

A tradução foi feita com o recurso à ferramenta de tradução da Wikipédia e depois confirmada pela página da Universidade de Stanford.

Egeia é a palavra atual para “Egêa”. De acordo com o Portal da Língua Portuguesa, a forma arcaica da palavra, prevista no Acordo de 1943, seria “Egéia”. Esta forma antiga foi alterada, em 1945 para a forma que se usa atualmente: “Egeia”. A sua tradução foi feita a partir das ferramentas de tradução da página da Wikipédia e da Infopédia.

A palavra “Mãi” que, numa primeira leitura, identifiquei como erro, é a antiga grafia da palavra “mãe”, como se pode verificar no link, disponibilizado no quadro, da página do Diário da República.

No original aparece a palavra “Pessimonte” e não “Pessinonte”, que seria a grafia correta. Em português pode dizer-se “Pessino” ou “Pessinonte” mas a pesquisa na página do *Google* remete para uma página em francês. A pesquisa da palavra “Pessinonte” no motor de busca do Portal da Língua Portuguesa não obteve resultados.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
Hermes Trimegista (o três vezes grande)	Hermes Trimegistus (the thrice great)	O nome correto seria Hermes Trimegisto, não “Trimegista” como está grafado na obra, provavelmente por erro ortográfico ou tipográfico. Mais à frente (página 115 do Apêndice A), o autor volta a escrever “Hermes Trimegisto”, desta vez com a grafia correta, o que reforça a hipótese de se tratar de uma gralha. Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hermes_Trismegisto Confirmação da tradução: http://plato.stanford.edu/search/searcher.py?query=hermes+trimegistus	Página 17
Egêa (português atual: Egeia)	Aegea	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Civilização_egeia Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/Egeia Portal da Língua Portuguesa (pesquisa por palavra “Egeia”. A pesquisa da palavra “Egêa” não obteve resultados: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=novoacordo&act=list&search=Egeia	Página 43
Grande Mãi dos Deuses de Pessimonte	Great Mother of the Gods of Pessinus	Mãe – Antiga grafia da palavra “mãe”. Alteração publicada em Diário da República, a 27 de maio de 1931. http://www.dre.pt/pdf1s/1931/06/12600/10281028.pdf	Página 109

		<p>“Pessinonté” e não “Pessimonte”.</p> <p>http://www.britannica.com/EBchecked/topic/453411/Pessinonté</p> <p>Ferramenta de tradução da Wikipédia (francês-português-inglês) :</p> <p>http://fr.wikipedia.org/wiki/Pessinonté</p>	
--	--	---	--

O exemplo que se segue diz respeito ao mais obscuro momento do processo tradutivo de *A Crise da Europa*. A palavra “francismo” não está fixada nos dicionários da língua portuguesa com o sentido que o autor lhe pretende dar. De acordo com a página da internet da Infopédia, “francismo”, ou “francesismo” em português significa imitação de costumes ou de coisas francesas. Este parágrafo da obra, em particular, diz respeito a uma enumeração consecutiva de movimentos ditatoriais europeus. Assim sendo, penso que o autor se referia a um movimento fascista francês chamado *Francisme* ou *Mouvement Franciste*, criado por Marcel Bucard em 1933 e financiado por Benito Mussolini. O desfasamento temporal revela-se mais uma vez, dado que, apesar de este movimento ter existido e de haver alguma (pouca) informação disponível na internet em inglês e francês sobre ele, a sua repercussão não chegou aos dicionários nem às fontes de informação, em língua portuguesa, dos nossos dias. Este movimento nasceu sensivelmente na mesma altura em que foi escrito o livro analisado neste trabalho. Certamente por isso, a sua inclusão num conjunto de outros movimentos ditatoriais seria natural e perfeitamente perceptível pelo leitor dessa altura, o que não acontece, certamente, com o leitor do século XXI, seja ele de língua portuguesa ou inglesa.

Talvez por isso, não encontrei uma tradução do termo para inglês, mas apenas a sua definição na página da internet *TheFreeDictionary* e na página da Wikipédia, em que a informação é exactamente a mesma. Apesar de a pesquisa ter sido feita apenas pela palavra *francist*, o motor de busca altera, automaticamente, a pesquisa para *francist movement*, apresentando depois, no corpo da página, as palavras em francês - *Mouvement Franciste* - optando por colocar entre parêntesis a explicação inglesada do que se trata, com a palavra *francist* entre aspas, como se pode ver no *print screen* da Figura 10. Para além da pesquisa feita na internet, que inclui tradutores automáticos, dicionários e enciclopédias em linha, procurei a palavra *francist* no dicionário unilingue *Oxford – Advanced Learner’s Dictionary*, sem obter resultados.

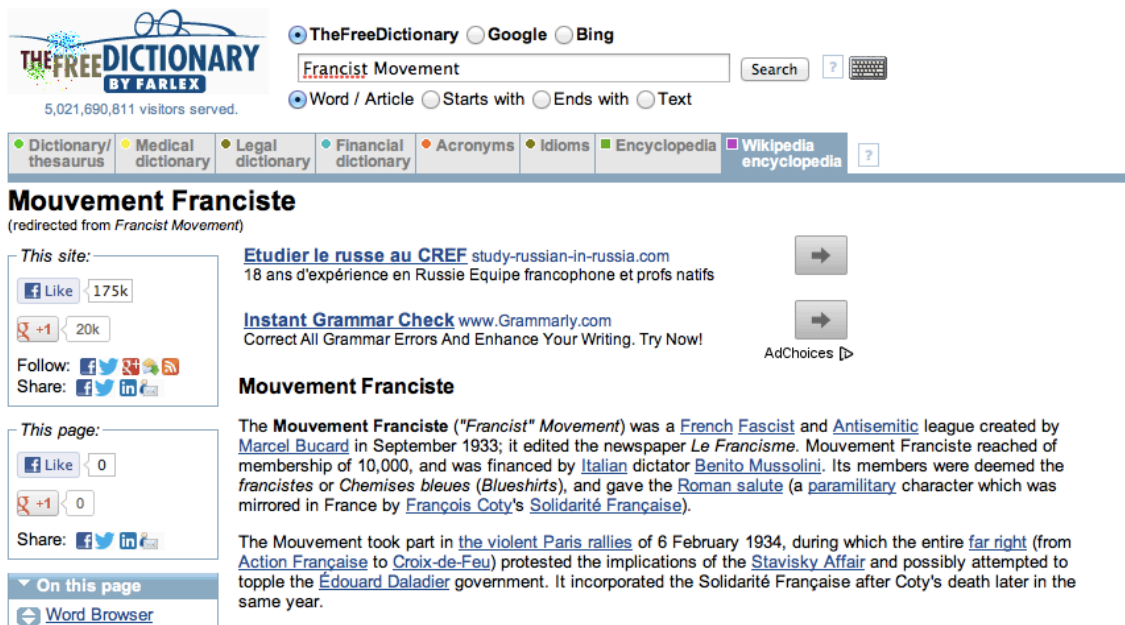


Figura 10. Print screen da página da internet *TheFreeDictionary*

Como se pode verificar mais claramente com a ajuda da Figura 10, as palavras que se encontram no campo de pesquisa (*Francist Movement*) não correspondem ao título da definição que depois se lê no corpo da página. Para além disso, a palavra *francist* aparece sublinhada a vermelho, indiciando um erro ou uma palavra inexistente. Pode verificar-se, ainda, que, no início da definição está, entre parêntesis, a explicação, em inglês, daquilo que se vai definir a seguir. No entanto, a palavra *movement* está grafada normalmente, (porque é uma palavra que existe em inglês), mas a palavra *francist* aparece entre aspas, como que indicando estranheza ou palavra inexistente. Assim sendo, optei por usar os termos na língua francesa, idioma em que garantidamente existem, introduzindo uma explicação entre parêntesis, referenciando-a como “Nota do Tradutor”, em nota de rodapé.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
francista (movimento) (não está fixado na grafia atual para este referente)	<i>mouvement</i> <i>franciste</i> (a French fascist and anti-semitic league created by Marcel Bucard in 1933)	Significado de francismo e sinonímia com francesismo: http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/francismo http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Francist+Movement Oxford – Advanced Learner’s Dictionary	Página 119

Relativamente ao próximo exemplo, Abel Salazar escreve o nome do imperador *Didius Julianus* de uma forma que parece aporuguesar o latim: “Didius **Julianos**”. O facto de o autor ter optado pela vogal “o” apenas no segundo nome indicia um erro tipográfico. Para além disso, estes dois nomes aparecem separados por uma vírgula no texto original, sugerindo uma referência a duas personalidades distintas, o que acredito ser um erro tipográfico que resultou, mais uma vez, numa Correção na tradução. A procura de ambos os nomes separadamente não surtiu nenhum resultado que se adequasse ao contexto da frase. *Didius Julianus* foi um senador rico nomeado imperador de Roma durante nove semanas após ter comprado o trono num leilão. *Didius Julianos* foi morto por *Septimius Severus*, seu sucessor. A tradução de “Setino Severo” (ou *Septimius Severus*) é, igualmente, analisada neste quadro, na página 43.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
Didius, Julianos (em português atual: Dídio Juliano)	Didius Julianus (nome completo em inglês = latim: Marcus Didius Severus Julianus Augustus)	http://en.wikipedia.org/wiki/Didius_Julianus Pelo contexto da frase do texto original penso que a pessoa em questão será <i>Didius Julianus</i> . http://www.britannica.com/EBchecked/topic/162476/Marcus-Didius-Severus-Julianus	Página 131

Os exemplos seguintes referem-se a duas situações já descritas neste trabalho: a interligação entre conceitos e as grafias incorretas ou arcaicas de determinados termos. A palavra “Pleromo”, e não “Pleroma”, que seria efetivamente a grafia correta da palavra, aparece numa citação, feita por Abel Salazar, de um livro francês. Terá sido uma tradução livre de Abel Salazar que, partindo de *Plérôme* terá optado por “Pleromo”, alterando o género da palavra portuguesa? O Portal da Língua Portuguesa não reconhece a palavra “Pleromo”, apenas “Pleroma” no género feminino, o que consolida a hipótese de se tratar, ou de um erro ortográfico/tipográfico, ou de uma tradução livre do autor, de uma obra escrita em francês, cuja citação é a causa do uso desta palavra na obra.

O Pleroma celeste é a totalidade de tudo o que é considerado pela nossa compreensão como divino. Uma hierarquia divina. A plenitude. A pesquisa desta palavra (“pleroma”), que faz parte da mesma frase, levou-me à descoberta da palavra “Eons”. Eon (Éon, eão, eon ou ainda aeon) é um membro da Pleroma. É uma entidade intermédia entre a divindade suprema e o mundo perceptível ao pensamento. Segundo o gnosticismo, Jesus teria sido um Eon intermediário enviado da Pleroma para a Terra.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
Pleromo (grafia correta seria Pleroma)	Pleroma	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Pleroma http://www.iep.utm.edu/gnostic/ http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/pleroma	Página 17
Eons	Eons (ou Aeons)	http://fr.wikipedia.org/wiki/Plérôme http://en.wikipedia.org/wiki/Aeon http://pt.wikipedia.org/wiki/Aeon_(gnosticismo) http://www.iep.utm.edu/gnostic/	Página 17
Gnose	Gnosis	Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/gnose http://www.iep.utm.edu/gnostic/	Página 17

A palavra seguinte (*cité*) é um estrangeirismo que o autor preferiu manter ao longo de toda a obra. Abel Salazar opta pelo termo francês *cité*, quando se refere ao que a Antiguidade grega designou como *polis*. Estas repetidas escolhas pelos termos em língua francesa devem-se, certamente, não só ao seu exílio em Paris, em 1934, poucos anos antes de iniciar a escrita desta obra, mas também ao facto de o termo ter sido retirado de uma obra escrita em francês, como pode verificar-se na nota de rodapé número 24 do texto de partida. Esta nota de rodapé diz respeito a uma citação de um livro de Ferdinand Lot, e é aí que Abel Salazar utiliza, pela primeira de muitas vezes, a palavra *cité*. Optei pela Transcrição, como metodologia de tradução do termo *cité*, por se tratar de um termo que não pertence nem à língua fonte nem à língua de chegada e por uma questão de fidelidade ao texto de partida.

Considero, ainda, que o leitor-alvo não terá mais dificuldade que um leitor de língua portuguesa em descodificar o termo em francês.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
cité	<i>cité</i>	http://fr.wikipedia.org/wiki/Cité_(ville) http://www.le-dictionnaire.com/definition.php?mot=cit%E9	Página 64

Os quatro exemplos explanados no quadro abaixo relacionam-se com o uso de nomes que podem ser atribuídos a mais do que uma figura histórica por ambiguidade do texto de partida. No entanto, essa ambiguidade não tem influência na tradução. *Brutus* é uma

personagem romana soberbamente conhecida mas, apesar de terem existido vários homens com esse nome, a quem se poderia estar a referir Abel Salazar, não restam dúvidas sobre a grafia do seu nome e a sua tradução, que é o que verdadeiramente importa para este trabalho. A forma latina do nome mantém-se, como de resto acontece em diversos outros nomes latinos que a língua inglesa opta por não traduzir.

O mesmo acontece com o nome *Hilarius*. Existiram vários padres com este nome, como se pode verificar no link que está no quadro. Apesar de, neste caso, existirem as duas possíveis traduções, *Hilarius* e *Hilary*, para o nome latino *Hilarius*, optei pela forma latina, por uma questão de coerência.

O mesmo se verifica no terceiro exemplo do mesmo quadro. O facto de poder tratar-se do Imperador *Tiberius I* ou *Tiberius II* não afeta a tradução.

Relativamente à palavra “*Probus*”, em português, “Probo”, existiram inúmeros imperadores, senadores e personalidades da Roma Antiga com este mesmo nome. No entanto, o texto inclui *Probus* numa enumeração de imperadores ilírios o que facilitou a sua identificação. A tradução resultaria sempre igual mas, assim, foi possível incluir neste quadro o nome completo do imperador a quem Abel Salazar se referia.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
Brutus	Brutus	http://en.wikipedia.org/wiki/Brutus http://en.wikipedia.org/wiki/Brutus_(Cicero) http://www.britannica.com/search?query=brutus	Página 85
Hilário	Hilarius	http://en.wikipedia.org/wiki/Hilarius http://www.britannica.com/search?query=hilarius http://en.wikipedia.org/wiki/Pope_Hilarius http://www.britannica.com/EBchecked/topic/265689/Saint-Hilary-of-Arles	Página 101
Imperador Tibério	Emperor Tiberius	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tibério O facto de poder tratar-se do Imperador Tiberius I ou do Imperador Tiberius II não afeta a tradução. http://www.britannica.com/EBchecked/topic/594862/Tiberius http://www.britannica.com/EBchecked/topic/594882/Tiberius-II-Constantinus	Página 109
Probus (em português: Marco Aurélio Probo)	Probus (em inglês – igual ao latim: Marcus Aurelius Probus)	http://en.wikipedia.org/wiki/Illyrian_emperors http://en.wikipedia.org/wiki/Marcus_Aurelius_Probus Probo: http://www.infopedia.pt/\$probo Probus: http://www.britannica.com/EBchecked/topic/477638/Probus	Página 135

Algumas personalidades históricas exigiram uma pesquisa mais extensa, quer por ambiguidade do texto de partida, quer pelo facto de serem menos conhecidas do público em geral e, por isso, menos visíveis nas pesquisas efectuadas na internet. É o caso do exemplo que se segue. Em português apenas encontrei “Septímio Severo” ou “Sétimo Severo”. Foi necessário elaborar uma pesquisa sobre a vida deste imperador romano para ter a certeza de que seria o imperador a quem Abel Salazar se referia, aproveitando o facto de o texto original mencionar o período de 235-284 d.C.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
Setino Severo (em português atual: Septímio Severo ou Sétimo Severo)	Septimius Severus (em inglês = latim)	Apenas encontrei, em português, Septímio Severo: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sept%C3%ADmio_Severo ou Sétimo Severo: http://www.infopedia.pt/\$setimo-severo Ferramenta de tradução da Wikipédia – Septimius Severus: http://en.wikipedia.org/wiki/Septimius_Severus Para certificar-me de que seria o imperador correto, já que o texto original menciona o período de 235-284 d.C.: http://www.infopedia.pt/\$dinastia-dos-severos-(193-d.-c.-235-d.-c.)	Página 87

Como noutras situações já descritas neste quadro analítico, os próximos dois exemplos referem-se a palavras que foram mantidas na língua latina através do método de Transcrição. Ambas as situações foram referidas também no Exemplo 9 do Capítulo III (Análise da Tradução), página 29 deste trabalho. A razão pela qual optei por as referir novamente é porque as suas definições foram relevantes no processo de contextualização que auxiliou a tradução. A *Law of majestas* foi instituída por Ulpiano e está relacionada com os crimes de traição. Mais do que isso, esta lei aplicava-se a quem estivesse, de alguma forma, envolvido na morte de quem detivesse o *imperium*. *Defensores civitatis* eram funcionários do Império Romano cujo dever era defender povo das injustiças dos magistrados. O plural latino de *defensor* é *defensores*, exatamente como em português.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
majestas	<i>majestas</i>	Mantive o latim. A <i>Law of majestas</i> foi instituída por Ulpiano (<i>Ulpian</i> : http://pt.wikipedia.org/wiki/Ulpiano) http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/secondary/SMIGRA*/Majestas.html http://en.wikipedia.org/wiki/Law_of_majestas	Página 131
defensores civitatis	<i>defensores civitatis</i>	http://en.wikipedia.org/wiki/User:Chief_Ellingar/Defensor_civitatis http://thelawdictionary.org/defensor-civitatis/ http://lawi.us/defensor-civitatis/	Página 135

Finalmente, não podia deixar de englobar no *corpus* do texto deste trabalho este último exemplo, retirado do quadro analítico, porque é o mais representativo estandarte da diferença sócio-cultural imposta pela distância temporal que nos separa (a nós leitores da tradução) do autor deste livro. E, para isso, vou socorrer-me das palavras de Alfredo Ribeiro dos Santos (1997, p. 13) que, numa elucidação dos princípios que regiam a revista *Sol Nascente* esclarece que:

A palavra *diamático* destinava-se a iludir a Censura, significando materialismo dialético. De resto, sucedia algo de semelhante com o “Neo-Realismo”, que encobria a expressão mais exacta de *Realismo Socialista*. Só depois da tomada do *Sol Nascente* pelo Grupo de Coimbra, formado por Joaquim Namorado, Pinto Loureiro e Jofre do Amaral Nogueira, se pode considerar a revista orientada exclusivamente por marxistas, no sentido do chamado “Novo Humanismo” e do “Neo-Realismo”, sua expressão literária. Neste espírito, os novos administradores e colaboradores da revista continuaram a polémica com António Sérgio iniciada por Abel Salazar, sustentaram um debate com José Régio e hostilizaram alguns republicanos históricos.

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
escola diamática	dialectical school	Iniciei a minha pesquisa por pensamento diamático. (Curiosamente, na procura de identificar o que é a Escola Diamática encontrei um artigo de uma doutoranda em Ciências Sociais da Universidade do Minho (Maria Otília Pereira Lage) que se debruça sobre a polémica travada entre Abel Salazar e António Sérgio, de que falei no subcapítulo 3.1 deste trabalho - contextualização da obra: <i>Sol Nascente</i> - e que foi a razão da interrupção do tema “A Crise Europeia” nesta mesma publicação:	Página 79

		<p>http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462de5b1ea610_1.PDF</p> <p>Relativo ao Diamatismo:</p> <p>http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/diamático</p> <p>Por sua vez, é a designação moderna do materialismo dialético de K. Marx.</p> <p>http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/diamatismo</p> <p>Dialectical school:</p> <p>http://plato.stanford.edu/entries/dialectical-school/</p>	
--	--	--	--

Páginas acedidas entre novembro de 2011 e março de 2012.

Todos os acessos verificados a 12 de março de 2013.

Capítulo IV – Conclusão

O objectivo deste trabalho foi a tradução e a análise da tradução do livro de Abel Salazar *A Crise da Europa*.

Tendo como objetivo uma tradução o mais fiel possível ao texto de partida foi feito um estudo prévio sobre o autor e sobre a sua vida para melhor compreender o que motivou o autor a escrever esta obra e de que forma ela se enquadra na sua vida e nas suas outras realizações.

Este primeiro passo resultou na análise de duas publicações periódicas – *Sol Nascente* e *O Trabalho* - onde foram publicados os “esboços” da obra final que foi objecto de estudo deste trabalho. Apesar de estas duas publicações terem servido de tubo de ensaio para a obra que foi publicada em livro em 1942, verifiquei, após analisar as digitalizações das publicações originais, que os textos dos artigos publicados nos periódicos e o texto publicado em livro não são exactamente iguais na estrutura nem no conteúdo.

Para que esta descoberta fosse possível, foi indispensável o acesso às digitalizações dos originais, onde se pôde verificar que, apesar de já presentes nestas publicações anteriores, os pensamentos do autor não foram apenas recolhidos e depositados em livro, mas antes aperfeiçoados e, porventura, condensados na escrita de *A Crise da Europa*.

Seguidamente, foi fundamental um profundo trabalho de pesquisa sobre as inúmeras referências históricas e princípios científicos referenciados pelo autor ao longo de toda a obra.

A tradução foi feita tendo em conta as diferentes realidades socioculturais em que se inserem o autor e a tradutora bem como o desfasamento temporal que separa o texto de partida do texto de chegada e que, em última análise, separam o autor do público-alvo da tradução. Nesse sentido, e para que a tradução não fosse, de forma alguma, incompreensível para o leitor, almejou-se a obtenção de um equilíbrio, primeiro entre a língua portuguesa usada na altura em que a obra foi escrita (1942) e a língua portuguesa usada nos nossos dias, já que o léxico está em constante renovação, e depois entre a língua portuguesa e a língua inglesa.

Este trabalho, realizado em parceria com a Casa-Museu Abel Salazar, é a primeira tradução para inglês de um livro do autor e resultará na divulgação do legado de Abel Salazar a um número crescente de pessoas, cujo acesso à sua obra estaria dificultado pela barreira linguística.

Este trabalho de projeto vai de encontro aos ideais de Abel Salazar que dedicou toda a sua arte e engenho ao notável propósito da transmissão do conhecimento.

Espero que esta seja a primeira de muitas ações a realizar em parceria com a Casa-Museu Abel Salazar na concretização do mais nobre poder da tradução - a divulgação do conhecimento para lá das barreiras impostas pela língua.

Referências Bibliográficas

Bibliografia Primária

SALAZAR, A. (1942). *A Crise da Europa*. Lisboa: Edições Cosmos.

SALAZAR, A. (1940). Reflexões sobre a Crise Europeia XV. *O Trabalho*. Capítulo XV. 13 de junho.

Bibliografia Secundária

Livros

CASTRO, A. (1992). *Notas para uma biografia de Abel Salazar*. S. Mamede de Infesta: Ed. Casa-Museu Abel Salazar.

FERNANDES, L. G. (ed.) (1998). *Abel Salazar - Retrato em Movimento*. Porto: Campo das Letras.

NEWMARK, P. (1993). *About translation*. Clevedon: Multilingual Matters.

SANTOS, A. R. (1997). *Para um Novo Perfil de Abel Salazar*. Porto: Edição do autor.

VENUTI, L. (1995) *The translator's Invisibility: a History of Translation*. London: Routledge.

VINAY, J. P.; DARBELNET, J. (1968). *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction* (Nouv. éd. revue et corrigée. ed.). Paris: Didier.

Artigos

LOPES, J. S. (1960). "Abel Salazar e a Revista *Sol Nascente*". FERNANDES, L. G. (Ed.), *Abel Salazar - Retrato em Movimento*. (pp. 105-106) Porto: Campo das Letras.

Obras de Referência

Dicionário de Francês-Português e Português-Francês (2010). Porto: Porto Editora.

Dicionário de Inglês-Português e Português-Inglês (2010). Porto: Porto Editora.

Dicionário de Sinónimos e Antónimos (2009). Porto: Porto Editora.

Enciclopédia Lello Universal (1974). Porto: Lello e Irmão Editores.

Oxford Advanced Learner's Dictionary (8th Edition). (2010). Oxford: Oxford University Press.

Fontes da Internet

AUBERT, F. H. (1998). Translation Modalities: Theory and Pratical Results. TradTerm, 5, 1º semestre 1998, pp. 129-157.

Retirado de <http://myrtus.uspnet.usp.br/tradterm/site/images/revistas/v05n1/v05n1a07>,
acedido a 12 de fevereiro de 2013.

SANDMANN, A. J. (1989). *A Expressão da Pejoratividade*. Curitiba: Universidade Federal do Panamá. Retirado de

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19181/12479>,
acedido a 13 março de 2013.

URRUTIA, J. H. R. (2008). *A modalidade de adaptação como indicador de desenvolvimento da competência tradutória em análise de corpus: teste metodológico*. Universidade de São Paulo. Retirado de

<http://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/TGIJuliaUrrutia.pdf>,
acedido a 10 de fevereiro de 2013.

Páginas da internet: consultas regulares

www.academia.edu:

<http://www.academia.edu>

American Physical Society:

<http://www.aps.org>

Associação Portuguesa de Sociologia:

<http://www.aps.pt>

Bab.la - Dicionário em linha:

<http://pt.bab.la>

Babylon – Tradutor em linha:

<http://tradutor.babylon.com>

Barnes & Noble:

<http://www.barnesandnoble.com>

Casa-Museu Abel Salazar:

<http://cmas.up.pt>

Consortium of Academic and Research Libraries in Illinois:

<http://www.carli.illinois.edu>

Dartmouth College (Mathematics at Dartmouth):

<http://www.dartmouth.edu>

Diário da República Eletrónico:

<http://www.dre.pt>

www.dictionary.reference.com:

<http://dictionary.reference.com>

www.encyclopedia.com:

<http://www.encyclopedia.com>

Encyclopedia britannica:

<http://www.britannica.com>

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (Departamento de Educação):

<http://www.educ.fc.ul.pt>

Fênix - Revista de História e Estudos Culturais:

<http://www.revistafenix.pro.br>

www.freefictionbooks.org:

<http://www.freefictionbooks.org>

Fundação Mário Soares:

<http://www.fmsoares.pt>

Georgia Southern University:

<http://www.georgiasouthern.edu> (página já não está disponível-12 de março 2013)

Georgia State University:

<http://hyperphysics.phy-astr.gsu.edu/hbase/mod1.html>

Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo:

<http://www.gel.org.br/novo/>

Harverford College:

<http://www.haverford.edu> (página já não está disponível-12 de março de 2013)

www.infoescola.com:

<http://www.infoescola.com>

Infopédia - Enciclopédia e Dicionários Porto Editora:

www.infopedia.com

Internet Encyclopedia of Philosophy:

<http://www.iep.utm.edu>

Jacobs University:

<http://www.jacobs-university.de>

Junta de Castilla y León (ArteHistória):

<http://www.artehistoria.jcyl.es>

www.le-dictionnaire.com:

<http://www.le-dictionnaire.com/definition.php?mot=cit%E9>

Merriam-Webster Online Dictionary:

<http://www.merriam-webster.com>

Michaelis - Dicionário Português – Inglês em linha: Moderno Dicionário Inglês:

<http://michaelis.uol.com.br>

www.nasa.gov:

<http://www.nasa.gov>

www.oxfordreference.com:

<http://www.oxfordreference.com>

Oxford University Press:

<http://global.oup.com/?cc=pt>

Portal da Língua Portuguesa:

<http://www.portaldalinguaportuguesa.org>

Priberam - Dicionário em linha da Língua Portuguesa:

<http://www.priberam.pt>

Princeton University:

<http://www.princeton.edu/main/>

Sanctuaires Notre-Dame de Lourdes:

<http://fr.lourdes-france.org>

Scholarly Societies Project (sponsored by the University of Waterloo Library):

www.scholarly-societies.org

Scientific Electronic Library Online:

<http://www.scielo.br/scielo.php?lng=en>

Sensagent Dictionary:

<http://dictionary.sensagent.com>

www.shakespeare-online.com:

<http://www.shakespeare-online.com>

Stanford University (Stanford Encyclopedia of Philosophy):

<http://www.stanford.edu>

Taylor & Francis Online:

<http://www.tandfonline.com>

Texas University (Department of Mathematics):

<http://www.math.tamu.edu>

www.thefreedictionary.com:

<http://www.thefreedictionary.com>

Tate:

<http://www.tate.org.uk>

The Law Dictionary:

<http://thelawdictionary.org>

The Literary Encyclopedia:

<http://www.litencyc.com/index.php>

Theotokos Books:

<http://www.theotokos.org.uk/pages/approved/appariti/lourdes.html>

Trinity College:

<http://www.trincoll.edu/Pages/default.aspx>

Universidade de Coimbra:

<https://estudogeral.sib.uc.pt>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Laboratório de Licenciatura e Pesquisa sobre o Ensino da Filosofia):

<http://www.lpefil-uerj.net>

Universidade Federal de Campina Grande:

<http://www.ufcg.edu.br/index1.php>

Universidade Federal do Ceará (LIA – Laboratório de Pesquisa em Ciência da Computação):

<http://www.lia.ufc.br/~rudini/ufla/filos/jonicos.htm>

University of Chicago:

<http://penelope.uchicago.edu>

University of Illinois at Urbana-Champaign (Department of Physics):

<http://illinois.edu>

University of Pittsburgh:

<http://www.pitt.edu>

University of St Andrews (The MacTutor History of Mathematics Archive):

<http://www-maths.mcs.st-andrews.ac.uk>

www.wiki.answers.com:

<http://www.answers.com>

www.wikipedia.org:

http://en.wikipedia.org/wiki/Main_Page

Apêndices

Apêndice A

Original e Tradução de *A Crise da Europa*

A CRISE DA EUROPA

ABEL SALAZAR

THE EUROPEAN CRISIS

ABEL SALAZAR

PREFÁCIO

Não pode deduzir-se das teorias expostas neste trabalho que o homem tem de entregar-se, de braços cruzados, a um fluir fatal da história; e isto precisamente porque a vontade, a razão, a emoção, etc, são forças integradas no mecanismo da história, sem os quais mesmo o seu movimento seria impossível. Por forma que, ao mesmo tempo, reconhecemos a impotência e a utopia dos ideais, e a sua eficácia, como forças.

Simplesmente, a par e passo que o homem se vai erguendo à consciência da mecânica da história, a sua posição modifica-se: e tende naturalmente — ou tenderá um dia — a utilizar em seu benefício o conhecimento dessas forças e suas leis, em vez de lhe opor um imperativo ideológico a priori — como tem feito até aqui e continua fazendo.

É esta, a meu ver, a grande translação histórica que se nota, no fluxo do tempo, pelo que diz respeito às relações do homem com o mundo histórico.

Notemos ainda que o conhecimento da mecânica da história, longe de «mecanizar» o homem, o coloca numa posição que transcende essa mecânica, por conhecimento dela: como o homem transcende o mundo físico por conhecimento dele.

A verdadeira «mecanização» do homem reside, pelo contrário, neste desconhecimento: porque então o homem é juguete inconsciente das forças da História.

Desta forma — e ao contrário da maneira de ver geral — a ciência, e neste particular, a ciência da História, longe de «mecanizar» o Homem, é a única forme deste se erguer acima dessa mecânica: pela consciência que ele toma dela.

Até ao momento actual — e ainda no momento actual — o homem tem estado na posição — um tanto burlesca, forçoso é dizer-lo — de alguém que, junto dum regato que inunda o campo, tentasse desviá-lo de seus malefícios por apóstrofes religiosas, políticas ou sociais: em vez de, como faz o camponês, utilizar para esse fim a força da gravidade.

No fundo, a humanidade está hoje ainda num período primitivo de «magias»; onde apenas as magias do tipo primitivo foram substituídas pelas ideologias, utopias, místicas e outros imperativos análogos, em que reina ainda a fantasmagoria do mágico...

Por outras palavras, o período científico da História está ainda longe; a época actual, com seus conflitos, é talvez desse período o prelúdio.

Sendo assim, a evolução histórica será definida principalmente por esta translação do espírito humano da fase não científica para a fase científica: translação esta conduzindo o homem da inconsciência para a consciência da sua história. E como o conhecimento científico da história significa a possibilidade de utilizar as suas forças em benefício da humanidade, dentro pelo menos de certos limites, é de prever que a humanidade possa elevar-se, de futuro, a um nível social e moral incomparavelmente mais elevado do que o actual — tão elevado, relativamente, que ao Homem dessa época a história actual aparecerá como um conjunto de singulares paradoxos e de chocantes absurdos.

Por outro lado, como as Artes, em sentido largo, não são mais do que a expressão da Emoção ante o Mistério do Mundo, e que, assim, dependem de uma visão do Mundo, é de prever que, ante um novo panorama desse Mundo — o panorama da futura Ciência — terá lugar um renovamento da Emoção, e, portanto, um Renascimento das Artes:

PREFACE

It cannot be inferred from the theories presented in this paper that man must fold his arms and surrender to a fatal flow of history; and this precisely because forces such as reason, will, emotion, etc., are integrated in the mechanism of history, forces without which even its motion would be impossible. In this way, we acknowledge that ideals are impotent and utopian and, at the same time, recognize their effectiveness as forces.

As man becomes aware of the mechanics of history, his situation simply changes and he naturally tends - or will eventually tend - to use the knowledge of those forces and their corresponding laws for his own benefit, instead of facing it with a priori ideological imperatives - as he has done so far and carries on doing.

This is, I believe, the great historical translation, noticeable in the course of time, concerning man's relation to the historical world.

Remarkable also is that the knowledge of the mechanics of history: far from "mechanizing" man, rises him into a position in which he transcends the mechanics, precisely through such knowledge: just as man transcends the physical world by the awareness of it.

The real "mechanization" of man lies, however, in the ignorance of this fact: because then man is the unconscious plaything of the forces of history.

Therefore - and contrary to the general way of seeing things - science, and in particular, the science of history, far from "mechanizing" man, is his only way to rise above this mechanics: by the consciousness of it.

So far, man has been in the position - somewhat burlesque, we must say - of someone who, standing along a stream that floods the field, tried to divert it through religious, political or social apostrophes, rather than using the force of gravity for that purpose, as the peasant does.

In reality, mankind is still in a primitive period of "enchantment", where only the primitive kinds of magic have been replaced by ideology, utopia, mysticism and other similar principles, where the phantasmagoria of magic still reigns...

In other words, the scientific period of history is yet afar. The present time, with all its conflicts, is perhaps the prelude to that period.

Thus, the historical evolution will be defined mainly by this translation of the human spirit from the non-scientific to the scientific phase: a translation that will guide man from ignorance into the awareness of its history. And since the scientific understanding of history means the possibility to use its forces for the benefit of mankind, even if within certain limits, it is likely that, in the future, humanity will be able to rise to a social and moral level which will be incomparably higher than the current one - so much higher that today's history will appear as a set of unique paradoxes and shocking absurdities, to the future man.

On the other hand, as the Arts, in broad sense, are no more than the expression of Emotion before the Mystery of the World and are, thus, dependent on a certain vision of the World, it is likely that, in the presence of a new landscape of that World - the landscape of future Science - there will be a renovation of Emotion and, therefore, a Renaissance of the Arts:

pois que esse novo panorama do Mundo terá igualmente, como o antigo, ou mais ainda do que o antigo, a sua carga emotiva de Mistério. E o Homem, avançando no Desconhecido, e dominando cada vez mais o Mundo e a História, verá assim aumentar essa carga emotiva, e será cada vez mais, no futuro, artista e poeta.

E, nestes diferentes sentidos, as possibilidades não têm limites nem fim...

Because this new landscape of the World, like the old one, or even more than the old one, will also be emotionally charged with Mystery. And man, walking towards the unknown, and increasingly dominating the World and History, will enhance that emotional charge, and will be more and more an artist and a poet in the future.

And, in these different senses, possibilities will be unlimited and endless...

INTRODUÇÃO

Condições limitantes da História como Ciência

A ciência da História está limitada pelas mesmas condições gerais que condicionam a ciência, e, além destas, por condições especiais que lhe são próprias.

Não nos ocuparemos aqui senão daquelas condições especiais que são relacionadas com o nosso ponto de vista.

* * *

O espírito não conseguiu nunca fazer a síntese do Ser e do Devir, do estático e do que flui. O Ser exclui o Devir e o Devir exclui o Ser; no entanto, os dois fundem-se, constantemente, no pensamento corrente e no pensamento filosófico.

O Ser, a Coisa em Si, qualquer existência absoluta não pode ser concebida senão por uma forma estática absolutamente fixa; porque a mais ligeira variação conduz a um novo Ser.

Por outro lado, para conceber uma evolução no Ser, seria necessário intercalar, entre os dois dos seus estados, elos intermédios, e passar ao limite, considerando estes estados intermédios em números infinito.

Temos a noção empírica e intuitiva da permanência do nosso Eu através das suas mutações e evolução. Sob o ponto de vista empírico, fazemos habitualmente e automaticamente a síntese do Eu e do seu Fluxo: assim, o Eu nos aparece como sendo o mesmo através da sua evolução e transformações.

Tal síntese é porém impossível já no campo lógico. Se reduzimos o Eu a um Ser e seu Fluxo, o antagonismo aparece imediatamente. Vivemos e sentimos como um Ser que evolui, mas somos incapazes de pensar, sem antítese, neste Ser e em sua evolução.

O estático e o fluente, o imóvel e o movente, aparecem-nos assim como um dos paradoxos fundamentais do pensamento, através da sua história.

Chocando-se neste escolho, a corrente do pensamento divide-se em dois braços; e ora desenvolve o tema do Ser, ora o tema do Fluxo. Exausto cada desenvolvimento, cada uma destas correntes encontra diante de si um vácuo: — a falta do elemento contrário. Assim, ora dominam as filosofias do Ser, ora as do Devir; e a história do pensamento oscila constantemente entre elas. O desenvolvimento de cada uma põe em foco a necessidade da outra; e, desta forma, embora as duas correntes se mantenham sempre na história, o pensamento histórico ora se apoia numa, ora na outra. Há, desta maneira, na corrente do pensar, uma oscilação sinusoidal entre o pólo do Ser e o pólo do Devir: com fluxos e refluxos variados e interferências entre estes dois limites. De tempos a tempos, uma síntese é tentada; e, como esta é impossível, logo a tentativa finda num compromisso mais ou menos confuso, mais ou menos ambíguo.

O Ser e o Devir mantêm-se, nestas peripécias, absolutamente irreduzíveis; porque mesmo a evolução contém em si um paradoxo. Pois que para uma coisa evoluir é necessário o conceito da coisa, o qual, como ser, é incompatível com evoluir. Assim, na simples frase «qualquer coisa evolui» existe, implícito, um paradoxo que o espírito humano jamais conseguiu solucionar.

INTRODUCTION

Limiting conditions of History as a Science

The science of History is limited by the same general conditions that influence science, and also, by some special conditions of its own.

In this paper we will be concerned only with the special conditions that are related to our point of view.

* * *

The mind was never able to make a synthesis of Being and Becoming, of what is static and of what flows. The Being excludes the Becoming and vice versa; however, the two constantly merge, in common and philosophical thought.

The Being, the Thing itself, or any absolute existence, cannot be conceived but by an absolutely still, static form; because the slightest alteration leads to a new Being.

On the other hand, in order to imagine an evolution in the Being, it would be necessary to alternate between its two states, or intermediary links, and go to the limit, considering these intermediary states in infinite numbers.

We have an empiric and intuitive notion of the constancy of our Self through its changes and evolution. From an empirical point of view, we often automatically make the synthesis of the Self and its Flow: therefore, the Self appears to be the same through its evolution and transformations.

But such synthesis is impossible in the logical field. If we reduce the Self to a Being and its corresponding Flow, antagonism appears immediately. We live and feel as a Being that evolves but, without antithesis, we are unable to think about this Being and its evolution.

The static and the flowing, the motionless and the changeable, appear to us as one of the fundamental paradoxes of thought, throughout its history.

Colliding with this obstacle, the current of thought is divided in two; and, in turn, develops the idea of Being, and the idea of Flow. When the development of each of these concepts is exhausted, each of these currents faces a void: the lack of the opposite element. In this way, either the philosophies of the Being or the philosophies of the Becoming are dominant; and the history of thought constantly oscillates between both. The development of each one brings into focus the need for the other; thus, although the two are always present in history, historical thought only relies on one of them, at a time. So, in the current of thought, there is a sinusoidal oscillation between the two poles, Being and Becoming: with varied ebbs and flows and interruptions between both limits. From time to time, a synthesis is attempted; and, as this is impossible, the attempt ends in a more or less disorganized, more or less ambiguous compromise.

In these adventures, Being and Becoming remain absolutely irreducible; because even evolution contains a paradox in itself. The concept of the thing is necessary for anything to evolve, but this concept is incompatible with evolution. Therefore, in the simple phrase "something evolves" there is an implicit paradox that the human spirit has never been able to solve.

Tal paradoxo é, no fundo, análogo ao de ponto e movimento, vácuo e substância, e outros, cujas dificuldades, jamais superadas, são conhecidas.

Por outro lado, como dissemos, a intuição imediata dá-nos o Eu como existindo, sempre essencialmente através da sua evolução: tal síntese opera-se sem que nós saibamos explicá-la. Opera-se como um acto psicológico imediato, que se impõe com a força dos imperativos da vida. Esta imposição faz com que através da história da filosofia jamais desaparecesse a necessidade duma síntese lógica, que lhe corresponda, necessidade esta que se choca com a irredutibilidade referida.

Não é possível resolver a questão pelo artifício conhecido de Hegel, como não foi possível, recentemente, resolver, pelo mesmo princípio, a antítese corpúsculo-onda; a propósito da qual foi necessário introduzir o princípio da complementaridade de Bohr. Este princípio é uma confissão de impotência em realizar tal síntese: e uma confissão análoga seria renunciar relativamente ao paradoxo Ser e Devir. Em vez porém de uma tal confissão, a filosofia tem-se obstinado através dos tempos, ora em obter uma síntese, ora em desdenhar do Devir em favor do Ser, ora em desdenhar do Ser em favor do Devir. Mas como, por outro lado, é impossível conceber um Devir ou um Ser, como é impossível conceber o movimento sem qualquer coisa que se mova, as correntes filosóficas do Ser e do Devir, mesmo quando se encontram mais isoladas e fechadas em sua oposição, estão ao mesmo tempo uma com a outra estreitamente ligadas. Assim, as filosofias do Devir quando excluem, desdenham, ou fazem passar a plano secundário o Ser, enterram-se no paradoxo de uma oração sem sujeito, paradoxo este com que findam sempre por se chocarem. Por seu turno, as filosofias do Ser imobilizam o mundo numa espécie de congelação e fazem dele uma estátua petrificada, um fantasma catatónico.

A filosofia grega encontrou-se, desde o início, neste dilema. Heráclito, ao mesmo tempo que insiste no papel dos Conflitos e Discórdias e na harmonia dos Contrários, põe em relevo o mobilismo e o contínuo fluir de tudo: o «Conflito é o pai de todas as coisas, rei de todas as coisas; e, ao mesmo tempo tudo flui, tudo foge, nada permanece; no mesmo rio são sempre outras águas que nos banham, não mergulhareis duas vezes nas mesmas águas.»¹

Heráclito «concebeu a oposição dos contrários com uma generalidade que não se encontra, nem em Anaximandro nem mesmo nos Pitagóricos ou em Alcmeon. Mas sobretudo pôs em foco, por uma forma inteiramente nova, a acção de uma lei imanente ao Devir, servindo de ligação inteligível aos contrários, simultâneos ou sucessivos.»²

No pólo oposto, Parménides funda a filosofia do Ser e a oposição do pensamento lógico e do pensamento empírico. A realidade ontológica regula a verdade do conhecimento, definido na fórmula «é a mesma coisa pensar e ser.» O Ser existe, e não é possível que ele não exista; é o caminho da certeza, porque esta acompanha a verdade. O outro caminho é — o Ser não existe e, necessariamente, o Não Ser existe: estreita vereda onde nada iluminará os passos. O Ser não tem relação senão com ele próprio; é o real integral; e tudo o que negue, não pode pertencer qualquer realidade: Não, que jamais possa haver vitória para isto: o Não Ser existe.»

A renúncia do Ser e a lei ontológica são definidas nestas frases: «É a mesma coisa pensar e aquilo a propósito do qual tem lugar o pensar; porque sem o Ser a propósito do qual tem lugar o enunciado, não encontrareis o pensar, visto que não há nada que seja ou possa ser, além do Ser e fora dele.

Such paradox is similar to the paradox between point and movement, vacuum and substance, and others, whose difficulties are well known, although never overcome.

On the other hand, as we said, the immediate intuition gives us the Self as existing always and essentially through its evolution: this synthesis takes place without us being able to explain it. It happens as an immediate psychological act, imposed with the strength of the imperatives of life. This imposition causes the continuous need for a logical synthesis that corresponds to it, throughout the history of philosophy. A need that clashes with said irreducibility.

It is impossible to solve the question by Hegel's stratagem, as, recently, it was impossible to solve, by the same principle, the wave-particle duality; for this it was necessary to bring into practice Bohr's principle of complementarity. This principle is a confession of incapability to accomplish such synthesis: and a similar confession would be to refuse the paradox between Being and Becoming. However, instead of such a confession, philosophy has insisted, throughout the ages, either in obtaining a synthesis or in disdaining the Being in favour of the Becoming and vice versa. On the other hand, as it is impossible to conceive a Becoming or a Being, as well as it is impossible to conceive movement without anything that moves, the philosophical currents of Being and Becoming, even when more isolated and closed in their opposite sides, are at the same time closely linked together. Thus, when the philosophies of the Becoming exclude, disdain, or move the Being into the background, they always end up burying themselves in the paradox of a sentence without subject. Meanwhile, the philosophies of the Being immobilize the world in a kind of frozenness turning it into a petrified statue, a catatonic ghost.

Greek philosophy dwells in this dilemma since the beginning. Heraclitus highlights the mobilism and the continuous flow of everything, while emphasizing the role of *Concordia Discors* and the unity of Opposites: "Conflict is the father of all things, the king of all things, and simultaneously everything flows and nothing abides; everything gives way and nothing stays fixed; you cannot step twice into the same river, for other waters and yet others, go flowing on." **1**

Heraclitus' "unity of opposites has a general character that cannot be found in Anaximander, Alcmaeon or even in the Pythagoreans. But, above all, he put into focus the action of an intrinsic law of the Becoming, which is used as an intelligible connection between the opposites, whether they are simultaneous or successive." **2**

In the opposite pole, Parmenides establishes the philosophy of Being and the opposition of logical and empirical thought. The ontological reality regulates the truth of knowledge, defined in the formula "thinking and being are the same". The Being exists, and it is impossible that it does not exist; this is the path of certainty because it follows the truth. The other way is - the Being does not exist and, necessarily, the Nonbeing exists: narrow path where nothing will illuminate the steps. The Being is not related but to himself; it is the whole reality; and everything denied by it, cannot belong to any reality: No, this must never triumph: The Nonbeing exists."

The rejection of the Being and the ontological law are defined in these phrases: "The act of thinking and whatever creates the purpose of thinking are the same thing; because without the Being, which is the subject of that action, you will not find thought, since nothing exists, besides the Being.

É necessário que ele seja absolutamente, ou que nada seja. Nenhum poder conseguirá persuadir a deixar dizer que do Não Ser possa nascer qualquer coisa. A seu respeito, a decisão resume-se no seguinte: ele existe ou não existe. Portanto, necessariamente, é preciso abandonar o verdadeiro caminho.»

A filosofia do Ser e o princípio da contradição aparecem unidos desde os inícios da filosofia grega definidos com uma precisão exaustiva: e hoje ainda um Heidegger não faz mais do que gaguejar em frases confusas aquilo que Parménides formulou com rigor lógico definitivo. «É um facto capital na história do pensamento, porque assim se encontra formulado o problema do juízo. Com que direito o indivíduo existente poderá receber um atributo que não seja o próprio sujeito, ou qualquer coisa do sujeito que dele se possa tirar por análise? Não há senão o Ser que convenha, como atributo, ao Ser como sujeito. Dum jacto, as exigências da filosofia analítica, a impossibilidade de um pensamento empírico, são formuladas com o máximo do seu rigor. Esquivar estas exigências ruinosas, tal é o considerável esforço da filosofia de Platão e Aristóteles.»³

A partir de Parménides e de Heráclito, a filosofia grega oscila, com efeito, entre os dois pólos: O Ser e o Devir, o Um e o Múltiplo, o Movimento e o Vácuo, etc. Aproxima-se, ora de um pólo, ora de outro; encontra-se, sempre que se aproxima destes pólos, num beco sem saída, e não consegue sair deste dilema. Duas correntes se estabelecem, uma que parte de Heráclito, outra de Parménides: e, como sempre sucede, estas correntes, ora se tornam radicais, ora entram em compromissos. Cratylo, um dos mestres de Platão, dizia que a própria água do rio não é mesmo uma só vez idêntica e, para traduzir o pensar, à linguagem que o fixe prefere um simples movimento de dedo. O radicalismo da multiplicidade e do mobilismo opõe-se ao radicalismo da unidade e da imobilidade; o Ser e o Devir fazem-se chefes de dois partidos filosóficos irreconciliáveis. Anaxágoras, por exemplo, nega formalmente o Devir: «a totalidade das coisas é igual a ela própria, eternamente», enquanto Górgias nega o próprio Ser; «nada existe, nem o Não-Ser da experiência, porque é uma negação do Ser, nem o Ser Uno, eterno, absoluto, porque exclui todas as condições da experiência, nem uma relação entre um e outro, como de atributo para o sujeito, porque seria uma negação recíproca que, isolando absolutamente os dois termos ou, pelo contrário, confundindo-os, condenaria o juízo e a predicação.»

Se admitirmos que qualquer coisa existe, acrescenta Górgias, não seria cognoscível, porque o real do sensível não é inteligível, e o concebível revela-se com frequência inexistente. E, se mesmo o que porventura existisse fosse cognoscível, seria impossível de comunicar; porque a linguagem apenas simboliza por sinais arbitrários as coisas que pretende exprimir, e as palavras, não tendo exactamente o mesmo sentido para o que fala e para o que escuta, desdobram as coisas: não há pois nem ideias gerais nem nomes comuns. Enquanto Górgias atinge o niilismo radical, o célebre Diodoro Cronos, contemporâneo de Aristóteles, nega igualmente o Devir, como nega o movimento e o possível; «o real é regulado pela necessidade lógica do princípio da contradição; a individualidade empírica, com as suas potencialidades indeterminadas e seu desenvolvimento, é substituída por uma pluralidade de essências, cada uma das quais é um universo completo e fechado, que durante toda a eternidade é o que deve ser.»⁴

It is necessary that he exists, unconditionally, or not at all. No power can persuade to assert that something can be born from the Nonbeing. In his regard, the decision boils down to this: he either does or doesn't exist. Therefore, it is necessary to abandon the true path."

The philosophy of the Being and the principle of contradiction are associated since early Greek philosophy, defined with thorough precision: even today, someone like Heidegger doesn't do more than stutter confused sentences about what Parmenides formulated with logical rigour. "It is a capital fact in the history of thought because it formulates the problem of judgment. How can the individual receive an attribute other than the subject himself, or anything that can be inferred from the subject by analysis? There is only the Being that fits, as an attribute, to the Being as a subject. In a flash, the requirements of analytic philosophy and the impossibility of empirical thought are formulated with the utmost rigour. The enormous effort of Plato's and Aristotle's philosophy is to avoid these ruinous demands." 3

Since Parmenides and Heraclitus, Greek philosophy oscillates between two poles: the Being and the Becoming, the One and the Many, the Motion and the Void, etc. It approaches one pole or the other; and every time it approaches one of these poles it comes to a dead end, and can't escape this dilemma. Two lines of thought are established. One from Heraclitus, another from Parmenides: and, as always, these thoughts either become radical or compromise. Cratylus, one of Plato's masters, believed the river water was never the same, not even once. And to translate the thought, he prefers a simple flick of the finger to the language that will stagnate it. The radicalism of multiplicity and mobilism is opposed to the radicalism of unity and immobilism; Being and Becoming are the heads of two irreconcilable philosophical parties. Anaxagoras, for example, formally denies the Becoming: "the totality of things is eternally equal to itself", while Gorgias denies the Being: "nothing exists, not even the Nonbeing of experience, because it is a denial of the Being, nor even the eternal and absolute Sole Being, because it excludes all conditions of experience, nor even a relationship between one another, like the one between the attribute and the subject, because it would be a mutual denial that would condemn the judgment and predication, either by completely isolating the two terms or by merging them."

If we assume that anything exists, Gorgias adds, it wouldn't be recognizable, because the reality of the sensible is not comprehensible, and the conceivable is often nonexistent. And even if what existed was comprehensible, it would be impossible to communicate; because language only symbolizes the things it wants to express through arbitrary signs, and the words don't have the exact same meaning for he who speaks and for he who listens: therefore, there are neither general ideas nor common names. While Gorgias reaches the radical nihilism, the renowned Diodorus Cronus, a contemporary of Aristotle, also denies the Becoming, besides denying the motion and the possible; "the real is regulated by the logical need of the principle of contradiction; the empirical individuality, with its development and undetermined potential, is replaced by a plurality of essences, each of which is a complete and closed universe, that continues to be exactly what it should be, for all eternity."4

Empédocles d'Agrigento tentou um compromisso entre o Ser e o Devir. «Para definir o pensamento filosófico de Empédocles, poderia dizer-se que, na unidade eleática do Ser extenso e sem qualidades elementares, ele começa por introduzir a pluralidade limitada das qualidades elementares, para chegar em seguida à pluralidade ilimitada da experiência pela introdução de movimento na qualidade, satisfação parcial dada ao Heraclitismo; que, por outro lado, sob a influência do matematicismo pitagórico, deu à composição da qualidade segundo proporções numéricas a forma da quantidade; enfim, faz depender o mecanismo do dinamismo das forças motrizes. Síntese hesitante e confusa, da qual emergem, aqui e ali, detalhes interessantes, mas na qual não domina nenhum ponto de vista superior, e demasiado apaixonada para ser sistemática.»⁵

A Escola d'Abdera fez um esforço notável neste sentido. Demócrito põe de lado os rigorismos lógicos dos Eleatas, toma em conta as exigências da experiência, procura salvar a pluralidade, o movimento, a geração e o Devir, concedendo aos Eleatas que o Ser é isento de vazio e que sem vazio não há movimento. E pois que este existe, o vazio é um Não Ser tão real como o Ser, e pois que a pluralidade é admitida, ela existe no não-ser do vazio, e não no Ser, do qual não poderia provir. O Ser é, pois, uma multiplicidade infinita de massas, inseparáveis em razão da sua extrema pequenez.

«O problema que atacou Leucippo, ante o qual tinha fracassado Empédocles, era escapar ao monismo imobilista dos Eleatas e ao pluralismo mobilista de Heráclito. No espaço com todas as suas determinações quantitativas, conhecer o uno, o múltiplo, a possibilidade do movimento real, como dois opostos correlativos que se atraem um ao outro e não podem separar-se. Esta solução original e coerente, onde se conciliavam os elementos do problema posto pelo naturalismo jónico, teria podido, se a filosofia das ideias e o seu finalismo não tivessem prevalecido, fornecer à ciência da natureza, com o mecanismo, uma hipótese metodológica própria para delimitar e organizar as suas investigações, sem as subordinar a esta ou àquela filosofia e sem a isolar na especialização técnica. Mas o esforço de Straton, na escola de Aristóteles, para evitar este divórcio ou esta subordinação, ficou um episódio sem consequência, e o mecanismo serviu apenas de instrumento ao empirismo moral d'Epicuro.»⁶

O radicalismo das correntes derivadas do eleatismo e do heraclitismo, de um lado; as sínteses falhadas e os compromissos mais ou menos confusos e hesitantes das correntes intermediárias, do outro, conduzem, por fim, ao pirronismo. Este marca na história do pensamento grego o momento de cansaço e de desilusão; cansaço e desilusão estes que provêm precisamente da irredutibilidade do Ser e do Devir, a qual não faz senão avultar a par e passo que o pensamento grego se realiza historicamente. O conflito da unidade e da pluralidade, do imobilismo e do mobilismo, da lógica e da experiência, do pensamento racional e empírico, emerge do caos dos sistemas e dos variados compromissos que, entre os radicalismos extremos, se constata na filosofia grega e que atingem a sua forma última em Platão e Aristóteles. Exausta e cada vez mais embaraçada nestes dilemas, a filosofia grega vai dar ao cepticismo pirrónico; e, depois deste, enfraquecida e decadente, deixa-se a pouco e pouco infiltrar por elementos emotivos e místicos de vária ordem, influenciar pelo asiaticismo, e, rapidamente, degenera.

Empedocles of Agrigentum tried to reach a compromise between Being and Becoming. “To define the philosophy of Empedocles, one might say that, in the eleatic unity of the extensive Being, without elemental qualities, he first introduces the limited plurality of the elemental qualities, then the unlimited diversity of experience by the introduction of motion in quality, as Heraclitism already partially stated; which, on the other hand, under the influence of the Pythagorean Mathematics, gave the shape of quantity to the composition of quality, according to numerical proportions; in short, the mechanism depends on the dynamics of the driving forces. A confused synthesis, from which emerge some interesting details, but over which no superior point of view has the advantage. This synthesis is too passionate to be systematic.” 5

The School of Abdera made a considerable effort to achieve this end. Democritus puts aside the logical rigour of the Eleatics, takes into account the requirements of experience, and seeks to save the plurality, motion, generation and the Becoming, granting to the Eleatics the fact that the Being is not void and that without emptiness there is no movement. And since it exists, the void is a Nonbeing just as real as the Being and, since that plurality is admitted, it exists in the non-being of the void, and not in the Being, from which she could not derive. Being is, thus, an infinite variety of masses, inseparable due to their extreme smallness.

“The problem that troubled Leucippus, and Empedocles before him, was that of escaping the immobilist monism of the Eleatics and the mobilist pluralism of Heraclitus. How to know, in space, with all its quantitative determinations, the one, the multiple, the possibility of actual movement, as two correlative opposites that attract each other and cannot be separated. This unique and coherent solution, which reconciles the elements of the problem posed by the Ionian naturalism, could, if the philosophy of ideas and its finalism had not prevailed, provide the science of nature, through mechanism, with a methodological opportunity to circumscribe and organize its investigations, without subjecting them to this or that philosophy nor isolating it in technical expertise. But the effort made by Straton, in the school of Aristotle, to prevent this separation or this subordination was an episode without consequences, and the mechanism served only as an instrument to Epicurus’ moral empiricism. 6

The radicalism of the line of thought that derived from Eleaticism and Heraclitism, on the one hand; the failed syntheses and the somewhat confused and hesitant compromises of the intermediate thought, on the other, eventually lead to Pyrrhonism. This is the crucial moment of weariness and disappointment in the history of Greek thought; a situation that derives precisely from the irreducibility of Being and Becoming, and increasingly proves that Greek thought is accomplished historically. The conflict between unity and plurality, immobilism and mobilism, logic and experience, rational and empirical thought, emerges from the chaos of the systems and the various compromises we see in Greek philosophy, between the radical extremes, and reaches its ultimate form in Plato and Aristotle. Exhausted and increasingly tangled in these dilemmas, Greek philosophy will eventually lead to Pyrrhonian skepticism; and, afterwards, feeble and deteriorating, it will gradually let itself be infiltrated by various emotional and mystical elements, invaded by *Asianism*, and quickly degenerating.

«O sentimento elevado da vida espiritual que se encontra nos últimos representantes do Estoicismo é de inspiração religiosa. Mas este sentimento vem de uma concepção racional do universo. Esta concepção, que era essencial ao pensamento grego, apaga-se, ao contrário, cada vez mais, à medida dos progressos favorecidos pelo poder imperial de uma religiosidade que inverte a ordem dos valores antigos e que põe ao serviço de um misticismo confuso o vocabulário da antiga filosofia, esvaziando-o do sentido.

«Não são somente os cultos que, pela sua multiplicação e pela sua conjugação, traduzem a decadência profunda do pensamento racional. Esta decadência tem expressões filosóficas; assim, o sincretismo religioso do pretendido Hermes Trismegista (o três vezes grande), cujo livro parece ser do III século; ou ainda a doutrina dos Gnósticos, a qual, nascida em Antióquia no século II, se espalha entre os Cristãos, e que será combatida por Plotino (Enn, II, 9) cujo misticismo é, como se verá, de outra essência.»

«Com o seu Pleromo e as gerações dos seus Eons, a Gnose, que se apoia em Zoroastro, faz recuar o pensamento grego de dez séculos, para as mais fantásticas cosmogonias. A revelação suprimiu o esforço da razão.»⁷

A história do pensamento grego podia desenvolver-se em resumo com base no antagonismo do Ser e do Devir, da Razão e da Experiência; pensamento lógico e pensamento empírico aparecem nessa história, desde início, em conflito.

Este conflito da Razão com a Experiência reaparece com o Renascimento, atravessa toda a filosofia moderna e vem até aos tempos de hoje.

Empirismo integral e logicismo integral, correntes radicais; compromissos variados entre as duas correntes, defrontam-se na filosofia europeia através de toda a sua história. A totalização de experiência obriga o movimento geral, a partir de um certo ponto, a fazer-se a favor da experiência, que toma a hegemonia, e a razão abdica, até certo ponto, da sua antiga pretensão dogmática. A sua realza, de absoluta, faz-se por assim dizer constitucional; e, a pouco e pouco, tudo, no campo da filosofia, se transforma em república.

Ser e Devir não são mais do que esquematizações de dados imediatos da intuição. O Ser é a expressão simbólica, entificada, de uma própria e fundamental intuição de existência; existência esta que nos é dada, imediatamente, em Devir. Sob o ponto de vista empírico, a questão é, portanto, bem definida e clara; a complicação começa quando a esquematização lógica, trabalhando com estes dados, chega ao antagonismo do Ser e do Devir. Mas o antagonismo lógico choca-se com a força imperativa da intuição, e daí a acuidade e a permanência do conflito.

Nem a lógica nem a intuição podem ceder: o conflito é assim inevitável: porque o homem não pode dispensar uma nem outra; e, por essa razão, quando as duas não concordam, vê-se numa situação particularmente embaraçosa.

O conflito provém talvez de que o Ser, na esquematização lógica, é concebido no limite, ou por uma passagem ao limite, vício fundamental do processo de pensar metafísico; ⁸ e, ao mesmo tempo, como diz Robin,⁹ o vício de Eleatismo consiste numa concepção absoluta do princípio de contradição e realismo abstracto, que erige relações em coisas em si.

“The noble sense of spiritual life found in the last representatives of Stoicism is religiously inspired. But this sentiment comes from a rational conception of the universe. This conception, which was essential to Greek thought, starts to fade out, due to a religion whose progress, favoured by its imperial power, reverses the order of the old values and puts the vocabulary of ancient philosophy at the service of confused mysticism, emptying it of meaning.

“It’s not only the cultivated that reflect the steep decline of rational thought by their multiplication and conjunction. This decline has philosophical expressions; examples are the religious syncretism of the intended Hermes Trismegistus (the thrice-great), whose book appears to be from the third century; or the doctrine of the Gnostics, which appeared in Antioch in the second century, spread among Christians, and will be opposed by Plotinus (Enn, II, 9) whose mysticism is, as we shall see, of another essence.”

“With its Pleroma and its generations of Enneads, Gnosis, which is based on Zoroaster, pushes back Greek thought about ten centuries, to the most fantastic cosmogonies. Revelation abolished the effort of reason.” 7

In short, the history of Greek thought could be based on the antagonism of Being and Becoming, of Reason and Experience; logical and empirical thought appear to be in conflict since the beginning of that history.

This conflict between Reason and Experience reappears in the Renaissance, and accompanies modern philosophy until today.

Integral empiricism and integral logicism, radical movements; throughout the entire history of European philosophy there have been many confrontations between the two lines of thought. The totality of experience requires that the general movement be done in favour of experience, at one point, granting it hegemony, whilst reason abdicates, to some extent, its old dogmatic claim. Its royalty goes from absolute to constitutional; little by little, everything in the field of philosophy becomes republican.

Being and Becoming are mere schemes of immediate intuition data. The Being is the symbolic and embodied expression of a fundamental intuition of existence; an existence that is immediately given to us in the Becoming. Therefore, from the empirical point of view, the question is well defined and clear; the problem begins when, working with these data, the logical scheme reaches the antagonism of Being and Becoming. But the logical antagonism clashes with the imperative force of intuition, hence the acuity and continuity of the conflict.

Neither logic nor intuition can give in: thus, conflict is inevitable: because man cannot live without one or the other; and, therefore, when the two disagree, he finds himself in a particularly awkward situation.

It is probable that the conflict arises from the fact that, in the logical scheme, the Being is originated on the limit, or in a passage towards the limit, fundamental flaw in the process of metaphysical thought; 8 and, at the same time, as Robin 9 says, the flaw of Eleaticism lies in an absolute conception of the principle of contradiction and abstract realism that creates links between things in themselves.

Este vício eleático persiste hoje, integralmente, no pensamento, e daí a permanência do conflito.

Seja como for, o conflito do Ser e do Devir domina não só a história do pensamento, mas toda a vida histórica do homem. Encontramos o mesmo conflito em política e na vida social, que oscila constantemente entre o estatismo e o mobilismo.

Todos os sistemas políticos ou sociais oscilam entre organização estática, petrificada numa orgânica, e a transformação; forças conservadoras e revolucionárias não são mais do que manifestações deste conflito. Qualquer sistema político ou social, nos limites, petrifica ou então dissolve-se, — assim oscila constantemente entre estes limites.

O Ser político ou social está em constante evolução; mas este movimento contém um processo não inteligível e realiza-se, em verdade, sem que consigamos compreender como. A experiência mostra-nos que assim é, mas a inteligência não apreende o processo: facto que nos parece capital para bem compreender a política e a vida social.

O Ser histórico está assim em constante e contínua evolução; mas este processo, que é evidente no campo empírico, é incompreensível no campo lógico e metafísico. Neste campo, o Devir continua a excluir o Ser, e o Ser a excluir o Devir.

Daí resultam as dificuldades fundamentais da História sob o ponto de vista filosófico. Sempre que nesta se introduz o Ser e o Devir históricos, introduzem-se elementos que a experiência empírica e a intuição nos oferecem ligados, mas que, como dissemos, a esquematização lógica nos apresenta como incompatíveis.

A filosofia da história, não podendo dispensar nem a experiência nem a lógica, encontra-se assim enterrada num dilema que não consegue transpor. Daí resulta que, consciente ou inconscientemente, ora insiste sobre o Ser, ora sobre o Devir; ou então oscila de um para o outro. Estatismo e Mobilismo aparecem, desta maneira, na História, ora irreduzíveis, ora em confuso compromisso; e as correntes de filosofia da história, ora se aproximam dos pólos, ora tendem a fixar-se em posições intermédias. Os excessos do estatismo, conduzindo à petrificação, determinam os excessos do mobilismo, que têm como resultado a dissolução de tudo; e os compromissos, não conseguindo jamais a síntese dos dois, conduzem, no limite, ao cepticismo e ao niilismo.

Assim a história, ora introduz, ora rejeita a Evolução; no fundo, não compreende a evolução, mas a experiência impõe-lha com a força imperativa dos factos. E este imperativo obriga a entrar por uma porta o que tinha sido expulsa pela outra.

Por outro lado, é manifesto que, quando uma crise histórica se encontra num período de instabilidade, o conflito do Ser e do Devir se acentua e generaliza. O Ser reage contra o Devir, e este contra aquele; os campos demarcam-se com nitidez, e cada um é ocupado por sectários cuja violência atinge, por vezes, paroxismos. Tal conflito manifesta-se por formas múltiplas, no campo político, social, filosófico, literário, etc. Uma das suas manifestações é representada pelo conflito das forças conservadoras e revolucionárias que chocam, interferem em fluxos e refluxos variados. As concepções, quer filosóficas, quer políticas, quer sociais, tendem a passar ao limite; a tendência de cada uma a passar ao limite provoca a reacção da outra, e as duas interferem com movimentos oscilantes complexos.

Acentuam-se desta forma as concepções extremistas, quer positivas, quer negativas, o que provoca uma tensão extrema em todos os campos do sentimento e da razão: e, nos pólos destes movimentos, encontramos sempre o Ser e o Devir, a petrificação e a dissolução.

This Eleatic flaw lives on in thought, even today, hence the durability of the conflict.

Either way, the conflict between Being and Becoming dominates not only the history of thought, but also the whole historical life of mankind. We find the same conflict in politics and social life, constantly oscillating between statism and mobilism.

All political or social systems oscillate between organically frozen static organization and transformation; conservative and revolutionary forces are nothing more than manifestations of this conflict. Any political or social system eventually turns to stone or dissolves, - thus, it continuously oscillates between these two limits.

The political or social Being is constantly evolving; but this movement contains a non-intelligible process and takes place in a way we cannot understand. Experience shows us the process, but intelligence does not capture it: this fact seems crucial when it comes to understand political and social life.

Therefore, the historical Being is in constant and continuous evolution; but this process, though evident in the empirical field, is incomprehensible in the logical and metaphysical field, where the Becoming continues to exclude the Being, and vice versa.

Hence the fundamental difficulties of History, from the philosophical point of view: whenever the historical Being and Becoming are introduced in history, there is also the introduction of elements which appear to us as connected by empirical experience and intuition, but, as we said before, which the logical scheme presents as incompatible.

The philosophy of history, not being able to discard either experience or logic, finds itself buried in a dilemma impossible to overcome. Hence, consciously or unconsciously, it insists either on the Being, or on the Becoming; or even oscillates from one to the other. In History, Statism and Mobilism always appear either irreducible, or in a confusing compromise; and history's philosophical currents, either approach the poles, or tend to settle at intermediary positions. The immoderation of Statism leads to fossilization and determines the immoderation of Mobilism, which results in the dissolution of everything; and compromise, continuously failing the synthesis of the two, ultimately leads to skepticism and nihilism.

Thus, history either accepts or rejects Evolution; in reality, history doesn't understand evolution, but experience imposes it with the imperative force of the facts. And this imperative lets in through a door what had already been expelled through another.

On the other hand, it is clear that when there's an historical crisis in a period of instability, the conflict between Being and Becoming is accentuated and universalized. Being reacts against Becoming, and vice versa. The fields are clearly demarcated, and each one is occupied by sectarians whose violence often reaches paroxysms. This conflict is manifested in multiple forms, in all areas: political, social, philosophical, literary, etc. One of these manifestations is represented by the clash of conservative and revolutionary forces that collide, interfering with various ebbs and flows. Points of view, whether they are philosophical, political, or social, have a tendency to aim for the limit: one's tendency to reach the limit causes the reaction of the other, and both interfere in complex oscillating movements.

This way the extremist points of views, either positive or negative, escalate, causing a tension in all areas of feeling and reason; and at the poles of these movements there is always the Being and the Becoming, the fossilization and the dissolution.

No fluxo e refluxo destes movimentos sente-se confusamente a necessidade de um novo compromisso, que permita uma estabilização provisória e transitória, estabilização que os homens procuram, mas que apenas o jogo das forças históricas determina.

Estes fenómenos constata-se em todos os períodos de crise, quer de crescimento, quer de decadência. O conflito fundamental do Ser e do Devir está assim no centro da própria História. É ele, a meu ver, que limita e define, em grande parte, o seu campo e os seus processos. A concepção arquitectónica das sociedades é um reflexo da concepção do Ser; a concepção evolutiva é um reflexo das concepções do Devir. Ser e Devir, por seu turno, como dissemos, são esquemas entificados cujas raízes estão nos próprios dados da intuição vital.

Notemos que este processo é geral. A noção de Ser, de existência, e outras fundamentais, no que diz respeito a coisas objectivas, é uma transposição para elas, dos dados intuitivos fundamentais de existência. A «pedra» existe: - isso significa que transpomos para ela a noção de existência que nos é dada por uma intuição imediata fundamental. E como esta intuição é absoluta, transpomos para os objectos uma noção igualmente absoluta. Importa pouco que esse objecto seja pedra, uma sociedade, um sistema histórico, ou qualquer outra coisa: que seja Deus ou o Diabo, o processo é sempre o mesmo. Essa transposição sofre depois uma elaboração lógica e uma entificação que nos conduz imediatamente à metafísica; enquanto a ciência procura definir o objecto por simples correlações fixas, findando por «construir» os conceitos acima e para além da intuição, muito embora com esta na raiz deles.

Por outras palavras, enquanto a metafísica, erudita ou vulgar, tende a passar directamente da intuição para a esquematização lógica e para a entificação, a ciência, partindo da intuição, e com base sempre nela, tece uma rede de conceitos, cujos pontos nodais são as correlações fixas.

Este processo constata-se em história como em todos os outros campos. Simplesmente, pela sua própria natureza, e pelas condições especiais em que hoje ainda se encontra, as coisas passam-se aparentemente por forma diferente em história e, por exemplo, em física e matemática. Mas o conflito do Ser e do Devir existe em todas as ciências, matemáticas incluídas; e assim existe em todos os campos da vida humana.

* * *

Outra condição limitante fundamental deriva da irredutibilidade de Tyndall. Damos este nome a um velho problema, porque foi Tyndall quem melhor o colocou na posição em que, a meu ver, deve ser colocado, isto é, que não podemos afirmar dogmaticamente que espírito e matéria são irredutíveis, mas sim que não sabemos actualmente como operar tal redução.¹⁰

A irredutibilidade de Tyndall pode servir de base a uma classificação das ciências, agrupadas de forma diferente, conforme têm de atender ou não a este problema. Todo um grupo de ciências está, com efeito, condicionado pela irredutibilidade de Tyndall; outro grupo, pelo contrário, é independente deste problema. Estão neste caso as matemáticas, a física, a química, a astronomia, a botânica, a zoologia, a mineralogia, etc.: - em campo oposto, condicionados pelam irredutibilidade, encontramos a psicologia, as ciências jurídicas e morais e, finalmente, a História.

In the ebbs and flows of these movements there is a confused need for a new compromise to create a temporary and transitory stability. A stability that men seek, but only the game of historical forces can determine.

These phenomena are remarkable in every period of crisis, whether it is a period of growth or decline. The fundamental conflict between Being and Becoming is, thus, at the center of History itself. From my point of view, it limits and defines the field and processes of History. The Architectural design of societies is a reflection of the Being's conception; the evolutionary design of societies is a reflection of the Becoming's conceptions. Being and Becoming, on the other hand, are schematic entities rooted in their own data of vital intuition.

It is remarkable that this process is general. The notion of being, of existence, and other fundamental notions, concerning objective things, are a transposition to them from the fundamental intuitive data of existence. The "rock" exists: - this means that we pass over to the rock the notion of existence, given to us by a fundamental immediate intuition. And since this intuition is absolute, the objects also acquire an equal absolute sense. It doesn't matter that this object is a stone, a society, a historical system, or anything else: whether it is God or the Devil, the process is always the same. Afterwards, this transposition suffers a logical elaboration and a materialization that immediately leads us to the metaphysical; whilst science seeks to define the subject through simple fixed correlations, "building" the concepts above and beyond intuition, though keeping intuition in the root of those concepts.

In other words, while metaphysics, erudite or popular, tends to go directly from intuition to logical schematization and materialization, science, always based on intuition, weaves a web of concepts, whose nodal points are the fixed correlations.

This process is noted in history and in all other fields. It seems, though, things happen differently in history, than in physics or mathematics, due to the nature and special conditions under which they still are today. But the conflict between Being and Becoming exists in all sciences, including mathematics, and, therefore, it exists in all fields of human life.

* * *

Another fundamental limiting condition derives from Tyndall's irreducibility. In my opinion, it was Tyndall who better grasped and placed irreducibility where it should be placed. According to him, although we can't dogmatically state that spirit and matter are irreducible, we can assert that we don't know how to operate that reduction yet. **10**

Tyndall's irreducibility can be the basis for a classification of the sciences, which can be put together in different groups according to their connection to this problem. A group of sciences is, in fact, conditioned by Tyndall's irreducibility. Another group, on the contrary, is unrelated to this problem. This is the case of mathematics, physics, chemistry, astronomy, botany, zoology, mineralogy, etc. In the opposite side, conditioned by irreducibility, we find the psychological, legal and moral sciences, and finally History.

Vê-se imediatamente que as ciências mais perfeitas e evoluídas são aquelas que não são condicionadas pela irreduzibilidade de Tyndall: aquelas que, pelo contrário, têm de entrar em conta com esta condição, não ultrapassaram ainda hoje o estado de proto- ciências.

É que tal estado proto-científico resulta, em grande parte, precisamente das grandes dificuldades que a irreduzibilidade de Tyndall opõe à sua evolução e à sua completa emancipação como ciências. Tal problema está sempre presente, ocupa todo o campo destas proto-ciências e penetra-as em toda a sua profundidade.

A própria biologia se encontra nesta posição, como em outro local fizemos já notar, com a diferença apenas que o elemento «consciência» é neste caso substituído pelo de (vida-intuição), isto é, pela intuição fundamental de «vida»: problema este que está na base de todas as discussões e de todos os movimentos do chamado Vitalismo.

Podemos mesmo dizer que todas as ciências dependentes da irreduzibilidade de Tyndall jamais conseguirão ultrapassar o estado de proto-ciências sem primeiro resolver esta irreduzibilidade. Sem dúvida, os progressos das ciências irão sempre enchendo o fosso que separa o material do consciente; mas, no limite, encontramos sempre a irreduzibilidade. Ora, em todo o campo dos fenómenos da ciência, a aplicação dos seus métodos é incompleta e hesitante e sempre sujeita à infiltração de elementos não científicos.

A História é precisamente uma das ciências que mais sofre com a limitação de Tyndall: encontra diante de si, por toda a parte, esta barreira.

* * *

Outras categorias de condições limitam ainda as possibilidades científicas da História.

Em primeiro lugar, a verdadeira experimentação é impossível: a experiência, em História, é dada, e não orientada pelo experimentador.

Uma reforma social, uma revolução, podem ser consideradas como experiências realizadas; mas estas não são experiências científicas dirigidas.

Comparando certos fenómenos da história podemos considerar alguns como verificação ou negação experimentais de certas hipóteses, mas não somente a experiência assim elaborada é, como dissemos, dada, como também o seu campo é extremo limitado.

O historiador, sob o ponto de vista experimental, tem de limitar-se ao que lhe é oferecido pelo decurso da própria história, a qual não pode fazer variar a seu capricho com um fim científico.

Estas possibilidades encontram-se ainda muito limitadas pelo imperfeito conhecimento de certos factos, pela insuficiência ou ambiguidade de documentos, por incertezas múltiplas e pelas dificuldades de interpretação e de observação.

Se o observador examina a sua própria época, não tem o recuo perspectico suficiente; os erros de visão, as ilusões de perspectiva são então quase fatais. Encontra-se na situação de alguém que, ignorando a perspectiva, tentasse descrever de muito próximo um grande e complicado edifício. Se utiliza factos antigos, vistos por outrem, ou documentos, a crítica mostra-lhe que estes se encontravam, face aos acontecimentos seus contemporâneos, precisamente na mesma posição.

It is immediately obvious that the more perfect and advanced sciences are, the less they are subjected to Tyndall's irreducibility. Those that, by contrast, are subdued to this condition have not yet passed the state of protoscience.

Such protoscientific state results from the huge difficulties opposed to their development and complete emancipation as sciences, by Tyndall's irreducibility. This problem is always present, occupying the entire field of these protosciences and penetrating them to their core.

Biology itself is in this protoscientific state, as we have already noted elsewhere, with the difference that the element of "conscience" in this case is replaced by (life-intuition), that is, by the fundamental intuition of "life". This issue is the basis of all discussions and movements of Vitalism.

We can even say that all the sciences that depend on the irreducibility of Tyndall will never exceed the state of protoscience without solving said irreducibility. Undoubtedly, the progress of science will always fill the gap between material and conscious; however, in the end, we always find irreducibility. In any field of the phenomena of sciences, the application of their methods is incomplete, hesitant and always subject to the infiltration of non-scientific elements.

History is precisely one of the sciences that suffer most from Tyndall's limitation: in History this barrier is everywhere.

* * *

Other categories of conditions also limit the scientific possibilities of History.

First of all, true experimentation is impossible: in history, experience is given, not driven by him who experiments.

A social reform, a revolution may be regarded as experiments, but these are not scientifically oriented experiments.

Comparing certain phenomena of history, we can consider some as experimental verification or denial of certain hypotheses. Nevertheless, such experience is given, not driven by someone, and its field is extremely limited.

Under the experimental point of view, the historian must limit himself to what is offered to him by the course of history, which he can't alter at his whim for a scientific purpose.

These possibilities are still very limited by the imperfect knowledge of certain facts, the insufficiency or ambiguity of documents, and by many uncertainties and difficulties of interpretation and observation.

If the observer is studying his own time, he doesn't have enough perspective. The errors of vision, the illusions of perspective are almost fatal. It is like someone who, ignorant of perspective, tried to describe a large and complicated building, observing it at a close-range. If he uses old facts or documents, seen by others, it is clear that these others were in exactly the same position as he is in relation to contemporary events.

Se, pelo contrário, se serve de documentos de épocas passadas, tais como monumentos arquitectónicos, escultóricos ou literários, encontra-se em face de interpretações difíceis, em que o coeficiente de erro pessoal é enorme.

Nestas circunstâncias, põe-se o problema de saber se em História existem «leis». Hume diz a este respeito que, se a essência das leis naturais se resume na experiência de sucessões de factos que sucedem rigorosamente, numa «legalidade» da ordenação dos factos, o mesmo sucede em História.

Muitos outros autores sustentam a mesma opinião.

Schneider, por exemplo, escreve:¹¹ «leis são sucessos repetidos de factos no tempo, que encontramos no objecto da experiência, e apreciamos-las porque permitem fazer predições para o futuro e deduções para o passado.

«Associamos estas séries de factos com ideias que, por seu turno, tomamos do objecto; a imagem protótipo de qualquer consideração causal é o homem que faz ou provoca alguma coisa; a de qualquer consideração evolutiva, é o germe que se desenvolve; destes casos primários de causalidade e evolução, que incluso expõem processos de repetição indefectível, até aos casos em que uma imagem apenas é imposta a outros a grandes traços, para fazê-los frutíferos de alguma maneira (causalidades na mecânica de associação de Psicologia, evolutividade na evolução da Terra e da configuração da sua superfície na Geologia), temos todas as transições que estão mais próximas ou longínquas das coisas primárias. Uma lei tem naturalmente tanto mais valor quanto com mais segurança está fixada; isto é, quanto mais podemos confiar nas predições e deduções que sobre ela podem ser fundadas. O material ideal para a dedução de leis deve oferecer um processo, uno e sempre o mesmo, em todos os casos que sejam postos de tal maneira que ele, sobre o que nele se repete indefectivelmente, possa ser investigado exactamente e ser submetido sempre a um novo exame: nele pode obter-se, finalmente, uma segurança absoluta nas predições e deduções. Um material deste género é o objecto de experiência da Ciência da Natureza: um caso livre apresenta-se com infinita frequência, quer seja o desenvolvimento de um ser individual, de uma planta ou animal; pode observar-se: e mais, bastará prepará-lo e fazê-lo operar sob certas condições («experiência»). Por essa razão, as leis da Natureza são leis ideais, sem excepções e com aplicações seguras.

«Na História evolutiva da Humanidade não há processos que se repitam com frequência indefinida; e já é muito que possamos demonstrar em conjunto o mesmo decurso do sucesso histórico em uma ou duas dezenas de povos.

«Não existe igualmente uma possibilidade de provocar repetições desejadas, de proceder experimentalmente. As predições baseadas em tão poucos casos são naturalmente sempre sem segurança; a sua segurança, além disso, é limitada ainda pelo facto de que a conduta é o núcleo da História evolutiva das nações como de todos os sucessos históricos; casualidades incalculáveis podem entrar em jogo (um génio, por exemplo Goethe, que não receba educação ou morra jovem); além disso, a liberdade de conduta humana faz duvidosa aqui qualquer normalidade. A este respeito devemos-nos resignar ante o facto de que as leis de desenvolvimento dos povos só com toda a cautela podem utilizar-se para predições; porém, queremos conhecê-las. Simplificam-nos a visão do conjunto de material histórico e facilitam-nos a sua compreensão e retenção; abrem-nos perspectivas sobre o que de bem e de mau nos há-de suceder segundo as leis;

If, on the other hand, the documents are from the past, such as architectural, sculptural, or literary monuments, the interpretation is difficult and the coefficient of personal error is enormous.

In these circumstances, the question is, are there “laws” in History? Hume says that if the essence of natural laws boils down to the experience of successive events in a “legal” order of facts, the same thing happens in History.

Many authors share the same opinion.

Schneider, for example, writes: **11** “laws are repeated facts in time, found in the object of experience, which we appreciate because they allow us to make predictions for the future and deductions from the past.

“We associate these sets of facts to ideas that we take from the object. The prototype image of any causal consideration is man doing or causing something; the prototype of any evolutionary consideration is the developing germ; from these primary cases of causality and evolution, that expose processes of infallible repetition, to cases where only one image is imposed on others in its broad outlines, to make them fruitful, (causality in the mechanism of association, in Psychology, evolutionism, in the evolution of Earth and configuration of Earth’s surface, in Geology), we have all the transitions that are close or distant from the primary things. Obviously, a law has more value, the more securely it is fixed, that is to say, the more we can rely on predictions and deductions that may be based on it. The ideal material for the deduction of laws should provide a process, which is one and the same, to investigate and subject to further examination that material regarding what is incessantly repeated: in this material we can, finally, reach an absolute certainty in predictions and deductions. Such material is the object of experience in the Science of Nature: a free case presents itself with infinite repetition, whether it is the development of an individual, of a plant or animal. It can be observed: moreover, preparing it and making it operate under certain conditions (“experience”) will be enough. For this reason, the laws of Nature are ideal, with no exceptions and with secure applications.

“In human evolutionary History there are no indefinitely repeated processes; the fact that we can demonstrate the same course of historical success in one or two dozen nations is amazing enough.

“There isn’t the possibility to behave experimentally or cause intentional repetitions. Predictions based on such few cases are always unreliable. Moreover, their reliability is yet limited by the fact that conduct is the core of the evolutionary History of nations and all historical events; incalculable hazards may interfere (a genius, Goethe, for example, receiving no education or dying young); moreover, the freedom of human conduct makes any normality seem doubtful. In this regard we should resign to the fact that the laws of the development of nations should only be used for predictions with extreme caution; yet we want to know them. They give us a clear vision of the whole historical material making it easier to understand and retain; they also put into perspective the good and bad that, according to the law, will happen to us;

a própria consciência de que estas perspectivas são inseguras deve pôr-nos de sobreaviso para que não as deixemos vir, ficando inactivas; somos livres, podemos realizar esperanças ainda quando a lei as apresente como longínquas; e podemos afastar temores que a lei suscite, ainda quando propriamente tenham de cumprir-se de uma maneira necessária.»

Notemos que Schneider, apesar de autor contemporâneo, não faz intervir na discussão os modernos conceitos de «lei» e a crítica a que esta noção tem ultimamente sido sujeita.

A concepção das leis estatísticas, a forma nova dada à lei da causalidade pela mecânica dos quanta, tal como a formulam Born, Heisenberg, Dirac, etc.; as discussões sobre o determinismo, sobre o princípio e limites da causalidade,¹² etc., etc. são factos que o historiador tem hoje de considerar em relação à sua ciência.¹³

Mas convém notar, por outro lado, que a história é não somente, hoje ainda, uma proto-ciência, mas também que, mesmo nos seus sectores mais objectivados, como ciência está ainda numa forma muito embrionária e hesitante. Assim, os progressos das ciências que deram origem às concepções e discussões referidas não podem ainda ser hoje integrados na história; esta segue de muito longe esse progresso.

O grande coeficiente de erro pessoal, a impossibilidade de experimentação e outros factos acima assinalados, fazem com que estas leis históricas, apresentadas por muitos autores, tenham um valor muito relativo e uma segurança muito discutível. Na realidade, a história tateia ainda à procura das suas leis; o que se encontra nos autores não passa, em geral, de possibilidades de leis; leis possíveis, mas não confirmadas.¹⁴

the awareness of the unreliability of these perspectives should warn us to not let them appear, making them inactive; we are free, so we can have hopes even when the law shows them as distant; and we can put aside any fears created by the law, even if they necessarily have to be fulfilled.

Note that Schneider, despite being contemporary, does not introduce in the discussion the modern concepts of “law” and the criticism that this notion has lately been subjected to.

The concept of statistical laws, the new form given to the law of causality by quantum mechanics, as formulated by Born, Heisenberg, Dirac, etc., the discussions about determinism, the principle of causality and its limits, **12** etc., etc., are facts which historians have now to consider in relation to their science. **13**

However, it should be noted that history is, still today, not only a protoscience, but also that, as a science, it is still in an embryonic state, even in its more objectified sectors. Thus the progresses of sciences that led to these concepts and discussions can’t yet be integrated in History, which follows this progress at great distance.

The high coefficient of personal error, the impossibility of experimentation and other facts noted above, cause these historical laws, presented by many authors, to have quite relative value and questionable reliability. In fact, History still gropes in search of its laws; usually, what is found in the authors is nothing but possibilities of laws; possible but unconfirmed laws. **14**

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Os sistemas históricos

Generalidades

Os sistemas históricos a que chamamos Civilizações, aparecem, persistem um período de tempo mais ou menos longo, e desaparecem. Este facto é independente de qualquer ponto de vista especulativo ou de qualquer filosofia da história. Pode ser sujeito a críticas variadas, de tipo heurístico ou sofisticado, ou discutido com subtilezas escolásticas; tais críticas, porém, em nada modificam a sua existência, como facto.

A constatação pura e simples deste dado permite-nos chegar a consequências importantes, e sobre elas fundar um certo número de conclusões fundamentais para o nosso tema.

O simples facto de tais sistemas aparecerem, se constituírem, persistirem um certo tempo, depois lentamente desaparecerem, mostra-nos que esses sistemas descrevem um curva histórica representando uma evolução.

O estudo destas curvas parece-nos fundamental em história.

Mas a curva não deve, a meu ver, ser definida por critérios de valor. Estes são pessoais e subjectivos, e, assim não podem marcar os pontos de uma curva objectiva. Se, por exemplo, dizemos que a literatura e a arte ou a filosofia de um dado período é superior ou inferior à de um outro período, empregamos logo um critério falível, subjectivo, que pode conduzir, conforme as apreciações, a muitas formas de curvas. Não há para estas valorizações, como dissemos noutro trabalho,¹⁵ nenhum estalão de medida, a não ser o juízo colectivo dos tempos. Assim, nenhum ponto marcado por este processo pode ter qualquer valor objectivo, nem a curva definida por tais pontos qualquer significação.

Os elementos objectivos não podem ser utilizados em história com a precisão das ciências naturais; e isto porque, entre outras razões, mesmo quando sabemos que um factor numérico está em jogo, é muito difícil precisá-lo. Assim sabemos que a cidade de Roma cresceu, depois decaiu: mas não podemos reduzir a números precisos este fenómeno. Não dispomos, em suma, de dados estatísticos e de elementos numéricos exactos, que permitam traçar curvas precisas. No entanto, muitos fenómenos históricos, considerados globalmente, têm um valor suficientemente objectivo e, em certos casos, dentro de certos limites, podem ser utilizados sob o ponto de vista quantitativo. Por outro lado, não podemos pôr inteiramente de parte as valorizações devidas ao juízo colectivo dos tempos. Este juízo colectivo quantifica, de certo modo, as reacções emotivas da humanidade, e este é o único estalão que se pode aplicar à valorização das artes e das literaturas.¹⁶

PART ONE

CHAPTER I

The historical systems

Generalities

The historical systems we call Civilizations last for longer or shorter periods of time, and disappear. This fact isn't related to any speculative point of view or philosophy of history. It may be subjected to heuristic or sophistical criticism, or even discussed through scholastic subtleties; however, such criticism doesn't change its existence as a fact.

The pure and simple realization of this information allows us to grasp important consequences and a number of key findings for our subject.

The mere fact that such systems appear, are constituted, persist for a while, then slowly disappear, shows us that these systems describe an historical curve representing an evolution.

From our point of view, the study of these curves seems fundamental in history.

But, in my opinion, the curve should not be defined by value criteria. These are personal and subjective and, thus, can't be loyal to an objective curve. If, for example, we admit that literature and art, or philosophy of a given period are superior or inferior to those of another period, we are immediately using an unreliable and subjective criterion, which may lead, depending on assessments, to different shapes of curves. As we have already stated in another paper, **15** there is no measuring standard for these valuations besides the collective judgment of time. So, neither the points defined by this process have any objective value, nor the curve defined by these points has any significance.

The objective elements can't be used in history with the precision of natural sciences; because, among other reasons, even when we are certain that a numerical factor is at stake, it is very difficult to specify it. Therefore, we know that the city of Rome expanded, and then declined: but we can't reduce this event to precise numbers. In short, we don't have any exact statistical and numerical elements to draw a precise curve. However, in some cases, many historical phenomena, when analyzed as a part of a whole, have a sufficiently objective value and can, within certain limits, be used quantitatively. On the other hand, we can't entirely put aside the valuations created by time's collective judgment. In a way, this collective judgment quantifies the emotional reactions of humanity, and this is the only measuring standard that can be applied to the appreciation of arts and literature. **16**

Certos historiadores actuais, Schneider, por exemplo, 17 insistem sobre a aplicação à história da curva que poderíamos chamar de tipo biológico ou curva biológica: «quando Hegel diz que o espírito se desenvolve, que no compasso de três tempos (tese, antítese, síntese) emerge do material para a consciência da liberdade, e se eleva a uma liberdade consciente de si própria; quando fala da astúcia da razão que sabe pôr as paixões humanas ao serviço de seus objectivos superiores, isto significa, em realidade, o anunciar das primeiras proposições claras sobre o «quê», o «como» e o «de que maneira» da evolução, os quais em sua exegese se aproximarão mais da experiência ordinária; porém, o conjunto adquire o carácter de poesia ideológica, sublime de intenso colorido religioso, e, desta maneira, não se presta em detalhe a uma comparação seriamente experimental. Creio que hoje é possível levar mais longe o trabalho de Hegel até dar-lhe o seu último carácter de ciência especial, transformando seus postulados para a história evolutiva da Humanidade em conclusões objectivas acerca do que pode ser e fazer a consideração evolutiva no material da História da Humanidade. Trata-se de uma parte da teoria da Ciência, teoria de elaboração em qualidade, de teoria de formação de conceitos, aplicada ao campo de uma ciência especial determinada: a História.» Depois de várias considerações sobre a elaboração do objecto da experiência, o autor acrescenta: «quando falamos de evolução, agita-se em nossa frente a imagem de uma planta, de um animal, de um homem, de um ser individual que, partindo de um germe, cresce por fecundação, alcança sua maturação plena, decai e morre. É este o protótipo de toda a evolução. Porém, em nossa formação de conceitos, não nos limitamos a este protótipo; podemos ampliar o conceito de evolução, como temos feito. E assim falamos de «evolução das nebulosas da Terra, dos mundos animal e vegetal, e da Humanidade»; isto é, consideramos sob a imagem da evolução determinados processos no tempo, que se repetem indefectivelmente (no mundo dos astros) ou que apenas sucedem uma vez, porém com segurança. Alguma coisa que em princípio nada tem que ver com a evolução é tratada como se fora evolução, aplicando a um processo uma imagem, a um ser inerte, a Terra, uma imagem tomada do mundo dos seres vivos, e muitos seres individuais viventes, que vivem coetânea e sucessivamente, a muitas classes de animais e a homens, uma imagem que se obteve tendo como base um só indivíduo vivo. Uma translação de imagem como esta é perfeitamente admissível para os objectivos da formação de conceito; em qualquer formação de conceitos trabalhamos com elementos livremente agregados (e também com uma imagem na apreciação causal: a do homem activo), apenas se requer uma condição: que a translação seja frutífera. A translação de imagem de evolução dos seres vivos, tomados como protótipos, para os inertes e para os seres integrais, tem dado resultados fecundos: não somente nos proporcionam uma visão homogênea de conjunto sobre o mundo dos astros, das plantas e dos animais, incluindo nestes o homem, senão também uma lei de formação dos astros e o conhecimento de que as espécies vegetais e animais nasceram umas das outras no tempo e corporalmente; a descoberta de que qualquer indivíduo animal toma ascencionalmente em seu desenvolvimento uma série de formas animais «inferiores», faz tomar seriamente, baseado no livre jogo do conceito de evolução em Biologia, que se considerem como necessários, sujeitos a uma lei, processos evolutivos com sentido mais profundo, que se repetem indefectivelmente, e faz também com que se conceda, mais do que o valor do seu mero sistema humano de ordenação, o valor de um «sistema natural» à série de espécies do mundo vivo.

Some historians today, like Schneider, for example, 17 insist on the application of the so-called biological curve to history. “When Hegel says that the mind develops, in a three time cadency (thesis, antithesis, synthesis) emerging from the material into the awareness of freedom, rising to a freedom that is aware of itself; when he talks about the cunning of reason which puts human passions at its service for the purpose of its higher goals, this really means, the announcing of the first clear propositions on the “what”, the “how” and the “in what way” of evolution, which, in their exegesis will grow closer to the ordinary experience. However, they acquire a nature of ideological poetry and intense religious color, not giving in to a seriously experimental comparison. I believe it is now possible to take Hegel’s work further until it reaches the state of special science, transforming its principles of evolutionary history of Mankind into objective conclusions about what the evolutionary consideration may bring to the History of Mankind. It is a part of the theory of Science, theory of development in quality, theory of the creation of concepts, applied to the field of a special science: History.” After several considerations on the elaboration of the object of the experience, the author adds: “when we speak of evolution, we see before us the image of a plant, an animal, a man, an individual, that grows from a germ, by fertilization, reaches his full maturity, decays and dies. This is the prototype of all evolution. However, when creating our concepts, we do not limit ourselves to this prototype. We can, and we have, extended the concept of evolution. And so we speak of “the evolution of Earth’s *nebulae*, of animal and plant world, and of Mankind”, i.e., under the image of evolution we consider certain processes in the flow of time that are incessantly repeated (as in the star world) or that only happen once, yet safely. Something that normally has nothing to do with evolution is treated as if it was evolution, when linking an image to a process, the Earth to an inert being, an image of the living world and many individual living beings coexisting and consecutively living in it, to several animal species, and men to an image obtained based on a single living individual. The translation of this image is perfectly acceptable for the purposes of concept creation. In any concept creation we work with freely aggregated elements (and also with an image in causal terms: the active man). Only one condition is required: that the translation is fruitful. The translation of the image of evolution of living beings, as prototypes, to the inert and integral beings, has reached fruitful results: not only does it give us an homogeneous vision of the world of the stars, plants and animals, (men included), but it also provides us with a law of the formation of the stars and the knowledge that plant and animal species were born from one another in time and in matter. The discovery that any individual animal adopts a series of “lower” animal forms throughout its development, forces us to deem necessary, and to subject to a law, the deeper evolutionary processes, that are incessantly repeated, in this biological game of the concept of evolution. And more than the value of its mere human system of organization, this discovery also adds a value of “natural system” to the number of species of the living world.

Igualmente a História evolutiva da Humanidade é regida pelo princípio de que o indivíduo em sua evolução espiritual repete abreviadamente o caminho que foi percorrido pela Humanidade em sua cultura total até chegar ao seu povo e a sua época.»

Definidos estes pontos de vista, o autor põe o problema da forma de trasladar a imagem da evolução individual de um ser animado para a Humanidade como conjunto e para os seus produtos de cultura, concluindo por dizer «que o homem, como soma de todos os indivíduos humanos produtores de cultura, corresponde, na História evolutiva da cultura da Humanidade, quando esta é considerada evolutivamente, ao ser individual dos desenvolvimentos individuais; ele desenvolve-se e ele cria a cultura.»

Fizemos já, na primeira parte deste livro, a crítica geral do conceito de evolução. Aqui faremos apenas notar, a propósito dos pontos de vista de Schneider, que, se é facto que os conceitos têm a sua origem na intuição, sofrem depois elaborações complexas que, sem cortar por completo as raízes intuitivas, os objectivam propriamente. Tais conceitos são construídos progressivamente, e esta construção complexa tende a afastar-se gradualmente da noção primordial intuitiva. Esta elaboração torna-se manifesta na tectónica do conceito, cujas superestruturas, muito embora sempre ligadas às bases intuitivas, têm, no entanto, já uma certa significação independente.

Para documentar esta tectónica dos conceitos, teríamos de considerar aqui a ciência inteira, incluindo as matemáticas cujos conceitos obedecem às leis tectónicas gerais; e, nos últimos cinquenta anos, a evolução das ciências põe estes factos em evidência com particular relevo. O que dissemos basta, por agora, para fazer compreender o nosso ponto de vista, oposto ao de Schneider.

Com efeito, em vez de transportar para os Sistemas Históricos a imagem do ser vivo, e de encarar as suas curvas sob o ponto de vista biológico, apoiamo-nos apenas em elementos objectivos para com eles definir curvas objectivas. Tais sistemas aparecem, persistem um certo tempo, e desaparecem. Neste lapso de tempo, ocupam, no espaço, regiões quantificáveis, embora com as restrições já feitas. Com estes elementos é preferível traçar curvas sem o recurso a qualquer imagem antropomórfica ou sem o molde de curva biológica. Se, traçada a curva, esta apresenta um tipo biológico, podemos daí tirar certas conclusões; mas a situação é então inteiramente diferente do ponto de vista de Schneider e outros.

Os próprios termos «período áureo», «período de decadência», e análogos são de tipo psicológico e deveriam ser eliminados; no entanto, como o público está com eles familiarizado, não os abandonaremos por completo.

Isto não significa, de resto, que entre um Sistema Histórico e um organismo vivo não existam certas analogias, fáceis de estabelecer e até certo ponto úteis. Estas analogias são, porém, superficiais, sem uma verdadeira importância científica, por forma que não devemos jamais forçá-las.

Há, por outro lado, problemas biológicos inerentes aos Sistemas Históricos. Assim é manifesto que neles se dão fenómenos de acentuação ou diminuição de energia; outros, até certo ponto, comparáveis a uma fecundação, etc. Há problemas referentes ao Sistema como agregado, tais como movimentos emotivos e processos próprios que são dependentes do agregado como um todo, como síntese e não simplesmente como soma de indivíduos, um montão de elementos; fenómenos estes que, de resto, sob uma forma primitiva, aparecem já em certos agregados animais.

The evolutionary history of Mankind is also ruled by the principle that, in its spiritual evolution, the individual briefly repeats the path that was crossed by Humanity until it reaches its people and its time.”

Having defined these points of view, the author poses the problem of how to translate the image of the individual evolution of a living being to Humanity as a whole, and to its cultural products, ending with the phrase: “man, as the sum of all human individuals that produce culture, corresponds, in the evolutionary History of Human culture, when considered in evolutionary terms, to the individual being of the individual developments; he develops and he creates the culture.”

In the first part of this book we have already criticized the concept of evolution. Here we will only note, in the light of Schneider’s views, that although the concepts have their origin in intuition, they suffer complex elaborations, which objectify them, however keeping some of their intuitive roots. Such concepts are built progressively, and this complex construction tends to gradually move away from the original intuitive notion. This development manifests itself on the tectonics of the concept, whose superstructures, although always linked to intuitive grounds, have already some independent significance.

To document the tectonics of these concepts, we should consider every science, including mathematics whose concepts obey to general tectonic laws; in the last fifty years, the evolution of sciences brought these facts into light with particular emphasis. What we have said is enough, for now, to explain our point of view, which is opposite to Schneider’s.

Indeed, rather than transporting the image of the living being to the Historical Systems, and handle their curves from a biological point of view, we rely only on objective elements to define objective curves. Such systems arise, last for some time, and disappear. In this period of time, they occupy quantifiable areas in space, albeit with the previous restrictions. With these elements it is preferable to draw curves without the use of any anthropomorphic image or biological curve template. If the curve is drawn, presenting a biological type, we can infer certain conclusions; but the situation is entirely different from Schneider’s point of view.

The terms “golden period”, “period of decadence”, and other equivalents are psychological in nature and should be eliminated; however, as the public is familiarized with them, we won’t abandon them altogether.

This does not mean that there aren’t certain useful and easy to establish analogies between a Historical System and a living organism. However, these analogies are superficial, with no real scientific importance, so we should never force them.

On the other hand there are biological problems that are inherent to the Historical Systems. They manifest increase or decrease of energy. Others, to some extent are comparable to fertilization, etc. There are problems regarding the System as an aggregate, such as emotional movements and processes that depend on the aggregate as a whole, as a synthesis and not simply the sum of individuals or a pile of elements; these phenomena already appear in some animal aggregates, though in a primitive way.

Há pois problemas biológicos inerentes aos Sistemas Históricos considerados como um agregado e como um todo. Mas este facto em nada modifica o ponto de vista e a posição que estamos defendendo, e isto porque a biologia procura objectivar igualmente os seus conceitos. A evolução do conceito de vida faz-se do subjectivo para o objectivo, e toda a polémica do Vitalismo e Mecanismo gira em volta das condições muito particulares em que esta evolução se dá e das características tectónicas específicas do Conceito da Vida.

A evolução dos conceitos é pois a mesma em história em biologia, e não há razão para insistir, como faz Schneider, sobre a imagem da evolução individual de um ser vivo; porque mesmo que o sistema histórico fosse redutível a um ser biológico, estaríamos precisamente recaídos na objectivação dos conceitos biológicos, a que acabamos de fazer referência.

As curvas dos Sistemas Históricos devem pois ser estabelecidas fora do campo da sugestão de imagens a que se refere Schneider, marcando pontos definidos por coordenadas objectivas. Uma destas coordenadas é, evidentemente, o tempo; a outra é referente a elementos quantificáveis, embora de uma forma grosseira. Estes elementos quantificáveis são o número populacional do Sistema, a sua maior ou menor força construtiva e expansiva, a extensão especial ocupada, em suma, por uma curva de energia e de expansibilidade que pode ser definida por uma quantificação especial.

É manifesto que não podemos estabelecer estas coordenadas com a precisão de uma experiência física; tais coordenadas medem apenas elementos avaliados globalmente. O elemento «energia» do Sistema é, como se compreende, um termo vago, sem precisão conceitual e experimental, mas que exprime qualquer coisa de real; o elemento espacial que pode quantificar a energia expansional é, pelo contrário, um dado que pode ser precisado numericamente.

Mas a expansão de um Sistema Histórico é um fenómeno complexo que não se limita a uma expansão espacial. Pode consistir numa expansão espiritual, intelectual ou artística, conjugada ou não com uma expansão territorial, por conquista ou colonização.

Estas e outras condições a que temos de atender não impendem, porém, que, de uma forma global e à custa de uma certa esquematização indispensável, possamos encontrar para os Sistemas Históricos, pelo processo referido, isto é, graças a coordenadas quantificáveis, curvas objectivas.

Curvas dos Sistemas Históricos

O primeiro ponto da curva de um Sistema Histórico é definido por uma lei já conhecida da História actual.

Qualquer cultura nova, diz Schneider, surge de uma nova mescla de sangue, sendo a sua aparição sempre precedida da emigração de um povo estranho (geralmente sob forma de invasão).

O povo emigrante das grandes emigrações de povos germânicos, semíticos e tártaromongólico, cresceu sempre depurado, pelo que é idêntico nos diversos tipos que criou em seu isolamento no norte da Europa, na Arábia e no interior da Ásia, estéril para novas obras de cultura em sua pátria e no país conquistado, quando puro e sem mescla.

In conclusion, there are biological problems intrinsic to the Historical Systems as an aggregate and as a whole. But this does not alter our point of view because biology also seeks to objectify its concepts. The evolution of the concept of life starts from the subjective to the objective, and all the controversy of Vitalism and Mechanism revolves around the very particular conditions in which this evolution takes place and the specific tectonic features of the Concept of Life.

The evolution of concepts is, thus, the same in history and biology, and there is no reason to insist, like Schneider does, on the image of the individual evolution of a living being; because even if the historical system was reducible to a biological being, we would precisely relapse into the objectification of the biological concepts we have just referred.

Historical Systems' curves should, therefore, be established outside the field of image suggestion that Schneider refers to, through points defined by objective coordinates. One of these coordinates is, of course, time; the other is related to quantifiable elements, albeit in a crude way. These quantifiable elements are the population of the System, its higher or lower constructive and expansive force, the spatial extension it occupies; in short, it should be defined through a curve of power and expandability that can be defined by a particular quantification.

It is clear that we can't establish these coordinates with the precision of a physical experience; such coordinates only measure elements assessed as a whole. The "energy" element of the System is, understandably, a vague term, without conceptual and experimental precision, but it expresses something real; the spatial element that can quantify the expansive energy, on the contrary, is one that can be numerically specified.

But the expansion of a Historical System is a complex phenomenon that is not limited to a spatial expansion. It may consist in a spiritual, intellectual or artistic expansion, combined or not combined with territorial expansion, through conquest or colonization.

These and other conditions that we must take under consideration don't mean that, in a comprehensive manner and at the expense of some essential schematization, we can't find objective curves for the Historical Systems, by the process above, i.e., through quantifiable coordinates.

Historical Systems' Curves

A law that is well known in today's History defines the first point on the curve of a Historical System.

Schneider believes any new culture comes from a new mixture of blood, and is always preceded by the emigration of an alien people (usually in the form of an invasion).

The emigrant people of the great migrations of the Germanic, Semitic and Tatar-Mongol people, grew ever purified; therefore, it is identical in every type whether generated in their isolation in northern Europe, Arabia, and inland Asia; sterile to the new culture in their homeland and in the conquered country, when pure and unalloyed.

Os povos receptores, cujo sangue não era totalmente estranho aos emigrantes (geralmente continham já elementos mais antigos de igual origem), foram sempre povos civilizados que tinham ultrapassado já a época criadora, que estavam «esgotados», isto é, que se achavam a caminho de viver isoladamente, se bem que a homogeneidade não tivesse alcançado a intensidade dos invasores. A nova cultura surge de ambos os elementos, depois de uma mistura profunda que, após o transcurso de vários séculos, deve eliminar totalmente as particularidades de ambos, em locais decisivos.

Schneider define mesmo «cultura» como produto de homens que provém de uma mistura de sangue.

«Começa um novo povo aí onde tem lugar uma emigração a que se segue uma mistura com elementos nacionais mais antigos; finda igualmente com uma emigração. É claro que nem de toda a emigração deve sair necessariamente uma «nova» cultura, um realce da antiga; muitas mesclas sanguíneas são absorvidas pela antiga em que se formam, sem chegar a constituir uma particularidade nova. Por outro lado, pode acontecer que não chegue a haver emigração, e então o povo antigo prossegue na vida indefinidamente, faz-se cada vez mais homogéneo, mais puro em seu carácter, sem que por isso deva perecer.

Os monumentos da cultura assim delimitados formam três grupos: temos monumentos da época de formação da nova nacionalidade, produzidos na época de emigração de seus elementos nacionais até à aparição do primeiro poeta clássico, no qual aparece já ultimada em seu carácter a nacionalidade recém-formada; em segundo lugar, monumentos de época criadora desta nacionalidade, produzidos pelos seus primeiros clássicos em todos os campos e pelos seus mais importantes sequazes na Arte, na Ciência e na Técnica; e, finalmente, monumentos ulteriores, nos quais se encontra esgotada já a força criadora e onde só encontramos homens que aprenderam a fundo um tipo médio de obra, de técnica e de estilo, tipo que, como filho de aprendizagem, é homogéneo.»

Schneider compara estes cruzamentos de povos a uma fecundação: «pode comparar-se o encontro dos povos antigos com o do ovo e do espermatozóide; de sua reunião sai um novo ser: primeiro uma criança, sem obras próprias; depois o aprendiz, o oficial, etc.».

Dissemos já quanto estas comparações são superficiais, razão por que não devemos abusar delas; e por esse motivo limitamo-nos à constatação de um facto que, pela sua constância, parece ter a categoria de uma lei.

Schneider procura estabelecer uma outra lei, segundo a qual o fim do período de incubação de uma cultura vai desde a mescla primordial de povos até ao aparecimento do primeiro poeta clássico. Segundo o autor, o prazo regular desde o começo da mescla de sangue até ao aparecimento da nova cultura é de 500 a 600 anos, tanto na Europa moderna, como, outrora, na Grécia, em Roma e na antiga China. No que diz respeito ao Egipto e Babilónia, Índios e Chineses, «reconheceu-se que não nos encontramos ante uma nacionalidade, mas apenas com mesclas de sangue sempre novas, que estão relacionadas com diversas emigrações de povos; apenas se deve assinalar uma novidade ao deduzir a consequência de que, em cada um, nos achamos ante uma cultura nova, que floresce com base na mescla sanguínea, ainda que sob a influência da adopção da anterior; o quadro exterior continua sendo o mesmo, e raramente se progride alguma coisa esse ultrapassa o ponto culminante anterior (como sucede nas épocas dos Tang e dos Sung).»

The recipient peoples, whose blood was not totally foreign to emigrants (usually they already contained elements of former emigrations), were always civilized people who had already exceeded the time of creation, and were “exhausted”, i.e., were prepared to live in isolation, although their homogeneity had not reached the intensity of their invaders’. The new culture emerges from both elements and, after a profound mixture that lasts for centuries, it should completely eliminate the characteristics of both, in particular locations.

Schneider defines “culture” as a product of men that comes from a mixture of blood.

“A new people are born when there is emigration followed by a mixture of older national elements; it also ends with emigration. Obviously, not all emigration must necessarily create a “new” culture, a highlight of the old; many blood mixtures are absorbed by the older one in which they are born, without originating a special new form. On the other hand, there may not even be emigration, and then the ancient people lives on, indefinitely, becoming more homogeneous, more pure in its character, without being forced to perish.

The monuments of culture are, therefore, divided in three groups: monuments from the time of formation of the new nationality, produced at the time of emigration of its national elements until the appearance of the first classical poet, whose character is already marked with newly-formed nationality; monuments from the creative period of this nationality, produced by their early classics in all fields and by their most important artisans in Art, Science and Workmanship; and finally, subsequent monuments, in which the creative force is already exhausted and where we only find men who have learned an average type of work, technique and style, which is homogeneous because it derives from apprenticeship”.

Schneider compares this cross-breeding between different peoples with fertilization: “we can compare the union of ancient peoples to the union of the egg and the sperm; out of which a new being is born: first a child, without accomplishments, then the apprentice, the officer etc....”

As we have already said, these comparisons are superficial, that is why we should not misuse them; and for this reason we limit ourselves to state a fact which, due to its constancy, appears to have been categorized as a law.

Schneider tries to establish another law, whereby the end of the incubation period of one culture ranges from the primordial mixture of peoples to the appearance of the first classical poet. According to the author, the average time span between the beginning of the blood mixture and the emergence of a new culture is regularly of 500 to 600 years. It is so in modern Europe as in former Greece, Rome and in ancient China. In what concerns Egypt and Babylon, Indians and Chinese, “it was acknowledged that we are not in the presence of a nationality, but only of new mixtures of blood, which are connected to the different migrations of peoples; we should only point out that we are not always in the presence of a new thriving culture founded on mixed blood and influenced by the former one; the appearance is the same, but even if there is some kind of progress, it rarely exceeds the previous peak (as it did with the Tang and the Sung).”

Em resumo: segundo esta lei, «podemos afirmar perfeitamente que existe uma relação cronológica fixa entre o começo de fusão de raças e a entrada de uma cultura em seu florescimento; regularmente transcorrem 500 a 600 anos entre ambas; é esta a duração do período de formação de uma nova nacionalidade até ao aparecimento do seu primeiro grande poeta.»

A este período, que o autor chama «época de formação», sucede a «época de criação.» No decurso desta época «estão incorporados os grandes poetas e pensadores, artistas e investigadores e homens de acção, os quais criam e aplicam uma nova actividade de formação. De novo se acha um normativismo na duração e articulação de esta época: a fertilidade de uma nova nacionalidade em espíritos criadores dura de 300 a 350 anos.»

* * *

Estas leis são insuficientes no que diz respeito aos Sistemas Históricos a que chamamos Civilizações.

Em primeiro lugar, temos de considerar estas fora do quadro da nação, não somente porque as grandes civilizações ultrapassam este quadro, mas ainda porque o conceito e a orgânica da nação é moderna e o resultado de uma longa evolução.

Não alongaremos, de resto, o texto com definições inúteis de civilização em geral ou em especial; todos compreendem perfeitamente aquilo de que se trata ao dizermos «civilização egípcia», «grega», «romana» ou «europeia», etc. Cada uma destas civilizações, bem definidas, é caracterizada, entre outras coisas, por uma criação arquitectónica igualmente bem definida.

Sabe-se, com efeito, que a arquitectura é a expressão mais completa e definida de uma civilização: há tantos tipos definidos de arquitectura, quantos os tipos de civilização.

Mais do que a literatura e a filosofia, a arquitectura exprime, em síntese, uma civilização; assim o monumento arquitectónico bem caracterizado pode ser considerado como o expoente típico de uma civilização. É ele um dos elementos capitais, um dos principais pontos de referência no estudo de um Sistema Histórico. Assim definiremos estes pelos seus tipos de arquitectura; e os monumentos arquitectónicos serão desta maneira um dos elementos capitais para estabelecer as coordenadas da curva objectiva desses Sistemas.

Aceitamos para estes Sistemas a lei que faz preceder qualquer Sistema Histórico de um cruzamento de povos. Este facto é evidente, e encontramos-lo, com efeito, no início de todos os Sistemas Históricos, como o encontramos actualmente em plena actuação na América, onde os elementos europeus se misturam entre si e, em certos locais, com os elementos autóctones. O primeiro ponto da curva de um Sistema Histórico será pois marcado por intermédio desta lei.

Os outros pontos principais serão marcados graças a coordenadas definidas pelas manifestações energéticas do Sistema, objectivados no seu movimento expansionista especial e de cultura.

In short, according to this law, “we can firmly assert that there is a fixed chronological relation between the beginning of the merging of different races and the beginning of a culture’s florescence; normally 500 to 600 years between the two; this is the duration of the formation period of a new nationality until the appearance of its first great poet.”

After this period that the author calls the “period of formation” comes the “period of creation”. This is the time of “great poets and thinkers, artists and researchers and men of action, which create and implement a new formation activity. Again we find a normative duration and articulation of this time span: the fertility of creative spirits in a new nationality lasts 300 to 350 years.”

* * *

These laws are insufficient when it comes to the Historical Systems we call Civilizations.

First, we must consider the later outside the framework of the nation, not only because great civilizations surpass this framework, but also because the nation’s concept and structure is modern and results from a long evolution.

We won’t prolong the text with useless definitions of civilization in general or in particular; everyone fully understands the concept of “Egyptian”, “Greek”, “Roman” or “European civilization” etc. Each of these well-defined civilizations is characterized, among other things, by an equally well-defined architecture.

It is known for a fact that architecture is the most defined and complete expression of a civilization: there are as many defined types of architecture as the number of different civilizations.

More than literature and philosophy, architecture is the exact expression of a civilization; so the well-characterized architectural monument can be considered as the exponent of a civilization. It is one of the main points of reference in the study of a Historical System. Therefore, we will define them by their types of architecture; and the architectural monuments will be one of the most important elements for the establishment of the coordinates of the objective curve of those Systems.

We accept the law that asserts that any Historical System is preceded by the mixing of different peoples. This fact is obvious, and we find it, in effect, at the beginning of all Historical Systems, and in America today, where European elements blend together and, in certain places, are mixed with indigenous elements. This law, therefore, rules the first point in the curve of a Historical System.

The other main points will be set by the coordinates defined through the energetic manifestations of the System, based on its special and cultural expansionist movement.

O começo e o «terminus» deste movimento expansional marcam dois pontos capitais, que dividem a curva do Sistema em 3 períodos: um primeiro período que vai do início ao ponto inicial deste movimento; um segundo período compreendido entre o primeiro e segundo ponto marcando este movimento, e, por fim, um terceiro período, que é o final.

Estes três períodos definem completamente, sob o nosso ponto de vista, a curva do Sistema Histórico. Este tem pois a forma geral da fig. I.

Inútil dizer que o 1o período corresponde ao que, numa imagem antropomórfica, se chamaria período juvenil, o 2o ao período áureo ou viril, e o 3o ao período senil ou de decadência. Empregaremos de preferência as designações objectivas; como, porém, as outras estão muito vulgarizadas, não as abandonaremos por completo.

O problema fundamental é agora o de determinar a relação existente entre estes períodos, se tal relação existe.

* * *

O segundo período (período áureo) da curva de um Sistema Histórico é definido, como dissemos, por coordenadas que quantificam, por forma mais ou menos precisa, extensões espaciais e potencialidades criadoras. Aquelas têm representação numericamente fácil; a potencialidade criadora é medida pela quantidade de monumentos literários, artísticos, filosóficos, etc.; pelo número dos génios criadores ou de acção, etc.

Fig. I

A potencialidade criadora é apenas quantificável, de uma forma global, pelo juízo colectivo dos tempos, expresso nas avaliações da história. Como tal, tem um valor objectivo; é uma reacção subjectiva colectiva, objectivada. A sua quantificação pertence ao tipo das mensurações globais, sem precisões numéricas possíveis e sem estalão de medida; o único processo de medida possível, como fizemos ver noutra obra,¹⁸ é o número de indivíduos que reagem e a quantidade desta reacção, valores que, na prática, são apenas possíveis de avaliação global.

É com estes elementos que, na história, podemos definir os chamados «períodos áureos.» A extensão espacial é uma coordenada muito mais precisa; porém, não podemos pôr de lado a coordenada imprecisa, representada pelo juízo colectivo dos tempos. Há, pois, na definição e delimitação do 2.o período, elementos que são caracterizados por uma grande precisão objectiva perfeitamente quantificável, pelo menos teoricamente, e elementos de uma precisão e valor objectivos relativos, e capazes de flutuação. Temos, assim, para a delimitação de 2.o período, coordenadas precisas e coordenadas imprecisas.

Além disso, é fácil de compreender que os pontos da curva que delimitam o período correspondem, na realidade, a largas manchas em cujo campo pode flutuar a marcação.

The beginning and “terminus” of this expansionist movement set two main points which divide the curve of the System in three periods: the first period, from the beginning to the first point of this movement, the second period between the first and second points that establish this movement and, finally, a third period, which is the final one.

These three periods completely define, from our point of view, the curve of the Historical System. This has the general shape of fig. I.

Needless to say that, in an anthropomorphic image, the first period corresponds to a juvenile period, the second period to the golden or virile period, and the third to the senile or decaying period. We will preferably use the objective descriptions; however, as the others are very popular, we will not abandon them altogether.

The fundamental problem is to determine the connection between these periods, if such connection exists.

* * *

The second period (golden period) of a Historical System’s curve is defined, as stated, by coordinates that quantify, in a more or less accurate manner, spatial extents and creative potential. Those are easily numerically represented; the creative potential is measured by the amount of literary, artistic and philosophical monuments, etc.; by the number of creative or active minds, etc.

Fig. I

The creative potential is only quantifiable, in a comprehensive manner, by the collective judgment of time, expressed in the evaluations of history. Therefore, it has an objective value; it is an objectified collective subjective reaction. Its quantification belongs to the quantification of global measurements without numerical precision or standard of measurement; the only process of possible measurement, as we said in another paper, **18** is the number of individuals who respond, and the amount of their reaction. In reality, these values can only be assessed as a whole.

With these elements we can define the so-called “golden periods” in history. The spatial extent is a much more accurate coordinate; but we can’t put aside the inaccurate coordinate, represented by time’s collective judgment. Therefore, in the definition and delimitation of the second period there are elements which are characterized by highly objective precision that can be quantified perfectly, at least theoretically, and elements of relative objective value and precision, capable of fluctuation. Thus, for the delimitation of the second period, we have accurate and inaccurate coordinates.

Moreover, it is easy to understand that the points of the curve, which circumscribe the period, actually correspond to large areas in which the delimitation may fluctuate.

A natureza bem conhecida dos processos históricos torna esta flutuação evidente, e não temos necessidade de insistir sobre o caso. Por outro lado, certos elementos, como a população dos Sistemas e de suas grandes cidades, que poderiam fornecer coordenadas numéricas precisas, são mal conhecidos e flutuam igualmente entre largos limites. Assim, a população da Roma antiga oscila, nos cálculos dos autores, entre três milhões e quinhentos mil habitantes.

Sucedem ainda que, por seu turno, as coordenadas de valor, que se referem à avaliação global da literatura, artes, filosofia, etc., conduzem a curvas que não coincidem por completo: o auge de umas precede, como é sabido, o auge de outras.

A este respeito, o facto mais importante que devemos tomar em conta é, a meu ver, o seguinte:

A curva da totalização de experiência, como temos feito notar em outros trabalhos, tem um carácter inteiramente especial; descreve através de toda a história um trajecto particular. Esta curva é sempre ascensional, abstracção feita das suas peripécias. Dos tempos pré-históricos aos tempos contemporâneos há uma ascensão contínua, determinada precisamente pela totalização. Assim, a curva passa de um Sistema para outro sem descensão; a partir de um certo ponto desintegra-se do Sistema para passar ao Sistema seguinte. A herança é assim transmitida integralmente de Sistema para Sistema; importam pouco para o caso os incidentes históricos que obscurecem o fenómeno, e as épocas em que a ciência, aparentemente, decaiu ou recuou.

Se tal herança se perdesse, a humanidade estaria, hoje ainda, na idade da pedra. Como é sabido, neste caso particular, todas as aquisições dos antigos foram, globalmente, transmitidas ao mundo moderno; e cada Sistema Histórico contribui para a ascensão gradual da curva.

Este facto tem, a meu ver, uma importância capital, que poremos em relevo noutra capítulo.

Por agora queremos apenas insistir em que a curva da totalização de experiência tem de ser considerada por uma forma especial no que diz respeito às curvas gerais dos Sistemas. Ao chegarmos ao período descensional destas curvas, a curva da totalização de experiência destaca-se do complexo e passa ao Sistema seguinte, directa ou indirectamente.

* * *

Se, com estes dados e estas reservas, fizermos o estudo das curvas dos principais Sistemas Históricos, constataremos imediatamente que o 2.º período ou período de formação do Sistema, isto é, aquele que vai do seu início, marcado pela lei dos cruzamentos étnicos até ao período áureo, é sempre muito mais curto do que o 1.º e 3.º períodos.

Assim, na Egêa, Grécia e Roma, o 1.º período dura mais de 10 séculos, enquanto o 2.º apenas 3 a 4 séculos.

O 3.º período é difícil de determinar em extensão; como veremos, devido ao fenómeno de engrenagem dos Sistemas, ele prolonga-se pelo Sistema seguinte, dissolvendo-se pouco a pouco nele. Finda, assim, por uma curva que baixa lentamente, tão lentamente que, a partir de certo ponto, a sua inclinação se torna quase nula. No entanto, globalmente, é tão extenso ou mais do que o 1.º período.

The well-known nature of historical processes makes this fluctuation so clear that there is no need to insist on it. On the other hand, certain elements, such as the population of the Systems and their major cities, which could provide precise numerical coordinates, are poorly known and also fluctuate between wide limits. Thus, in authors' calculations, the population of ancient Rome oscillates between three million and five hundred thousand inhabitants.

It turns out that, in turn, the value coordinates, which refer to the overall valuation of literature, arts, philosophy, etc., lead to curves that don't completely match: the peak of some obviously precedes the peak of others.

In my opinion, the most important fact we must take into account, in this regard, is the following:

The curve of the totalization of experience, as we have noted in other papers, has an entirely special character; it describes a particular trajectory throughout history. This curve is always ascensional. From prehistoric to contemporary times there is a continual ascension, precisely determined by totalization. Thus, the curve passes from one System to another without descending; from a certain point it disconnects from the System to move to the following System. Thus, the heritage is entirely passed on from System to System; the historical incidents that obscure the phenomenon and the times in which science apparently lost ground are almost irrelevant to this case.

If such heritage was lost, mankind would still be in the Stone Age. As it is known, in this particular case, the overall acquisitions of the ancients were transmitted to the modern world; and every Historical System contributes to the gradual ascension of the curve.

I believe this is a very important fact that we will develop in another chapter.

For now, we want to point out that the curve of the totalization of experience must be considered in a special way, in what concerns the general curves of the Systems. When we reach the descending period of these curves, the curve of the totalization of experience stands out from the complex and enters the following System, directly or indirectly.

* * *

If, with these data and reservation, we study the curves of the main Historical Systems, we will immediately realize that the second period, or formation period of the System, i.e., the one that goes from its beginning, marked by the law of ethnic crossings, to the golden period, is always much shorter than the first and third periods.

Thus, in Aegea, Greece and Rome, the first period lasts more than ten centuries, while the second only lasts three to four centuries.

It is difficult to determine the extent of the third period; as we shall see, due to the phenomenon of connection of the Systems, each one extends to the following System, finally and slowly dissolving in it. Therefore, they end in a curve that slowly descends; so slowly that, at a certain point, its slope is almost nonexistent. Nevertheless, overall, it is as long, or even longer, than the first period.

Nos casos acima citados, o período referido ultrapassa 10 séculos. Assim, podemos estabelecer igualmente que o período áureo é muito mais curto que o período chamado de decadência.

Em geral, o 2.o período é igual sensivelmente a um terço do 1.o ou 3.o períodos; por forma que, prescindindo mesmo de precisão numérica, podemos formular a seguinte lei geral: o 2.o período dos Sistemas Históricos (período áureo) é sempre muito mais curto do que o 1.o ou 3.o períodos (períodos de formação e de decadência).

Esta lei é capital, e vai-nos servir mais adiante para calcular a Idade da Europa, dado fundamental para o estudo da Crise actual.

CAPÍTULO II

Os Sistemas Históricos; suas curvas e cadeias; seus processos de articulação — Lei de formação das curvas

Os Sistemas Históricos formam, no tempo, cadeias articuladas, constituindo assim complexos de Sistemas. Estes grandes sistemas não estão, por seu turno, isolados; coexistem com outras cadeias de Sistemas, ou com povos num estado bárbaro ou mais ou menos atrasado. As cadeias de Sistema coexistentes no tempo estão, de resto, diversamente ligadas, e interferem formando conjuntos mais vastos que, por seu turno, coexistem com outros conjuntos análogos. A articulação destes conjuntos forma a História Geral.

Assim, a Egêa, Grécia, Roma e a actual Europa formam uma destas cadeias. Esta cadeia coexiste com o Sistema Árabe e coexistia outrora com outros sistemas, formando, por seu turno, cadeias de sistemas no Oriente próximo e longínquo.

O nosso estudo deve apoiar-se, sobretudo, na seriação [Egêa → Grécia → Roma → Europa], porque esta série forma precisamente a história cujo fluxo, no que diz respeito à Europa, conduz dos tempos pré e proto-históricos aos tempos actuais; forma o que podemos chamar a grande civilização greco-europeia. Mas tal série está conexas por interferências e relações mútuas com as civilizações judaica, babilónica, egípcia, indiana e árabe, de um lado, com as proto-civilizações bárbaras, do outro. Assim, a série forma um encadeado não isolado mas conexo com estes complexos.

A acção e reacção da cadeia greco-europeia com as cadeias com ela conexas é constante através dos tempos, mais íntima, porém, com certos sistemas do que com outros.

O Cristianismo, por exemplo, representa uma das interferências principais entre sistemas neste conjunto.

Entre estas cadeias de Sistemas existe, de resto, não somente interferência e acção, mas rivalidade e conflito, que visam, em geral, a uma hegemonia ou supremacia. Assim, durante um certo período, a hegemonia esteve hesitante entre a cadeia greco-europeia e a cadeia árabe.

A história é assim formada de dinastias de Sistemas que lutam umas com as outras pela posse da Terra e pela hegemonia política e intelectual, nesta luta interferindo por uma forma complexa.

In the cases mentioned above, the same period exceeds 10 centuries. Thus, we can also establish that the golden period is much shorter than the period of decline.

In general, the second period is equivalent to, roughly, one third of the first or third periods; therefore, even without numerical accuracy, we can formulate the following general law: the second period of Historical Systems (golden period) is always much shorter than the first or third periods (periods of formation and decline).

This is a capital law, and will later help us to calculate the Age of Europe, a fundamental element to the study of the current Crisis.

CHAPTER II

Historical Systems; their curves and chains; their articulation processes - Curve formation law

Historical Systems form articulated chains in time creating sets of Systems. Yet these great systems are not isolated; they coexist with other chains of Systems, or with peoples in a barbaric or more or less under-developed state. The chains of the Systems that coexist in time are related in various ways creating larger entities which, in turn, coexist with other similar complexes. The articulation of all these complexes creates General History.

Thus, Aegea, Greece, Rome and today's Europe constitute one of these chains. This chain coexists with the Arab System and formerly coexisted with other systems, constituting chains of systems in the near and far East.

Our study should be primarily based on the sequence [Aegea → Greece → Rome → Europe], because, as far as Europe is concerned, this series constitutes the history whose course leads from the pre and protohistoric time to modern times; it constitutes what we call the great Greco-european civilization. But this series is connected by interferences and mutual relations with the Jewish, Babylonian, Egyptian, Indian and Arab civilizations on the one hand, and with the Barbarian proto-civilizations on the other. Thus, the series creates a chain that isn't isolated but connected with these complexes.

The action and reaction of the Greco-european chain with the chains connected to it is constant over time, although more intimate with some systems than others.

Christianity, for example, represents one of the main interferences between the systems in this set.

Moreover, between these Systems chains there is not only interference and action, but also rivalry and conflict, which generally lead to hegemony or supremacy. Thus, for a certain period, hegemony was oscillating between the Greco-european and the Arab chain.

Therefore, history is constituted by dynasties of Systems that fight against each other over the possession of the Earth and for political and intellectual hegemony, interfering in this struggle in a complex way.

Temos pois de decompor este conjunto e isolar a dinastia que nos interessa, neste caso a greco-europeia, formada pelos Sistemas [Egêa → Grécia → Roma → Europa]. Esta cadeia forma, de resto, a partir de certo momento, a dinastia que tomou a hegemonia na Terra, hegemonia que actualmente se mantém.

Notemos que esta cadeia forma como que um rio que recebe numerosos afluentes. Cada Sistema da cadeia articula-se com o que se lhe segue; mas, cada Sistema, pelas suas origens, articula-se com os povos proto-históricos e pré-históricos, e, por estes, tem as suas origens nos primórdios da humanidade.

Cada Sistema tem pois uma origem complexa. Pelos cruzamentos que lhe dão origem, articula-se ao mesmo tempo com os Sistemas antecedentes e com toda a árvore genealógica da humanidade. Há nisto um processo complexo e importante, o qual, conjugado com a totalização de experiência, constitui, como veremos, um dos processos capitais da História.

Na seriação [Egêa→ Grécia→ Roma→ Europa] nota-se, em primeiro lugar, uma progressão rápida quanto ao número populacional e à extensão espacial ocupada pelos Sistemas sucessivos.

A Egêa é, sob o ponto de vista populacional e espacial, um Sistema minúsculo. A Grécia é ainda, sob o mesmo aspecto, um pequeno Sistema. Logo a seguir, Roma toma proporções imperiais; e o Sistema Europeu estendeu-se rapidamente a toda a Terra. Esta progressão não é específica da cadeia greco-europeia, mas é esta que aparenta mais regularidade e mais forte progressão. A Europa é o primeiro Sistema Histórico cuja área de influência se estendeu a toda a superfície terrestre.

Esta progressão rápida e constante é devida precisamente, como veremos, à particular rapidez na totalização de experiência que caracteriza o complexo greco-europeu, o qual forma a este respeito um contraste acentuado com os outros complexos, particularmente os orientais e extremo-orientais.

É esta rápida progressão e a sua extensão que determinam ainda, num dado momento, a formação do Neo-Sistema Americano que se destaca do Sistema Europeu precisamente porque este ultrapassou os limites do equilíbrio.

Notemos que este grande Sistema, que se dirige de Oriente para Ocidente, no seu desenvolvimento histórico recebeu, por um lado, toda a herança do Oriente antigo e do Egipto, que assimila; do outro, todo o sangue da Europa bárbara, de grande parte da Ásia e ainda da África; e é ele que, por fim, fornece os elementos autóctones, que se cruzam na América, iniciando um novo Sistema Histórico.

* * *

A articulação dos Sistemas nesta cadeia é um fenómeno de particular importância para o nosso caso.

Em primeiro lugar, os Sistemas não se encadeiam justapondo-se topo a topo (Fig. 2) mas sim sobrepondo-se como as telhas de um telhado (Fig. 3).

Fig. 2

Fig. 3

We have to decompose this set and isolate the dynasty that interests us, in this case, the Greco-european one formed by [Aegea → Greece → Rome → Europe]. This chain constitutes the dynasty that, at some point, held hegemony over Earth, and still holds it today.

It is important to note that this chain creates a sort of river with numerous tributaries' streams. Each System of the chain is linked to the next; but because of its origins, each System is linked to protohistoric and prehistoric peoples, and consequently, has its origins in the beginning of mankind.

So each System has a complex origin. And due to that origin it is, at the same time, linked to the previous Systems and to the entire humanity family tree. This is an important and complex process, which, combined with the totalization of experience, constitutes, as we shall see, one of the capital processes of History.

In the [Aegea → Greece → Rome → Europe] seriation the thing that is clearer is the rapid progression in the number of population and spatial extent occupied by the successive Systems.

In what concerns population and space, Aegea is a tiny System. Greece is still a small System. Immediately after, Rome takes imperial proportions; and the European System rapidly spreads to the entire planet. This progression is not exclusive to the Greco-european chain, but this chain appears to have stronger and more regular progression. Europe is the first Historical System whose area of influence extended to the entire surface of the earth.

This fast and constant progression is due, as we shall see, to the particular speed in the totalization of experience that characterized the Greco-european complex, which, in this regard, is very different from the other complexes, particularly the Eastern and Far-Eastern complexes.

This rapid progression and its extension determine the formation of the American Neo-System that stands out from the European System precisely because this one exceeded the limits of balance.

On the one hand, this great System, which runs from East to West, inherited, in its historical development, the whole heritage of the ancient East and Egypt and absorbed it; on the other hand, it also inherited all the blood of Barbarian Europe, Asia and even Africa; and it finally provides the native elements that crossbreed in America, starting a new Historical System.

* * *

The Systems' articulation in this chain is a particularly important phenomenon to our case.

First of all, the Systems do not fit together juxtaposing end to end (Fig. 2) but overlapping, like tiles on a roof (Fig. 3).

Fig. 2

Fig. 3

Este facto é devido precisamente à forma por que os Sistemas se constituem, graças à incidência de elementos sobre um Sistema em decomposição.

Há pois na seriação dos Sistemas um processo de articulação especial, cujo estudo é de grande importância.

Vemos desde logo que esta articulação determina na seriação períodos especiais onde encontramos, justapostos, um segmento final da curva de um sistema e um segmento inicial da curva da fig. 4.

A articulação do Sistema é, porém, mais complexa ainda. Entre os Sistemas que se sucedem, articulando-se, estabelece-se uma engrenagem que pode ser esquematicamente figurada, como se vê na fig. 5, em que A e B representam dois Sistemas sucessivos articulados e C a articulação por engrenagem. Os dois Sistemas, nesta articulação, compenetram-se profundamente, sem no entanto se confundirem.

Fig. 4

Esta compenetração é em extremo profunda, isto é, começa muito cedo, a seguir ao período áureo do Sistema antecedente, e avança muito até às proximidades do período áureo do Sistema seguinte.

Fig. 5

Por outro lado, ele atinge todos ou quase todos os processos do período de decadência — facto este que, junto à profundidade da articulação, torna este período singularmente complicado. Os fenómenos de decomposição do terceiro período da curva de um Sistema são, ao mesmo tempo, elementos de neo-formação do Sistema seguinte.

Cada um destes fenómenos tem, por assim dizer, duas faces, e pode ser considerado, conforme os casos, como processo de decadência ou de neo-formação.

Há, na realidade, neste caso, dois sistemas de referência: o Sistema antecedente e o Sistema conseqüente. Conforme o sistema escolhido como referencial, assim o mesmo fenómeno pode apresentar um valor positivo ou negativo

Daí resulta que ficam inteiramente ambíguas e sem sentido as expressões «decadência», «renovação», e análogas, quando não indicarmos o sistema de referência.

This is due to the way Systems are formed and to the existence of elements on a decaying system.

So, in the seriation of Systems there is a special articulation process whose study is of great importance.

We immediately see that this articulation determines the special periods of the seriation where we find, juxtaposed, a final segment of the curve of one system and an initial segment of the curve in fig. 4.

However, the articulation of the System is even more complex. Among the articulated subsequent Systems there is a mechanism that can be outlined as shown in Fig. 5, where A and B represent two consecutive articulated Systems and C represents the articulation mechanism. The two Systems, in this articulation, penetrate each other, without getting mingled.

Fig. 4

This mutual penetration is extremely deep, i.e., it starts very early, after the golden period of the previous System, and moves very close to the golden period of the following System.

Fig. 5

On the other hand, it hits all, or nearly all, the processes of the period of decline – which, along with the depth of the articulation, makes this period particularly complicated. The decaying process of the third period of a System's curve is, at the same time, an element of neo-formation of the following System.

Each of these phenomena has two sides, and can be considered, when appropriate, a process of decline or of neo-formation.

In this case, there are, in fact, two baseline Systems: the previous and the following Systems. In conformity with the System chosen as a reference, the same phenomenon may have a positive or negative value.

As a result, the expressions “decline” and “renovation” are entirely ambiguous and meaningless and, if the system of reference is not indicated, they can be very similar.

O mesmo fenómeno ou processo pode indiferentemente ser considerado «decomposição» ou «renovação», «reaccionário» ou «revolucionário», etc., dependendo o rótulo apenas do referencial escolhido.

Compreende-se que, nesta situação, se pode estabelecer uma inextricável confusão na apreciação e valorização destes processos, e que as polémicas e discussões estabelecidas a tal respeito sejam absolutamente insolúveis e sem sentido.

Fig. 6

Por outro lado, é precisamente neste período que se faz a incidência dos elementos invasores sobre os Sistemas em desagregação (Fig. 6).

A junção de todos estes processos, elementos em decomposição e neo- formação, compenetração profunda, incidência de elementos invasores, etc., tornam o período de articulação de uma extraordinária complexidade.

Como a articulação vai quase de um período áureo a outro, daí resulta que os Sistemas são encadeados por forma tal, que tomam, no conjunto, uma disposição que pode ser representada da seguinte maneira (Fig. 7):

Fig. 7

que representa, esquematicamente, a forma de encadeamento dos Sistemas numa seriação tal como a greco-europeia.

A isto acresce que, como os Sistemas sucessivos se vão tornando cada vez mais diferenciados e complexos, as articulações C vão-se tornando igualmente cada vez mais complexas (Fig. 8):

The same phenomenon or process can equally be considered “decomposition” or “renovation”, “reactionary” or “revolutionary”, etc., because the meaning will only depend on the chosen reference.

It is understandable that, in this situation, one can establish an inextricable confusion in the assessment and valuation of these processes, and that the controversies and discussions set forth in this regard are absolutely insoluble and meaningless.

Fig. 6

On the other hand, it is precisely in this period that the invading elements penetrate the disintegrating Systems (Fig. 6).

The combination of all these processes, decaying elements and neo-formation, profound interpenetration, incidence of invasive elements, etc., makes the period of articulation extraordinarily complex.

As the articulation period goes almost from one golden period to the next, the Systems are connected in such a way that they may be arranged as it is shown below (Fig. 7):

Fig. 7

schematically representing the way the Systems are linked in a seriation such as the Greco-european.

Moreover, as the consecutive Systems are becoming increasingly differentiated and more complex, the C articulations are also becoming increasingly more complex (Fig. 8):

Fig. 8

Uma cadeia de Sistemas forma, desta maneira, não uma série de elementos isolados que apenas se sucedem, mas um todo vertebrado, um organismo histórico, contínuo no tempo, e que nele se desenvolve. O período áureo de cada Sistema representa, neste conjunto, uma forma momentânea de definição e de equilíbrio, de estabilidade; e os diferentes períodos áureos seriados representam outros tantos degraus na progressão histórica. Esta progressão é objectiva, independente de qualquer ponto de vista especulativo sobre o «progresso» e a «civilização», concebida sob um ponto de vista de critério de valores. Há, com efeito, um grande Sistema Greco-Europeu, com dissemos já; uma progressão material dos Sistemas sucessivos, espacial e populacional, possível de quantificação, perfeitamente objectiva. Há, assim, na cadeia uma progressão material objectiva que está fora de qualquer discussão e que tem uma importância capital.

Os períodos C de articulação apresentam grande interesse no estudo quer dos Sistemas Históricos em si, quer das cadeias de Sistemas, ou grandes Sistemas Históricos, como o greco-europeu. Tais períodos, onde encontramos uma parte das curvas de decadência, têm no conjunto da série uma significação bem diversa, pois são apenas períodos de transição e de elaboração de um Sistema mais desenvolvido numa série em progressão. É nestes períodos que encontramos, em grande parte a nu, os complexos processos de desagregação e de recomposição, de fluxo e refluxo, de acção e reacção, e outros, que compõe o grande mecanismo da História. A própria curva de decadência de um Sistema, referida não a este mas ao conjunto da cadeia de Sistemas, perde a significação de «decadência» para ser apenas um «processo» na mecânica geral do conjunto. Deixa de ter um valor negativo para adquirir um valor positivo; e por tal forma que a curva de «decadência» passa a ser apenas movimento num processo complexo de progressão. Isto mostra-nos imediatamente quanto são relativos, periféricos e superficiais os critérios de valor e as comparações biológicas, e que tudo depende, muita vez, do referencial escolhido.

Assim, neste caso, se o referencial é um Sistema, a curva pode ser considerada negativa, descendente; mas se o referencial é a cadeia geral dos Sistemas, a curva tem de ser considerada positiva, ascendente, ou melhor, ela faz parte de uma curva geral ascendente, tal como sucede numa curva deste tipo (Fig. 9).

Fig. 8

So, a chain of Systems not only creates a series of isolated elements that follow each other, but a vertebrate whole, an historical organism, continuous and developing in time. In this complex, the golden period of each System represents a momentary definition, equilibrium and stability; and the series of different golden periods represent other steps in the historical progression. This progression is objective, independent of any speculative point of view about “progress” and “civilization” and constituted under values criteria. There is, indeed, a great Greco-European System; a material progression of successive Systems, in both space and population, possible to quantify, perfectly objective. Thus, there is an objective material progression in the chain that is beyond dispute and whose importance is paramount.

The C Periods of articulation are of great interest in the study of Historical Systems themselves, and in the study of Systems’ chains, or large Historical Systems, like the Greco-European. Such periods, where we find part of the decline curves, have very different meanings throughout the whole seriation, because they are merely periods of transition and development of a more evolved System in a progressive seriation. In these periods we find the complex processes of disintegration and recomposition of ebb and flow, of action and reaction, and others who constitute the great mechanism of History. The decline curve of a System when related, not to that System but to the entire chain of Systems, loses the meaning of “decline” to become a “process” in the general mechanism of the complex. It stops having a negative value to acquire a positive value; so the curve of “decline” is just motion in a complex process of progression. This immediately shows us how relative, peripheral and superficial the values criteria and the biological comparisons are, and how it all depends on the chosen reference.

So in this case, if the reference is a System, the curve can be considered negative, descending; but if the reference is the general chain of Systems, the curve has to be considered positive, ascensional, or rather, part of a general ascending curve, such as this one (Fig. 9).

Fig. 9

Além disso, como cada Sistema sucessivo é maior que o antecedente, a curva acima esquematizada deve ser transformada nesta outra (Fig.10), que nos dá uma imagem gráfica bastante exacta da curva geral do grande Sistema Greco-Europeu no seu desenvolvimento objectivo no tempo.

Fig. 10

Examinando esta curva, constata-se imediatamente que os períodos C de articulação ocupam um lugar cada vez mais alto, isto é, seguem a progressão geral da curva e fazem parte desta progressão (Fig. 11). A descensão momentânea do elemento de curva (correspondendo a cada Sistema) combina-se com um movimento geral de ascensão, por forma que, como dissemos, os elementos de curva, correspondendo aos 3.os períodos do Sistema, são negativos em relação ao Sistema, mas positivos em relação à curva total da cadeia.

Por outras palavras, na progressão geral da cadeia existe uma ascensão paralela dos períodos áureos e dos períodos de articulação. Cada curva de «decadência», em relação à curva total, ocupa um lugar cada vez mais alto, tem uma coordenada cada vez maior e representa, assim, igualmente, um valor progressivo no conjunto da cadeia (Fig. 11, a, b, c).

Fig. 9

Moreover, as each successive System is greater than the previous one, the curve shown above must be transformed into this one (Fig.10), which gives us a fairly accurate graphic representation of the general curve of the great Greco-European System in its objective development in time.

Fig. 10

If we examine this curve, we immediately realize that the C periods of articulation occupy an increasingly higher place, following the general progression of the curve and being part of that progression (Fig. 11). The momentary descension of the curving element (corresponding to each System) is combined with a general ascending movement, so that the elements of the curve, corresponding to the third periods of the System, are negative in relation to the System but positive in relation to the total curve of the chain.

In other words, in the overall progression of the chain there is a parallel ascension of golden and articulation periods. In relation to the whole curve, each curve of “decline” occupies an increasingly higher place, with an increasingly larger coordinate and, thus, represents a progressive value in the whole chain (Fig. 11, a, b, c).

Fig. 11

Este facto é de grande importância, porque mostra as reservas de toda a ordem com que tem de ser empregada, em história, a noção de «decadência», a qual, utilizada sem estas limitações, pode conduzir, e tem realmente conduzido, a confusões insolúveis.

Insistamos pois sobre o facto seguinte, a saber: que noções tais como «decadência», «senescência», etc., não tem qualquer sentido senão relativamente a um referencial bem definido; e que noções deste género podem ter um valor positivo ou negativo conforme o referencial.

É assim que, em face dos processos especiais de articulação dos períodos C, poderíamos considerar os períodos de decadência de um Sistema dado como valores positivos em relação com o Sistema seguinte; porque, no primeiro caso, o referencial é um Sistema, e, no segundo, o Sistema seguinte. Da mesma forma, cada período C no seu conjunto tem um valor negativo tomando como referencial o Sistema antecedente, e um valor positivo quando o referencial é o Sistema seguinte. O sinal de cada período C de articulação dos Sistemas na cadeia não é pois nem positivo nem negativo; tem este ou aquele sinal conforme o referencial. Ora os referenciais possíveis são três: O Sistema antecedente, o Sistema seguinte, a cadeia geral dos Sistemas.

Os períodos de articulação são sempre negativos tomando o Sistema antecedente como referencial, positivos tomando como referencial os Sistemas seguintes ou a cadeia geral de Sistemas.

Os períodos de articulação podem ser decompostos nos seus elementos principais, que são como acabamos de ver: os elementos de neo-formação do Sistema seguinte e os elementos estranhos que incidem sobre a cadeia.

Nos períodos de articulação confluem dois fluxos: um que, por intermédio dos elementos invasores, provém da pré-história e da proto-história; outro que, por intermédio da cadeia, transmite a herança do passado e as aquisições da experiência totalizada.

A curva da experiência totalizada transpõe sem descensão os períodos de articulação. Tal curva obscurece-se durante este período por formas variadas; por vezes, parece completamente interrompida neste período, mas reaparece, à mesma altura, num dado momento. Este é o facto capital que explica a progressão geral dos Sistemas na cadeia. Sem ele, esta progressão seria impossível; os Sistemas suceder-se-iam uns aos outros sem progressão possível. Seriam, não elos cada vez maiores de uma mesma cadeia, mas elementos apenas seriados no tempo, justapostos e não congregados e articulados numa progressão. Esta só é possível pela totalização progressiva transmitida de Sistema para Sistema. Desde a idade da pedra que esta totalização se verifica; e as diferentes etapas da humanidade, desde as idades da pedra, do bronze e do ferro, até à idade da electricidade e do vapor, não são mais do que etapas na totalização da experiência histórica da humanidade.

Fig. 11

This is very important because it shows that the concept of “decline” in history should be used with some reserve, for without these limitations, it may lead, and has already led, to unsolvable confusions.

Let us concentrate on the following: concepts such as “decline”, “senescence”, etc., have absolutely no meaning other than the one related to a well defined reference; and this kind of concepts can have a positive or negative value, according to that reference.

And so, in light of the special articulation procedures of the C periods, we could consider the periods of decline of a given System as positive values in relation to the following System; because in the first case, the reference, or baseline, is a System, and in the second, the reference is the next System. Similarly, each C period, as a whole, has a negative value if its reference is the previous System and a positive value when the reference is the subsequent System. The signal of each C period of articulation of the Systems in the chain is neither positive nor negative; it has this or that signal, according to the reference. There are three possible frames of reference: The preceding System, the subsequent System and the general chain of Systems.

Periods of articulation are always negative when their reference is the previous System and positive if their reference is the subsequent Systems or the chain of Systems.

Articulation periods can be broken down into their main components, which are, as we have seen: the elements of neo-formation of the following System and the foreign elements that have some influence over the chain.

During the articulation periods two streams converge: one that comes from prehistory and protohistory, through the invading elements; and the other which transmits the heritage of the past acquisitions resulting from total experience, through the chain.

The total experience curve overcomes the periods of articulation, without descending. This curve is obscured during this period for various reasons; sometimes it seems interrupted in this period, but it reappears, at the same height, at a given time. This is the primordial fact that explains the general progression of the Systems in the chain. Without it, this progression would be impossible; Systems would follow each other without progressing. They wouldn't be growing links in the same chain, but only juxtaposed elements in a series in time, rather than assembled and articulated in a progression. A progression only possible through progressive aggregation transmitted from System to System. This aggregation occurs since the Stone Age; the different stages of humanity, from the stone, bronze and iron ages, until the age of electricity and steam, are just steps in the totalization of mankind's historical experience.

As artes, as literaturas, as metafísicas, as religiões e as místicas não se totalizam: sucedem-se, substituindo-se. Por isso, desde a época das cavernas, não há nelas progresso, mas simples substituições 19. A arte moderna não é mais alta do que a grega, nem mesmo que a das cavernas; é, apenas, diferente. As literaturas e as místicas, a religião do homem actual não são mais elevadas ou profundas que as antigas; são, apenas, diferentes. Sem dúvida, a totalização de experiência é não somente material como intelectual; a totalização geral de experiência obriga o pensamento humano e todo o homem, a uma modificação constante. Mas não há totalização emocional: aqui o progresso é impossível, quer sob o ponto de vista teórico, quer sob o ponto de vista prático. Teórico, porque não podemos compreender sequer o que possa ser um progresso emocional; prático, porque na história não se verifica a menor progressão constatável nas artes, nas literaturas, nas religiões e nas místicas. A tese contrária é muito cativante, mas em absoluto desacordo com os factos e com a razão. Confunde-se, de resto, muitas vezes, o reflexo da totalização de experiência sobre o homem e sobre a sua emoção, com um pretenso progresso estético e moral do homem, quando não há, de facto, senão sempre a mesma emoção em face de uma totalização progressiva e constante dessa experiência. Este obriga a transformar as grandes concepções do mundo, físicas, filosóficas e morais, e a transformação destas concepções reflecte-se sobre a emoção, como se reflecte sobre a razão e sobre o pensamento, obrigando-o a uma movimentação e a um esforço contínuo. Assim o homem se transforma permanecendo sempre o mesmo; como a história se repete, sem no entanto se repetir. Repete-se transformando-se, tal como a hélice ou a espiral em seu movimento. E a causa fundamental de todo este movimento do homem e da história é ainda e sempre a experiência que se totaliza. Esta e a energia criadora do homem bastam para explicar toda a mecânica da história; porque o homem, só pelo facto de viver e de criar, totaliza experiência, e esta, totalizando-se, move toda a história. Progressos agrícolas e progressos industriais são, desde o início, um simples resultado da totalização de experiência. Esta actua desde os primórdios da humanidade, é o resultado principal dos seus primeiros actos. Viver é acto, e este acto conduz imediatamente à totalização de experiência; viver é, igualmente, sentir e contemplar; mas, a este respeito, o homem está hoje exactamente na situação de outrora. Porque se o homem, na progressão histórica, avança no desconhecido, o mistério, ante o qual se encontra, é exactamente o mesmo: e isto ainda porque mistério e desconhecido, como fizemos já ver, 20 são coisas irreduzíveis.

Não temos necessidade de pôr em relevo o papel da totalização no desenvolvimento progressivo dos Sistemas, no aumento populacional graças ao desenvolvimento das indústrias, nas transformações económicas e de toda outra ordem, devidas às descobertas e inventos, etc., etc.21

Aquilo em que, pelo contrário, devemos insistir é que a curva da totalização atravessa os períodos de articulação com obscurecimentos aparentes; descensões parciais e incidentais, mas que, na realidade, a curva reaparece, em dado momento, com a mesma coordenada. E insistimos sobre o facto porque os obscurecimentos transitórios ou aparentes são muitas vezes considerados como lapsos reais da curva, interrupção no curso da totalização.

Art, literature, the metaphysical, religion and the mystical, do not aggregate: they follow each other, replacing one another. Therefore, since the Paleolithic age, there is no progress in them, but simple substitutions. **19** Modern art is not higher than Greek art, or even than the art of the caveman; they are simply different. Literature, mysticism, or the religion of today's man is not higher or deeper than the old ones; they are just different. Without a doubt, the totalization of experience is not only material but also intellectual; the general totalization of experience forces human thought and every man, to a constant change. But there is no emotional totalization: here progress is impossible, either from the theoretical or from the practical point of view. Theoretical because we can't even understand what emotional progress might be; practical, because in history there isn't the least observable progression in art, literature, religions or mysticisms. The contrary thesis is very appealing, although it is in absolute disagreement with facts and reason. Moreover, the reflection of the totalization of experience on man and his emotions is often confused with a pretense of aesthetic and moral progress of man, when, in fact, there is always the same emotion towards a progressive and constant totalization of that experience. This requires transforming the great conceptions of the world, physical, philosophical and moral, and the transformation of these conceptions is as reflected on emotion, as it is on reason and mind, forcing him to an ongoing movement and effort. Thus, man transforms but always remains the same; just as history repeats itself, without repeating itself. This repetition results in a transformation resembling a helix or a spiral in their movement. And the fundamental cause of this whole movement of man and history is still and always the totalization of experience. This and the creative energy of man suffice to explain the mechanics of history; for just by living and creating man is able to gather experience, which, in that process, moves the entire history forward. Agricultural and industrial progress is, since the beginning of times, a simple result of the totalization of experience. The totalization of experience exists since the dawn of humanity and is the main result of its first actions. To live is to act, and this act immediately leads to the totalization of experience; to live is also to feel and contemplate, but in this regard, today's man is exactly in the same situation as the man from the past. For if, in the historical progression, man steps into the unknown, the mystery before which he finds himself, is exactly the same; and this is because mystery and the unknown, as we already saw, **20** are irreducible things.

We do not need to emphasize the role of totalization in the progressive development of the Systems, or in the population increase through the development of industries, or in changes in economy and other areas, due to discoveries and inventions, etc., etc. **21**

However, the important thing we must focus on is that the totalization curve passes through the articulation periods with apparent obscurations; partial and incidental descending movements, but in reality, the curve appears again at some point, with the same coordinate. And we insist on this fact because the apparent or transient obscurations are often regarded as real lapses of the curve, an interruption in the course of totalization.

Que esta afrouxe ou mesmo momentaneamente se anule, é um facto possível; mas, uma vez o momento recommençado, ele faz-se, grosso modo, a partir da mesma coordenada: assim não há descensão real mas apenas um retardamento na totalização. Este retardamento da totalização é mesmo um facto característico dos períodos de totalização, como a aceleração o é dos períodos chamados áureos.

Convém notar e pôr em evidência que a totalização de experiência continua, em geral, nos períodos de decadência dos Sistemas, por vezes em alto grau. Exemplo típico deste fenómeno é o que sucede durante a decadência grega, em que esta totalização existe, apenas obscurecida pelos fenómenos próprios de decadência, que aparecem no primeiro plano; e durante a decomposição do mundo romano e na Idade Média, onde a referida totalização continua, parte dentro do próprio sistema greco-europeu, parte no sistema árabe, que depois a transmite à Europa. Nos períodos de articulação C, há fenómenos evidentes, exercidos por numerosos factores próprios destes períodos sobre os processos de totalização, pressão esta que a retarda, e, por vezes, suspende; mas que não a anula e não impede que o movimento continue mais tarde, a partir da mesma coordenada.

De tudo isto resulta que, a partir de um certo momento, a curva da totalização de experiência se desintegra da curva do Sistema; e, quando esta começa a sua descensão, a outra continua ou suspende-se na sua coordenada.(Fig. 12).

Fig. 12

O Sistema seguinte retoma-a com esta coordenada a eleva-a a uma mais alta coordenada, onde a curva de novo se suspende quando o novo Sistema começa a descer a sua curva.

Disto resulta imediatamente que, no conjunto da cadeia de Sistemas, a coordenada aumenta constantemente, e que assim a curva se eleva durante todo o percurso da cadeia de Sistemas (Fig. 13):

Fig. 13

Por esta razão podemos dizer que, quaisquer que sejam as peripécias e obscurecimentos da curva de totalização durante os períodos C de articulação, a curva referida os atravessa sem se alterar.

It is possible that the curve loosens or even momentarily dissolves, but once the moment resumes, it starts up from, roughly, the same coordinate: so there is no real descension but only a delay in totalization. This delay in totalization is typical of the periods of totalization, such as the acceleration is typical of the golden periods.

It should be noted and emphasized that the totalization of experience generally continues during the Systems' periods of decline, sometimes very noticeably. A typical example of this phenomenon is what happened during the Greek decline, in which totalization existed but was obscured by the decline phenomena, which appeared in the foreground; and during the decline of the Roman world and in the Middle Ages, where the totalization continued, partly within the Greco-european System itself and partly in the Arab System, and was, then, transmitted to Europe. During C articulation periods, there are obvious phenomena exercised by numerous factors, which are typical of these periods, over the totalization processes. This pressure delays, and sometimes suspends totalization, but does not cancel or prevent the movement from continuing later on, from the same coordinate.

Hence, from a certain point on, the totalization of experience curve is separated from the curve of the System; and when this begins its descension, the other continues or is suspended on its coordinate (Fig. 12).

Fig. 12

The following System resumes the curve in this coordinate and elevates it into a higher coordinate, where the curve is suspended again when the new System begins to lower its curve.

So, the coordinate is constantly increasing in the whole chain of Systems, and thus the curve rises through the entire course of the Systems' chain (Fig. 13):

Fig. 13

For this reason we can say that whatever incidents and obscurations suffered by the totalization curve during C periods of articulation, it passes through them without any change.

CAPÍTULO III

A IDADE DA EUROPA

Com os elementos que já temos, é agora possível calcular a Idade da Europa. Esta deduz-se imediatamente da lei que acabamos de estabelecer, segundo a qual o 2.º período de um Sistema Histórico, é sempre muito mais pequeno, em geral um terço, do 1.º período.

O 2.º período do actual Sistema europeu começa evidentemente com a Renascença, em 1500, pouco mais ou menos.

O 1.º Período, em conformidade com a lei de formação dos Sistemas, corresponde, pouco mais ou menos, a 395.

Estas datas marcam dois pontos capitais da curva do Sistema. Inútil repetir que tais pontos correspondem em realidade, como dissemos, a duas largas manchas, em que pode haver uma certa flutuação. Poderíamos igualmente escolher a data de 476, que marca o fim do Império Romano.

O importante é o seguinte: o século III é «uma pré idade média», em que a religião, a literatura (no Ocidente pelo menos) e a arte antigas são profundamente atingidas» 22

Este século III é caracterizado por uma crise profunda, ao mesmo tempo económica, política, religiosa e moral, e pela recrudescência na pressão dos bárbaros. Esta crise marca o rápido declínio de Roma e, ao mesmo tempo, os prelúdios do actual Sistema Europeu, prelúdios a que Lot chama precisamente uma pré idade média. 23

Encontramo-nos, a partir do século III, precisamente num dos períodos de articulação de Sistemas, que pusemos em evidência num dos capítulos anteriores. Este período é, neste caso, precisamente o que liga o Sistema Roma ao Sistema Europa; ele tem para o nosso caso uma importância capital, e por essa razão temos de fazer dele uma ideia definida, embora sumária.

Como diz Lot, 24 o Estado romano não é um verdadeiro Estado; os seus órgãos são adaptados ao governo duma «cité» antiga e não de um grande Império. Logo que ultrapassa a época da conquista e exploração brutal ou hipócrita dos vencidos, Roma não sabe já muito bem que atitude tomar em face das suas conquistas. A «cité» foi cadinho demasiado estreito para refundir nele o mundo. O mais antigo processo é a colónia, pequena Roma em miniatura, instalada no coração do país conquistado. É ainda usado, mas insuficientemente. As províncias são, ou expressões geográficas, ou divisões artificiais, raras vezes antigos Estados (Egipto). A verdadeira divisão orgânica do mundo mediterrâneo é a «cité». Entre as «cités» vencidas, Roma faz distinções. Aquelas cujos serviços passados ela tem interesse em recompensar recebem títulos honoríficos de federadas, aliadas, amigas, livres mesmo, ainda que, de uma forma ou de outra, paguem o stipendium, como as «cités» súbditas.

CHAPTER III

THE AGE OF EUROPE

It is now possible, with the elements we already have, to calculate the Age of Europe. It can be inferred from the law we have just established, whereby the second period of a Historical System is always much smaller, usually by one-third, than the first period.

The second period of the current European System begins, of course, with the Renaissance, in approximately 1500.

The first period, in accordance with the law of formation of the Systems, corresponds to the year 395, more or less.

These dates indicate two cardinal points of the curve of the System. Needless to say that those points correspond, in reality, as we said, to two large periods, in which there may be some fluctuation. We could also choose the year 476, which marks the end of the Roman Empire.

The important thing is: the third century is “a pre middle age” in which religion, literature (at least in the West) and ancient art are deeply affected”. **22**

This third century is characterized by a deep economic, political, religious and moral crisis, and by an upsurge of pressure from the Barbarians. This crisis marks, at the same time, the rapid decline of Rome and the prelude to the current European System, which Lot calls a “pre-middle age”. **23**

From the third century on, we are precisely in one of the articulation periods of the Systems that we have highlighted in the previous chapters. This period is, in this case, what connects the Rome System to the Europe System; it is crucial to our case, and therefore we have to have a clear idea of what it is.

As Lot says, **24** the Roman State is not a real State; its organisms are adapted to the government of an old “cité” and not of a great empire. As soon as the time of conquest and brutal or hypocritical exploitation of the conquered is over, Rome is unaware of the proper attitude to have, in view of its conquests. The “cité” was a too narrow path to reconstruct the world. The oldest process is the colony, a small miniature Rome, located in the heart of the conquered country. It is still used, but insufficiently. The provinces are either geographic expressions or artificial divisions, but rarely older states (Egypt). The real organic division of the Mediterranean world is the “cité”. Rome distinguishes between conquered “cités”. Those which Rome wishes to reward for past services receive honorific titles such as federal, allies, friends, free, even if, in one way or the other, they are forced to pay the *stipendium*, just as the subject “cités” are.

O Império Romano é pois uma federação de «cités» agrupadas à volta da mais poderosa, que é Roma. Mas uma federação deste género, se fosse efectiva, decompor-se-ia demasiado rapidamente. De facto, todas as «cités» são submetidas a decisões arbitrárias, isto é, do senhor, o imperador. A sua pressão é o laço que une as peças da máquina. Infelizmente, este poder absoluto não tem quase órgãos legais nem funcionários. O príncipe não é rei, e nenhum princípio de sucessão conseguirá nunca impor-se. O Império Romano não tem, a princípio, à sua disposição senão o velho organismo da República, inapto para administrar um vasto Estado. Não tem instituições próprias. No fim de contas, tudo repousa sobre a vontade de um senhor, e este, em teoria nomeado pelo Senado e pelo povo, é, de facto, o eleito e o juguete dos exércitos. Este vício radical, a ausência de instituições, agrava-se a partir do fim do II século da nossa era, sob a acção de três grandes fenómenos: regressão económica, crise religiosa, recrudescência da pressão dos Bárbaros que fazem cerco ao mundo mediterrâneo, já há muito tempo. Crise económica: Roma lançara mão sobre as riquezas acumuladas desde Alexandre. Esbanjou-as e não sabe renová-las pelo trabalho. O seu capitalismo, se assim se pode chamar, não é senão uma usura esterilizante; as minas antigas, exploradas com intensidade, estão quase esgotadas. Crise religiosa: ela bastaria por si só para abalar um organismo mais robusto. Os Bárbaros: a Escandinávia transborda, e a vaga, propagando-se aos germanos do Ocidente, espalha-se sobre o mundo romano, que baterá sem tréguas até que lhe rompa os diques. Desencadeia-se então a tormenta do 3o século, em que o mundo romano-helénico quase ia perecendo, não tanto sob a acção dos golpes exteriores como sob a acção das desavenças internas.

«O Império não é, no fundo, senão uma ruína remendada, e há um contraste trágico entre a enormidade do esforço e o resultado conseguido. A decadência económica foi apenas entravada e bem depressa retoma a sua marcha por longos séculos. A mudança de religião foi, sob o ponto de vista estritamente político, uma operação medíocre: o imperador impõe o Cristianismo no próprio momento em que esta religião sofre uma crise terrível, o arianismo; e o poder lança-se doidamente no turbilhão das controvérsias teológicas, com prejuízo da Igreja e do próprio Estado.»

O Império — continua o autor — não é senão uma pseudo-monarquia; faltam-lhe as características fundamentais da realeza; e as pompas e poderio dos imperadores não conseguem compensar esta deficiência.

«A plebe urbana conservou do seu passado republicano a irreverência; e a fidelidade, de todos os seus sentimentos, é o que lhe é mais estranho.»

Falta igualmente uma aristocracia guerreira. A antiga aristocracia transformou-se em burocracia, que treme diante do autocrata, e que pensa apenas nos seus interesses. «Mas esta aristocracia aterrada, de cócoras ante o senhor, desde os primeiros tempos do império, possui um poderio económico formidável.

A grande propriedade térrea, que absorveu a pequena e a média propriedade e que, depois da ruína do comércio e da indústria, é a única fonte de riqueza, está por inteiro nas mãos dela. Sob uma aparente submissão, a aristocracia é rival do poder monárquico, e quando volta a ser guerreira, no Ocidente, irá substituí-lo.

As bases económicas, se não jurídicas e políticas, do feudalismo medieval estão já constituídas no Baixo-Império.»

Thus, the Roman Empire is a federation of “cités” gathered around the most powerful one, which is Rome. But a federation of this kind, when effective, breaks down too quickly. In fact, all the “cités” are subject to arbitrary decisions, i.e., from the master, the Emperor. His pressure is the tie that binds together the parts of the machine. Unfortunately, this absolute power is almost devoid of legal organs or staff. The prince is not king, and no principle of succession will ever prevail. At first, the Roman Empire only has the old body of the Republic at its disposal, unfit to manage a vast state. It doesn’t have its own institutions. Ultimately, everything lies on the will of a master appointed, in theory, by the Senate and the people but, in fact, elected to be a tool in the hands of the army. This absence of institutions becomes worst in the end of the second century of our time, due to three major phenomena: economic regression, religious crisis and the resurgence of the pressure from the Barbarians who have lifted a siege to the Mediterranean world a long time ago. Economic crisis: Rome had laid hands on the wealth accumulated since Alexander. After squandering everything, it isn’t able to regain its wealth through work. Its capitalism, if we can call it that, is nothing but a sterilizing usury; the old mines, intensively explored, are almost depleted. Religious crisis: would be enough to undermine a more robust organism. The Barbarians: Scandinavia overflows, spreading first to the West Germans, and ultimately over the Roman world, that will fight without truce to its limits. Thus, the storm of the third century is unleashed, in which the Hellenic-Roman world was about to perish, not so much under the influence of external blows, but under the destroying action of internal disagreements.

“The Empire is nothing but a botched ruin, and there is a tragic contrast between the enormity of the effort and the achieved result. The economic decline was only hindered and soon resumes its march for many centuries. The change of religion was, strictly from the political point of view, a mediocre operation: the emperor imposes Christianity at the very moment that this religion is suffering a terrible crisis, Arianism; and power throws itself wildly into the maelstrom of theological controversies, to the detriment of the Church and the State itself.”

The Empire - the author continues - is a pseudo-monarchy; lacking the fundamental characteristics of royalty; and the pomp and power of the emperors can’t compensate for this deficiency.

“The urban plebe kept the irreverence from its republican background; and of all possible feelings, loyalty is the one they are least attached to.”

A warrior aristocracy is also lacking. The old aristocracy became a bureaucracy, which trembles at the autocrat, thinking only of its interests. “But this terrified aristocracy, squatting before the Lord, from the earliest days of the empire, has a formidable economic power.

The great properties, which absorbed the small and medium-sized properties, and which, after the ruin of trade and industry, are the only source of wealth, are entirely in the aristocrats’ hands. Under an apparent submission, aristocracy is a rival to monarchical power, and when it returns to war, in the West, it will replace it.

The economic, legal and political underpinnings of medieval feudalism are already established in the Lower Empire.”

É este um dos exemplos característicos dos processos de articulação do período C a que nos temos referido; e que ao mesmo tempo comprova a profundidade de articulação que pusemos já em foco.

Continuemos, porém, a examinar o quadro traçado por Lot. O povo, sob a pressão dupla do imperador e da aristocracia, política uma, económica outra, reduz-se, a pouco e pouco, a um estado de embrutecimento cívico. Pensa apenas em divertir-se; é apenas romano pelo nome; somente as classes elevadas têm uma mentalidade romana. Gauleses, Bretões, Espanhóis, Africanos, Ilíricos, Egípcios e Asiáticos nada têm da consciência colectiva romana. «As controvérsias religiosas são as únicas capazes de arrancar este agregado de povos, de uma apatia profunda, de uma abulia sem remédio.»

Assim o Sistema tende a desagregar-se; é como um edifício cujas pedras não estão ligadas por um cimento suficientemente forte. Este cimento é uma unidade política artificial, quebrando pela força as resistências, um poder absoluto que se mantém graças a uma compreensão brutal de tudo. Nenhuma política, nenhum espírito público. A esterilidade filosófica, científica, artística, provém ao mesmo tempo de causas económicas e de causas psíquicas: e desta prisão não consegue evadir-se senão pela porta do misticismo. Por uma fatalidade inexorável, o Império não consegue subsistir senão pelo despotismo; e o despotismo comprime toda a espontaneidade vital, mina o Estado e conduzirá fatalmente à sua perda. A massa morta dos servos e dos colonos, dos «lazzaroni» nas cidades, não oferece ao Estado nenhum ponto de apoio, nenhum recurso.

Os processos mecanóides da decadência são aqui bem visíveis; forças em jogo actuam cegamente em acção e reacção, e por tal forma que, quaisquer que sejam as vontades dos homens, tudo sucederá segundo leis fatais, dando mesmo o paradox aparente de a própria acção dos homens, dirigida num determinado sentido, concorrer precisamente para fazer marchar as coisas em sentido contrário. É que essa acção, independente do seu ideal, é apenas uma força que se integra no sistema de forças em jogo e entra com elas em conflito. Lot faz notar, e justamente, o conflito das fórmulas e símbolos orgânicos, das forças políticas com as forças criadoras da vida, que é, a meu ver, um dos conflitos capitais dos períodos de decadência. É análogo ao conflito que encontramos no declínio das religiões organizadas (religiosismos definido e indefinido). 25

Todo o sistema histórico em decomposição é facilmente permeável às influências exteriores. Assim, Roma em decadência deixa-se infiltrar por elementos asiáticoes, que substituem a sua estética aos ideais helénicos. «O Oriente, a Ásia, apodera-se do Ocidente, quer sob o ponto de vista estético, por todas as formas da sua arte (arquitectura, tapeçaria, escultura), quer sob o ponto de vista ético, pelas religiões: mitracismo, maniqueísmo, cristianismo.» É este um facto capital, porque a incidência do elemento estranho, o Cristianismo, que é inteiramente oposto ao espírito geral do Sistema Greco-Europeu, vai desempenhar, pelas acções e reacções que provoca, um papel mecanóide importante no Sistema Histórico da Europa. Uma grande parte dos movimentos deste Sistema consiste em fluxos e refluxos de acção e reacção entre o espírito próprio do Sistema Greco-Europeu e o Cristianismo; por tal forma que a entrada do Sistema Europeu no seu período áureo é caracterizado, entre outras coisas, como é sabido, pelo Renascimento, o qual não é mais, no fundo, que uma reacção violenta do espírito greco-europeu contra o Cristianismo.

This is one of the typical examples of articulation processes of the C period we have referred to; and, at the same time, one that proves the depth of the articulation that we already put into focus.

However, let us continue to examine Lot's outline. Under the political and economic pressure of both the emperor and the aristocracy, the people are reduced, little by little, to a state of civic stultification. Their only concern is to have fun; the people are merely Roman by name; only the upper classes have a Roman mentality. Gauls, Britons, Spaniards, Africans, Illyrians, Egyptians and Asians possess nothing of the Roman collective consciousness. "The religious controversies are the only ones able to pull this people from a profound apathy, an abulia without remedy."

Thus, the System tends to fall apart; like a building whose stones are not attached by a strong enough cement. This cement is an artificial political unit, breaking the resistance by force. An absolute power kept by a brutal understanding of everything. No policy, no public spirit. The philosophical, scientific and artistic sterility comes from economic and psychological causes; and is only able to escape from this prison through the door of mysticism. By an inexorable fatality, the Empire can only subsist through despotism; and despotism represses all the vital spontaneity, undermines the State and inevitably leads to its loss. The dead mass of servants and settlers, of the "Lazzaroni" in the cities, doesn't provide any foothold or resource to the State.

The mechanical processes of decline are clearly visible here; forces at work blindly act and react, and so, despite the will of men, everything will happen according to fatal laws; even the apparent paradox of men's action directed to a certain aim, but still causing things to run precisely in the opposite direction. This action, regardless of its ideal, is merely one of the forces that constitute the System of forces at work, coming into conflict with them, at the same time. Lot rightly underlines the conflict between organic formulas and symbols, between political forces and the creative forces of life, which, I believe, is one of the capital conflicts in the periods of decline. It is analogous to the conflict we find in the decline of organized religions (defined and undefined religiousness). **25**

Every historical system in decline is easily permeable to outside influences. In this way, Asian elements easily infiltrate Rome in its period of decline, replacing the original Hellenic aesthetic ideals. "The East, Asia, seizes the West, from the aesthetical point of view, through all its art forms (architecture, tapestry, sculpture), as well as from the ethical point of view, through religions: Mithraism, Manichaeism and Christianity". This is a primordial fact because the incidence of the foreign element, Christianity, which is entirely opposed to the general spirit of the Greco-European System, will play an important mechanical role in Europe's Historical System, due to the actions and reactions that it provokes. A large part of this System's movements consists of ebbs and flows of action and reaction between the typical spirit of the Greco-European System and Christianity; it is so that the beginning of the European System's golden period is characterized, among other things, by the Renaissance, which is nothing but a violent reaction of the Greco-European spirit against Christianity.

As místicas asiáticas são factos capitais na decomposição do Sistema Romano. Este fenómeno filia-se num processo geral, que a seguir estudaremos, característico dos períodos de decadência e que consiste na dissolução mística do pensamento. Este processo, manifesto na decadência grega e que começa a manifestar-se na actual Europa, é precisamente representado, no que diz respeito à decadência romana, pela dissolução operada no seu Sistema pela mística cristã e outras infiltrações.

Quanto à literatura, diz Lot, a sua decadência é bem mais profunda ainda, primeiramente em Roma, depois no Oriente helénico. «Aqui, nenhuma influência externa pode, como no caso da arte, renová-la, quando muito prolongá-la. Tentámos já ver por que razão o Cristianismo, longe de trazer um influxo novo às letras antigas, antes se adaptou às formas mais desusadas de uma tradição literária petrificada em fórmulas convencionais. Sem dúvida, as literaturas objectivas, não sendo fundadas sobre emoções pessoais, estão sempre ameaçadas de estancar-se a curto prazo. Não são somente as literaturas antigas, mas as letras modernas que estiveram em risco, há cento e cinquenta anos, de perecer ressequidas. Rousseau e os Românticos, introduzindo o subjectivismo na literatura moderna, salvaram-na da morte.

Lot aborda em seguida dois fenómenos capitais, cuja importância pusemos já em relevo: a dissolução mística do pensamento e a desintegração no complexo da curva da totalização de experiência.

«A filosofia e a ciência estão em plena decadência há muito tempo. Esta decadência começou mesmo antes do aparecimento do Império romano, antes mesmo da hegemonia de Roma, no século II da nossa era. Precipita-se depois, por vários motivos: O espírito científico, mal separado do espírito filosófico, seguiu por um caminho sem saída com a lógica aristotélica. A base, demasiado estreita, da ciência antiga repousa sobre as matemáticas e algumas partes da física; os conhecimentos em química e em biologia são quase nulos.»

«E há sobretudo a concorrência religiosa. O sentimento religioso, entorpecido durante os séculos que precederam a seguir à era cristã, retoma a sua força com extrema violência no século III; entra como conquistador na alma humana e resolve reinar ali sem concorrentes.»

Estes três factos: dissolução mística do pensamento, enfraquecimento do espírito científico e hegemonia da emotividade religiosa são característicos de todos os períodos de decadência dos Sistemas Históricos; aparecem, com o maior relevo, na decadência da Grécia, e vamos encontrá-los, actualmente, nos prelúdios da decadência da Europa. Como vemos, aparecem na curva do Sistema Romano, no século III, conjugados com todos os outros processos da decadência.

Outro facto: a força militar de Roma, após Constantino, depois do século III, eclipsa-se quase repentinamente e passa para os Bárbaros.

Lot dá-nos uma explicação deste facto, sobre a qual não insistiremos aqui; recordaremos apenas, (porque é um sintoma característico) que o fenómeno capital da história do exército romano é que «a seguir a Constantino, talvez mesmo anteriormente, se esvazia de Romanos, para chegar rapidamente a não ser formado senão de Bárbaros. Exército romano nos séculos IV e V quer dizer apenas exército ao serviço de Roma (e a seguir, de Bizâncio).

Asiatic mysticism is a very important fact in the decomposition of the Roman System. This phenomenon is affiliated to a general process of the periods of decline, as we will study later, which consists in the mystical dissolution of thought. This process, manifested in the Greek decline, starts to manifest itself in today's Europe and is accurately represented, in the Roman decline, by the dissolution operated by the Christian mysticism and other infiltrations in its System.

As for literature, Lot says, its decline is much deeper still, first in Rome, then in the Hellenic East. "Here, no external influence can renew it, as in the art's case. Maybe prolong it, at most. We have already tried to understand why Christianity, far from bringing a new life to the old literature, chose to adapt to the most obsolete forms of a literary tradition that was petrified in conventional formulas. Undoubtedly, the objective literature, not being founded on personal emotions, is in danger of coming to an end, in the short term. It wasn't only the ancient but also the modern literature that were at risk of perishing, one hundred and fifty years ago. Rousseau and the Romantics, introducing subjectivism in modern literature, saved it from certain death.

Lot then addresses two main phenomena, whose importance we have already noted: the mystical dissolution of thought and the disintegration in the complex of the totalization of experience curve.

"Philosophy and science have been in full decline for a long time. This decline began before the appearance of the Roman Empire, even before the hegemony of Rome in the second century of our era. It precipitates later, for several reasons: The scientific spirit, barely separated from the philosophical spirit, followed through a dead end with Aristotelian logic. The extremely narrow basis of ancient science rests on mathematics and some parts of physics; knowledge in chemistry and biology is almost nonexistent."

"And, above all, there is religious competition. The religious belief, which was numb during the first centuries of the Christian era, returns strong and extremely violent in the third century; it enters the human soul as a conqueror and decides to reign there without competition."

These three facts: the dissolution of mystical thought, the weakening of the scientific spirit and the hegemony of religious emotion are characteristic of all periods of decline of the Historical Systems; they appear, with greater emphasis, in the Greek decline, and we find them currently, at the prelude of Europe's decline. As we can see, they appear in the curve of the Roman System, in the third century, combined with all other processes of decline.

Another fact: Rome's military force, after Constantine, after the third century, suddenly disappears and is transferred to the Barbarians.

Lot gives us an explanation for this fact, one which we will not focus on here; we will only remember, (because it is a characteristic symptom) that the capital phenomenon of the history of the Roman army is that "after Constantine, perhaps even earlier, it stops being formed by Romans, to quickly become constituted of nothing but Barbarians. The Roman army, in the fourth and fifth centuries, only meant army at the service of Rome (and then, of Byzantium).

Em resumo, concluiu Lot, «exceptuando a Bretanha e uma facha a oeste do Reno e ao sul do Danúbio, em que os elementos germânicos se substituíram inteiramente à România, os Bárbaros não destruíram o Império romano do Ocidente. O Império morreu de doença interna. Durante os dois últimos séculos da sua existência, opõe uma política de conservação implacável às forças económicas, sociais, políticas, étnicas, que querem a sua dissolução. No entanto, a partir do fim do século IV, a sua resistência cede rapidamente. No século V é um aluir sem esperança de levantamento, até que Roma deixa finalmente escapar o poder de suas mãos desfalecidas. Esta tragédia, o Mundo Antigo que não quer morrer, é um dos espectáculos mais impressionantes que pode oferecer-se aos olhos do historiador e do sociólogo.»

Esta rápida descrição mostra-nos, em resumo, que a decadência de Roma começa ou acelera-se no século III, e que, ao mesmo tempo, se inicia a curva do futuro Sistema Europeu. A curva é a princípio quase imperceptível; muito tempo caminha quase paralela ao eixo das abcissas; a sua ascensão é quase nula, mas existe já, em realidade, a partir deste século. Começa a levantar-se lentamente mais tarde, ao entrar-mos no que se convencionou chamar a Idade Média.

Quer isto dizer que o Sistema Europeu não se constitui a partir de um ponto bem definido; a sua curva é a princípio quase rectilínea. Não há em rigor um ponto que possa ser marcado como início; tal início é definido, pelo contrário, por um longo trajecto de curva, e, neste trajecto, cada ponto pode ser convencionalmente escolhido como início. Além disso, a curva de formação do Sistema Europeu é acompanhada, durante um longo trajecto, pela curva de declínio do Sistema Romano: fenómeno de justaposição a que aludimos já.

Como, por outro lado, o início de um Sistema Histórico é regido pela lei do cruzamento, temos de entrar em consideração, para marcar esse começo, com a chamada invasão dos Bárbaros. Mas este fenómeno é um processo lento e complexo, com fluxos e refluxos, paragens, suspensões e crises agudas, que não corresponde igualmente a uma data simples. À ofensiva dos Bárbaros correspondem contra ofensivas do Império, já em decadência; e, além disso, os Bárbaros infiltram-se, a partir de certo momento, de uma forma cada vez mais ampla no organismo do Império. De resto, como faz notar Lot, a invasão dos Bárbaros (Radagasio, os Visigodos, os Hunos, etc.), a desapareição do «Império» em 476, a ocupação do país pelos Ostrogodos, nenhum destes grandes acontecimentos afecta profundamente a vida social ou mesmo a organização e a geografia administrativa do país.

«Imagina-se, ou antes, imaginava-se, não sei que terramoto, não somente político mas também social, em 476: Odoacro distribuindo aos seus bandos germânicos, revoltados contra o Império, o terço do solo da Itália. As coisas não se passaram assim. Que os Germanos fossem senhores do exército, nada havia nisso que pudesse surpreender os Italianos. Há perto de dois séculos, mesmo no tempo em que o Império brilhava ainda com um esplendor incontestado, sob Constantino, — e, talvez mesmo, já sob Diocleciano — o exército ao serviço de Roma era sobretudo composto de Bárbaros, em maioria Germanos. E isso não era então de nenhuma consequência, pois que essas tropas eram fiéis.»

Quer dizer, a invasão dos Bárbaros não é um fenómeno-catástrofe rápido, mas um processo complexo e longo em seu movimento e mecanismos.

In short, Lot concludes, “with the exception of Britain and a strip, west of the Rhine and south of the Danube, where the Roman elements were entirely replaced by Germanic ones, the Barbarians didn’t destroy the Western Roman Empire. The Empire died of internal disease. During the last two centuries of its existence, there is a ruthless policy of conservation against the economic, social, political and ethnic forces that seek its dissolution. However, since the end of the fourth century, its resistance quickly disappears. In the fifth century everything seems to collapse with no hope for recovery, until Rome finally lets the power slip from its weakened hands. This tragedy, the Old World who doesn’t want to die, is one of the most impressive performances from an historian’s and sociologist’s point of view.”

This brief description shows us, in short, that the decline of Rome begins, or accelerates, in the third century, and that, at the same time, the curve of the future European System begins. At first the curve is almost imperceptible; it moves almost parallel to the axis of the abscissas for a long time; its ascension is almost nonexistent, but it starts, in fact, in this century. It then begins to rise, slowly, in the Middle Ages.

This means that the European System is not built from a well-defined point; at first, its curve is almost straight. No point can be marked as the beginning; such beginning is defined, on the contrary, by a long trajectory of the curve where each point can be conventionally chosen as the beginning. In addition, the formation curve of the European System is accompanied by the declining curve of the Roman System for a long time: the phenomenon of juxtaposition that we have already talked about.

On the other hand, as the law of intersection regulates the beginning of a Historical System, we have to take it into consideration, to establish that beginning in the invasion of the Barbarians. But this phenomenon is a slow and complex process, with ebbs and flows, pauses, suspensions and serious crises that also don’t correspond to a simple date. The empire, already on the wane, responds poorly to the Barbarian offensive; moreover, at one point, the Barbarians start to infiltrate the Empire in an ever-wider manner. Furthermore, as Lot says, none of these great events, the invasion of the Barbarians (Radagaisus, the Visigoths, the Huns, etc.), the disappearance of the “Empire” in 476, the country’s occupation by the Ostrogoths, greatly affects the social life or even the organization and administrative geography of the country.

“Turmoil, not only political but also social, was thought to happen in 476: Odoacer distributing a third of Italy to its German gangs, who were revolted against the Empire. Things didn’t happen like that. The fact that the Germans were army masters was no surprise to the Italians. Nearly two centuries ago, even when the Empire still shone with unchallenged splendor, under Constantine, — and, even perhaps, under Diocletian - Barbarians, mostly Germans, mainly constituted the roman army. And it didn’t have any consequences then, because those troops were loyal.”

That means that the invasion of the Barbarians is not a fast catastrophic phenomenon, but a complex and long process in its movement and mechanisms.

Serve de prelúdio à formação do Sistema Europeu, não porque determine uma catástrofe que corte em duas a História, mas sim porque converge com outros processos nesta formação. O processo de decomposição do mundo antigo é lento, e a movimentação dos Bárbaros segue-o na sua lentidão. As coisas passaram-se por gradações insensíveis, com sobressaltos bruscos seguidos de acalmias, e conflitos seguidos de compromissos.

Qualquer marcação pontual de data, a este respeito, é igualmente convencional, pois a invasão dos Bárbaros forma na História uma larga mancha no espaço e no tempo, com partes mais obscuras e outras mais cinzentas.

Durante todo este período faz-se um amplo e profundo caldeamento de elementos étnicos e culturais, uma interferência profunda de elementos históricos, ao mesmo tempo que os mais complexos cruzamentos sanguíneos e ideológicos.

Todo este processo, no seu conjunto, é uma nebulosa de onde, a pouco e pouco, sai o Sistema Europeu: é pois o processo no seu conjunto que marca o início deste, e não esta ou aquela data fundamental.

Qualquer data precisa, neste caso, é convencional e o mais que podemos fazer, em tais circunstâncias, é escolher uma data central na larga mancha temporal que representa o processo. Por forma que, combinando os dados fornecidos pela decadência de Roma com os que são fornecidos pelos movimentos dos Bárbaros, podemos marcar como início cronológico da curva do Sistema Europeu o século III. Tal data marca, não propriamente a ascensão da curva do Sistema, mas o seu prelúdio em linha quase recta, aquilo que precisamente Lot chama uma pré-idade média.

* * *

Com a marcação do segundo ponto fundamental da nossa curva sucede exactamente o mesmo. Um Sistema Histórico não entra no seu período áureo por uma mudança brusca de direcção, por uma ascensão instantânea; mas sim por uma longa e lenta inflexão da curva. Notemos, de resto, que a Europa é um complexo de nações; a entrada destas nos seus respectivos períodos áureos específicos não se faz em épocas sincrónicas, mas sucessivamente, por uma forma sistematizada. Segundo a lei de desenvolvimento dos povos de Schneider, 26 a França é 150 anos mais velha do que a Alemanha, e a Inglaterra quase 200 anos mais; a Espanha adianta-se à Alemanha 350 anos e a Itália em quase 500. A Alemanha estaria hoje no ponto que a França ocupou em 1770, a Inglaterra em 1720, a Espanha em 1570, a Itália em 1440. A Rússia ocupa o ponto que a Alemanha passou em 1850, a França em 1700, a Inglaterra em 1650, a Espanha em 1500 e a Itália em 1370. Schneider funda estes cálculos naquilo que podemos chamar a «lei do poeta». Segundo o autor, quando se trata de comparar evolutivamente culturas nacionais, há que buscar, em primeiro lugar, um ponto fixo presente em todas e do qual possa admitir-se que se acha no mesmo lugar do processo. Em todas as culturas existe identicamente uma «Poesia clássica» que personifica o carácter próprio da nacionalidade para a consciência do povo e seus vizinhos; em toda a parte aparece como primeiro labor cultural característico. Por esta razão, o autor toma com ponto fixo o ano de nascimento do primeiro grande poeta clássico. Tais são Dante, em Itália, (1265), Santilhana, em Espanha (1398), Shakespeare, em Inglaterra (1564), Corneille, em França (1606), Goethe, na Alemanha (1749), Tolstoi, na Rússia (1817), etc.

It serves as a prelude to the formation of the European System, not because it determines a catastrophe that cuts History in half, but because it converges with other processes in this formation. The decaying process of the ancient world is slow, and the movement of the Barbarians follows that slow pace. Things happened in smooth gradation, with abrupt shocks followed by tranquil periods and conflicts followed by compromise solutions.

Any isolated date, in this regard, is also conventional, since the invasion of the Barbarians forms, in history, a large period in space and time, with black and gray sections.

Throughout this period a broad and deep melting pot of ethnic and cultural elements takes place: a deep interference of historical elements and the most complex mixture of ideologies and blood.

This whole process is a nebula from where, little by little, the European System starts to rise: therefore, its beginning is established by the whole process, and not by this or that particular key date.

In this case, any precise date is conventional and what we can do, in such circumstances, is select a central date in the large time period that represents the process. So that, combining the data provided by Rome's decline with the data provided by the movements of the Barbarians, we can establish the third century as the chronological beginning of the curve of the European System. This date marks, not exactly the rise of the curve of the System, but its prelude in an almost straight line, precisely what Lot calls pre-middle age.

* * *

The same thing happens with the marking of the second fundamental point of our curve. A Historical System doesn't enter a golden period by a sudden change of direction or in an instantaneous ascension; but by a long, slow inflection of the curve. Moreover, we should note that Europe is a complex of nations; the entry of these in their specific golden periods does not happen in sync, but successively, in a systematic manner. According to Schneider's law of peoples' development **26**, France is 150 years older than Germany, and England almost 200 years older; Spain is 350 years older than Germany and Italy almost 500 years older. Germany would now be at the point where France was in 1770, England in 1720, Spain in 1570 and Italy in 1440. Russia occupies the point where Germany was in 1850, France in 1700, England in 1650, Spain in 1500 and Italy in 1370. Schneider bases these calculations on what we might call the "law of the poet". According to the author, when it comes to comparing national cultures, in evolutionary terms, we must seek, first, a common fixed point in all of them, assuming it to be in the same place in the process. In all cultures there is a "Classical Poetry" that embodies the very nature of nationality in the eyes of the people and its neighbours; it appears everywhere as the first characteristic cultural work. For this reason, the author chooses the year of birth of the first great classical poet as the fixed point. Such is Dante in Italy (1265), Santillana in Spain (1398), Shakespeare in England (1564), Corneille in France (1606), Goethe in Germany (1749), Tolstoy in Russia (1817), etc.

Schneider chama «período de incubação» de uma nacionalidade ao período que vai desde a mescla de sangue inicial até à aparição do primeiro grande poeta clássico. O período de incubação dura, em geral, para cada nacionalidade, 600 anos; enquanto o período áureo de cada nacionalidade dura apenas 300 anos; isto é, o período áureo, que é um período fértil em espíritos criadores, dura em geral apenas metade do período de incubação. Deste modo vê-se que esta lei coincide com aquela que em outro capítulo formulamos sobre a duração relativa dos períodos na curva dos Sistemas Históricos das civilizações.

Esta coincidência é notável, e a diferença que se nota (um terço, num caso, metade, no outro) tem a sua explicação em vários factores influenciando nos cálculos. O critério seguido por Schneider é, a meu ver, incompleto e discutível, baseado, em demasia, em critérios de valor; fizemos já ver que tais cálculos devem ter uma base quanto possível objectiva e as curvas obtidas com coordenadas objectivas. Schneider não toma em conta o expoente capital que é a arquitectura, nem a força expansional dos elementos que tem igual valor nos Sistemas Históricos gerais, que são as grandes civilizações, e nos sistemas elementares, que são as nações. Além disso, Schneider generaliza ao passado o conceito de nação, que é específico do Sistema Europeu; e confunde por vezes, lamentavelmente, «civilização» com «nação».

Ora, a elaboração histórica do conceito de nação é precisamente uma das características do Sistema Europeu; e a sua cristalização é um dos elementos que deve definir o seu período áureo. O conceito de nação, cujas raízes estão no antigo conceito de «cité», forma-se na nebulosa confusa da Idade Média, isto é, precisamente no 1o período do Sistema Europeu, e sai dessa nebulosa no fim deste período.

É sabido que o conceito de nação com que estamos hoje familiarizados, foi muito longo em definir-se, e a sua cristalização é, relativamente, muito recente. É o conceito orgânico fundamental do Sistema Europeu, como outrora a «cité» o foi da Grécia, e por tal forma que essa cristalização é um dos elementos que marca a idade adulta da Europa.

Reunindo assim os diferentes elementos: constituição do conceito de nação, força expansiva e intensificação do poder criador, acentuação na totalização de experiência, etc., pode-se escolher a data de 1500 como ponto em volta do qual flutuam as marcações arbitrárias possíveis no que diz respeito ao segundo ponto fundamental de uma curva: isto é, aquele que marca o início do 2o período ou período áureo.

A marcação deste ponto conduz-nos imediatamente à determinação da Idade da Europa (como Sistema Histórico), pois que, sendo o período áureo de cada Sistema, em geral e grosso modo, um terço do 1o período, ou período de formação, e tendo este, no Sistema Europeu, pouco mais ou menos doze séculos, o 2o período deve corresponder a quatro séculos. O terceiro ponto da curva corresponde assim a 1900, e o 2o período abrange os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. O século XX inicia, pois, a descensão da curva, e com ela marca o início do declínio do Sistema Europeu, o qual, em face da nossa lei, deve percorrer em sua descida mais de dez séculos.

Schneider calls the “incubation period” of a nationality to the period from the initial mixture of blood to the appearance of the first great classical poet. The incubation period usually lasts 600 years for each nationality; while the golden period of each nationality only lasts 300 years, i.e., the golden period, which is fertile in creative spirits, usually lasts only half the duration of the incubation period. Therefore, we see that this law coincides with the one formulated in another chapter on the relative duration of periods in the curve of the Historical Systems of civilizations.

This is a remarkable coincidence, and the difference (a third on one case, half on the other) is explained through various factors that affect the calculations. From my point of view, the criterion followed by Schneider is incomplete and debatable, for it is excessively based on value criteria; we already saw that such calculations should have a basis as objective as possible and the curves should be obtained with objective coordinates. Schneider does not take into account the capital exponent that is architecture, nor the expansionist strength of the elements that are equally valuable in the general Historical Systems, which are the great civilizations, and in the elementary systems, which are the nations. In addition, Schneider generalizes the concept of nation, which is specific to the European System, to the past, and, unfortunately, sometimes confuses “civilization” with “nation”.

The historical development of the concept of nation is precisely one of the characteristics of the European System; and its crystallization is one of the elements that should define its golden period. The concept of nation, rooted in the ancient concept of “*cit *”, is formed in the confused nebula of the Middle Ages, that is, precisely in the first period of the European System, and leaves that nebula at the end of this period.

It is known that the concept of nation, with which we are familiarized today, took too long to be established, and its crystallization is relatively recent. It is the fundamental organic concept of the European System, as once the “*cit *” was of Greece, and that crystallization is one of the elements that establish the adulthood of Europe.

Thus, combining the different elements: the establishment of the concept of nation, the expansionist force and intensification of creative power, the accentuation of the totalization of experience, etc., one can choose the date of 1500 as the point around which the second fundamental point of a curve possibly stands: that is, the one that marks the beginning of the second period or golden period.

The marking of this point leads us immediately to the determination of Europe’s Age (as an Historical System), since the golden period of each System is, roughly and generally, a third of the first period, or period of formation, and the first period of the European System lasts about twelve centuries, the second period should correspond to four centuries. Therefore, the third point of the curve corresponds to 1900, and the second period covers the sixteenth, seventeenth, eighteenth and nineteenth centuries. The twentieth century begins the descending curve, establishing the beginning of the decline of the European System, which, by our law, should cover over ten centuries.

Fig. 14

Tal é a curva do Sistema Europeu actual segundo o nosso cálculo, curva que, com os seus pontos fundamentais, nos dá o Estado da Europa.

Fig. 14

This is the curve of the current European System according to our calculation, which, through its fundamental points, gives us the State of Europe.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

A REGRESSÃO ECONÓMICA

Os processos de regressão económica da crise europeia têm sido estudados por numerosos autores especializados, quer da escola diamática, quer de outras escolas. Não insistiremos por essa razão nestes processos, limitando-nos a focar a questão sob o ponto de vista da analogia de fenómenos que se constata nos pontos homólogos das curvas dos Sistemas Históricos.

Lot, no seu livro citado, formula e desenvolve uma tese que tem sob este ponto de vista uma importância capital. Segundo essa tese, o Império Romano a partir do século III é uma preparação da Idade Média. 27

Esta tese documenta por uma forma particularmente sugestiva a teoria exposta acima sobre os períodos de articulação dos Sistemas Históricos. Vimos que os fenómenos deste período tem uma dupla valência, positiva ou negativa, conforme o sistema de referência a que nos reputamos. O fenómeno que Lot põe em relevo é, precisamente, um exemplo típico desta dupla valência. Além disso, mostra quanto é profunda a interpenetração dos Sistemas, isto é, quanto é longo o período de articulação. Por fim, a tese de Lot coincide exactamente com a marcação que acima fizemos do primeiro ponto fundamental da curva do Sistema Europeu, data capital, como dissemos.

Mas o traçado da curva deste sistema mostra-nos que o ponto ocupado pela actual crise corresponde, grosso modo, precisamente ao ponto definido pelo século III em referência ao Sistema Romano. São pontos homólogos; e, assim, para compreender os processos de regressão actual, temos de fazer o estudo, embora rápido, destas homologias. Seguiremos aqui, resumindo-o, o estudo magistral de Lot.

«Que o mundo romano sofreu uma perturbação económica das mais graves, a partir do século III e mesmo desde a segunda metade do século II, é um facto bem conhecido.» Em primeiro lugar, alteração da moeda e perturbação dos preços. No fim da República, a economia monetária sucede à economia natural ou doméstica. Cada domínio, grande ou pequeno, na economia doméstica, fornece tudo o que é preciso para a subsistência da família, e tudo é consumido in loco, ou, quando muito, trocado com outros produtos. Mas o mundo mediterrâneo tinha ultrapassado este estado: os países helénicos anteriormente ao V século anterior à nossa era, e a Itália latina pelo século III. A economia monetária encontrava-se mesmo bastante avançada para que J. César pudesse fazer de um dos metais preciosos, o ouro, o regulador dos valores; tinha, como diríamos hoje, adoptado o estalão ouro.

Mas no decurso do século III, a crise precipita-se. «O antonianus, única moeda em circulação, não passa de uma moeda de chumbo ou cobre, recoberta com fina camada de prata, uma moeda «saucée», um «assignat metálico» como diria Mommsen. A despeito das prescrições imperiais, os preços sofrem perturbações correlativas. Jamais o mundo vivera semelhante abalo económico.

PART TWO

CHAPTER I

THE ECONOMIC REGRESSION

Several specialized authors from the dialectical school and others have studied the processes of economic regression of the European crisis. Therefore, we won't insist on these processes, addressing the issue only from the point of view of the analogy of phenomena that have been observed in homologous points of the Historical Systems' curves.

In his already quoted book, Lot formulates and develops a thesis of capital importance, from this point of view. According to this thesis, the Roman Empire is a preparation of the Middle Ages, since the third century. **27**

This thesis documents, in a particularly suggestive way, the theory presented above about the articulation periods of Historical Systems. We have seen that this period's phenomena have a double valence, positive or negative, in conformity with the system to which we refer. The phenomenon that Lot highlights is precisely a typical example of this double valence. Furthermore, it shows the depth of the interpenetration of systems, i.e., the duration of the period of articulation. Finally, Lot's thesis coincides with the establishment of the first capital point of the curve of the European System, marked above. As we said before, a fundamental date.

But this System's curve shows us that the point occupied by the current crisis corresponds precisely to the point that defines the third century in the Roman System. They are homologous points, and, thus, to understand the current processes of regression, we have to study, although briefly, these homologies. We will summarize and follow Lot's magisterial study.

"That the Roman world suffered one of the most serious economic disruptions, since the third century and even since the second half of the second century, is a well known fact." The first of which was the currency change and the instability of prices. By the end of the Republic, the monetary economy replaced the natural or domestic economy. In the domestic economy each domain, large or small, provides everything necessary for family subsistence, and all is consumed on the spot or, at best, exchanged by other products. But the Mediterranean world had surpassed this state: Hellenic countries, before the fifth century prior to our era, and Latin Italy by the third century. The monetary economy was indeed very advanced for J. Cesar to turn one of the precious metals, gold, into the balance wheel of values; as we would say today, he adopted the gold standard.

Yet, during the course of the third century, the crisis precipitated. "The *antonianus*, the only currency in circulation, was nothing but a lead or copper coin, covered with a thin layer of silver, a "*saucée*" coin, a "*metallic assignat*", as Mommsen would say. Notwithstanding the imperial prescriptions, prices suffered correlative disturbances. The world had never lived such economic turmoil.

Os esforços de Aureliano para remediar este estado de coisas foram inúteis.» Diocleciano conseguiu-o; mas, «quanto à sua tentativa para instituir um máximo para os preços dos víveres, salários, objectos usuais, teve uma fortuna bem diferente: o fracasso foi total, e Constantino retirou o édito. A despeito destas medidas, o mal estar do mundo romano persiste. Vê-se por indícios certos que a sociedade está em estado de regressão económica, a economia monetária cedendo cada vez mais o lugar à economia natural ou doméstica. Volta-se para trás, muito para trás.» Médicos, arquitectos, professores, tudo vive de anonas 28; e no próprio exército, o soldo tende cada vez mais para o pagamento in natura. «Como a ausência de numerário acarretava a desapareição do soldo, prefere-se, por economia, ao exército romano, demasiado dispendioso, o exército bárbaro que usa o seu próprio armamento sob os seus próprios chefes: e os seus serviços são pagos com terras.» A evolução foi muito bem vista por Montesquieu que, nas suas *Considérations* exprimiu-se assim: «a impotência em que se encontraram de pagar estes encargos (soldos e liberalidades ao exército) fez com que se adoptasse uma milícia menos cara. Fizeram-se tratados com as nações bárbaras que não tinham nem o luxo dos soldados romanos, nem o mesmo espírito, nem as mesmas pretensões. «Quanto às consequências, acrescenta Lot, de um sistema que não permite recompensar os serviços prestados senão sob a forma de pagamento natural, de distribuição de terras, são fáceis de entrever: conduzem ao regime feudal ou a um regime análogo. Em todos os Estados em que este regime se manifestar, vemo-lo coexistir com a economia natural e desaparecer ou atenuar-se com as transformações económicas.»

Em suma, Roma, economicamente próspera no fim da República e durante os dois primeiros séculos do Império, acha-se irremediavelmente arruinada a partir do século III. Porquê?

«É um fenómeno muito surpreendente para nós, escrevia Lot em 1914, habituados ao espectáculo de uma prosperidade sem cessar crescente. Uma crise comercial, uma guerra, podem interromper esta prosperidade, mas nós estamos certos de que, após um tempo de suspensão mais ou menos longo, os negócios recomeçam e de que a produção das riquezas não se suspenderá jamais. Por que razão?» E Lot responde: «porque vivemos em regime capitalista, sob o qual todas as forças da sociedade tendem para a produção de valores que são lançados em mercados cada vez mais extensos.»

Todos conhecem o que a crise europeia nos revelou a este respeito. Eis-nos, pois, em plena questão de saber se na Antiguidade houve ou não um regime capitalista. A maior parte dos historiadores afirmam que sim; «por consequência — diz Salvioli resumindo estas opiniões, que não partilha, — a Antiguidade não oferecia nenhuma diferença com os tempos modernos sob o ponto de vista económico. Foi uma grosseira crença popular que acreditou na lenda segundo a qual o desenvolvimento histórico dos povos mediterrâneos se fez de forma contínua, segundo uma linha ascendente. Esta crença encontra o seu apoio na repartição tripartida da história em: Antiguidade, Idade Média, Tempos Modernos. E como se encontram na Idade Média condições de vida muito primitivas, julga-se poder induzir condições ainda mais primitivas para a Antiguidade. Muito ao contrário, a Antiguidade estava muito mais avançada do que a Idade Média.»

Lot, como Salvioli, não pensa desta maneira.

Lot, nega a existência na Antiguidade de um capitalismo à moderna e de grande indústria. A economia antiga é sobretudo de tipo doméstico.

Aurelian's efforts to remedy this state of things were useless. "Diocletian was able to succeed, but "as to his attempt to establish a maximum price for food, wages and common objects, the outcome was different: the failure was total, and Constantine withdrew the edict. Despite these measures, the malaise of the Roman world remains. It is evident that society is in a state of economic decline, with the monetary economy increasingly giving way to the natural or domestic economy. There is a regression, far back. "Doctors, architects, teachers, all live on custard apples; and even in the army, there's a tendency for payments in kind. 28 "As the absence of money leads to the disappearance of pay, the Roman army, too expensive, is replaced by the Barbarian army that uses its own weapons under their own chiefs, and whose services are paid for with land." The outcome was wittily described by Montesquieu, who stated in his *Considerations* that: "the inability to pay these costs (salaries and donations to the army) led to the adoption of a less expensive militia. Treaties were made with Barbarian nations who had neither the luxury, nor the spirit or claims of the Roman soldiers. "The consequences, Lot adds, of a system that does not allow the reward of services rendered, unless in the form of natural payment or land distribution, are easy to envision: they lead to the feudal system or to a similar regime. In all States where this regime is manifest, it coexists with natural economy and it disappears or is reduced through economic transformations."

In short, Rome, which was economically prosperous by the end of the Republic and during the first two centuries of the Empire, finds itself hopelessly ruined by the third century. Why?

In 1914 Lot wrote "it is a very surprising phenomenon for us, accustomed to the spectacle of constantly increasing prosperity. A commercial crisis, a war, may end this prosperity, but we are certain that, after a given period of suspension, business will resume and the production of wealth will never be suspended again. Why?" And Lot replied, "because we live under capitalism, in which all forces of society tend to produce goods for increasingly extensive markets."

Everyone knows what the European crisis has revealed to us in what regards this subject. We are, thus, questioning whether or not there was a capitalist regime in Ancient Times. Most historians believe so. Salvioli says, "consequently - summarizing these opinions he doesn't share — Antiquity was no different from modern times, from the economic point of view. It was a crude popular belief based in the legend according to which the historical development of the Mediterranean people was a continuous, that followed an ascending line. This belief finds its support in the tripartite division of history: Antiquity, Middle Ages, Modern Times. And due to the very primitive living conditions found in the Middle Ages, it is thought that even more primitive conditions would be found in Antiquity. However, on the contrary, Antiquity was far more advanced than the Middle Ages."

Lot disagrees, as does Salvioli.

Lot denies the existence of modern capitalism or great industrialization in Antiquity. Ancient economy is mostly domestic.

O capital não se aplica nas indústrias; o espírito de invenção, por seu turno, não é animado pela perspectiva de proveitos que o capital lhe traça quando se aplique a aperfeiçoar a técnica industrial. Estas acções e reacções recíprocas do espírito de invenção e do capitalismo, muito acentuadas na Europa desde o século XVIII e mesmo antes, não existem no mundo romano. Mas, na falta de máquinas e de utensílios aperfeiçoados, não poderá o emprego de braços humanos a baixos preços — a um mínimo de forças — não poderá o emprego de escravos, atrair capitais? Um instante, sim. Houve algumas grandes empresas alimentadas com escravos. Mas estas tentativas fracassaram, e a economia escravagista é fundamentalmente anti-capitalista.» Lot faz em seguida notar que a população da Antiguidade, muito menor do que se julgava, não tinha densidade suficiente para justificar a existência de uma grande indústria. E não somente a população era pouco densa, como tinha pouco poder de compra: simplicidade de vida, ausência de necessidades, de conforto, uma aurea mediocritas, como diz Lot. Fortunas imensas, colossais — faz notar Friedlander — mas os ricos vivem dos seus domínios rurais, e quase nada compram, a não ser objectos de luxo; e a «economia moderna mostra que o comércio de luxo é absolutamente insuficiente para produzir, suscitar e sustentar uma indústria florescente.»

Por outro lado, acrescenta Lot, a vida urbana antiga é muito diferente da moderna, que vive, antes de tudo, de indústria e de comércio; «enquanto os nossos grandes capitais modernos retiram o seu alimento das províncias vizinhas, pagando-lhes com o preço de uma indústria avançada, Roma, que mandava vir tudo daquelas, não retribuía nunca senão com o dinheiro dos impostos. Os cidadãos de cada cidade viviam à custa dos campos que lhe eram vizinhos.»

O comércio, ainda que mais importante do que a indústria, não atingiu nunca uma grande amplitude.

Se há na antiguidade sociedades comanditárias, por acções, seguros marítimos, títulos ao portador e à ordem, talões, mesmo papéis cambiais, e bancos que desempenham um grande papel, «há no entanto um abismo entre o argenteário romano, que não é mais do que um cambista ou um joalheiro, e o banqueiro moderno de negócios, cujo crédito vivifica a indústria e o comércio modernos. Com estas reservas — que são graves — vê-se que os Romanos do Império conheceram o que se chama a economia fiduciária; mas isso não significa que tivessem atingido o estado capitalista da economia. Há muito tempo já, K. Marx mostrou que a economia fiduciária era um anexo da economia monetária e que esta, se bem que precedendo a economia capitalista, não é menos, no entanto, fundamentalmente, organicamente distinta dela.

Igualmente se pode afirmar que não houve em Roma exploração agrícola de tipo capitalista. É certo que houve, no fim da República e sob o Império, esboços feitos no sentido de aplicar à agricultura os capitais abundantes de que dispunham as altas classes. Para um homem de baixa extracção enriquecido no comércio, o único meio de apagar esta tara era comprar terras. O pequeno comércio é «sórdido»; mas o negociante que se retira e emprega a fortuna na agricultura é digno de elogios. Os costumes, a legislação, o favor imperial, a moda igualmente, tudo conduzia a colocar dinheiro na compra e exploração dos grandes domínios agrícolas. Os resultados não corresponderam a esses esforços. A exploração conquistada do solo foi um fracasso completo.

Lot termina a sua exposição com o seguinte quadro:

Capital is not invested in industry; therefore, the spirit of invention is not encouraged to improve industrial technology by the prospect of possible profits that such capital may bring. These reciprocal actions and reactions of the spirit of invention and capitalism, quite pronounced in Europe since the eighteenth century and even before, don't exist in the Roman world. But faced with the shortage of machinery and perfected tools doesn't the use of cheap human labour – a minimum force – doesn't the use of slaves attract capital? It may be so, but only for a short period of time. There were some large companies that fed on slaves. But these attempts failed, and the slave economy is fundamentally anti-capitalist.” Lot subsequently notes that the population of Antiquity, much smaller than previously thought, was not enough to justify the existence of a large industry. And not only was the population sparse, but it also had little purchasing power: simplicity of life, no need for comfort, an “aurea mediocritas”, as Lot declares. Vast, colossal fortunes – says Friedlander - but the rich live off their rural domains, and buy almost nothing, except luxury objects, and the “modern economy shows that the luxury trade is absolutely insufficient to produce, raise and sustain a booming industry.”

On the other hand, Lot adds, the old city life is very different from the modern one which is supported, above all, by industry and trade, “while our great modern capital lives off neighboring provinces, paying them with the price of an advanced industry, Rome, which used the neighboring provinces for its needs, never repaid them with anything other than tax money. The citizens of each city lived at the expense of their neighbors' land.”

Commerce, although more important than industry, never reached vast proportions.

If, in Antiquity, there were statutory partnership associations, marine insurance, bearer securities and instruments to order, even bills of exchange, and banks playing a significant role, “there is, however, a gap between the Roman wealthy man, who is nothing more than a scalper or a jeweler, and the modern business banker, whose credit enlivens modern industry and commerce. With these serious reservations it is obvious that the Roman Empire experienced a fiduciary economy; but that doesn't mean their economy had reached capitalism. For a long time now, K. Marx showed that the fiduciary economy was an appendage of the monetary economy, which, though preceding the capitalist economy is organically different from it. It can also be stated that there wasn't a capitalist type of agriculture in Rome. It is true that, at the end of the Republic and under the Empire, efforts were made in order to apply to agriculture the abundant capital of the upper classes. For a man of the working class who enriched through commerce, the only way to erase this blemish was to buy land. The small business is “sordid”, but the trader who retires and employs fortune in agriculture is worthy of praise. The habits, the legislation, the imperial favour and also fashion led everyone to put money in the purchase and exploitation of large agricultural domains. The results did not correspond to those efforts. The exploitation of land was a complete failure.

Lot ends his presentation with the following statement:

«No termo desta revista, vamos concluir que não houve em Roma, nem espírito empreendedor, nem tentativa de utilizar as somas consideráveis que a conquista da Ásia e da Grécia tinha acumulado em Roma? Uma tal conclusão seria contrária não somente a toda a verosimilhança, mas a todos os textos. O fim da era republicana vê surgir homens novos, negociantes publicanos, ávidos de ganho, dotados de espírito de empreendimento ardente. As velhas classes, a dos cavaleiros, a dos senadores, animam-se com frenesi de gozo e de despesa e também com uma fúria de especulação. Certos tipos de homem de negócios são célebres. Puseram em foco a fisionomia de um Atticus, sempre à espreita de colocações vantajosas em todas as partes do mundo romano. Existiam sociedades comerciais, mesmo por acções. O direito comercial não é por forma alguma embrionário. No entanto, quando se examinam as coisas de mais perto, nota-se que a actividade se concentra sobre três espécies de negócios: 1.a a arrecadação de impostos devidos pelas províncias súbditas de Roma; 2.a a colocação imobiliária (terras imóveis das cidades); 3.a empréstimos usurários. E é perfeitamente visível que os publicanos, que espremiam as províncias, são antepassados dos «fermiers» feudais, e de nenhuma forma dos novos homens de negócios. As colocações imobiliárias foram pouco produtivas ou improdutivas. Têm um fim social, mundano; muito pouco valor económico. E acima de tudo floresce a usura. «O capital móvel não tomou senão a forma de usura. A usura é a grande especulação dos Italianos do século I antes de J. C., e durante o Império.

A usura é praticada sob todas as suas formas: do empréstimo puro e simples, da versatura (espécie de contrato obscuro mas muito honroso) e empréstimo em grande pela alta banca e pelos pequenos usurários de semana, diários, nuvem de gafanhotos, capazes de empobrecer os países mais ricos, verdadeiros eldorados, como a Ásia.» Os Itálicos qui negociantu, espalhados por toda a parte na sequência dos soldados, na Gália, na Ásia, por milhares, são antes de tudo usurários. O empréstimo semanal é o único mal visto, ignóbil. Mas a usura em grande escala é aceite, e não é vergonhoso que alguém se dedique a ela. E que usura! Cavaleiros, senadores emprestam a reis do Oriente, depois às cidades, às corporações, aos particulares, a taxas inverosímeis. O 4% por mês é de regra; alguns não emprestam senão a 75% ou 100%; Atticus, por exemplo, considerado pelos contemporâneos como o rei dos cavaleiros, como protegia os homens de letras deixou a reputação de um gentil-homem; Brutus emprestava a 48%. «Todos os grandes nomes da história romana estão ligados a operações usurárias.» «Na Itália, nos períodos de calma, a taxa de 12% é legal.» «A grande indústria de Roma é a usura.» O dinheiro não ia nem para a terra, nem para o comércio, nem para a indústria. O capital do mundo romano não fecundava empresas. Aplicado a operações usurárias, o capital secava o espírito empreendedor e, atacando as fontes de riqueza, desanimava a produção. «A usura foi em Roma, como seria sempre em países onde há pouca indústria comercial, um imposto exorbitante exigido aos pobres e aos necessitados pelos capitalistas, uma causa de ruína para o povo. Quanto menos negócio se faz, tanto mais a usura é excessiva.» Nada mais estéril, maléfico do que a usura. Não prospera senão nos países e nos períodos em que o verdadeiro crédito não existe, quer dizer, quando os espíritos não se seguram ainda à concepção capitalista dos negócios. Esta aristocracia usurária, ociosa, de nenhuma forma capitalista, foi, além disso, horrivelmente esbanjadora. Exagerou-se talvez o luxo das altas classes; não é menos certo que houve no fim da República e no começo do Império prodigalidades insensatas, uma grande destruição de riquezas. Estas riquezas, não foi Roma que as criou, mas sim o mundo helenístico.

“At the end of this review, can we conclude that there was no spirit of enterprise, or any attempt to use the considerable sums that the conquest of Asia and Greece had accumulated in Rome? This conclusion would be contrary to all verisimilitude and all texts. The end of the republican era witnesses the emerging of young men, publican traders, eager to profit, endowed with blazing entrepreneurial spirit. The old classes, the knights and senators, are excited with enjoyment, expenditure frenzy and speculation fury. Certain types of businessman are celebrated. They brought into focus the face of an Atticus, always on the lookout for favorable placement in all parts of the Roman world. There were business corporations, even joint stock companies. Commercial law was not primitive in any way. However, when we examine things more closely, we notice that activity focuses on three kinds of business: 1. the collection of taxes owed by the subject provinces of Rome, 2. real estate placement (land property of the cities) 3. usurer loans. And it is perfectly clear that the publicans, who oppress the provinces, are the ancestors of the feudal “fermiers”, not of the new businessmen. The real estate placements were slightly productive or unproductive. They have a social mundane purpose: very little economic value. And above all usury flourishes. “The circulating capital took the form of usury. Usury is the great speculation of the Italians of the first century before J. C., and during the Empire.

Usury is practiced in all its forms: the simple loan, the *versatura* (a kind of obscure but very honorable contract) and large loans provided by the banks and small usurers of the week, sometimes of the day, a cloud of locusts capable of impoverishing the richest countries, real El Dorados, such as Asia.” The thousands of *Italici qui negociantu*, scattered everywhere, in Gaul, in Asia, following the soldiers, are first of all usurers. The weekly loan is the only one considered malevolent, ignoble. But usury, on a large scale, is accepted and it isn’t shameful to engage in. And what usury! Knights and senators lend money to kings of the East, then to cities, corporations and individuals, at improbable rates. 4% per month is the rule; but some will only lend at 75% or 100%; Atticus, for example, regarded by contemporaries as the king of knights, as he protected men of letters, had the reputation of a gentleman; Brutus lent at 48%. “All the great names of Roman history are linked to usurious operations”. “In Italy, during periods of calm, the rate of 12% is legal”. “The great industry of Rome is usury”. The money was not used for land, trade, or industry. The capital of the Roman world didn’t fertilize companies. Applied to usurious operations, the capital was drying up the entrepreneurial spirit and attacking the sources of wealth, which discouraged production. “In Rome, as it has always been in countries with little commercial industry, usury was an exorbitant tax demanded from the poor and needy by the capitalists, a cause of ruin for the people. The lesser the gain from honest business, the more usury is excessive.” Nothing is more sterile or evil than usury. It only thrives in countries and periods in which there is no real credit, i.e., when people do not handle yet the capitalist conception of business. This lazy, usurious aristocracy, not capitalist in any way, was also terribly squanderer. Perhaps the luxury of the upper classes was excessive; it is equally true that there was foolish extravagance in the late Republic and early Empire, a great destruction of wealth. This wealth was not created by Rome but by the hellenistic world.

A indústria de Roma nos séculos II e I antes da nossa era, tinha sido a guerra, a espoliação dos vencidos. Drenado para Roma, mas não mantido por um verdadeiro espírito de empreendimento, o capital, produto de longos séculos de trabalho do mundo mediterrâneo, secou de pressa.»

«Os frutos da conquista dissiparam-se em um século.» O momento de maior luxo vai do meio do século I antes da nossa era até à morte de Nero. No tempo de Vespasiano, já a ordem equestre e a ordem senatorial estão como aniquiladas não só em consequência das perseguições políticas, mas também por causa de dissipações das fortunas. Vespasiano foi obrigado a constituir uma nova nobreza com famílias provincianas. E a partir deste momento, nenhuma fortuna dera mais de três ou quatro brasões. Observemos, por fim, que os Antigos não tiveram jamais ideia sã sobre a natureza de capital produtivo. Confundiam-no com o empréstimo ou o usurário, que não é senão um símbolo do valor de troca. Sabemos que «a acumulação do capital-moeda não é sinal de acumulação do capital, isto é, de reprodução; não representa a riqueza real.» Há pouco tempo que sabemos isso. Quando a rarefacção do numerário começa a fazer-se sentir — e isso desde o século II — na sequência da dissipação de riquezas antigas e esgotamento das minas de ouro e prata, resulta disso uma desorientação de gravidade excepcional. Começa então a alteração das moedas, a princípio lenta, depois muito rápida, após Setino Severo, a qual termina numa crise de preços. Que sobrevenha um período de perturbações políticas de longa duração (235-284), com todo o seu cortejo de misérias, de guerras intestinas, de confiscos, de invasões bárbaras e o numerário rarefeito, envilecido, esconder-se-á, o comércio será aniquilado e a prosperidade desmorona-se. É que a actividade dos primeiros séculos a.C. e depois de C., não foi mais do que efervescência passageira. O «capitalismo» romano não era senão uma delgada camada varrida ao sopro da tempestade, e a rocha subjacente da economia natural veio rapidamente à superfície. Esta volta à economia natural, depois da suspensão da economia monetária, é já, economicamente, a Idade Média.

«Política e socialmente, é o prefácio da Idade Média.»

Alberto de Broglie, por seu turno, traça o quadro seguinte: «A falar verdade, se o Império no século IV, em vez de comunicar as suas leis e os seus costumes às nações estrangeiras, se deixou dominar e vencer por ele, não foi isso devido nem à política pacífica de Constantino, nem às instituições militares que não eram disso senão a sequência natural. O mal vem de mais longe: teve a sua origem a uma profundidade que não é dado às leis atingir. Era pelas suas chagas interiores e pela decomposição de todas as suas forças vitais, e não por falta de qualquer organização militar, que o Império devia perecer. Dez séculos de corrupção e três de despotismo tinham conduzido a um estado de miséria moral e material, e, se ousarmos servi-nos de uma expressão demasiado moderna, é uma condição económica que tornava todas as leis impotentes. Para tudo dizer numa palavra, Roma, há quatro séculos, arruinava-se sem cessar, e na sua ruína pecuniária eram arrastados todos os seus recursos políticos.

Quando uma sociedade não pode satisfazer as suas próprias necessidades, não pode durante muito tempo prover à sua defesa. Roma, no século IV, não podia alimentar os seus cidadãos, nem manter a sua administração, nem sustentar o seu exército: de ano para ano, as suas populações empobreciam, e seus encargos tornavam-se mais pesados, ao mesmo tempo que suas forças se tornavam menores.

Rome's industry, in the second and first centuries before our era, had been the war industry, the plunder of the vanquished. The capital was brought to Rome but, due to the lack of a true spirit of enterprise, the result of many centuries of work of the Mediterranean world, quickly ran dry."

"The fruits of conquest vanished in a century." The moment of greatest luxury starts at the first century before our era and lasts until the death of Nero. In Vespasian time, the equestrian order and the senatorial order are already annihilated, not only as a result of political persecution, but also because of the dissipation of fortunes. Vespasian was obliged to establish a new aristocracy with provincial families. From this moment on, no fortune had more than three or four coats of arms. Finally, we observe that the ancients never had a clear idea about the nature of productive capital. They mistook it for the loan or the usurer, which are nothing but symbols of the value of the exchange. We know that "the accumulation of currency is not a sign of accumulation of capital, i.e., of reproduction; it doesn't represent real wealth." We realized this not long ago. When the scarcity of money began to be felt – since the second century - following the dissipation of wealth and exhaustion of gold and silver mines, there was a disorientation of severe importance. Then the change of the currency began, slowly at first, increasingly fast after Septimius Severus and ending in a price crisis. If there is a long period of political turmoil (235-284), with its cortege of miseries, internecine wars, confiscations and Barbarian invasions, rarefied and demeaned money will disappear, commerce will be annihilated and prosperity will crumble. The activity from the first centuries, B.C. and A.C., was nothing more than fleeting effervescence. The Roman "capitalism" was simply a thin layer swept by the breath of the storm, and the underlying rock of the natural economy came quickly to the surface. This return to the natural economy, after the suspension of the monetary economy is already, economically speaking, the Middle Ages.

"Politically and socially, it is the preface of the Middle Ages".

Alberto de Broglie draws the following outline: "In truth, if the Empire, in the fourth century, instead of communicating their laws and customs to foreign nations, was left to be dominated and conquered by them, it wasn't due to the peaceful politics of Constantine, nor to the military institutions that were merely its natural sequence. Evil comes from further away: it had its origin at a depth that laws aren't able to reach. It was through its inner wounds and decomposition of all vital forces, and not for the lack of any military organization, that the Empire was to perish. Ten centuries of corruption and three of despotism had resulted in a state of moral and material misery, and, if we dare to use an excessively modern expression, in an economic condition that made all laws become impotent. To sum up in a word, for four centuries, Rome was constantly undermined, and all its political resources were destroyed in its pecuniary ruin.

When a society is not able to meet its own needs, it can't provide for its defense for long. In the fourth century, Rome couldn't feed its citizens, nor maintain its management structure, nor support its army; year after year, its population impoverished, and its financial responsibilities were heavier, while its strength weakened.

Foi esta miséria crescente de que Constantino, como igualmente ninguém de sua época, sabia penetrar as causas, e à qual ele não trouxe senão remédios impotentes e algumas vezes piores do que o mal; que enganou todos os seus esforços, ludibriou todos os cálculos da sua política, entregou o Império, como uma presa fácil, aos seus inimigos e não permitiu às velhas nações romanas retemperar a tempo, nas inspirações de uma nova fé, o seu vigor exausto. Resta considerar sob este aspecto e sob este ponto de vista económico, que está ligado no entanto a altas considerações políticas e morais, o efeito e a sorte das instituições de Constantino. (A. de Broglie, *L'Eglise et l'Empire Romain au IV siècle*, Paris, 1856-66).

Esta causa profunda, de que fala Broglie, é a mesma que faz com que um Sistema Histórico se constitua, a mesma que faz com que ele descreva uma curva, a mesma que faz essa curva ter a sua forma: essa causa última é metafísica, se fora do nosso campo de estudo, não tem sentido científico.

O que vemos, pelo contrário, no campo objectivo, é que ao 3o período de um Sistema Histórico corresponde um complexo de fenómenos que são sensivelmente os mesmos em qualquer Sistema; porque, se fizermos abstenção das circunstâncias e características específicas deste ou daquele sistema particular, restam os fenómenos comuns. O que sucedeu na decadência de Roma, sucedeu na decadência da Grécia, e constata-se já no actual momento europeu. Simplesmente, como na seriação da cadeia greco-europeia há um progresso objectivo, a mesma coisa transforma-se em função desse próprio objectivo.

Assim, a regressão económica toma, na actual Europa, a forma de uma crise do capitalismo e fenómenos conexos, porque o capitalismo, pelo menos na sua forma actual, é uma característica do actual Sistema.

A propensão rápida da totalização de experiência, característica do grande Sistema Histórico Greco-Europeu — que faz a este respeito contraste com outros grandes sistemas — conduziu ao desenvolvimento da ciência, e, com ela, da grande indústria e do capitalismo, com todas as suas conseqüências.

A forma actual de regressão económica é pois devida, em última análise, ao grau atingido na curva da totalização de experiência que acompanha o grande sistema Greco-Europeu. A este grau corresponde um dado estado económico, e a este estado uma dada forma específica de regressão económica. Mas esta, como tal, é análoga à que se constata nos períodos correspondentes dos sistemas grego e romano, tal qualmente como a regressão de um organismo mais simples é fundamentalmente a mesma que a de um organismo complicado.

Há, em suma, na actual crise, fenómenos que são inerentes ao 3o período da curva europeia, como tal, e fenómenos que são inerentes à posição que a curva ocupa na grande cadeia greco-europeia, estes últimos sendo função de curva de totalização de experiência.

E da mesma forma por que, como diz Lot, o Império a partir do século III é uma preparação da Idade Média, assim a Europa actual é uma preparação do futuro Sistema Histórico. Estamos em face de uma sobreposição de curvas, tal como a descrevemos na primeira parte deste trabalho. O 3o período da curva do Sistema Romano sobrepõe-se ao 1.o período da curva do actual Sistema Europeu; da mesma forma o 3.o período da curva do actual Sistema Europeu recobra o princípio da curva do futuro sistema histórico.

It was this growing misery, which Constantine, as everyone at his time, didn't understand the causes of and to which he only brought powerless solutions, sometimes worse solutions than the problem itself, that tricked all his efforts, deceived all his political calculations, and handed the Empire, as an easy prey, to its enemies, not allowing old Roman nations to reinvigorate, in time, their exhausted vigour in the inspiration of a new faith. On this subject, and from this economic point of view, which is also linked to political and moral considerations, we still need to consider what the effect and fate of Constantine's institutions will be. (A. de Broglie, *L'Eglise et l'Empire Romain au siècle IV*, Paris, 1856-66).

This deep cause, analyzed by Broglie, is what brings about the constitution of a Historical System, its definition through a curve and the shape of that curve: that ultimate cause is metaphysical and, when beyond our field of study, has no scientific sense.

On the contrary, what we see in the objective field is that the third period of a Historical System corresponds to a complex of phenomena that is substantially the same in any System; because, if we put aside specific circumstances and characteristics of this or that particular system, we are left with only common phenomena. What happened in the decline of Rome, took place in the Greek decline, and it can be seen in Europe today. Just as in the Greco-European chain, there is objective progress. The same thing transforms in accordance to that very purpose.

Thus, in today's Europe, the economic regression takes the form of a crisis of capitalism and related phenomena, because capitalism, at least in its current form, is a characteristic of the current System.

The rapid propensity for the totalization of experience, typical of the great Greco-European Historical System — that contrasts with other major systems — led to the development of science, and, along with it, to the proliferation of the great industry and capitalism, with all its consequences.

The current form of economic regression is a result of the level reached in the curve of totalization of experience that accompanies the great Greco-European System. This level corresponds to a given economic state, and such state corresponds to a specific form of economic regression. But this one is similar to the one observed in the corresponding periods of the Greek and Roman Systems, just as the regression of a simpler organism is fundamentally the same as that of a complicated organism.

In short, there are, in the current crisis, phenomena that are inherent to the third period of the curve of Europe, and phenomena that are inherent to the position that the curve occupies in the great Greco-European chain, the latter being the function of the curve of the totalization of experience.

And so, Lot says, since the third century, the Empire is a preparation of the Middle Ages, as today's Europe is a preparation of the future Historical System. We are dealing with an overlapping of the curves, as we described in the first part of this work. The third period of the Roman system's curve overlaps the first period of the current European System's curve; and, in the same way, the third period of the current European System's curve coincides with the beginning of the future Historical System's curve.

Fig. 15

Notemos, no entanto, que estamos ainda no princípio desta justaposição; por outras palavras, a Europa actual está entrando naquilo que acima chamamos o período de articulação dos Sistemas.

O estudo deste período e a curva da Europa, acima feitos, mostram-nos, com efeito, que estamos ainda longe da plenitude do período de articulação, a qual não será atingida senão daqui a alguns séculos.

Fig. 16

Esquematizando, podemos grosso modo dizer que nos encontramos nas vizinhanças de ponto A, ou na parte da curva que se avizinha do tal ponto. Por essa razão, a crise económica, como os restantes fenómenos, não estão ainda em sua plenitude, mas apenas em seu início.

O capitalismo e a fórmula económica actuais da Europa entraram em crise, mas estão longe ainda da plenitude de sua regressão.

Este facto mostra-nos que a maior parte dos pontos de vista actuais sobre a transformação económica (e social) da Europa são em demasia esquemáticos e simplistas. Eles consistem, em geral, em condenar o actualmente existente e substituí-lo, em bloco, por certos sistemas: transformação blocal, a curto prazo, perfeitamente em contradição com os processos complexos, e a longo prazo, característicos das forças históricas em conflito.

O problema económico, como o político e social, da actual Europa, não será resolvido pelas teorias dos homens, sejam elas quais forem, mas pelo próprio jogo mecânico das forças históricas, segundo as leis de sucessão e de articulação dos sistemas. Não será resolvido, a curto prazo, por decretos, mas num longo período de séculos, pelos conflitos de forças e suas resultantes. Mas a acção dos homens, mesmo a utopia, integram-se precisamente nestes conflitos, e, desta forma, ela é eficiente, mesmo nas suas formas mais utópicas.

Notemos que nem os quadros dos autores referentes à decadência económica de Roma, nem a dos autores modernos sobre a crise actual atingem estes processos em profundidade, mas apenas superficialmente, por uma visão confusa e indecisa. Não há destes processos visão perfeitamente objectiva nem científica; estamos numa fase ou numa posição apenas proto-científica.

Não conhecemos assim, quer no campo económico, quer nos outros, as leis de regressão económica; mas apenas, por uma forma desordenada e incompleta, alguns aspectos desta regressão. Certas pretensões à precisão são apenas ilusórias e não podem conduzir senão a atitudes pseudo-científicas.

Fig. 15

However, we are still at the beginning of this juxtaposition; in other words, Europe is now entering what we have above called the period of articulation of the Systems.

The study of this period and the curve of Europe, shown above, tell us that we are still far from the full articulation of the period, which will not be achieved but in a few centuries.

Fig. 16

In a diagram, we can roughly say that we are in the vicinity of point A, or in the part of the curve that is approaching that point. For this reason, the economic crisis, and other phenomena, are not yet in their peak but only at the beginning.

Europe's capitalism and current economic formula are now in crisis, but are still far from the plenitude of their regression.

This fact shows us that most points of view on the current economic (and social) transformation of Europe are too simplistic and schematic. In general, they condemn what exists and replace it for certain systems: total transformation, in the short term, quite in contradiction with the complexity of long-term processes, typical of the historical forces in conflict.

The economic, as well as the political and social problem of today's Europe, will not be solved by men's theories, whichever they may be, but by the mechanical game of historical forces, according to laws of succession and articulation of the systems. It won't be solved by enactments in the near future, but in a long period of centuries by the forces of conflict and its outcomes. But men's actions, even utopia, are a part of these conflicts, and so they're efficient, even in their most utopian forms.

Let us note that neither the outlines of authors, about the economic decline of Rome, nor the outline of modern authors on the current crisis, affect these processes in a profound way. They only do it superficially, with a confused and indecisive vision. There is no perfectly objective or scientific view of these processes; we are in a merely proto-scientific stage or position.

Thus, we don't know the laws of economic regression, whether in the economic field or in others; only some aspects of this regression in a disorderly and incomplete way. Certain pretensions towards accuracy are illusory and lead only to pseudo-scientific attitudes.

Em suma, sabemos que no 3.º período de todos os Sistemas Históricos existe um processo de regressão económica: mas não conhecemos ainda, por uma forma suficiente, a lei deste processo.

CAPÍTULO II

A DISSOLUÇÃO MÍSTICA DO PENSAMENTO

No período adulto dos Sistemas Históricos, a mentalidade mística atenua-se; perde a hegemonia e cede o passo a uma mentalidade de tendências filosóficas positivas e científicas. O homem atinge, nestes períodos, as mais elevadas altitudes intelectuais que se verificam na história do pensamento. Tende, nestes períodos, para uma concepção científica da vida e do mundo, a qual atinge, com os diferentes sistemas, diferentes graus e modalidades; quaisquer que sejam estes graus e modalidades a tendência neste sentido é manifesta, e é uma das características fundamentais, a meu ver, do período áureo dos Sistemas. Isto não significa que a mentalidade mística desapareça nestes períodos; simplesmente, passa a um segundo plano em face da hegemonia de atitudes mentais mais elevadas e positivas.

Nesses períodos, o homem enfrenta a vida, o universo e seus problemas, com serenidade e coragem, por vezes, com uma espécie de estoicismo: eleva-se a uma consciência mais alta da verdade e do real, das suas relações com o universo e, por último, de si próprio, como homem. Substitui a afirmação dogmática pela investigação, e emprega nesta interrogação todos os recursos intelectuais; no meio do caos oscilante dos problemas, dificuldades, paradoxos e dilemas, procura o equilíbrio; e no meio das contradições e antinomias da própria razão, procura o caminho viável a seguir, entre as múltiplas limitações que as condições das suas próprias faculdades, das suas relações com o mundo, etc., lhe impõem.

Caminha lentamente, entre limites, com a consciência, cada vez mais aguda, destes limites, em vez de tentar atingir directamente as coisas na plenitude do seu absoluto, por uma via imediata e ilusória, tornea os obstáculos, marcha entre dilemas, segue por entre escolhos, e sobe cada vez mais alto na consciencialização de si próprio e das suas relações com o mundo.

Por vezes dir-se-ia que gira num círculo, por tal forma ele se vê, neste caminhar, ao fim de certo tempo, frente aos mesmos pontos limites; mas logo a seguir constata que a circunferência, onde julga caminhar, é, na realidade, uma espiral, e que assim, a cada volta do seu caminhar, e apesar da forma deste caminhar, quase circular, progride em realidade, embora de uma forma especial. A razão gira sobre si própria; a ciência gira sobre si própria; mas neste giro há uma translação lenta que conduz, no fim de cada giro, a um ponto mais distante do centro.

Desta forma se cria uma situação especial, porque o pensamento humano constantemente se transcende a si próprio; colocado ante problemas que se diriam, por princípio, insolúveis, acaba por lhe encontrar uma solução; ante dilemas e antinomias que se diriam em absoluto limitantes, acaba por transpor esses limites.

In short, we know that in the third period of all Historical Systems there is a process of economic regression: but we still don't know enough about the law of this process.

CHAPTER II

THE MYSTICAL DISSOLUTION OF THOUGHT

During the adult period of the Historical Systems, the mystical mentality diminishes; it loses its hegemony and gives way to a mindset of positive and scientific philosophical tendencies. In these periods, man reaches the highest intellectual altitudes in the history of thought, tending towards a scientific conception of life and the world that reaches different degrees and modalities according to the different systems; in my opinion, this tendency is one of the fundamental characteristics of the golden period of the Systems. This does not mean that the mystical mentality disappears in these periods; it is simply left behind, giving way to the hegemony of higher and more positive mental attitudes.

During these periods man faces life, the universe and his problems, with serenity and courage, sometimes with a kind of stoicism; he rises to a higher awareness of truth and reality, of his relation to the universe and, finally, of himself as a man. He replaces the dogmatic assertion by research, and uses all his intellectual resources in this interrogation; he seeks balance amidst the oscillating chaos of problems, difficulties, paradoxes and dilemmas; and in the midst of contradictions and antinomies of reason, he looks for the viable path to follow, among the many limitations imposed on him by the conditions of his own abilities, his relations to the world, etc.

He walks slowly, within limits, with an increasingly sharp awareness of those limits, instead of trying to directly affect things in their plenitude, in an immediate and deceptive way; he turns around obstacles, walks between dilemmas, goes through pitfalls, and rises higher and higher in the awareness of himself and of his relation with the world.

As he, after a while always ends up facing the same limits it would seem like he is spinning in a circle; but shortly after, he finds that the circumference, where he believes he is walking, is actually a spiral, and thus, at every turn of his path, and despite his almost circular path, he is progressing into reality, although in a special way. Reason and science revolve around themselves; but in this rotation there is a slow translation that, at the end of each turn, leads to a point farther from the center.

This is a special situation, because human thought constantly transcends itself; it eventually finds a solution for problems that may be considered insoluble; faced with dilemmas and contradictions that one might find absolutely limiting, it ultimately overcomes those limits.

O movimento geral do pensamento histórico ultrapassa assim as possibilidades da razão e as críticas e limitações que o próprio homem lhe impõe, por tal forma que esse movimento geral finda por tornar possíveis e compreensíveis coisas que, num dado momento, se apresentavam como impossíveis e incompreensíveis. O campo do pensamento alarga-se e aprofunda-se, e as suas possibilidades, no conjunto, apresentam-se de forma a surpreender o próprio homem; — a potencialidade do pensamento parece aumentar com o decurso da sua história. Dir-se-ia que as possibilidades do pensamento colectivo e histórico são potencialmente muito maiores do que as do pensamento individual e da soma destes pensamentos individuais.

Há nisto um facto impressionante que só a própria realização histórica do pensamento põe em evidência; de tal maneira que, cada pensador isolado, cada época de pensamento, é comparável ao obreiro que trabalha num edifício cuja concepção geral lhe escapa pela sua magnitude.

A história das matemáticas é, a este respeito, o exemplo mais típico. Leva a lógica atrás de si; transcende e ultrapassa os dilemas lógicos, mete-se com ousadia pelo caminho do absurdo, da contradição, e encontra, ao fim desse caminho, luzes imprevistas. Caminha, por vezes, contra a própria vontade dos matemáticos, pelas mais imprevistas das veredas, e, por vezes, pelas vias mais paradoxais; e por este processo consegue abrir horizontes inteiramente novos, que a princípio desconcertam a própria razão matemática. Há nestes movimentos contraste impressionante entre a lógica codificada, resultado de uma determinada realização histórica geral do pensamento, e a audácia do movimento histórico geral, que sempre tende a ultrapassar e transcender essa lógica codificada. A história moderna e recente das matemáticas é uma exemplificação global deste ponto de vista. A matemática, realizando-se, transcende, no seu movimento histórico, a própria razão matemática correspondente a cada momento ou época.

Ora, o que sucede com a matemática sucede igualmente com a realização histórica do pensamento em geral; por esta realização, transcende em seu conjunto, ou tende a transcender a sua realização particular, o seu estado em cada momento histórico.

É este o fenómeno a que chamamos totalização da experiência na sua forma mais geral: fenómeno este cuja importância no mecanismo da história nos temos forçado por pôr em relevo. Desta forma, os períodos áureos de cada Sistema são caracterizados, entre outras coisas, por uma acentuação, condensação e aceleração deste fenómeno. A mentalidade dos períodos áureos tende a polarizar-se neste sentido, e assim a tendência positiva e científica passa neles à hegemonia.

A curva histórica da totalização de experiência integra-se assim por completo, durante o período áureo, na curva própria do Sistema (A, A, A, Fig. 17).

Fig. 17

Este fenómeno de integração é, a meu ver, como disse já na primeira parte deste trabalho, um dos processos capitais do mecanismo da História. A curva da totalização de experiência vem desde os primórdios da humanidade em ascensão contínua; sem esta ascensão a história, tal como nos é dada, seria incompreensível.

Therefore, the general motion of historical thinking exceeds the possibilities of reason and the criticism or limitations imposed by man himself, in such a way that the general movement ends up making possible and understandable things that, at a given time, were presented as impossible and incomprehensible. The field of thought widens and deepens, and its possibilities surprise man himself, — the capability of thought seems to increase along the course of its history. One would say that the possibilities of collective and historical thought are potentially much larger than those of individual thought or even the sum of those individual thoughts.

Here lies an amazing fact that only historical accomplishment of thought brings into light: each isolated thinker, or each period of thought, is comparable to the worker who is constructing a building whose general design he can't grasp, due to its magnitude.

The history of mathematics is, in this regard, the most typical example. It carries logic behind it, transcends and surpasses the logical dilemmas, puts itself boldly on the path of absurdity and contradiction, to find unexpected lights in the end of this course. Sometimes it goes against the will of mathematicians themselves, in the most unexpected, and sometimes paradoxical, courses; and by this process it manages to open entirely new horizons, which, at first, baffle the very mathematical reason. In these movements there is a striking contrast between the encoded logic, resulting from a particular historical accomplishment of thought, and the audacity of the general historical movement, which always tends to surpass and transcend that encoded logic. Recent, modern history of mathematics is a global example of this point of view. In its historical movement, mathematics transcends the very mathematical reason that corresponds to *each moment or period*.

Therefore, what happens with mathematics also happens with the historical accomplishment of thought in general; as a whole and through its accomplishment, it transcends, or tends to transcend its particular accomplishment, that is, its condition at each historical moment.

This is the phenomenon we call totalization of experience in its most general form: a phenomenon whose importance in the mechanism of history we have been trying to emphasize. Thus, the golden periods of each System are characterized, among other things, by an accentuation, condensation and acceleration of this phenomenon. The mentality of the golden periods tends to polarize in this direction and so the positive and scientific tendency turns to hegemony.

The historical curve of the totalization of experience is, therefore, completely integrated in the curve of the System itself, during the golden period (A, A, A, Fig. 17).

Fig. 17

As I have already stated in the first part of this work, the phenomenon of integration is, in my opinion, a fundamental process of History's mechanism. The totalization of experience's curve has been rising continuously since the dawn of mankind; without this ascension, History, as we know it, would be incomprehensible.

* * *

Nos períodos de decadência, esta curva desintegra-se do Sistema; passa ao Sistema seguinte ou a um Sistema colateral com peripécias várias e variados zigue-zagues. Assim a ciência grega é transmitida a Roma por via helenística, e a ciência da Antiguidade à moderna Europa, em parte por via árabe. Estas peripécias e zigue-zagues têm para o nosso caso pouca importância; os obscurecimentos, paragens e zigue-zagues da curva não impedem a sua ascensão geral, e esse é o facto capital.

Desintegrada a linha de totalização da curva geral do Sistema, este entra na sua fase de declínio. Esta fase é caracterizada, entre outros factos, pelo fenómeno que podemos chamar: dissolução mística do pensamento.

Por uma forma geral, o fenómeno pode ser caracterizado dizendo que o pensamento científico perde a hegemonia dentro do Sistema, hegemonia que passa ao pensamento místico em todas as suas formas e modalidades, a designação místico sendo tomada no seu mais amplo e mais generalizado sentido.

Esta dissolução mística do pensamento representa uma regressão, uma tendência para recuo no sentido da mentalidade primitiva, tal como a concebem Durkheim e Levi- Bruhl.

«Para o primitivo, como para o Latino anterior à história, diz Grenier 29, a distinção tão constante nas sociedades modernas do sagrado e do profano, do espiritual e do mundo material, não tem existência. Por toda a parte, o primitivo sente-se cercado por forças misteriosas, intangíveis e invisíveis, que ele não define, de que não poderia calcular o número, mas de que sabe muito bem que dependem, a todo o momento, a sua sorte, tudo o que estima, suas empresas, seus bens, sua família, a sua «cité». Tudo é Deus: o rochedo, a terra, a árvore, a fonte, o animal, o céu, cada uma de suas palavras comporta repercussões infindas de que ele não pode tomar conta. Certos momentos de sua existência possuem uma potência particular ou são, pelo contrário, especialmente sensíveis e vulneráveis a essas forças por toda a parte esparsas. Alguns homens, quer por dom natural, quer em virtude de uma iniciação ou somente em virtude dum acto mesmo involuntário, são supostos em relações mais estreitas com o divino; sabem o processo de agir sobre as forças ocultas. Esses meios são fórmulas e ritos, que actuam por eles próprios, que expulsam o mal; atraem, fortificam e multiplicam o bem. O Romano, como o primitivo, tem nessas fórmulas, nesses ritos, e nas pessoas que deles conhecem o segredo, uma confiança cega, inabalável, uma fé que não podia ser vencida pela experiência. O mágico é rei. O rei ou o magistrado que o substitui, é necessariamente mágico. Não se poderia, para uma tal época, falar de deuses, nem de génios, nem de ligação necessária de vontades e de acções. Espírito, matéria, forma exterior, substância, causalidade, são categorias que não existem para o primitivo. Não há coisas dum lado e espíritos do outro, não há acções mecânicas, não há leis da natureza. Há forças em todas as coisas e essas forças não conhecem outra lei que não seja a do seu capricho, ou as pressões que lhe são impostas por forças a elas superiores. Não é sequer o homem que actua; não é o pedreiro que constrói a casa, o general que consegue a vitória, a lança que mata; é a força que reside no poderio que determina a que está na casa, é a do chefe ou da «cité» que vence a do inimigo, e a lança não é senão o sinal accidental do combate de forças de que resulta a morte.

* * *

In the periods of decline, this curve disintegrates from the System; it moves on to a following or parallel System through many incidents and zigzags. In this way, Greek science is conveyed to Rome by the Hellenes and the science of the Antiquity is transmitted to modern Europe, partly by the Arabs. These incidents and zigzags have almost no importance to our case. The truth is that the obscurity, interruptions and zigzags of the curve don't obstruct its general ascension.

When the totalization line of the general curve disintegrates, the System enters its phase of decline. This phase is characterized, among other facts, by the phenomenon we call: mystical dissolution of thought.

In general, the phenomenon can be characterized by the loss of hegemony of scientific thought within the System; such hegemony turns into mystical thought in all its shapes and forms. The word "mystic" should be understood in its broadest and most general sense.

This mystical dissolution of thought represents a regression, a tendency to retreat towards the primitive mentality, as envisioned by Durkheim and Levi-Bruhl.

"For the primitive, as for the Latin before History, Grenier says **29**, the incessant distinction between the sacred and the profane, the spiritual and the material world doesn't exist as it does in modern societies. Everywhere, the primitive feels surrounded by mysterious, intangible and invisible forces, that he can't define or calculate the number of, but to which he believes he owes his fate, all he cherishes, his ventures, his assets, his family, his "cité", at every moment." Everything is God: the rock, the earth, the tree, the fountain, the animal, the sky, each of his words holds endless repercussions that he can't handle. Certain moments of his existence have a particular power or, on the contrary, are especially sensitive and vulnerable to these forces that are scattered everywhere. Some men, either by natural gift or in virtue of an initiation, or by account of an involuntary act, are assumed to have a closer relation with the divine; they know how to act upon the hidden forces. Their means are formulas and rites, which act by themselves, and expel evil; they draw, strengthen and multiply the good. The Roman, like the primitive, has a blind and unshakable trust in these formulas, in these rites and in the individuals who know their secret; a faith that could not be overcome by experience. The magician is king. The king or magistrate, who replaces him, is necessarily magical. At that time, one couldn't speak of gods or geniuses or of necessary connection between wills and actions. Spirit, matter, outward form, substance, causality, are categories that don't exist for the primitive. There isn't a separation between spirits and objects. There are neither mechanical actions nor laws of nature. There are forces in all things and these forces only know the law of their own whim, or the pressure imposed upon them by higher forces. It is not even man who acts; it is not the mason who builds the house, not the general who achieves victory or the spear that kills; it is the force that lies in the power what determines the force in the house, and the force of the leader, or of the "cité": it is what conquers the enemy, and the spear is nothing but the accidental sign of struggling forces of which death is the result.

Anterior à lógica, uma tal mentalidade foi durante muito tempo mais forte do que ela.

Não cedeu senão pouco a pouco, em Roma como por toda a parte. Nem, de resto, em Roma, como na própria época moderna, jamais desapareceu completamente.»

Não somente não desapareceu como tende de novo a tomar a hegemonia: um dos sintomas típicos do momento actual é precisamente esta tendência para um recuo no sentido da mentalidade pré-lógica.

Simplemente sucede com este fenómeno o mesmo que com todos os fenómenos que se repetem. A repetição não é integral; é modificada pela evolução histórica. Um dado fenómeno, fundamentalmente o mesmo em pontos homólogos dos Sistemas, aparece no entanto com fisionomias diferentes nesta ou naquela época. Estas modalidades são perfeitamente compreensíveis; no próprio fenómeno da dissolução mística do pensamento se reflecte a evolução histórica e o seu progresso.

Por outro lado, o recuo, em cada período de decadência dos Sistemas, não é total; tende para a etapa anterior, sem no entanto a atingir.

Assim, o recuo no sentido da mentalidade primitiva não é exactamente o mesmo nos períodos de decadência da antiguidade e no momento actual. É isto devido, como facilmente se compreende, a que a influência da mentalidade do período áureo não deixa de sentir-se no período seguinte; a perda de hegemonia não significa um desaparecimento completo desta influência. Por outras palavras, a mentalidade positiva hegemónica do período áureo continua no período de decadência: simplesmente, mais ou menos obscurecida pela hegemonia da mentalidade mística.

Além disso, as aquisições definitivas do progresso histórico considerado numa cadeia de Sistemas, ou na História em geral, reflecte-se sobre o período de decadência, por forma a imprimir, em cada Sistema, às manifestações místicas, um colorido especial, em relação a esse Sistema. O «ocultismo», o «espiritismo», e coisas análogas, tomam, em cada época histórica, modalidades particulares, que manifestam sempre, no entanto, o mesmo fenómeno geral.

A acentuação mística dos períodos de decadência revela-se em todos os campos: religioso, literário, filosófico, político e social. É um fenómeno geral.

O estudo comparado dos pontos homólogos dos Sistemas, no que diz respeito aos períodos de decadência, revela a dissolução mística com toda a sua evidência.

Assim, diz Grenier, 30 «na época romana clássica, uma religião oficial greco-romana recobre uma religião popular que permaneceu itálica. À medida que o espírito romano progride, o pensamento religioso enfraquece e como que se esvazia do seu conteúdo. As formas divinas subsistem, relegadas para os seus templos, símbolos de concepções abstractas que nada têm já de religioso. O exterior da religião, o culto e a sua administração subsistem integralmente, mas não é o pietismo já que o sustenta, é uma ideia mais recente, a ideia de «cité».

No período de decadência, a partir do século III d. C., assiste-se a uma *poussée* mística progressiva, que é posta em evidência pelos historiadores.

Lot 31 põe este fenómeno em foco com particular vigor.

«Os contemporâneos têm a impressão de uma decadência irremediável. E não se enganam. O abaixamento da literatura clássica latina começara na época dos Antoninos.

Prior to logic, this mentality was stronger than logic for a long time.

In Rome, and everywhere else, it only yielded little by little. It never completely disappeared in Rome or in modern times.”

Not only has it not disappeared, as it tends to be the new hegemony: one of the typical symptoms of the present time is precisely this tendency to a descension towards the pre-logical mentality.

This phenomenon is similar to every repeating phenomenon. Repetition is not complete; it is modified by the historical evolution. A given phenomenon can be the same in homologous points of the systems, and still appear to be different in this or that time. These modalities are perfectly understandable; the phenomenon of mystical dissolution of thought reflects the historical evolution and its progress.

On the other hand, in each period of decline of the Systems, the regression is incomplete; it tends to the previous step but without reaching it.

Therefore, the regression towards the primitive mentality is not exactly the same in periods of decline in antiquity and today. That is because, as it is easily understood, the influence of the mentality of the golden period can still be felt in the following period; the loss of hegemony does not mean a complete disappearance of this influence. In other words, the hegemonic positive mentality of the golden period continues in the period of decline; it is just more or less obscured by the hegemony of the mystical mentality.

In addition, the definitive acquisitions of the historical progress, integrated in a chain of Systems, or in History in general, are reflected on the period of decline, by giving a special coloring to the mystical manifestations in each System. In each historical period, “occultism”, “spiritualism”, and similar things, take on specific meanings, which, in reality, always manifest the same general phenomenon.

The mystical accentuation of the periods of decline is revealed in all fields: religious, literary, philosophical, political and social. It is a general phenomenon.

The comparative study of the homologous points of the Systems, regarding the periods of decline, reveals the mystical dissolution very clearly.

Thus, Grenier says, **30** “in classical Roman times, an official Greco-Roman religion puts a new cover over popular religion that remained italic. As the Roman spirit progresses, religious thought weakens and is emptied of content. The divine forms remain, though relegated to their temples, symbols of abstract conceptions that no longer have any religious sense. The exterior of religion, the cult and its administration subsist, although they are no longer maintained by pietism, but by a more recent notion, the concept of “cité”.

In the period of decline, since the third century a. C., there is a progressive mystical *poussée*, emphasized by historians.

Lot **31** brings this phenomenon into focus with particular vigour.

“The contemporaries have the impression of hopeless decadence. And they are not deceived. The impoverishment of classical Latin literature began with the Antonines.

A esterilidade do século III é desconcertante. No fim do século IV e no começo do século V, Anson e Claudino usam, é facto, de uma linguagem excelente; é que a sua obra é uma colecção tirada de Virgílio, de Lucano, de Ovídio e Marcial. No século V um prosador como Sidónio Apolinário escreve com um mau gosto intolerável. Este pretendo renascimento das letras no fim do Império mascara uma decrepitude. Parece que os homens desta época são incapazes de tirar seja o que for do seu próprio fundo e que nada têm a dizer. Além disso, depois da conversão do Império ao Cristianismo, a literatura pagã estava condenada, mesmo se os seus representantes tivessem sido homens superiores, e não é esse o caso. Não esqueçamos que a poesia estava estreitamente ligada à mitologia, e o teatro à religião. Para os cristãos desse tempo, os deuses dos poemas não são, como para nós, abstrações inofensivas. Ou crêem na sua realidade e têm deles então medo e horror, ou consideram-nos ficções desprezíveis e odiosas. Gregório de Tours avisa, desde o início, os seus leitores: - Não me ocupei da queda de Saturno, nem da cólera de Juno, nem dos adultérios de Júpiter. Desprezo todas estas coisas que se desfazem em poeira. Aplicar-me-ei às coisas divinas, aos milagres do Evangelho.

«Os Padres da Igreja eram em maioria hostis às letras clássicas, e esta reprovação vai persistir através de toda a Idade Média. Abundam os exemplos que mostram, nesta época, os melhores representantes da Igreja temendo e condenando a literatura clássica. S. Cesário de Arles estudara junto do retórico Pomerius. Teve um sonho em que viu roído por um dragão o seu braço apoiado sobre um livro pagão; desde então renunciou ao estudo das belas-letas. As vidas dos santos estão cheias de traços deste género; assim a Vida de Santo Eloi, atribuída a Santo Oneu, que data do começo do século VIII, fustiga os poetas «celebrados» Homero e Virgílio, e proclama que os escritos dos «gentílicos» nada valem para os cristãos. Na Itália, Gregório o Grande pronuncia a mesma condenação. Em Espanha, Isidoro de Sevilha, o último dos escritores latinos, odeia a cultura antiga... À medida que se constitui uma literatura cristã cuja forma se inspira da literatura profana — inspiração demasiada, infelizmente, — esta baixa ao segundo plano. Aos grandes modelos substituem-se os escritos dos Padres Tertuliano, Lactâncio, Hilário, Ambrósio, Jerónimo, Agostinho, os poemas doutros, tais como Commódio, Inveno, Ledilus, Dracontius, Arator, Prudêncio, enfim, o único cuja reputação sobrevive. Nas escolas episcopais e monásticas poder-se-á, de longe a longe, copiar um Virgílio, um Ovídio; mas, cada vez menos, o pergaminho é utilizado para transcrever obras pagãs. E, por toda a parte, a mesma coisa. Em Espanha, a biblioteca de Isidoro de Sevilha, falecido em 636, era de uma riqueza como testemunham os seus *Etymologiarum libri*. No fim do mesmo século, a biblioteca episcopal da capital visigótica, Toledo, não encerra já senão um único autor clássico, Cícero. Assim, as perdas são terríveis. Se a Irlanda não se tivesse convertido no século V e não se tivesse tornado, na última hora do mundo antigo, um asilo para a sua cultura, os detritos teriam sido piores ainda. Quanto à cultura helénica, desaparece no Ocidente, assim como as letras latinas no Oriente. Mas, desde o fim do século IV, o conhecimento do grego apagava-se rapidamente no Ocidente: letrados e professores, como Ausónio ou Santo Agostinho, sabem-no já mal ou nada.

«Desde o século IV, o ensino da filosofia era desdenhado entre os Latinos. Com o recuo, depois apagamento, do helenismo no Ocidente, a filosofia e a ciência são atingidas por uma forma irreparável. Houve traduções latinas de autores gregos. A das obras dos Neo-Platónicos por Vitorino, conhecida de Santo Agostinho, desapareceu bem cedo.

The sterility of the third century is staggering. It is a fact that by the end of the fourth century and early fifth century, Ausonius and Claudian use excellent language; their work is a collection inspired in Virgil, Lucan, Ovid and Martial. In the fifth century a prosaist like Apollinaris Sidonius writes with intolerable bad taste. This alleged revival of literature at the end of the Empire hides a kind of decrepitude. It seems that men were unable to think for themselves and had nothing to say. In addition, after the conversion of the Empire to Christianity, pagan literature was doomed, even if their representatives had been honorable men, and this was not the case. We mustn't forget that poetry was closely linked to mythology, and theatre to religion. For Christians, at that time, the gods of poems are not, as for us, harmless abstractions. They either believe that they are real, and, consequently, fear them horribly, or regard them as despicable and hateful fiction. Gregory of Tours alerts his readers from the beginning: - I did not mind the fall of Saturn, or the wrath of Juno, or the adulteries of Jupiter. I despise all these things that crumble into dust. I will apply myself to divine things, to the miracles of the Gospel.

“The majority of the Fathers of the Church were hostile to classical literature, and this reproach will persist throughout the Middle Ages. In this time there are many examples that show the best representatives of the Church fearing and condemning classical literature. Saint Caesarius of Arles studied with the rhetorician Pomerius. He dreamt that he saw his arm being eaten by a dragon while resting on a pagan book; since then he resigned from the study of humanities. Saints' lives are filled with this sort of passages; thus, the *Life of Saint Eloy*, written by Saint Ouen, dating from the early eighth century, scourges the “celebrated” poets, Homer and Virgil, and proclaims that the writings of the “gentiles” are worthless for Christians. In Italy, Gregory the Great declares the same sentence. In Spain, Isidore of Seville, the last of the Latin writers, loathes the ancient culture... While the Christian literature, sadly far too inspired by the profane literature, is formed, the pagan one falls to the background. The great models are replaced by the writings of Fathers Tertullian, Lactantius, Hilarius, Ambrose, Jerome and Augustine. Poems of Commodus, Juvenco, Aelius, Dracontius and Arator, also replace pagan poetry. Of these, Prudentius is the only one whose reputation survives. In the Episcopal and Monachal schools it will be more and more difficult to copy Virgil or Ovid; and the parchment is less and less used to transcribe pagan literature. And the same thing happens everywhere. In Spain, the library of Isidore of Seville, who died in 636, was magnificent, as their *Etymologiarum libri* can testify. At the end of that century, the episcopal library in the visigothic capital of Toledo contained only one classical author, Cicero. Thus, the losses were terrible. If Ireland had not been converted in the fifth century and had not become, in the last hour of the ancient world, an asylum for its culture, the debris would have been even worse. As for Hellenic culture, it disappeared in the West, as well as Latin literature in the East. But since the end of the fourth century, the knowledge of Greek language faded rapidly in the West: scholars and teachers, as Ausonius or St. Augustine, knew it poorly or not at all.

“Since the fourth century, the teaching of philosophy was despised among the Latins. With the retreat and consequent disappearance of Hellenism in the West, philosophy and science were irremediably affected. There were Latin translations of Greek authors. The works of the Neo-Platonic, translated by Victorinus, known to St. Augustine, quickly disappeared.

A idade média latina não conhecera a filosofia senão por intermédio de Boécio (m. em 526). Este resumo não pode despertar nenhum movimento de ideias. O renascimento carolíngio, ele próprio será filosoficamente sem originalidade metafísica. Teremos de descer, se exceptuarmos Jean Scot de Irlanda, até Santo Anselmo para tornar a encontrar algum espírito filosófico.

«A ciência não faz o menor progresso. Melhor dizendo, decaía no Ocidente. A geometria de Euclides, a aritmética de Nicomaco, traduzidas em latim pelo século VI, não sobrevivem senão reduzidas às proposições libertas de demonstrações. Latinos e Bárbaros latinizados, Bizantinos igualmente limitam-se a resumir e a compilar. A obra típica é a *Etymologiarum*, «imenso celeiro onde se encontra toda a farrapada da antiguidade: artes, ciências, gramática, lógica, retórica, aritmética, geometria, astronomia, medicina, agricultura, navegação, etc., tudo isso exposto e explicado pela etimologia das palavras que designam os objectos. Na pessoa do seu autor, Isidoro de Sevilha, falecido em 636, tem-se o hábito de fechar a história da literatura antiga. No domínio das ciências físicas e naturais, transmitem-se receitas úteis, talvez delas aumente o número, mas não são senão voltas de mão sem o menor espírito científico.

«O espírito científico, nascido entre os Helenos por uma espécie de milagre, não conseguiu jamais lançar raízes entre os Romanos. É uma planta em demasia frágil. Na própria Grécia fenece rapidamente a partir do século I pelo menos, ao sopro cálido do misticismo. O Neo-platonismo, o Gnosticismo, o Cristianismo, não tarda o Islamismo, sem contar as religiões e os sistemas que tiveram um destino menos brilhante, foram para ele mortais no Oriente, e com mais forte razão no Ocidente. O espírito religioso anulou a observação e a experimentação, isto é, o método científico. Substituiu-lhe a interpretação dos textos.

A ciência e a filosofia, diz noutra local o mesmo autor, sucumbem sob a concorrência da mística oriental que opera uma verdadeira transmutação de valores; «a transformação não é mais prodigiosa que a do homem que, ao despertar, visse brilhar outros astros por cima da sua cabeça.»

As mesmas conclusões se tiram do admirável trabalho de Albert Grenier, intitulado «*Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art*» 32, que não podemos citar aqui pormenorizadamente devido à sua extensão. Limitamo-nos a dizer que, segundo esse trabalho, o Sistema Romano tende, no seu período áureo, para uma liberdade de espírito e para uma visão das coisas e uma concepção do mundo de tipo positivo e mesmo científico. Mas sob esta tendência estão forças em tensão constante, que tendem a fazer recuar o Sistema para as formas de mentalidade primitiva, ao mesmo tempo que sobre este se exerce a pressão constante das forças místicas do Oriente.

«Concedemos de boa vontade, diz Grenier, que a crítica filosófica era de natureza a atingir as velhas crenças religiosas. Não devemos no entanto exagerar, porque muitos Romanos não precisam de esperar pelo pensamento grego para ultrapassar as concepções primitivas, para fazer beber, por exemplo, os frangos sagrados quando eles não queriam comer. E, por outro lado, encontramos homens cultos, como Paulo Emílio, que permanecem algures em extremo escrupulosos e convencidos. Mais ainda que a filosofia de hoje, as da antiguidade abandonavam muitos enigmas às respostas fáceis e prontas da religião. O raciocínio podia mesmo servir para justificar antigos usos religiosos. Não vemos nós Cícero defender os adivinhos?

The Latin Middle Age wouldn't have known philosophy if not through Boethius (d. 526). This summary could not awaken any movement of ideas. The Carolingian renaissance itself is philosophically without any metaphysical originality. We will have to go down to St. Anselm, if we exclude Jean Scot of Ireland, in order to find some philosophical spirit.

“Science does not make any progress. As a matter of fact, it was falling in the West. Euclid's geometry and Nicomachus' arithmetic, which were translated into Latin around the sixth century, only survived when reduced to propositions without demonstrations. Latins, latinized Barbarians and Byzantines merely summarized and compiled. The ordinary work was the *Etymologiae* “an enormous barn housing all the rags of antiquity: art, science, grammar, logic, rhetoric, arithmetic, geometry, astronomy, medicine, agriculture, navigation, etc., all exposed and explained by the etymology of the words that designate the objects. It has been customary to close the history of ancient literature in Isidore of Seville, who died in 636. In the field of physical and natural sciences, useful recipes were conveyed. Their number may increase, but they hadn't the slightest scientific interest.

“The scientific spirit, born among the Hellenes in a kind of miracle, was never able to develop among the Romans. It is a too fragile plant. It wilted quickly in Greece, since the first century, through the warm breath of mysticism. Neo-Platonism, Gnosticism, Christianity, and soon Islamism, as well as the religions and systems with a less brilliant outcome, were deadly to the scientific spirit in the East, and even more so in the West. The religious spirit annihilated observation and experimentation, that is, the scientific method. This was replaced by the interpretation of texts.

Science and philosophy, the same author states elsewhere, succumbed to the competition of Eastern mysticism, which operates a real transmutation of values; “the transformation is no more miraculous than that of the man who, upon awakening, saw other stars shine over his head.”

The same conclusions are drawn in the admirable work of Albert Grénier, entitled “Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art” **32**, which we can't discuss here in detail, due to its size. We limit ourselves to saying that, according to this work, the Roman System, in its golden age, tends to have a freedom of spirit, a positive and scientific vision and conception of the world. However, in this tendency, there are forces in permanent tension that tend to push back the System to the forms of primitive mentality, while it is constantly being pressured by the mystical forces of the East.

“We willingly grant, Grenier says, that the philosophical critique was likely to affect the old religious beliefs. We must not exaggerate, however, because many Romans don't need to wait for Greek thought to overcome primitive conceptions, to force the sacred chickens to drink, when they wouldn't eat. And, on the other hand, we find cultivated men, as Aemilius Paullus, who, somehow, remain extremely scrupulous and convinced. Even more than the philosophy of our time, ancient philosophies abandoned many enigmas to the prompt and easy answers of religion. Reasoning could even be used to justify ancient religious customs. Do we not see Cicero defend the wizards?

Que a Grécia tenha minado o crédito dos trinta mil deuses italianos que encontrava Varron, ninguém pensa em censurá-la. Zeus, sobretudo o Zeus feito sensato pelos filósofos, era infinitamente superior a Janus e seu cortejo. Que mesmo ele se tivesse tornado um Zeus preguiçoso e indiferente, nenhum prejuízo vemos nisso, nem para o pensamento especulativo, nem para a moral com que primitivamente pouco se preocupava. Em realidade, não são estas especulações novas que mostram as crenças antigas; estas morreram por elas mesmo, porque não correspondiam já ao estado intelectual e social do povo. Por nada ter a substituí-lhes, os Romanos adoptaram, um pouco ao acaso, quer noções filosóficas, quer mitos e cultos estranhos. Deixemos de lado, pelo momento, o pensamento filosófico grego que não atinge senão a elite intelectual. O fluxo, muito mesclado, que corre nos becos populares, provém de pontos menos altos e puros.»

Significa isto, por outras palavras, que apesar da conhecida influência exercida pela Grécia sobre Roma, nem por isso a evolução religiosa e intelectual deixa de ter carácter próprio; e se os elementos, próprio e alheio, em dados momentos se conjugam num resultado convergente, não significa isso que Roma não apresente a este respeito, como no resto, a sua curva própria.

Pode resumir-se esquematicamente esta questão, dizendo que a religião romana nasceu da magia e foi a seguir elaborada, regrada e codificada oficialmente; finda numa espécie de organismo ao mesmo tempo religioso e político, uma religião do Estado, modelo da futura Igreja Católica.

Por sob esta armadura oficial e, em parte, artificial, (tipo característico de uma religião ultra-definida) continuam, na sombra e no bas-fond das massas, movimentações místicas, fluxos e refluxos variados, crises entrecortadas de acalmias, de que há vários exemplares típicos na história do Sistema Romano. Tais são as crises místicas provocadas pelas guerras púnicas. «A guerra arrastava-se, diz Tito Lívio; os sucessos e os revezes modificavam menos a situação do que a disposição dos espíritos. Um zelo religioso, vindo em grande parte do exterior, invadiu a «cité» por tal forma que se diria que os homens ou os deuses foram subitamente mudados. Não era já somente em segredo e na intimidade das casas que eram abandonados os ritos romanos; em público e até no Fórum e no Capitólio viam-se grupos de mulheres já não sacrificar e não orar ante os deuses segundo o costume dos antepassados. Espécies de oficiantes e de bruxas tinham-se apoderado das almas; o número dos seus fiéis aumentava com toda a multidão campestre expulsa por esta guerra interminável dos seus campos incultos. Era fácil a estes padres expulsar a superstição destes infelizes; faziam-no como se fosse um ofício autorizado. O Senado teve de encarregar o pretor de libertar o povo destes cultos. Este magistrado leu o senatus-consultus diante da assembleia e prescreveu o édito segundo o qual quem quer que tivesse livros de profecias ou de fórmulas de orações e de rituais de sacrifícios, deveria entregá-los ao pretor antes das calendas de Abril. Proibição foi feita a toda a gente de sacrificar, em qualquer local público ou consagrado, segundo um rito novo ou estranho.»

Este texto põe em evidência o conflito da religião oficial do Estado com os movimentos místicos das massas, e, ao mesmo tempo, a influência das místicas exóticas sobre o Sistema Romano. A autoridade do Senado, diz Grénier 33, podia reprimir as mais ruidosas destas manifestações; tinha no entanto de tomar em conta a inquietação religiosa espalhada na multidão.

Nobody criticizes Greece for having undermined the credit of thirty thousand Italian gods found by Varro. Zeus, especially the Zeus made wise by the philosophers, was infinitely superior to Janus and his entourage. That even he had become lazy and indifferent, we see no harm in, neither for speculative thought, nor for the moral sense that originally didn't concern him a great deal. In reality, the ancient beliefs can't be demonstrated by these new speculations; they died for themselves, because they didn't correspond to the intellectual and social condition of the people anymore. For lacking a substitute for them, the Romans adopted, somewhat haphazardly, either philosophical notions or myths and strange cults. Let us leave aside, for the moment, the Greek philosophical thought, which only reaches the intellectual elite. The highly mixed flow that runs in the popular alleys comes from less higher and pure places."

In other words, despite the well-known influence of Greece over Rome, Roman religious and intellectual development is not without character; and if the elements, foreign and domestic, come together, at certain moments, in a converged result, it does not mean that Rome doesn't have its own curve.

This issue can be schematically summarized by saying that the Roman religion derived from magic and was subsequently officially elaborated, codified and regulated; it turns out to be a kind of organism which is both religious and political, a religion of the State, and a model for the future Catholic Church.

Beneath this official, and partly artificial, armor (typical of an ultra-defined religion), mystical movements, various ebbs and flows, crises interspersed by periods of calm, of which there are several typical examples in the history of the Roman System, continue to exist, in the shade and on the *bas-fond* of the masses. Such are the mystical crises caused by the Punic wars. "The war dragged on, says Livy; its successes and misfortunes didn't alter the situation anymore than the will of the spirits. A religious zeal, coming mostly from the outside, invaded the "cité" in a way that it would appear that the men or the gods had been suddenly replaced. Roman rituals were no longer abandoned in secrecy or in the privacy of home. Groups of women could be seen in public, and even in the Forum and the Capitol, no longer sacrificing or praying before the gods, according to the custom of their ancestors. Some sort of celebrants and witches had taken hold of the souls. The number of followers increased while the entire rural crowd was being expelled from their uncultivated fields in this endless war. For these priests, it was easy to cast out the superstition from these ill-fated men; they did it as if it was an authorized divine office. The Senate had to instruct the magistrate to release the people from these cults. This magistrate read the *senatus-consultus* before the assembly and prescribed the edict according to which anyone who possessed books of prophecies or formulas of prayer and ritual sacrifices should deliver them to the magistrate before the first days of April. Everyone was forbidden to sacrifice in any public or consecrated place, under a new or strange rite."

This text underlines the conflict between the official State religion and the mystical movements of the masses, and, at the same time, the influence of the exotic mystics on the Roman System. The Senate's authority, Grénier says **33**, could repress the noisiest of these demonstrations, but had to take into account the religious restlessness that spread across the mob.

O crédito dos antigos deuses estava gasto; não tiveram o poder de proteger a Itália, sua terra, contra o estrangeiro; a virtude dos ritos tradicionais parecia igualmente exausta. Sem dúvida também a velha religião, em demasia abstracta e formalista, não dava satisfação ao sentimento e à imaginação populares. A inacção imposta pela guerra e angústia do perigo, a mescla do povo, os ecos da poesia e os farrapos da filosofia que podiam cair nas massas, desenvolviam nela, como uma fermentação, preocupações novas. De onde vem o homem, qual a sua essência, qual o seu destino? Estas questões, naturais na inteligência que desperta, era natural que o povo romano as formulasse, e a religião dos seus Pontífices não respondia a elas.»

Estamos em face do fenómeno que temos exposto com a rubrica de religiosismo definido e indefinido. 34 As religiões, no seu mais amplo sentido, nascem todas da fonte comum que é a emoção humana ante o Mistério.

Este complexo é a forma indefinida de toda e qualquer religião. Mas nesta forma indefinida está contido potencialmente um número praticamente infinito de formas possíveis de definição; e como o espírito humano não pode jamais estabilizar-se nas formas indefinidas da emoção, e tem necessidade automática de fórmulas, de símbolos, etc., disso resulta que todo o movimento da emoção, a princípio indefinido, finda por se definir por formas variadas. Esta definição evolui depois, torna-se cada vez mais precisa e tangível, e acaba por formar um todo bem individualizado. Este todo, sistema ou doutrina, sofre depois a elaboração histórica do tempo, com peripécias várias, que findam por torná-lo uma espécie de armadura ou arquitectura rígida e petrificada. A partir de um certo momento não evolui mais; permanece tal qual: um esquema rígido. Tal é o que sucede com o sistema religioso romano; tal é o que sucede com o sistema católico; tal é o que sucede com outros sistemas. A orgânica histórica ultra-definida de uma religião acaba, ao fim de um certo tempo, por se esvaziar de substância, por se transformar numa espécie de enorme casca vazia: além disso afasta-se gradualmente das ideias e sentimentos do tempo; um desnível se estabelece entre ela e o resto do Sistema ou, pelo menos, entre ela e várias correntes dele. Este divórcio provoca tensões e conflitos variados; um dos principais é justamente o conflito do religiosismo indefinido com o definido. A emoção indefinida continua, efectivamente, actuando com o seu mesmo potencial de acção; enquanto as suas valências estão saturadas pelo sistema de calma geral; quando estas valências não são já satisfeitas, a emoção religiosa volta ao seu estado indefinido e está de novo em tensão de definição, pronta a criar novos sistemas. Surge um estado de inquietação, por vezes de angústia, que dá lugar a crises místicas mais ou menos agudas. Estas crises são ao mesmo tempo provocadas por fenómenos de variada ordem inerentes ao sistema, tal como o das guerras púnicas no caso acima citado, e como o da guerra europeia, no caso da crise actual.

É então que os sistemas históricos se tornam particularmente permeáveis às místicas exteriores. E assim vemos, com efeito, quer na Grécia, quer em Roma, processos de infiltração mística sucessivos actuar, por crises, sobre o sistema grego e romano.

Estabelece-se um conflito complexo entre a religião definida do Sistema, as velhas tradições e ritos vazios de sentido, o novo estado de tensão mística e as infiltrações exteriores de variada ordem. Uma luta se desencadeia entre estas variadas forças; durante um certo tempo, o corpo organizado da religião definida consegue defender-se com eficiência. Mas a tensão continuando, as crises sucedem-se, acentuam-se, e um momento vem em que a infiltração se torna geral.

The credibility of the old gods was over; they had no power to protect Italy, their land, from foreigners; the virtue of traditional rites seemed equally exhausted. Certainly, the old religion, excessively abstract and formalistic, didn't satisfy popular imagination. The inaction imposed by war and the anguish of danger, the blending of peoples, the echoes of poetry and the scraps of philosophy that could fall into the masses, developed new concerns. Where does man come from, what is his essence, what is his fate? It was natural for the Roman people to formulate these questions, which are typical of an awakening intelligence, but the religion of their Pontiffs did not answer them."

We are facing the phenomenon that we have discussed under the heading of defined and undefined religiousness. **34** Religions, in their broadest sense, are all born of the common source that is the human emotion before Mystery.

This complex is the indefinite form of any religion. However, it potentially contains a virtually endless number of possible definitions; and as the human spirit can never stabilize in the undefined forms of emotion, and has an automatic need for formulas, symbols, etc., the whole movement of emotion, indefinite at first, ends up being defined through various forms. This definition then evolves, becoming increasingly more accurate and tangible, and ultimately forms a well distinguished whole. This whole, either system or doctrine, suffers the historical development of time, through various incidents, which ultimately turn it into a kind of rigid and petrified armor or structure. From a certain point, it stops evolving; it stands: a rigid scheme. This is what happens in the Roman religious system; this is what happens in the Catholic system; this is what happens in other systems. After a certain time, the over-defined historical structure of a religion ends up being devoid of substance, becoming a kind of huge empty shell: furthermore, it progressively moves away from the ideas and feelings of the time; there is a gap between it and the rest of the system or, at least, between it and several streams of the System. This gap causes different tensions and conflicts; one of the main conflicts is precisely the dispute between undefined and defined religiousness. The undefined emotion continues to operate with its own action potential; while its valences are saturated by the system of general calm; when these valences are no longer satisfied, the religious emotion returns to its undefined status and is again in tension to be defined, and ready to create new systems. A state of restlessness and sometimes anxiety emerges, creating more or less severe mystical crises. These crises are both caused by varied phenomena, which are intrinsic to the system, such as the Punic Wars, in the example mentioned above, and the European war, in the current crisis.

This is when historical systems become particularly receptive to the external mystique. Thus, either in Greece or in Rome, there are successive processes of mystical infiltration, through crises on the Greek and Roman Systems.

There is a complex conflict between the defined religion of the System, the old, meaningless traditions and rituals, the new state of mystical tension and outside infiltrations of various sorts. A fight is triggered between these different forces; during a certain time, the organized structure of defined religion is capable of defending itself. However, along with this tension, the crises continue to occur until the infiltration becomes general.

Então a religião definida fica reduzida a um resíduo histórico, a corpo sem alma, flutuando, sem acção, à margem dos conflitos históricos. Tanto mais que, a partir de um certo momento, a orgânica e a arquitectura de todo o Sistema possui uma solidez apenas de aparência, e está realmente em desagregação. É que, na realidade, este atingiu igualmente um estado de definição excessiva, que não se adapta já às forças vivas que fluem no seu interior. É um quadro em excesso rígido para o complexo histórico que gerou esse próprio quadro; e assim, num dado momento, ele cede igualmente sob a pressão e a infiltração das forças exteriores. Então, no meio da desagregação geral dos Sistemas, os elementos religiosos definidos dissolvem-se, ao mesmo tempo que, a pouco e pouco, à margem da desagregação se vai definindo um novo Sistema.

É este fenómeno que Lot 35 descreve quando diz: «uma doença religiosa minava a sociedade romana, o Cristianismo. Diocleciano tinha permanecido no velho conceito de que a violência podia aniquilar a seita. Constantino, num transporte de demência aparente ou real, vê aí uma força a utilizar, para o serviço do Estado romano.

«Nas suas partes mais altas — letras, artes, filosofia, religião — as transformações não são menos impressionantes do que no domínio político. As velhas divindades naturalistas helénicas e latinas cedem o lugar às superstições orientais, judaísmo, cristianismo, mitracismo, maniqueísmo, etc... vindas do Egipto, da Síria, da Pérsia. Estes estrangeiros transformam a ética e a psicologia do homem antigo.»

Mas é sobretudo Grenier, no seu livro já citado 36, que nos dá um quadro desenvolvido deste fenómeno complexo. Um estudo detalhado da antiga religião romana é seguido de um outro em que é analisado a transformação do espírito religioso, a crise que acompanhou as guerras púnicas, a célebre questão das Bacanais, a introdução dos cultos orientais, da Grande Mãe dos Deuses de Pessimonte e, ao mesmo tempo, das reacções pontificais contra estas infiltrações. Em seguida, estuda a religião imperial, terminando por um quadro geral sobre a evolução do Génio Romano. «Constituída sob a égide dos Deuses, a «cité» libertou-se a pouco e pouco do seu domínio para viver de uma vida própria. Esta evolução deve ter começado desde a época real. A loba do Capitólio aparecia já como um símbolo mais político do que religioso. A revolução republicana, ou o acontecimento seja ele qual for que separa Roma da Etrúria, conduz a cidade pela via de um particularismo nacional em que a razão parece ter já mais lugar do que o sentimento religioso. A constituição dos Decênviros, as leis das doze Tábuas, a imitação do esforço legislativo da Grande Grécia pitagórica, marcam o aparecimento do Estado laico: ao reino dos deuses sucede o da «cité».

Como expoentes deste racionalismo podemos citar: o imperador Tibério, matemático e ateu, para quem os deuses são de pura imaginação e para quem a natureza é regida por leis necessárias; Lucrecio, um dos continuadores de Demócrito e um dos precursores do espírito científico moderno; os Gracos e a corte de Scipião Emiliano, etc.

Estes e outros expoentes definem uma mentalidade colectiva, uma superestrutura que se destacou da mentalidade primitiva em que esteve mergulhada, durante muito tempo, a mentalidade romana.

Thus, the defined religion is reduced to an historical residue, a body without soul, floating, inactive and aloof from the historical conflicts. So much so that, from a certain point on, the organizational structure and architecture of the whole System appears to be solid, when actually it is crumbling. For, in reality, the System itself has also reached a state of excessive definition that no longer adapts to the living forces flowing inside it. It is a too rigid reality for the historical complex that led to it, and so, at one point, it also gives in under the pressure and infiltration of outside forces. Therefore, amid the general disintegration of the Systems, the defined religious elements dissolve while, at the same time, a new System is slowly being defined, outside that disintegration.

This is the phenomenon Lot **35** describes: “a religious disease undermined the Roman society, Christianity. Diocletian still believed in the old concept that violence could destroy the sect. Constantine, in a state of apparent or real dementia, believes that it is a strength that can be used at the service of Rome.

“In its higher aspects — literature, arts, philosophy, religion — transformations are no less impressive than in the political sphere. The old Latin and Hellenic naturalist deities give way to eastern superstitions, Judaism, Christianity, Mithraism, Manichaeism, etc... from Egypt, Syria and Persia. These foreigners transform the ethics and psychology of the ancient man.”

However it is mainly Grenier, in the book already quoted **36**, who provides us with a thorough scenario of this complex phenomenon. A detailed study of ancient Roman religion is followed by an analysis of the transformation of the religious spirit, the crisis that followed the Punic Wars, the famous question of the bacchanalia, the introduction of the Eastern cults, the Great Mother of the Gods of Pessinus and, at the same time, the pontifical reactions against these infiltrations. After that, he examines the imperial religion, ending with an overall view of the evolution of the Roman Genius. “Founded under the aegis of the Gods, the “cité” freed itself from their domain to live a life of its own. This must have started in royal times. The she wolf of the Capitol was already more of a political symbol than a religious one. The Republican revolution, or whatever event separated Rome from Etruria, lead the city through a national particularism in which reason seems to be already more relevant than the religious sentiment. The constitution of the Decemvirs, the Laws of the twelve Tables, the imitation of the legislative effort of the Great Pythagorean Greece, marks the emergence of the secular state: the realm of the gods gives way to the realm of the “cité”.

As examples of exponents of this rationalism we can mention: Emperor Tiberius, a mathematician and an atheist to whom the gods are pure imagination and nature is ruled by necessary laws; Lucretius, one of the followers of Democritus and a forerunner of the modern scientific spirit; the Gracchi and the court of Scipio Aemilianus, etc.

These and other exponents define a collective mindset, a superstructure that stood out from the primitive mentality where it had been immersed for a very long time, the Roman mentality.

Sobrepõem-se às ideias da religião oficial, ainda impregnada de magia; e paira acima delas a um grande altura; dos Gracos a Lucrécio opera-se um movimento do pensamento apresentando já todas as características de uma mentalidade adulta e viril, que começa a tomar consciência do homem, do mundo e das relações do homem com o mundo, num plano de concepções muito acima do religioso místico ou mágico, ou mesmo metafísico. A mentalidade romana aproxima-se, então, de uma concepção positiva e quase científica da vida, do homem, da sociedade e do mundo.

Esta superestrutura, como sempre, não elimina as outras, que com ela continuam coexistindo; mas sobrepõem-se a elas, paira acima do seu conjunto, e durante o período áureo toma nas elites a hegemonia.

Desta forma, a curva do Sistema Romano atinge o seu apogeu, sob o ponto de vista intelectual. Não podemos dar aqui, resumido sequer, um quadro da atmosfera intelectual desta época; o leitor pode documentar-se a esse respeito nos trabalhos de Lot 37, de Grenier 38 e doutros autores. Recordemos apenas que Lucrécio opõe à concepção mística e religiosa do mundo uma concepção racional. «A nobreza desta filosofia, diz Lot, consiste em propor um ideal a um mundo que já não o tinha.»

A tradição ancestral, ensinada e mantida pela família, estava esquecida. A «cité», engrandecida e ampliada, não impunha já aos cidadãos uma razão de viver. A inteligência que de ora avante abraçava o mundo, os velhos mitos e os velhos ritos, as frias cerimónias do culto oficial não traziam já satisfação.

As crenças vacilavam entre o vácuo e as aberrações do misticismo. Em muitos, a moral era sem dúvida um hábito e como que uma recordação piedosa; não era senão uma regra individual desprovida de fundamentação e de sanção. Neste caos, com que sofre e ao qual atribui justamente os males da pátria, Lucrécio vê a verdade nova que há-de estabelecer a ordem. A inteligência apareceu-lhe como a soberana senhora da medida e da sabedoria. O triunfo da razão, eis a grande esperança que assim inspira o seu entusiasmo.

É sabido que os Romanos nada criaram em ciência e em filosofia; são apenas discípulos dos helenos. Este facto, porém, nada importa para o nosso caso; porque um homem desprovido de poder criador pode atingir um estado de mentalidade positiva. Esta é manifesta, embora com um cunho particular — o carácter próprio do génio romano, — no período áureo do Sistema. Depois afrouxa, e, por fim, cede a hegemonia às influências místicas; desaparece como superestrutura hegemónica; o que vem á superfície são manifestações místicas das massas, em conflito com a religião oficial cuja força diminui progressivamente. As crises de outrora, durante as guerras púnicas e noutras circunstâncias, são agora substituídas por um estado contínuo e cada vez mais acentuado de exaltação mística, de avidez de mistério, de ocultismo orientais. A mancha de misticismo asiático alastra rapidamente, infiltra todo o corpo do Sistema, penetra nas altas classes, transforma a literatura, a filosofia, a psicologia do povo romano 39. Esta infiltração corresponde à desagregação interior do Sistema, cuja fachada, em aparência imponente e sólida, oculta um corpo em completa decomposição. As reacções imperiais contra este fenómeno nada conseguem; o Cristianismo invade tudo, arrastando consigo todo um cortejo de influências asiáticas.

They override the official religious ideas, still impregnated with magic, and hover above them at great height; a movement of thought is being formed from the Gracchi to Lucretius, already presenting all the characteristics of an adult and virile mentality that begins to be aware of man, of the world and of man's relationship with the world, on a level far above the mystical, magical or metaphysical religious plane. The Roman mentality comes close, then, to a positive and almost scientific conception of life, man, society and the world.

This superstructure, as always, does not eliminate the others, that still coexist, but overrides them, hovering above the whole, and gaining hegemony in the elite, during the golden period.

Therefore, the curve of the Roman System reaches its peak, from an intellectual point of view. We can't draw here, not even briefly, a picture of the intellectual atmosphere of that time; readers can study it in the works of Lot **37**, Grenier **38** and other authors. Let us only recall that Lucretius opposes a rational conception of the world to the religious and mystical conception. "The nobility of this philosophy, Lot says, is to propose an ideal to a world that no longer had one."

The ancestral tradition, taught and maintained by the family, was forgotten. The enlarged and expanded "cité" no longer gave its citizens a reason to live. The old myths, rituals and cold ceremonies of the official cult didn't satisfy the intelligence that embraced the world from then onwards.

Beliefs wavered between the void and the aberrations of mysticism. For many, the moral was undoubtedly a habit and a pious memory; nothing but an individual rule devoid of reasoning and sanction. Lucretius sees the new truth that will establish order in this tormenting chaos to which he ascribes the problems of his homeland. Intelligence appeared to him as the sovereign of measure and wisdom. The triumph of reason is where the great hope that inspires his enthusiasm resides.

It is well known that the Romans created nothing in science and philosophy; they are only disciples of the Greeks. However, this doesn't matter to our point; because a man devoid of creative power can achieve a positive mentality. This positive state manifests itself, albeit with a particular imprint - the unique nature of the Roman genius, - in the golden period of the System. It, then, slows down, finally yielding to mystical influences; it no longer is a hegemonic superstructure; what surfaces are the mystical manifestations of the masses, at odds with the official religion whose strength progressively decreases. The crises of the past, during the Punic Wars and other circumstances, are now replaced by an increasingly accentuated and continuous state of Eastern mystical exaltation, eagerness for mystery and the occult. Asiatic mysticism rapidly spreads, infiltrating the entire structure of the System, penetrating the upper class and changing literature, philosophy and the psychology of the Roman people. **39** This infiltration corresponds to the inner disintegration of the System, whose façade, though majestic and solid in appearance, hides an utterly decomposing body. The imperial reaction against this phenomenon achieves nothing; Christianity invades everything, dragging a whole parade of Asiatic influences with it.

Recordemos que todo este fenómeno é favorecido pela evolução geral asiáticoide do Império Romano. Este movimento começa com César, cujos projectos consistiam em transformar Roma numa grande monarquia asiática, com a capital em Alexandria. A reacção tradicionalista de Augusto define uma tendência contrária, de tipo puramente romano. Mas a tendência asiática, a pouco e pouco, com a evolução geral do Império, acaba por dominar, e este transforma-se gradualmente numa grande monarquia de tipo asiático.

Se, em rigor, esta monarquia se não realiza integralmente, as aparências exteriores, o cenário e o ritual findam por revestir uma forma perfeitamente asiática; e Roma, nos últimos períodos imperiais, é uma coisa híbrida, uma forma indecisa, onde os resíduos da velha República flutuam paradoxalmente no meio de um império asiáticoide.

Por fim, Constantino adopta como religião de Estado o Cristianismo, que imita, logo de início, a forma orgânica da antiga religião oficial. O catolicismo é instituído por decreto imperial, cuja solução arbitrária é imposta às contendas das seitas cristãs em desordem. O império transforma-se num vasto campo de disputas teológicas, em que participam apaixonadamente as elites e as massas: espécie de delírio colectivo que faz polarizar todas as energias em problemas pueris e absolutamente imaginários.

A partir de um certo momento, a dissolução mística do pensamento, no Império Romano, é completa; não existem já filosofia nem ciências; tudo é mística e disputa de seitas. A acuidade destas disputas é tal e a paixão das massas tão furiosa, que a guerra civil religiosa ameaça o império; e neste mundo imperial que se dissolve, tudo é rancor e violência.

Qualquer que seja a ideia que se forme sobre a evolução do Império, não se pode negar a evidência desta dissolução mística que coincide com a sua decadência. Ora, o mesmo fenómeno se observa na Grécia. Dadas as características intelectuais, temperamentais e caracterológicas do Sistema Grego, este facto toma ali um particular relevo, que o torna uma exemplificação típica do fenómeno que estamos estudando 40.

Poder-se-ia desenvolver a história do pensamento grego tomando como base a evolução do fenómeno místico, e mostrar como, gradualmente, a infiltração mística penetra o Sistema, acabando por lhe dissolver a mentalidade.

A princípio, a filosofia grega, nos primeiros períodos do Sistema, faz um esforço para se libertar do misticismo, atinge o seu auge com esta libertação, para recair por completo num magma místico, por um movimento próprio conjugado com a influência do Oriente. O esquema é o mesmo que em Roma: quando o Sistema se dissolve, dá-se uma infiltração asiáticoide que por completo o desagrega. Não temos que fazer aqui a história, nem mesmo o resumo deste fenómeno, porque ele está perfeitamente estudado por muitos historiadores, e admiravelmente condensado no livro de L. Robin, intitulado «La Pensée Grecque et les débuts de l'esprit scientifique.» 41

Bastar-nos-á citar alguns trechos da conclusão.

«...O pensamento propriamente helénico aparece ele próprio como um momento no conjunto de uma evolução. Liga-se às civilizações do Egipto e da Ásia por laços que implicaria determinar imparcialmente, sem o preconceito de os apertar ou relaxar. Não é ilegítimo no entanto destacá-lo, por abstracção, da tradição de que ele faz parte.

Let us remember that this whole phenomenon is encouraged by the general Asiatic development of the Roman Empire. This movement begins with Caesar, whose projects were to turn Rome into a major Asiatic monarchy, with its capital in Alexandria. The traditionalist reaction of Augustus defines a purely Roman opposite ideal. However, with the overall evolution of the Empire, the Asiatic tendency starts to dominate, gradually turning it into a great monarchy in the Asiatic style.

But if, in fact, this monarchy is not fully developed, the setting and ritual ultimately appear perfectly Asiatic; and, during the last imperial era, Rome is nothing but a hybrid thing, an undecided form, where the wastes of the old Republic paradoxically float in the middle of an Asian empire.

Finally, Constantine adopts Christianity as the State religion, a religion that imitates, right from the outset, the structure of the old official religion. Catholicism is established by imperial enactment whose arbitrary solution is imposed on the strife of the contending Christian sects. The empire becomes a vast field of theological disputes, involving fervent elites and masses: a kind of collective frenzy that channels all energies into childish and totally imaginary problems.

From a certain point, the mystical dissolution of thought in the Roman Empire is complete; philosophy and sciences no longer exist; mysticism and the strife of sects are all there is. The acuity of these disputes and the furious passion of the masses are such that religious civil war threatens the empire. And in this crumbling imperial world everything is hatred and violence.

Regardless of the opinion one might have about the evolution of the Empire, it is impossible to deny the evidence of this mystical dissolution, which coincides with its decline. The same phenomenon happens in Greece. Given the intellectual, temperamental and very specific characteristics of the Greek System, this fact takes a special emphasis there, which makes it a typical illustration of the phenomenon we are studying. **40**

It would be possible to develop the history of Greek thought based on the evolution of the mystical phenomena, and show how the infiltration gradually penetrates the System and eventually dissolves its mentality.

In the beginning, during the first periods of the System, Greek philosophy makes an effort to break free from mysticism, reaching its peak with this emancipation, only to fall back into a mystic magma, through a movement of its own combined with the influence of the East. The scheme is the same as in Rome: when the System is dissolved, there is an Asiatic infiltration that completely disintegrates it. We don't need to write the story, or even the summary of this phenomenon here, because it is well studied by many historians, and admirably summarized in the book of L. Robin, entitled "La Pensée Grecque et les débuts de l'esprit scientifique". **41**

It suffices to quote some passages from the conclusion.

"...Hellenic thought appears as a moment in evolution. It is bound to the civilizations of Egypt and Asia through ties that should be impartially established, without prejudice. Nevertheless, it should be detached, by extrapolation, from the tradition to which it belongs.

Representa, com efeito, para nós a primeira sistematização de uma ciência e de uma filosofia. Além disso, tanto pela maneira por que elaborava o seu material místico e técnico, qualquer que seja de resto a sua origem, quer pela maneira por que mais tarde perdeu a sua individualidade específica, manifesta-se com uma grande clareza de caracteres bem definidos.

É um fenómeno racional e mesmo raciocinante. É-o, desde os seus princípios históricos, pelo seu esforço em compreender a ordem das coisas e para organizar inteligivelmente as crenças. Há nisso um carácter geral, ao qual as condições sociais não são estranhas e que varia com elas. Democrática ou aristocrática, a política da «*cité*» grega é sempre matéria de debate racional. Depois, a desagregação da «*cité*», ao mesmo tempo que obriga o indivíduo a tomar consciência mais precisa de si próprio, coloca-o em face do universo.

Então, a tendência lógica do génio grego parece contrair-se sobre si própria. A análise e a engrenagem dos conceitos tomam um valor independente, desenham à priori a figura do real, impõem-lhe a forma abstracta das matemáticas, ou a imagem de uma vida dirigida pela razão. Da transposição do orfismo para o plano da vida actual nasce, por outro lado, o ideal místico da sabedoria. Mas a este misticismo fica justaposto, como o mostra o exemplo de Sócrates, dos Cínicos ou de seus herdeiros, um intelectualismo disputador. O génio grego em filosofia é, desde então, feito com frequência de contrastes violentos: o excesso de ascetismo não o aterra, como igualmente o excesso de subtileza dialéctica. É um equilíbrio miraculoso. Ora, desde que a inteligência perdeu o vigor da sua seiva, é em seu desfavor que este equilíbrio se rompe. Bastará para isso um movimento ofensivo da religiosidade oriental.»

Noutro local, diz ainda o mesmo autor: «O sentimento elevado de vida espiritual que se encontra nestes últimos representantes do Estoicismo é de inspiração religiosa. Mas este sentimento decorre de uma concepção racional do universo. Esta concepção, que era essencial ao pensamento grego, apaga-se pelo contrário cada vez mais, à medida dos progressos, favorecidos pelo poder imperial, de uma religiosidade que inverte a ordem dos valores antigos e que põe ao serviço de um misticismo confuso o vocabulário da antiga filosofia, esvaziando-o de sentido. Não são somente os cultos que, pela sua multiplicação e pela sua composição, traduzem a decadência profunda do pensamento racional. Esta decadência tem expressões filosóficas: assim o sincretismo do pretendido Hermes Trimegisto (o três vezes grande), cujo livro parece ser do século III; ou ainda a doutrina dos Gnósticos, que, nascida em Antióquia no século II, se espalha sobretudo entre os Cristãos, e que era combatida por Plotino (Enn, II, 9), cujo misticismo, como se verá, é de essência diversa. Com o seu Pteromo e as gerações dos seus Eons, a Gnose que se reclama de Zoroastro faz recuar o pensamento grego de dez séculos, para as mais fantásticas cosmografias. A revelação suprimiu o esforço da razão.»

Por outro lado, o Neo-platonismo, posterior a Plotino, finda no ocultismo e no bruxedo filosófico. Assim o pensamento helénico, o mais alto e o mais original que tem conhecido a humanidade, finda também numa completa dissolução mística.

In fact, it represents the first systematization of a science and of a philosophy. Moreover, it manifests itself with great clarity of character, either by how it elaborated its technical and mystical material, whatever its origin might be, or by the way it later lost its unique individuality.

It is a rational, and even reasoning, phenomenon. It is so, since its historical outset, for its efforts to understand the order of things and intelligibly organize the different beliefs. There is a general nature in this, which varies according to the social conditions. Whether it was democratic or aristocratic, the policy of the Greek “cité” was always subject of rational debate. The disintegration of the “cité”, while requiring the individual to be more accurately aware of himself, places him facing the universe.

It is then that the logical tendency of Greek genius seems to contract on itself. The analysis and mechanism of concepts take on an independent value, design reality, imposing on it the abstract form of mathematics or the image of a life guided by reason. The mystical ideal of wisdom is born, on the other hand, from the transposition of Orphism to today’s life. However, as shown by Socrates example, juxtaposed to this mysticism is the wrangling intellectualism of the Cynics or of their followers. In philosophy, since then, the Greek genius is frequently made up of violent contrasts: excessive asceticism does not scare it; neither does the excess of dialectical subtlety. It is a miraculous balance. Ever since intelligence lost the vigour of its sap, this balance breaks down to its disadvantage. An offensive movement from eastern religiousness will suffice to cause it.”

Elsewhere, the same author adds: “The high sense of spiritual life that is found in these last representatives of Stoicism is religiously inspired. But this feeling stems from a rational conception of the universe. This conception, which was essential to Greek thought, fades away, on the contrary, following the progress - favoured by the imperial power - of a religiousness which reverses the order of the old values, putting the vocabulary of ancient philosophy at the service of confused mysticism, emptying it of meaning. It is not only the cults that, through their multiplication and composition, reflect the deep decline of rational thought. This decline has philosophical expressions: thus, the syncretism of the intended Hermes Trismegistus (the thrice-great), whose book appears to be from the third century; or yet the doctrine of the Gnostics, which was originated in Antioch in the second century, spreading especially among the Christians, and was opposed by Plotinus (Enn, II, 9), whose mysticism, as we shall see, has a different essence. With his *Pleroma* and generations of his *Eons*, the *Gnosis*, which is claimed to be Zoroastrian, pushes back Greek thought about ten centuries to the most fantastic cosmographies. Revelation eliminated the effort of reason.”

On the other hand, Neoplatonism, subsequent to Plotinus, ends in philosophical witchcraft and the occult. Thus, Hellenic thought, the highest and most original known to humanity, also ended in complete mystical dissolution.

A generalidade deste fenómeno, pelo menos no grande Sistema Greco-Europeu, parece indicar que todo o Sistema histórico realiza um grande esforço para se elevar das concepções mágicas e místicas primitivas, a uma concepção positiva e científica da Vida e do Universo, mas que esta mentalidade científica e positiva não pode manter-se por muito tempo; o esforço parece gigantesco, todo o Sistema converge para ele, se exaure nele, e depois, fatigado, sem seiva, recai de novo na mentalidade primitiva. Esta fica então colorida de filosofismo, esmaltada de termos filosóficos, ou mesmo científicos; é isso a consequência material de resultados adquiridos no período áureo. Mas todo esse amalgama está por completo esvaziado de sentido; na realidade, a mentalidade recua para formas arcaicas, místicas, pré-lógicas.

A herança histórica e as características peculiares da totalização de experiência fazem com que, a cada esforço de um Sistema para se elevar à mentalidade científica, se some o esforço do Sistema seguinte: por forma que, na totalidade do Sistema Greco- Europeu, os períodos áureos de cada Sistema apresentam uma progressão.

Cada um retoma a herança dos Sistemas antecedentes, directa ou indirectamente, e eleva-se a um mais alto grau, ou completa-a em vários sentidos: Roma, por exemplo, utiliza a herança helénica num sentido, a actual Europa noutra.

Se traçarmos a curva da evolução do pensamento e dos fenómenos místicos de cada Sistema, vemos que essas curvas coincidem, grosso modo, com a curva geral de cada Sistema: e por forma tal, que o período áureo corresponde ao período de hegemonia do racionalismo, enquanto os períodos primeiro e terceiro, à hegemonia do misticismo. Simplesmente esta hegemonia de misticismo apresenta-se em circunstâncias totalmente inversas no primeiro e terceiro períodos. No primeiro, o racionalismo destaca-se lentamente do misticismo; no terceiro, dissolve-se nele.

* * *

Este fenómeno parece ter o valor de uma lei: é já nitidamente visível na actual crise europeia. Apresenta-se nela com os mesmos caracteres gerais que encontramos na decadência da Grécia e de Roma. 42

A política, a especulação social, a literatura, a filosofia, as artes, impregnaram-se de mística; toda a vida actual se acha por ela dominada. Se muita gente nisso não repara é precisamente porque a atmosfera mística é já tão densa que vivemos nela sem dela nos apercebermos. Mas o facto é notório e está, de resto, assinalado por numerosos autores; alguns estudos existem já sobre o fenómeno.

Após a Grande Guerra, um movimento místico se tornou patente em França, que daí irradiou por todo o mundo, habilmente aproveitado pelo catolicismo. Mas o movimento místico francês apresenta já indícios de uma tendência para o conflito das formas místicas indefinidas com as definidas. Se uma parte do movimento é absorvido pelo catolicismo ortodoxo, outra parte manifesta tendências sismáticas, outra ainda perplexidades evidentes. Partidários e contrapartidários da fixidez dos dogmas «lourdistas» e anti-«lourdistas»; correntes cristãs-comunistas, a corrente da «Terre- Nouvelle»; correntes católico-socialistas e mesmo católico-marxistas, como a do «L'Esprit», e várias outras, entrecrocaram-se dentro do campo católico cuja aparência ainda sólida revela manifestos sinais de decomposição interna.

In general, this phenomenon, at least in the great Greco-European System, seems to indicate that the entire Historical System performs a great effort to rise from the primitive magical and mystical concepts to a positive and scientific conception of life and the universe, but that this scientific and positive mindset can't remain for long; the effort seems enormous, the whole system converges to it, is depleted in it, and then, wearily, without sap, falls back into the primitive mentality, which is then colored with false philosophies, ornate with philosophical or even scientific terms; this is the material consequence of the results obtained in the golden period. But all this amalgam is completely emptied of meaning; in reality, mentality goes back to archaic, mystical and pre-logical forms.

The historical legacy and the unique characteristics of the totalization of experience bind the previous System's effort to rise to scientific mentality to the effort of the following System: so that on the whole Greco-european System, the golden periods of each System show a progression.

Each one incorporates the legacy of the previous Systems, directly or indirectly, raising it to a higher level or completing it in several ways: Rome, for example, uses the Hellenic heritage in a way, while today's Europe uses it in another sense.

If we draw the curve of the evolution of thought and mystical phenomena of the Systems, we see that these curves roughly coincide with the general curve of each System: and so, the golden period matches the period of hegemony of rationalism, while the first and third periods correspond to the hegemony of mysticism. Nevertheless, this hegemony of mysticism reveals itself in completely reversed circumstances in the first and third periods. In the first period, rationalism slowly detaches from mysticism; in the third period, it dissolves in it.

* * *

This phenomenon seems to have the nature of a law: it is already clearly visible in the current European crisis. It presents the same general characteristics found in the decline of Greece and Rome. **42**

Politics, social speculation, literature, philosophy and the arts are impregnated with mysticism; life is currently under its control. If many people don't notice this, it is precisely because the mystical atmosphere is already so dense that we live in it without realizing that fact. But the fact is well known and, moreover, is pointed out by several authors; there are already some studies about this phenomenon.

After the Great War, a mystical movement became apparent in France, which then radiated throughout the world, skillfully exploited by Catholicism. However, the French mystical movement already hints at the conflict between defined and undefined mystical forms. While one part of the movement is absorbed by Orthodox Catholicism, another one shows schismatic tendencies and a third one still reveals clear doubt. Supporters and opponents of the fixity of Lourdes' dogmas; Christian-communist currents, the current of the "*Terre-Nouvelle*"; Catholic-socialist and even Catholic-Marxist currents, such as "*L'Esprit*", and several others, clash within the Catholic world whose solid appearance reveals obvious signs of internal decay.

Há uma reacção, dentro deste campo, contra o catolicismo clássico e contra o catolicismo político e social, tal como a evolução o definiu; há uma reacção contra a petrificação histórica e dogmática da Igreja; e há reacções variadas de tipo comunizante no sentido de um restauro do Cristianismo nas suas formas primitivas. As seitas e correntes neo-cristãs pululam dentro do catolicismo francês, como indício de um novo protestantismo, embora com orientação diferente do protestantismo histórico.

Mas a movimentação mística não se limita ao campo católico; é geral, não só em França como por toda a Europa. Os movimentos nazi, racista, facista, falangista, francista, etc., os movimentos nacionalista, rexista e análogos têm manifestamente, entre outros, um carácter místico. Mais acentuado em uns do que noutros, mais visível em certos sectores do que noutros, mais evidente em certos indivíduos do que noutros, o fenómeno, com gradações diversas, é geral. Encontrei em Paris muitos destes indivíduos que tinham o aspecto distante e arcaico de velhos místicos de outrora: - alguns pareciam verdadeiros iluminados.

Mística do herói, mística do chefe, mística da comunidade, do homem, do humano, do humanismo humano; mística do sacrifício, mística do «servir», etc.; todas as formas de ideologia moderna revestem um aspecto místico. Há na Rússia verdadeiros movimentos místicos, e o mesmo sucede na Alemanha: Hitler, sob certos aspectos, recorda Maomé, como o comunismo russo, em algumas das suas manifestações, se assemelha ao cristianismo primitivo.

Os próprios «gestos» e «paradas» hoje em voga, são de tipo ao mesmo tempo místico e arcaizante; o «nazi» que, hirto e de olhar alucinado, faz a saudação hierática, tem por vezes a auto-sugestão alucinatória de sofrer uma transformação mística da sua própria personalidade. Transforma-se em «outro»; e este «outro» funde-se numa espécie de deidade nebulosa, um tanto wagneriana, onde o heróico interfere com o divino das velhas deidades da Gêrmania.

Não queremos dizer com isto que os movimentos políticos actuais sejam integralmente místicos, mas sim que eles têm um fundo místico, e isto é evidente. Enorme documentação podia ser aqui apresentada para o comprovar; mas não somente o não pode fazer este livro de síntese, como o facto é por tal forma manifesto que torna essa documentação dispensável: toda a vida diária da Europa actual é uma documentação deste fenómeno. O colorido místico foi estendido, de resto, aos velhos Símbolos, historicamente cansados, da civilização actual; pretende-se com isso consolidá-los, num movimento instintivo de defesa natural num Sistema que se decompõe, e portanto reage, em sobressaltos, contra a sua própria desagregação.

Toda a Europa actual está em estado de potencialidade mística. Este fenómeno integra-se, no fundo, naquilo que chamamos a regressão mística às formas do religiosismo indefinido. 43

Recordemos aqui o que dissemos noutra local⁴² sobre a diferença, a meu ver fundamental, entre Mistério e Desconhecido: o mistério sendo o que, por natureza, nunca poderá ser conhecido, tem uma carga emotiva que é um dos seus elementos fundamentais. É inerente à noção de mistério a existência desta carga emotiva conjugada com o facto de impossibilidade de conhecimento: e desta conjunção resultam todos os paradoxos das religiões e, em grande parte, os paradoxos da história humana.

There is a reaction, within this field, against classic Catholicism and against political and social Catholicism as defined by evolution; there is a reaction against the historical and dogmatic petrification of the Church; and there are various reactions towards a restoration of Christianity to its primitive forms. Sects and neo-Christian currents within French Catholicism abound, as evidence of a new Protestantism, though with an orientation different from that of historical Protestantism.

But the mystical movement is not restricted to Catholicism; it is a general phenomenon, not only in France but also throughout Europe. The Nazi movement, the Racist movement, the *Mouvement Franciste* (a french fascist and anti-semitic league created by Marcel Bucard in 1933)¹⁵, Fascism, Falangism, Nationalism, Rexism and other similar movements, have a clear mystical character. More pronounced and visible in certain areas, and more evident in some individuals, this phenomenon, though in various gradations, is general. In Paris I found many of these individuals who had the old and archaic countenance of the mystics of yore: - some seemed truly enlightened.

The mystique of the hero, of the leader, of the community, of man, of human, of human humanism; the mystique of sacrifice, of the “servant”, etc.; all forms of modern ideology have a mystical side. There are true mystical movements in Russia and Germany: in some ways, Hitler brings to mind Mohammad, as Russian Communism, in some of its manifestations, is similar to early Christianity.

Even the “gestures” and “parades” we see today are, at the same time, mystical and archaic; the delusional and stiff “Nazi”, giving the hieratic salute, is sometimes under the hallucinatory idea that he is undergoing a mystical transformation of his personality. He turns into “someone else”, and this “someone” merges into a somewhat Wagnerian sort of half-forgotten deity, where the heroic interferes with the divine of the old deities of Germany.

By this we don't mean that the current political movements are entirely mystical, but they do have an obvious mystical background. Massive documentation could be presented here in order to prove it; however, not only would it be impossible to do so in this short book, but also the obviousness of the fact makes this documentation seem redundant: daily life in today's Europe is a testament to this phenomenon. The mystic coloring has been extended to the historically tired old Symbols of today's civilization. The idea is to reinforce them, in an instinctive movement of natural defense by a System that is decomposing and, therefore, reacting against its own disintegration.

Today's Europe is now in a state of mystical potentiality. This phenomenon is, basically, part of the regression to the forms of undefined religiousness. **43**

Let us recall what we said elsewhere about the difference between Mystery and Unknown: mystery, or what can never be known, has an emotional charge that is one of its key elements. The existence of this emotional charge, combined with the impossibility of knowledge, is intrinsic to the notion of mystery: all the paradoxes of religion and, to a large extent, the paradoxes of human history are a result of this combination.

¹⁵ TN (Translator's Note)

A emotividade mística exige uma saturação constante das suas valências; por isso tende constantemente a passar do estado indefinido ao estado definido: fenómeno, como dissemos já,⁴² em tudo comparável ao da realização artística. Assim, todas as religiões nascem do religiosismo indefinido por definição deste; cada definição especial sofre depois a elaboração histórica e evolui segundo leis próprias. Ora, toda a evolução histórica de uma religião definida conduz esta a um sistema rigidamente petrificado de fórmulas, dogmas, sistemas e doutrinas que, a partir de um certo momento, não pode evoluir mais; e a uma orgânica cada vez mais hierarquizada e consolidada em sua arquitectura. Assim, chega sempre um momento em que um desnível profundo se estabelece entre a religião definida e a vida do Sistema histórico a que pertence; e, além disso, entre essa religião definida e o religiosismo indefinido que continua, potencialmente, no fundo de cada Sistema. Já vimos quanto o fenómeno é nítido nos Sistemas grego e romano; é-o igualmente no actual Sistema. O complexo geral de ideias religiosas e místicas conexo com o actual Sistema, (que se designe ou não pelo nome geral e um pouco vago de «Cristianismo») está já, de há muito, em excesso definido; alguns dos seus organismos, como a Igreja Católica, em estado visível de ultra- definição. Desta forma, um conflito latente se estabelece entre essas fórmulas definidas e a potencialidade mística da Europa. Esta continua em sua evolução; aquelas estão historicamente gastas: vão a pouco e pouco passando ao estado de «resíduos históricos.» Perdem a pouco e pouco toda e qualquer significação; esvaziam-se de substância; reduzem-se a um formalismo ritual, com um sistema de dogmas sem sentido: tudo conjugado com uma orgânica estabilizada. Em certos casos, como na Grécia, esta orgânica sacerdotal não existe, mas no Egipto, na Pérsia, em Roma, na actual Europa, essa orgânica constitui um dos elementos históricos fundamentais.

Vazia de substância e sem elementos emotivos vitais, transforma-se numa espécie de corpo estranho, admiravelmente organizado, de resto, para fins políticos. Forma com a orgânica do sistema um todo em que os elementos embora separados estão articulados solidamente. A orgânica religiosa, de tipo clerical, tende sempre a absorver em si a totalidade de Sistema histórico; conseguiu-o no Egipto, que fındou por completo asfixiado nela; não o conseguiu na Europa, devido à reacção das forças contrárias: mas a tendência foi sempre, e continua sendo, no sentido desta absorção.

Em suma, os sistemas religiosos definidos petrificam, em geral, com o Sistema- Histórico de que fazem parte integralmente. Desta forma o sistema religioso, com o Sistema-Histórico de que faz parte, divorcia-se da vida emotiva profunda do Sistema. Este fica com as suas valências místicas livres, o que cria um estado particular de inquietação religiosa, de vácuo, de mal-estar e mesmo de ansiedade. É este um fenómeno típico do último período de um Sistema-Histórico; constata-se na Grécia e em Roma, com toda a evidência. É igualmente visível, a partir da Grande Guerra, na Europa actual.

Simplemente, como pode ver-se da respectiva curva histórica, estamos apenas no início do fenómeno; ele terá de desenvolver-se e intensificar-se, provavelmente a par e passo que se acentuar a decadência do Sistema actual. É pois um fenómeno que só terá a sua acuidade daqui a alguns séculos. Mas o estado de inquietação mística é já perfeitamente visível, mesmo neste estado inicial: nas massas e nas elites, na literatura e na filosofia. É sintomática a este respeito uma grande parte da literatura filosófica russa, de emigração, Berdiaeff, Rozanov, Miaski, Merejkowsky, e outros.

Mystical emotion requires a constant saturation of its valences; therefore, it constantly tends to change its status from undefined to defined: a phenomenon comparable to that of artistic achievement, as we have already stated. **42** Thus, all religions spring from this undefined religiousness through its definition; each special definition then undergoes historical development and evolves according to its own laws. Therefore, the entire historical evolution of a defined religion leads that same religion to a system rigidly frozen with formulas, dogmas, systems and doctrines which, from a certain point, can't evolve any further; and to an increasingly hierarchical and consolidated structure. Consequently, there is always a time when a deep gap is established between the defined religion and the life of the Historical System to which it belongs; and, what's more, between that defined religion and the undefined religiousness that may still remain in each System. We have seen how the phenomenon is clear in the Greek and Roman Systems; it is equally obvious in the current System. The generic set of religious and mystical ideas connected to the present System, (whether or not it is designated by the general and vague name of "Christianity") has already long been overly defined; some of its institutions, such as the Catholic Church, are already in a visible state of over definition. Thus, a latent conflict is established between those defined formulas and Europe's mystical potential. Europe continues to evolve while those formulas are historically worn out: little by little they are becoming "historical residue". They gradually lose all meaning and substance, and are reduced to a ritual formality, with a system of meaningless dogmas: all of this combined with a stabilized structure. In some cases, Greece for example, this sacerdotal structure doesn't exist; but in Egypt, Persia, Rome, or today's Europe, this structure is one of the key historical elements.

With no substance or vital emotional elements, it becomes a sort of foreign body, admirably organized for political purposes. It becomes a whole with the organic system in which the elements, though separated, are still firmly articulated. The clerical religious structure tends to absorb within itself the entirety of the Historical System; it managed to succeed in Egypt, which ended completely smothered by it; in Europe, it did not succeed due to the reaction of opposing forces, but it tended, and continues to tend, towards this absorption.

In conclusion, the defined religious systems are generally petrified along with the Historical System to which they completely belong. Consequently, the religious system and its corresponding Historical System separate themselves from the deep emotional life of that System, leaving it with its free mystical valencies, ultimately creating a distinctive religious concern, a vacuum of discomfort and even anxiety. This is a typical phenomenon of the last period of a Historical System; it is clearly observed in Greece and Rome. It is also evident in Europe since the Great War.

The case is, as you can see from the corresponding curve of history, that we are merely at the beginning of the phenomenon; it will have to develop and intensify, probably alongside the decline of the current System. Therefore, this phenomenon will only show greater intensity in a few centuries. But the mystical restlessness is already perfectly visible, even at this early stage: in the masses and the elites, in literature and in philosophy. In this regard, a great deal of the Russian philosophical literature of emigrants, such as Berdiaeff, Rozanov, Miaski, Merejkowsky, and others is symptomatic.

Querem fazer a síntese de Deus e do Diabo, da Virgem e de Vénus, de Cristo e de Apolo; tendência manifesta para transcender o Cristianismo num sentido que não conseguem no entanto definir: ao mesmo tempo que tentam uma síntese paradoxal dos elementos mais opostos, paganismo e cristianismo, espírito e carne, sensualismo erótico e ascetismo, etc. E o pensamento russo de emigração, em grande parte, extenua-se e dissolve-se nestas tentativas pueris. O que sucede com esta corrente, sucede igualmente, com modalidades diversas, com o pensamento alemão, inglês, francês, de uma maneira geral com todo o pensamento europeu. «Em geral, os românticos, diz F. Enriquez 44, desconhecem o momento essencial da formação das ideias abstractas por meio das quais o pensamento se esforça por abraçar a realidade e atingir a verdade por graus sucessivos de extensão e de aproximação. Preferem abandonar-se sem apoio ao jogo das associações de ideias, na ilusão de as admirar do alto com ajuda de um formalismo vazio de esquemas dialécticos. É por isso que lançam o grito de guerra contra a ciência, tal como a encontram constituída em seu tempo, e particularmente contra Newton. Dirige-se mesmo um assalto reaccionário contra a revolução de Copérnico, para restaurar até certo ponto uma concepção geocêntrica e antropocêntrica do universo. A explicação dos factos mecânicos pelo encadeamento das causas choca-se contra uma ressurreição da teologia aristotélica, onde se perde para sempre a ordem matemática do Cosmos. Em suma, à ciência da natureza que, há dois séculos pelo menos, servia de guia e modelo à filosofia, pretende-se substituir uma filosofia da natureza que, apesar do halo de poesia que lhe serve de auréola, tem o defeito inexplicável de abrir a porta escancarada aos descarrilamentos de espírito e à miséria das subtilezas sofisticadas. O próprio idioma desta filosofia, de que não é possível penetrar as obscuridades, assim como a atitude polémica, quase rancorosa, dos seus apóstolos — fanatismo intolerante e que forceja por arrancar pela força as adesões — bastam para ilustrar esta mentalidade anti-racional.

A «fúria romântica» transformou-se rapidamente em «fúria mística» que, por toda a parte, se ergue contra a ciência e a filosofia científica, em guerra de extermínio. Tal fúria conjuga-se com a tendência arcaizante que a filosofia manifesta igualmente, no sentido de um restauro do medievalismo filosófico; enfim, a infiltração mística é manifesta: simplesmente é por tal forma proteiforme no caos de movimentos actuais, que, por vezes, não se dá facilmente pelo fundo místico destes movimentos.

Esta guerra contra a ciência, contra o «estúpido século XIX», é um fenómeno bem caracterizado.

Como vimos, no início dos períodos de decadência dá-se um divórcio entre o pensamento, as concepções científicas e o Sistema em geral. A curva da totalização de experiência desintegra-se do Sistema; continua nele, divorciada ou obscurecida, e passa, por fim, para um outro Sistema Histórico. Pusemos já em foco a importância capital que este fenómeno tem para compreender o mecanismo geral da história e de cada Sistema em particular. Este fenómeno manifesta-se na actual Europa precisamente sob os aspectos múltiplos de «guerra à ciência» das invectivas contra o século XIX, da «falência da ciência» e, por fim, de uma maneira geral, pela dissolução mística do pensamento.

Por outro lado, é fácil de constatar que, nos últimos tempos sobretudo, o pensamento europeu se cindiu em duas grandes correntes: uma corrente geral, proteiforme, mas de tipo místico em suas múltiplas modalidades, e uma corrente científica.

They want to synthesize God and the Devil, Venus and the Virgin, Christ and Apollo; to transcend Christianity in a way they cannot yet define: simultaneously attempting a paradoxical synthesis of opposite elements such as paganism and Christianity, spirit and flesh, erotic sensuality and asceticism, etc. And Russian emigration thought is largely worn out and dissolved in these childish attempts. What happens to this intellectual trend also happens, in various ways, to German, English and French thought. Generally to all European thought. F. Enriquez believes that “typically, the romantics are unaware of the pivotal moment of the creation of abstract ideas through which thought strives to embrace reality and reach the truth by successive degrees of extension and approximation. They prefer to surrender unsupported to the games of combination of ideas, in the illusion of admiring them from a far with the help of a formalism without any dialectical schemes. That is why they fight science, or at least the way it is constituted in their time, in general, and Newton in particular. There is even a reactionary attack against the Copernican revolution, in order to restore, to some extent, a geocentric and anthropocentric idea of the universe. The explanation of the mechanical facts through the chain of causality collides with a revival of Aristotelian theology, in which the mathematical order of the cosmos is lost forever. In short, the intention is to replace the science of nature, which has served as philosophy’s guide and model for at least two centuries, by a philosophy of nature that, despite the halo of poetry, has the inexplicable flaw of leaving the door wide open to the derailments of mind and to the poverty of sophistic subtleties. The very language of this philosophy, whose obscurities are impossible to penetrate, as well as the controversial and almost resentful attitude of its apostles – intolerant bigotry that seeks to find support, even by force - will suffice to illustrate this anti-rational mentality.

The “romantic fury” quickly turned into “mystic fury” that rises against science and scientific philosophy in a war of extermination. Such fury pairs up with the archaizing tendency of philosophy towards the restoration of philosophical medievalism; finally, the mystical infiltration is visible: it is just so proteiform in the chaos of current movements that, sometimes, one doesn’t easily notice the mystical essence of these movements.

This war against science, against the “stupid nineteenth century”, is a well-featured phenomenon.

As we have already seen, in the beginning of periods of decline there is a separation between thought, scientific conceptions and the System in general. The curve of totalization of experience disintegrates from the System; it remains on it, separated or obscured, until it finally moves on to another Historical System. We have already focused on the vital importance of this phenomenon for the comprehension of the general mechanisms of history and of each System. This phenomenon manifests itself in today’s Europe precisely on the multiple aspects of the “war against science”, on invectives against the nineteenth century, on the “failure of science” and, finally, on the dissolution of mystical thought.

On the other hand, it is easily observed, particularly in recent times, that European thought is split into two main streams: a general trend, protean but mystical in its many forms, and a scientific one.

Além do movimento científico propriamente dito, definiram-se correntes variadas neopositivistas, de filosofia científica, de ciência unitária, etc., cuja atitude anti-metafísica e anti-mística é bem notória.

Tais correntes tomaram um particular incremento nos últimos cinquenta anos, com a revolução científica da Relatividade e outras. Caminha-se para novas concepções do mundo e para uma visão geral do pensamento; é uma transformação histórica do pensamento, talvez sem precedentes. Alguns (Reichenbach e outros) comparam-na à revolução de Copérnico, como outros comparam Einstein a Newton.

Ora, toda esta movimentação, que é riquíssima e possui, como dissemos, um acentuado valor histórico, faz-se à margem da vida actual da Europa. Esta decompõe-se e desagrega-se com uma vida intelectual de uma intensidade e de uma riqueza extraordinárias; as ciências, em particular as matemáticas e a física, tomaram, depois da guerra, não somente um desenvolvimento sem precedentes, como orientações inteiramente novas surpreendentes. Tal riqueza num Sistema em decomposição histórica parece um paradoxo; e este paradoxo tem iludido muitos autores, que retiram daí conclusões optimistas, como, por exemplo, Seignobos.

A história dá-nos a explicação deste paradoxo; e a sua explicação consiste precisamente no fenómeno já citado da desarticulação da curva de totalização de experiência. Daqui resulta o facto de todos os períodos de decadência serem particularmente ricos sob o ponto de vista do pensamento científico: simplesmente este pensamento, em tais períodos, não faz já parte do Sistema Histórico em que, no entanto, continua existindo. Realiza-se ao mesmo tempo dentro dele e fora dele; dentro dele, porque continua o seu trabalho num Sistema; fora dele, porque o seu divórcio com o Sistema é completo: na realidade, o espírito desses pensadores pertence já ao futuro.

Sintomas há que parecem mostrar que a ciência tende a passar da Europa para a América: êxodo de homens de ciência, uma atmosfera que na Europa se empestou, tornando o trabalho científico cada vez mais difícil, e, sobretudo, uma juventude de espírito, na América, formando contraste com a senescência da Europa.

Se, como é provável, o Sistema Histórico do futuro, sequente ao actual, se constituir na América, este fenómeno é perfeitamente compreensível; mas não podemos insistir, por agora, neste facto.

* * *

Qual a razão destes factos? Parece-nos esquematicamente simples na sua complexidade profunda.

E vem a ser que a humanidade, colectivamente, como o homem individualmente, não consegue manter-se durante muito tempo no esforço necessário para se erguer a uma alta concepção científica do mundo e da vida. Rapidamente cansa-se e recai nas formas primitivas do pensamento. Estas têm outra força espontânea e impulsiva; o pensamento, que podemos chamar «pitoresco» nas suas formas múltiplas, tende sempre a vir à superfície. O pensamento emotivo domina, em geral, a humanidade. Só em momentos históricos excepcionais, e graças a verdadeiros «milagres», consegue erguer-se a concepções científicas do mundo. É notável que este facto coincide com o período áureo dos Sistemas Históricos; revela que entre ele e a vida intrínseca do Sistema existem relações profundas que exprimem uma espécie de virilidade e de maioridade.

Beyond the scientific movement itself, many other trends of thought were defined, like the neopositivists, the ones related to scientific philosophy or unitary science, etc., whose anti-metaphysical and anti-mystical attitude is quite remarkable.

Such trends have developed in the last fifty years, with the scientific revolution of Relativity and others. We are walking towards new conceptions of the world and to a general overview of thought; it is an unprecedented historical transformation of thought. Some (Reichenbach and others) compare it to Copernicus' revolution, as others compare Einstein to Newton.

All this fruitful motion has an extremely important historical value and takes place on the sidelines of Europe's current life, which decomposes and disintegrates with an extraordinarily intense and valuable intellectual life; after the war, all sciences, particularly mathematics and physics, took on an unprecedented development, as well as an amazing and entirely new set of guidelines. Such fertility in a decadent System seems to be a paradox; and this paradox has deceived many authors, like Seignobos, who draw optimistic conclusions therefrom.

History gives us the explanation for this paradox; and such explanation lies precisely in the already mentioned disarticulation phenomenon of the curve of totalization of experience. Accordingly, all periods of decline are particularly rich from the point of view of scientific thought: yet, during those periods, thought no longer belongs to the Historical System in which it continues to exist. It takes place inside and outside of it; inside, as it continues its work in the System; outside, because its separation from the System is complete: in reality the spirit of those thinkers already belongs to the future.

There are symptoms that seem to show that science tends to move from Europe to America: the exodus of men of science, an atmosphere that plagued Europe, making scientific work increasingly difficult, and, above all, a spirited youth in America, contrasting with the senescence of Europe.

It is likely that the future Historical System, subsequent to the current one, is constituted in America. If so, the phenomenon is perfectly understandable, but we cannot insist on this fact for the time being.

* * *

What is the reason for these facts? It is actually schematically simple in its deep complexity.

Mankind, as well as the individual man, cannot persist for long in the effort required to rise to a high scientific conception of the world and of life. It quickly gives in and falls into primitive forms of thought, which have other impulsive and spontaneous strength; "picturesque" thought, in its various forms, always tends to surface. Emotional thinking generally dominates humanity. Only in exceptional historical moments, and thanks to true "miracles", it is able to rise up to the scientific conceptions of the world. It is remarkable that this fact coincides with the golden period of Historical Systems, indicating that there are deep relations, expressing a kind of virility and adulthood, between this fact and the intrinsic life of the System.

Não devemos, porém insistir nestas analogias. Que o fenómeno tem uma causa psicológica, é manifesto; mas outras causas, e não menos importantes, são de ordem mecanóide: relacionam-se com o complexo de forças de todo o Sistema.

Notemos que o entusiasmo pela ciência, característico do período áureo europeu, não significa por forma alguma a entrada das massas numa mentalidade colectiva que atingiu a plenitude do espírito científico. Porque esse entusiasmo tem como «substratum» uma carga emotiva conexas com a ciência, que não a própria ciência. O público viu na ciência o «maravilhoso»; transpôs, durante algum tempo, para ela, a sua sede de maravilhoso. As maravilhas reveladas pela ciência obscureceram, durante algum tempo, as maravilhas dos milagres e dos bruxedos, as próprias maravilhas naturais comuns. Ao mesmo tempo, o público colocou-se perante a ciência na mesma expectativa que adoptou ante os taumaturgos e os mágicos: a ciência era, para ele, a nova Magia. A distância que separa o grande público dos bastidores da ciência criou em volta dela uma atmosfera que é, no fundo, a do mistério: e é este mistério, como sempre, que fascina as massas. O homem transportou o mistério, que o obseca, das religiões e das magias para a ciência.

Por fim, endeusou a ciência. Transformou-a precisamente naquilo de que ela, por princípio, é a negação: - em qualquer coisa de super-humano. Ao mesmo tempo esperava dela o Absoluto: e é este, precisamente, um dos mais singulares paradoxos relativos a estes fenómenos. Acusa-se a ciência de falência, entre outras coisas porque não resolve o Absoluto, quando a abdicação ante o absoluto é precisamente um dos fundamentos do espírito científico. Os mais singulares paradoxos se têm acumulado neste sentido e em outros análogos: - mas tudo isto é apenas o borbulhar superficial de fenómenos mais profundos: e esses são precisamente os que acabamos de descrever, a traços largos, neste capítulo.

CAPÍTULO III

O DILEMA DA EUROPA

Uma das características importantes do período C de articulação dos Sistemas é o seguinte: Durante este período, cada Sistema Histórico tende a ultrapassar o conceito orgânico que lhe serve de estrutura. Daí um dilema, visto que, para ultrapassar este conceito orgânico, é necessário suprimir o Sistema e substituí-lo por outro.

Assim sucedeu no Mundo Antigo. Conjunto de «cités», a Grécia tende para o conceito de Nação, sem jamais o atingir: porque a supressão da «cité» seria a desorganização completa da Grécia historicamente constituída. Bloco de «cités», com unidade de civilização, sem unidade política, a Grécia procura esta unidade através de conflitos variados. Estes são apenas a expressão do conflito de forças com sentido contrário que movimenta a Grécia entre dois pólos: a «cité» e a Nação. Esta existe em potência mas não em actualidade: porque é antagónica e irreductível com a própria Grécia historicamente instituída, síntese impossível sem a substituição de um Sistema Histórico por outro, realizada na elaboração complexa do tempo.

As lutas pela hegemonia são um esforço inconsciente para resolver o dilema.

But we should not insist on these analogies. It is clear that the phenomenon has a psychological cause; but there are also other causes of mechanical nature that are equally important: they are related to the complex of forces within the entire System.

It is remarkable as well that the enthusiasm for science, so typical of the European golden period, doesn't mean that the masses have, in any way, reached a collective mentality of the peak of the scientific spirit. This has not taken place, because the "substratum" of that enthusiasm is emotionally connected to science, but beyond science itself. In science, the public saw "the wonders"; and so, for a while, the people's thirst for "wonders" was quenched through science. The wonders revealed by science blurred, for some time, the wonders of miracles and witchcraft, and even the common natural wonders. At the same time, the people stood before science with the same anticipation that it used to have before the miracle-workers and the magicians: science was the new Magic. The distance between the general public and the backstage of science has created an atmosphere of mystery around it: and this mystery, as always, is what fascinates the masses. Man transferred to science the mystery that used to dazzle him in religion and magic.

Finally, he deified science. Transforming it in the thing it most denies: something superhuman. At the same time, man expects nothing less than the Absolute from it: this is, precisely, one of the most singular paradoxes of these phenomena. Science is accused of failing because, among other things, it doesn't solve the Absolute, when the renunciation before the absolute is precisely one of the foundations of the scientific spirit. The most singular paradoxes have accumulated in these and in other similar senses: - but this is just the superficial bubbling of deeper phenomena, which are precisely the ones just described, in a broad outline, in this chapter.

CHAPTER III

EUROPE'S DILEMMA

One of the important features of the C period of articulation of the Systems is this: During this period, each Historical System tends to exceed the organic concept that is its structure. Hence a dilemma, since, to overcome this organic concept, it is necessary to suppress the System and replace it with another.

This was true in the Ancient World. Greece was a set of "cités", which tended towards the concept of nation, without ever reaching it: because the dismantling of the "cité" would be the complete disorganization of historically constituted Greece. A block of "cités", united in civilization but without political unity, Greece searches for this unity through various conflicts. These are merely the expression of the conflict of forces that pushes Greece between two opposite poles: the "cité" and the Nation, which doesn't really exist: for it is contrary to Greece itself. It is an impossible notion without the replacement of one Historical System for another in the complex elaboration of time.

The struggle for hegemony is an unconscious effort to solve the dilemma.

Porque a hegemonia de uma «cité» realizada seria, praticamente, a extensão do conceito a toda a Grécia e a sua síntese dentro do Sistema: estaria assim atingido quase o conceito de Nação. Mas a hegemonia tornou-se impossível precisamente porque as outras «cités» se consideravam com os mesmos direitos e precisamente porque existindo as «cités», não podia existir a Nação. Mas como esta existia potencialmente, impossível igualmente que as coisas não tendessem neste sentido, síntese natural da unidade de civilização da Grécia. Daí a oscilação entre um e outro pólo, entre a «cité» historicamente definida, e a Nação, historicamente indefinida: dilema insolúvel porque, num sentido, teríamos a desagregação do que historicamente fora constituído, e o aluimento do edifício histórico da Grécia; no outro, a ausência de unidade e de síntese, e a falta de um quadro geral que desse coerência ao todo. Impossível fazer a síntese de Esparta e de Atenas; a Grécia para ser Nação, teria de deixar de ser Grécia. Um esboço de síntese aparece nas reuniões das olimpíadas e outras cerimónias colectivas onde a Grécia aparece, temporariamente, em bloco, como povo e como Nação; curioso fenómeno de síntese temporária, que põe tréguas no conflito das «cités».

Mais tarde, noutro Sistema Histórico, Roma realiza a hegemonia de uma «cité». Mas, quando a «cité» hegemónica constrói um Império, este não cabe nos quadros políticos, demasiado estreitos, de uma «cité». Roma hesita entre o seu quadro orgânico constituinte, e um outro que não consegue definir. Finda num compromisso que não é já a «cité» antiga, mas que não é também um Estado moderno, imperial; amalgama de conceitos helénicos e orientais, o Império Romano é uma tentativa tímida, hesitante, sem orgânica definida. Na realidade, Roma, no seu período de declínio, tende constantemente a transcender, sem o conseguir, o seu próprio conceito orgânico. Cai, doutra forma, no mesmo dilema da Grécia; oscila, como ela, entre dois pólos extremos; e como ela exaure-se neste dilema. «O poder do imperador romano, diz Lot, um mais absolutos que o mundo tem conhecido, não era, no entanto, de essência monárquica. O príncipe não é todo poderoso porque descende dos Deuses, como os monarcas do Oriente e os reis de certos povos germânicos. É todo poderoso porque incarna em sua pessoa a República, a autoridade do povo romano, que é absoluta. Seu poder não é pessoal, ainda menos hereditário; é uma delegação. O poder repousa, antes de tudo, sobre a força armada. O imperador é aquele que, por delegação, tem o comando absoluto, como todo o comando do exército. Este comando chama-se imperium.

Durante o período republicano, grande número de personagens tiveram o impérium — gerais em chefe, proconsules. Foram imperadores, mas apenas durante a campanha; no dia seguinte ao triunfo, o poder absoluto expirava. O estabelecimento do império consistiu em limitar a um só membro o número de pessoas às quais é conferido o imperium, e a conferir-lhe esta dignidade por toda a vida. Em sua essência, o império continua a ser uma magistratura. A ideia da soberania do Estado continua, em teoria, pairando sobre o imperador — encarnação da República. E se recebe o título de Augusto, isto é, de santo, de sagrado, é, sem dúvida, porque é o símbolo vivo da Dea- Roma. Por sua morte, resolver-se-á se deve ser deificado, (nós diríamos santificado) se o seu numen ou génio deve receber honras divinas... A magistratura imperial não tem por objecto substituir a realeza à república. No início, o império apresenta-se como um expediente. Uma ditadura permanente, para remediar as convulsões sociais e políticas que ameaçam a existência da república romana, é confiada ao primeiro cidadão do Estado: é isso que significa príncipes.

Because the concept of hegemony of a “cité” would, virtually, be expanded to all of Greece and its synthesis within the System: thus, the concept of nation would almost be achieved. But hegemony became impossible precisely because the other “cités” believed they had the same rights and, because there were “cités”, there couldn’t be a Nation. However, as the idea of Nation virtually existed, it was impossible that things wouldn’t go in that direction, that is, towards the natural unity of the Greek civilization. Hence the oscillation between both poles: the historically defined “cité” and the historically undefined Nation: this was an insoluble dilemma because it would either lead to the disintegration of what had been historically established, and ultimately to the collapse of the historical building of Greece, or to the lack of unity and coherence of the whole. It was impossible to make the synthesis of Sparta and Athens; to become a Nation, Greece would have to stop being Greece. In the Olympics meetings and other collective ceremonies, Greece temporarily displays a sort of synthesis, appearing as one people, one Nation; a curious phenomenon of temporary union that calls a truce in the conflict between the “cités”.

Later on, in another Historical System, Rome represents the hegemony of a “cité”. But when the “cité” with hegemonic control builds an empire, it doesn’t fit in the overly narrow political sphere of a “cité”. Rome is torn between its constitutional organic structure, and one other it cannot define. It ends in a compromise that is no longer the ancient “cité”, nor a modern imperial State; a melting pot of Hellenistic and Eastern concepts, the Roman Empire is no more than a hesitant and shy attempt, with no defined structure. In fact, in its period of decline, Rome constantly tries to transcend, unsuccessfully, its own organic concept. It falls, though differently, in the same dilemma Greece had fallen into; it equally oscillates between two extremes, consuming itself in this dilemma. Lot says, “the power of the Roman emperor, one of the most absolute that the world has known, was not, however, monarchical in its essence. The prince is not all powerful because it descends from the Gods, like the monarchs of the East or the kings of some Germanic peoples. It is all-powerful because it embodies the Republic, the authority of the Roman people, which is absolute. His power is not personal, let alone hereditary; it is a delegation. The power rests first and foremost on the armed forces. The emperor is one who, by delegation, has absolute command, such as the command of the army. This command is called *imperium*.”

During the Republican period, many personalities held the *imperium* - generals in chief, proconsuls. They were emperors, but only during the campaign; the day after the triumph, the absolute power expired. The establishment of the empire consisted of limiting to a single member the number of people to whom the *imperium* was entrusted, and give him this dignity for life. In essence, the empire continues to be magistracy. In theory, the idea of State sovereignty remains, hovering over the emperor - *the incarnation of the Republic*. And he is given the title of Augustus, that is, holy and sacred, undoubtedly because he is the living symbol of *Dea Roma*. On his death it will be decided if he should be deified (we would say sanctified), if his *numen* or genius should receive divine honours. The imperial magistracy doesn’t intend to replace the republic with the monarchy. At first, the empire presents itself as an expedient. A permanent dictatorship, to remedy the social and political upheavals that threaten the existence of the Roman republic, is entrusted to the first, or principal, citizen of the State: such is the meaning of prince.

Mas os órgãos legais do Estado, o senado e os comícios, subsistem no começo do Império. O poder legislativo não é o atributo exclusivo do imperador; tem a iniciativa das leis, mas como qualquer magistrado; e quando as suas constituições, as suas actas, tiverem força de lei, a base jurídica está provavelmente no poder tribunício de que se encontra revestido. O imperador não tem, no centro, funcionários verdadeiros no começo do principado; até Adriano vai escolher no seu grupo de «amigos» os elementos do Conselho indispensável a todo o chefe de Estado. Mas a antiga máquina persiste. Os comícios tendo morrido de velhice, a administração e finanças, assim como a legislação, foram concentradas nas mãos do Senado.»

Qual o vício fundamental desta organização? O Império Romano, a despeito das aparências, não tem constituição. «Não repousa senão sobre a força, uma força bruta desencadeada pelos mais baixos apetites.» Este poder absoluto do primeiro cidadão, concentrando e resumindo a majestade do povo romano, quem o confere? pergunta Lot. «Não repousa sobre nenhuma base sólida legal.» Quem designava o ditador militar, o imperador? O Senado, o exército sobretudo, força guerreira do povo romano ao sabor das circunstâncias, com um fim de interesse geral. Mas, depois que o exército se divorciou do povo romano, continua a exercer uma acção preponderante na escolha do chefe do Estado. Parece que o poder do imperador não tem a plenitude da legalidade senão quando o príncipe recebeu ao mesmo tempo o consentimento do exército e do Senado. Mas a qual dos dois poderes pertence a iniciativa legal? Ninguém sabe. A designação pelo Senado seria a mais tranquilizadora, mas não é mais legítima. De facto, é o exército que designa o imperador, porque é a força. Aconteceu por vezes que ele pediu ao Senado que fizesse a escolha, mas este pedido escondeu sempre uma ordem... Os motivos de intervenção do exército, ou antes, dos exércitos, não são sempre de ordem muito elevada; fazem-se e desfazem-se imperadores por dinheiro ou por motivos de amor-próprio. Algumas vezes as eleições nomeiam uma personagem militarmente incapaz, porque é rica (Didius, Julianos). Depois aborrecem-se dela e matam-na. Matam-na igualmente se é demasiado severa em questões de disciplina. Matam por um capricho, por prazer, por vezes mesmo por um motivo plausível, quando o eleito é incapaz de vencer os bárbaros. Naturalmente, estes exércitos batem-se uns com os outros, cada um tendo a pretensão de impor o seu eleito. Não têm mesmo a necessidade, no século III, de ser excitados por ambiciosos. Sua agitação parece espontânea; bruscamente tal exército dá o poder a pessoas que tremem com o aceitá-lo. Ser eleito imperador, no período de meio século que segue à morte de Severo Alexandre, é um destino trágico. Os eleitos (os três Gordianos, Decius, Saturninus, Tetricus) aceitam o principado como uma sentença de morte. A doença não deixou de perturbar o mundo romano durante os dois primeiros séculos do Império, e mesmo depois de Mário e Sylla desencadeia-se um acesso de febre convulsiva. Já não há povo romano. O Senado é uma sombra; o representante da República, o chefe do Estado, déspota todo poderoso e temível, é o escravo submisso de um monstro de cem cabeças, de um Caliban sem ideal, sem fé nem lei, — o exército chamado «romano». E a história do Império não é e não será mais do que uma série de pronunciamentos.»

Roma é, de facto, um império; mas este império não tem quadro que o emoldure, nem conceito orgânico que o estructure. Da «cité» resta o caixilho vazio; e o novo quadro, procurado às apalpadelas, graças a expedientes variados não chega a definir-se.

Nevertheless, the legal bodies of the state, the senate and the assemblies, survive in the beginning of the Empire. The legislative power isn't solely of the emperor; he can create laws as can any regular magistrate; and when his constitutions and proceedings have legal force the legal basis lies probably in his own *tribunician* power. The emperor has no real officers at the beginning of the principality; even Hadrian will pick the elements of the Council, essential to any head of State, among his group of "friends". However, the old machine perseveres. The assemblies died of old age; the administration and finance, as well as legislation, were concentrated in the hands of the Senate".

What is the fundamental flaw of this organization? The Roman Empire, despite appearances, has no constitution. "It rests solely on power, a raw power unleashed by the lowest of appetites." Who gives absolute power to the first citizen, concentrating and summarizing in his person the rule of *majestas* of the Roman people? Lot asks. "It does not rest on any solid legal ground." Who appointed the military dictator, the emperor? The Senate, particularly the army, the military might of the Roman people, at the mercy of circumstances and with the purpose of general interest. But after the separation of the army from the Roman people, the former still continued to play an active role in the choice of the head of State. It seems that the power of the emperor doesn't have full legitimacy except when the prince receives, simultaneously, the consent of both the army and the Senate. But to which of these two powers belongs the legal initiative? Nobody knows. The appointment by the Senate would be more reassuring, but it is not more valid. Indeed, it is the army that designates the emperor, because it represents might. Occasionally, it has asked the Senate to make the choice, but this request always hid an order. The motives for the army's intervention, or rather armies', are not always very noble; emperors are created and destroyed for money or for reasons of self-esteem. Sometimes elections appoint a militarily incapable person because he is rich (Didius Julianus). Then they get bored with them and kill them. They also kill them if they are too severe in matters of discipline. They kill on a whim, for fun, occasionally even for a plausible reason, when the elected is unable to defeat the Barbarians. Naturally, these armies struggle with one another, each having the intention of imposing their chosen one. In the third century, they don't even have the need to be excited by the ambitious. Their agitation seems spontaneous; suddenly this army gives power to people who tremble while accepting it. During the period of half a century following the death of Severus Alexander, being elected emperor is a tragic destiny. The elected (the three Gordians, Decius, Saturninus, Tetricus) accept the principality as a death sentence. The disease did not fail to disturb the Roman world during the first two centuries of the Empire, and even after Marius and Sulla, a bout of febrile seizure breaks out. A Roman people no longer exist. The Senate is a shadow, the representative of the Republic, the head of state, the all-powerful and fearsome despot, is the submissive slave of a hundred-headed monster, a Caliban without ideals, faith or law - the so called "Roman" army. And the history of the Empire is nothing more than a series of proclamations."

Rome is indeed an empire; but this empire has no frame for its picture, or organic concept for its structure. The "cité" left the frame empty and the new frame, found in the darkness, fails to define itself.

No entanto, o movimento continua. A transformação lenta do império-magistrativo em império-monarquia, esboçado por Aureliano, empreendido por Diocleciano, acentua-se com Constantino e os sucessores. O Palácio e a Corte tornam-se o centro do Estado e do Império; o Império cabe lá inteiro (Dury). Os funcionários civis e militares são classificados segundo a sua maior ou menor proximidade da pessoa imperial. Os serviços de Estado participam deste carácter sagrado, e o Conselho Imperial de simples conselho de amigos, transforma-se em «Consistório sagrado», e o ministério das finanças recebe o nome de «larguezas sagradas».

O Senado some-se na sombra, vazio de poderes, degenerado em simples câmara consultiva e tribunal supremo de justiça.

Os seus privilégios são simplesmente honoríficos. Toda uma hierarquia imperial se estabelece substituindo as antigas ordens: os ilustres, os respeitáveis, os claríssimos, os perfeitíssimos, com os nobilíssimos e os patrícios no cimo. Tudo se organiza nos quadros imperiais; «o próprio Senado entra na carreira, porque o favor do príncipe abre o acesso aqueles que desempenham cargos na corte ou em outra parte.»

Mas tudo isto é forçado e artificial; no fundo, continua a ser um expediente imposto pela força das circunstâncias, um pis-aller contraposto à decomposição e desagregação geral do Império e do mundo romano. Um contraste chocante existe entre o espírito e os quadros imperiais, e o espírito e os quadros da antiga «cité». Esta continua, no entanto, no meio do novo quadro, como um fantasma; o espírito público não se integra no quadro novo; não há já, de resto, um público romano, mas um agregado desconexo de públicos, povos e raças. «Partindo de baixo, como todos os seus predecessores após Salius, Diocleciano tinha julgado poder sofismar as coisas cercando a pessoa imperial com um cerimonial trazido do Oriente. Retomou o uso do diadema místico, símbolo de eternidade, tomado por Aureliano aos Sassânidas. Deixou-se classificar de senhor (dominus), mas esta classificação não é oficial.» Em 323, Constantino finda com o «expediente» da tetrarquia e, em 337, no seu testamento, divide o Império entre os filhos e os sobrinhos como um património: «é já uma partilha de tipo merovíngio ou carolíngio, fundada unicamente nos direitos do sangue» (Lot). Mas o sistema não é aceite, e tudo cai na anarquia; os pretendentes massacram-se uns aos outros, e, tempos depois, Valentiniano é de novo eleito pelo exército, que lhe exige a nomeação de um colega. «A separação efectiva do Império em duas grandes divisões tornou-se uma necessidade imperiosa. Desde esta época, as duas metades não puderam jamais ser reunidas, a não ser um momento por Teodósio (três meses).» Que é, em suma, durante a sua agonia, o Império Romano? Ninguém o sabe, nem consegue definir; qualquer coisa de oriental, de asiático; qualquer coisa de vagamente medieval já. No fundo, uma composição híbrida, imaginada para consolidar expedientes.

Na realidade, como dissemos, Roma, como a Grécia em sua decadência, tende a transcender o seu conceito orgânico fundamental, sem o conseguir. Oscila constantemente entre a fórmula historicamente já definida e a fórmula não definida: aprisionada neste dilema tenta a unidade à custa de expedientes. Na realidade, esta unidade é meramente militar ou policial, imposta com urgência pelos factos; de nenhuma maneira uma unidade política e orgânica.

Sob as aparências desta unidade fictícia, o Sistema romano decompõe-se por completo; a sua desagregação não faz senão acentuar-se.

However, the movement continues. The slow transformation of the magistratic empire in a monarchical empire is outlined by Aurelian, undertaken by Diocletian and becomes more evident with Constantine and his successors. The Palace and Court become the center of the State and of the Empire; the whole Empire fits inside (Dury). The civilian and military personnel are classified according to their degree of proximity to the imperial person. The services of the State share this sacred nature, and the Imperial Council, which consists of simple advice from friends, becomes a “sacred consistory”, and the finance ministry is called “the sacred open-hand”.

The Senate disappears into the shadows, devoid of power, degenerated into a mere consultative chamber and Supreme Court of justice.

Its privileges are merely honorary. An entire imperial hierarchy is established replacing the old order: the distinguished, the respectable, the esteemed, the enlightened, with the noblest and patricians at the top. Everything is organized in the imperial structure; even the Senate is part of this organization because a favour from the prince gives access to those who have a role in the court or elsewhere”.

But this is all unnatural and artificial; in reality, it continues to be an expedient imposed by circumstances, a *pis-aller* against the general decay and disintegration of the Empire and of the Roman world. There is a striking contrast between the imperial spirit and structure and between the spirit and structure of the ancient “cité”. This remains, however, in the middle of the new system, like a ghost; the public spirit doesn’t fit in the new system; there is no longer a Roman public, but an aggregation of disconnected peoples and races. “Starting from below, as all his predecessors after Salius, Diocletian believed he could distort things by surrounding the imperial person with ceremonial formalities brought from the East. He resumed the use of the mystical diadem, symbol of eternity, taken from the Sassanid Empire by Aurelian. He let himself be appointed as lord (*dominus*), but this classification is not official. “In 323, Constantine puts the tetrarchy “expedient” to an end and in 337, in his will, splits the empire between his sons and nephews as if it was an inheritance: “it is already a division of Merovingian or Carolingian type, based solely on blood rights (Lot). But the system is not well accepted, and everything falls into anarchy, the suitors slaughtered each other, and, some time later, Valentinian is again elected by the army, which demands that he appoints a colleague. “The effective separation of the empire into two great divisions became a necessity. Since that time, the two halves could never be reunited, except for a small period of time, by Theodosius (three months)”. What is, in short, during its agony, the Roman Empire? Nobody knows, no one can even define it; something oriental, Asiatic; something already vaguely medieval. Basically, a hybrid composition created in order to consolidate expedients.

In fact, as we said, Rome, like Greece in its decline, tends to transcend its fundamental organic concept, without success. It continuously oscillates between the historically defined formula and the undefined formula: trapped in this dilemma, Rome tries to unite at the expense of expedients. In fact, this unity is purely military or law-enforced, imposed with urgency by the facts; by no means a political and organic unity.

Beneath the appearances of this fictitious unity, the Roman System breaks down completely: and this disintegration only increases.

Lot traça desta decomposição o seguinte quadro: «o Império Romano esteve prestes a perecer na grande crise que se estende de 235 a 268. Finalmente os Bárbaros foram repelidos pelos imperadores ilírios, Cláudio II, Aureliano, Probus, e a unidade política foi reconstruída. No entanto a situação continua precária. As transformações necessárias são operadas por duas personalidades de primeira ordem: Diocleciano e Constantino. Tem-se querido ver neles idealistas quiméricos, sonhadores. O erro é surpreendente: são espíritos práticos, o primeiro sobretudo. Começam por fazer a parte do fogo. É visível que um só homem não pode governar do Eufrates ao Oceano, do Saára à Caledónia, dois mundos incapazes de se fundirem, o mundo helénico e o mundo latino. Para prevenir qualquer revolta dum competidor, Diocleciano escolhe-o e tenta fazer dele um colega e um amigo. A unidade, pelo menos ideal, do Império é assim mantida. Constantino torna definitiva a separação dos dois mundos, transformando Bizâncio engrandecida em uma nova Roma (330). Graças à sua situação, poderá ser salva de invasão; sem esta ideia genial, a civilização helénica teria desaparecido e, como a Caldeia, não nos seria conhecida senão graças a restos informes.

«Uma doença religiosa minava a sociedade romana — o Cristianismo. Diocleciano tinha ficado no velho conceito de que a violência poderia aniquilar a seita. Constantino, num transporte de demência aparente ou real, vê ali uma força para utilizar em serviço do Estado romano. No Oriente, a Igreja ortodoxa, a cultura helénica e o Estado conseguem fundir-se por tal forma que entrar no seio da Igreja é o mesmo que tornar-se «romano» de língua grega, pelo menos durante alguns séculos. Captando o Cristianismo, levam ao máximo da tensão as molas da máquina fiscal. Para lutar contra os Bárbaros, para os comprar igualmente, para manter de pé o edifício grandioso do Império, são necessários recursos consideráveis. Mas o mundo mediterrâneo sofre uma grave perturbação económica. Está arruinado e em plena regressão no momento em que as necessidades do Estado são mais urgentes do que nunca. Um fisco implacável institui nas herdades regimes de castas. O aldeão está de ora avante fixo ao solo: não é a causa única dos servos de glebas cujas origens mergulham num passado longínquo, mas a extensão deste regime a trabalhadores livres é uma característica do Baixo-Império. Obrigado a filiar-se num collegium, o artífice está preso ao ofício, o negociante à sua profissão. Que dizer dos trabalhadores das minas e das manufacturas imperiais, marcados a ferro vermelho? Não podem sequer fugir, e a sua condição é hereditária. As classes médias são igualmente «administradas». Os curiais formam uma corrente irresponsável pelo imposto e pela cultura das terras; todas as portas por onde puderam escapular-se da cúria estão fechadas. O resultado foi o seguinte: o poder quebrou todas as resistências e igualmente toda e qualquer independência; acabou de transformar a população num rebanho «raios» à maneira turca. E no entanto não estamos em face de um despotismo puramente egoísta. E também não em presença de um sistema largamente amadurecido, sábio, sistemático. Não é propositadamente que os imperadores centralizam, unificam, uniformizam. Uma necessidade imperiosa, cega, irresistível, obrigava-os a tudo triturar para que o Império pudesse subsistir. Estes imperadores tiveram preocupações humanitárias de que a sua legislação oferece testemunhos numerosos, repetidos, demasiado repetidos mesmo para que essas decisões fossem eficazes. Quiseram proteger as classes médias e inferiores das cidades e instituíram defensores civitatis. Os collegia de negociantes e de artífices gozaram de privilégios, deixaram-nos fazer eles próprios seus regulamentos e não foram inquietados em sua vida interior.

Lot outlines this disintegration as follows: “the Roman Empire was about to perish in the great crisis that extends from 235 to 268. Finally, the Barbarians were repelled by the Illyrian emperors, Claudius II, Aurelian, Probus, and the political unity was rebuilt. Nevertheless, the situation remains precarious. The necessary transformations are operated by two great personalities: Diocletian and Constantine. They have been taken for unrealistic idealists, dreamers. The mistake is overwhelming: they are pragmatists, especially the first. They start by playing the part of the fire. It is obvious that one man cannot rule from the Euphrates to the Ocean, from the Sahara to Caledonia, two worlds unable to merge, the Hellenic world and the Latin world. To prevent any rebellion from a competitor, Diocletian chooses one and tries to make a colleague and a friend out of him. The unity of the Empire, or at least the ideal of one, is, thus, maintained. Constantine separates these two worlds permanently, transforming the great Byzantium into a new Rome (330). Thanks to this situation, it can be saved from invasion; without this brilliant idea, the Hellenic civilization would have disappeared and, as Chaldea, we would only have known of its history through vague reports.

“A religious disease undermined the Roman society – Christianity. Diocletian believed violence could destroy the sect. Constantine, however, in an apparent or real state of dementia, believes it was strength to be used at the service of the Roman State. In the east, the Orthodox Church, the Hellenic culture and the State merge in such a way that entering the Church is the same as becoming a Greek speaking “roman”, at least, for a few centuries. Embracing Christianity, they stretched to the maximum the springs of the taxation system. To fight the Barbarians, to buy them even, to keep up the great edifice of the empire, considerable resources are required. But the Mediterranean world is suffering from a severe economic disruption. It is ruined and in full regression precisely when the needs of the state are more urgent than ever. A caste system is imposed on the estates by the ruthless treasury. The villager is henceforth pinned to the land: it is not the sole cause of existence of the servants of the glebes, whose origins plunge deep into a distant past, but the extent of this regime to free workers is a characteristic of the Lower Empire. Forced to join a *collegium*, the artisan is attached to his trade, as the merchant is attached to his profession. What about the workers in the mines and the imperial manufacturers, branded by a branding iron? They can’t even escape and their condition is hereditary. The middle class is also “administrated”. The members of the Curia are not responsible for the tax or the cultivation of the land; all the doors through which they could escape from the Curia are closed. The result was that power broke all resistance and independency; it transformed the population into a flock of “rays”, the Turkish way. And yet we are not in the face of purely selfish despotism, nor in the presence of a mature, wise, methodical System. It isn’t deliberately that the emperors centralize, unify, and standardize. A compelling, blind and irresistible need, forced them to shred everything so that the Empire could survive. These emperors had humanitarian concerns of which their legislation provides numerous and repeated testimonies. In truth, they were overly repeated and so those decisions could not be effective. They wanted to protect the middle and lower classes of the cities and so they created the *defensores civitatis*. The *collegia* of merchants and artisans had special privileges. They were allowed to make their own regulations and were not disturbed in their inner lives.

Os imperadores quiseram deixar subir até eles as queixas de seus súbditos, quiseram pôr um freio ao absolutismo de seus funcionários. Daí, criações estereis no fundo, mas significativas, como as das assembleias provinciais, de que uma, a dos Gauleses, vai subsistir até ao fim do Império do Ocidente. Enfim, medidas individuais, tais como recepção de impostos, castigos de altos funcionários culpados de prevaricação ou tirania, não foram raras. Apesar de tudo, o Estado fracassou no seu papel protector. É servido, traído, pelos seus próprios agentes. Estes, os altos funcionários ou, para dizer mais exactamente, os «magistrados», os «juizes», pertencem à classe dos grandes proprietários terrenos. Partilham deles as ideias, os costumes e os interesses. Esta aristocracia serve mal o governo, embora trema diante dele. Resiste-lhe em surdina, menos por ódio ou espírito de oposição, do que por egoísmo. Afastada do exército, continuando em funções honoríficas, suspeita e vigiada, a classe dirigente perde toda a espontaneidade, toda a iniciativa e, nela igualmente, o carácter cai muito baixo. A causa fundamental da decadência, depois decomposição do Império romano, parece-nos a seguinte: O Império torna-se num maquinismo demasiado vasto, demasiado sapiente, e em demasia complicado; o mundo mediterrâneo, em estado de reforma económica desde o século III, não lhe podia já sustentar o peso. Cinde-se em dois, *pars Orientalis*, *pars Occidentalis*, desde o fim deste século. Pelo exercício mesmo do seu poder, o Estado necessita de diminuir o seu campo de acção. Esta mesma necessidade vai obrigar bem depressa o Ocidente a fragmentar-se em dois Estados meio romanos, meio bárbaros. Estes, por seu turno, subdividem-se, e a pulverização territorial vai crescendo sem cessar durante séculos, até ao século XII. Esta restrição de acção política acompanha-se de um apoucamento do espírito público, que iria até ao aniquilamento de ideias de interesse geral, até à desapareição da noção de Estado na época bárbara.

Sob uma aparência ainda majestosa, o Império Romano, do fim do século IV, não era mais do que uma casca vazia. Era incapaz de resistir a um grande abalo. E bem depressa vai sofrer um novo e terrível assalto da Barbárie. O Oriente aguenta-se melhor ou pior; o Ocidente vai ser feito em pedaços.

«Há uma coisa mais profunda, mais estável do que as formas políticas, sempre efémeras, e isso é o que se chama uma civilização. Nas suas regiões mais altas — as letras, as artes, a filosofia, a religião, — as transformações não são menos impressionantes do que no domínio político. As velhas e ingénuas divindades naturistas helénicas e latinas, cedem lugar às superstições orientais — judaísmo, cristianismo, mitracismo, maniqueísmo, etc. — vindas do Egipto, da Síria, da Pérsia: Estas estrangeiras perturbam a ética, transformam a psicologia do homem antigo. Suas artes e literatura sofrem o contra golpe destas grandes mudanças. O culto esterilizante dos grandes modelos, certos defeitos inerentes ao espírito clássico tornam quase impossível um renovo da estética.

O triunfo do Cristianismo e, a seguir, do Islam, vão divorciar as almas das antigas formas de beleza. Antes mesmo que seja condenada pela religião, a plástica vai sucumbir, vítima de uma revolução de gosto saída do Oriente: a linha é sacrificada à cor, a nobreza de estilo à fantasia e à quimera. As letras antigas são condenadas pela Igreja. Inteiramente pagãs, cessaram de ser compreendidas e amadas. Infelizmente, a dupla literatura cristã, grega e latina, que entende dever substituir-se a elas, julga conseguiu-lo modelando-se no mesmo molde. Mas a pensamento e sentimento novos é precisa uma forma nova. As letras cristãs, sob o ponto de vista crítico, morreram ao nascer.

The emperors wanted to hear the complaints of their subjects and hamper the absolutism of their employees, hence the sterile, yet significant creations, such as the provincial assemblies. One of which, that of the Gauls, will survive until the end of the Western Empire. Finally, individual measures, like taxation and punishment of senior officers guilty of misconduct or tyranny, were not rare. Despite all this, the State failed in its protective role. It is served and betrayed by its own officers. These senior officials or, to be more accurate, the “magistrates”, the “judges”, belong to the class of land owners, thus, sharing their ideas, customs and interests. This aristocracy serves poorly the government, even though it trembles before it. It quietly resists its authority, not so much for hatred or resistance, but for self-interest. The ruling class, under suspicion and vigilance, is retired from the army and kept in honorific functions, losing all spontaneity and initiative. Furthermore, its character is low. We believe that the fundamental cause of the decline and consequent decomposition of the Roman Empire is this: the Empire becomes a too large, too wise and too complicated machine; the Mediterranean world, in a state of economic reform since the third century, could no longer bear its weight. Since the end of this century, it is divided in two, the *orientalis pars* and the *occidentalis pars*. To exercise its power, the state needs to reduce its scope of action. This same need will very soon compel the West to break up into two states, half Roman, half Barbarian. These, in turn, are subdivided, and the territorial fragmentation increases unceasingly for centuries, until the twelfth century. This restriction of political action is accompanied by an enfeebled public spirit, which will result in the annihilation of common interest ideas and in the disappearance of the concept of state during the Barbarian age.

By the end of the fourth century, still under a majestic appearance, the Roman Empire was nothing more than an empty shell, unable to withstand any real disturbance. And very soon it will undergo a new and terrible Barbarian attack. The East is capable of resisting; the West will be torn to pieces.

“There is something deeper and more stable than the always ephemeral politics, and that is what we call civilization. In its highest subject matters – literature, art, philosophy, and religion – the transformations are just as impressive as they are in politics.

The old and gullible Hellenic and Latin naturalistic deities give way to Eastern superstitions - Judaism, Christianity, Mithraism, Manichaeism, etc. - coming from Egypt, Syria, and Persia; these new and foreign ideas disrupt the ethics and alter the psychology of the ancient man. Art and literature suffer the blow from these big changes. The sterilizing cult of the great models and certain flaws of the classical spirit make it almost impossible to renew aesthetics.

The triumph of Christianity followed by that of Islam will separate the souls from the ancient forms of beauty. Even before they're condemned by religion, the fine arts will succumb, victims of a revolution of taste, arising from the East: the importance of the line is replaced by color, the nobility of style by fantasy and illusion. The Church condemns old literature. Being completely pagan it is no longer appreciated or loved. Unfortunately, the two Christian literatures, Greek and Latin, believe they can replace it by shaping up in the same mold. However, the new feeling and the new thought need a new cast. Christian literature, from the critical point of view, died at birth.

A ciência e a filosofia sucumbiram sob a concorrência da mística oriental que opera uma verdadeira transmutação de valores. A transformação não é menos prodigiosa do que se um dorminhoco, despertando, visse brilhar outros astros por cima de sua cabeça.»

Tal é o mundo que se decompõe sob o quadro fictício do Império. Por fim, após Teodósio, o imperador deixa de ser um chefe, o senhor do poderio, é um fantoche vivo encerrado num palácio. O poder cai na mão de favoritos e, por fim, suprime o próprio Império, no Ocidente (476). O Império morreu «como um velho que, privado de seus membros, expira caduco.»

* * *

A Europa actual encontra-se numa situação análoga.

Como a Grécia de outrora, é um conjunto em que a Nação substituiu a «cité».

Este conjunto de nações possui uma unidade de civilização, a civilização europeia.

Este conjunto, estruturado com o conceito orgânico que a Europa historicamente elaborou, tende a ultrapassar este conceito. A unidade de civilização procura a unidade política; simplesmente o novo conceito não está definido: só a elaboração histórica do futuro o poderá definir. Este conceito é, evidentemente, antagónico com o de Nação, como outrora, na velha Grécia, o conceito de nação, em potência, era antagónico com o de «cité».

Como a Grécia e Roma, igualmente a actual Europa está enclausurada num dilema; porque ultrapassar o conceito de Nação, seu conceito orgânico, é destruir o actual Sistema Histórico. Por outro lado, manter o conceito de Nação é petrificar a História e acentuar o contraste com a unidade de civilização. Nesta unidade está em germe, potencialmente contido, um novo conceito e, portanto, um novo Sistema Histórico. A Europa oscila assim, constantemente e por forma cada vez mais aguda, entre o conceito definido historicamente elaborado, e o conceito futuro, indefinido. Actualmente tende para ele como para qualquer coisa que se desenhe nas brumas do horizonte, sem, no entanto, se poder precisar o que seja.

Os «Estados Unidos da Europa», a «Federação Europeia», a «Sociedade das Nações» e ideias análogas não são mais do que prelúdios desse conceito futuro: tentativas de definição daquilo que é actualmente impossível de definir. Esta definição ou construção do conceito só é possível por uma longa elaboração histórica, tal como precisamente sucedeu com o actual conceito orgânico de nação. É sabido que este conceito, cujas raízes estão no antigo conceito de «cité», se formou lentamente no magma medieval que resultou da pulverização do Império Romano e cristalizou no fim do período de incubação do actual Sistema. O processo foi longo, confuso e complexo, como é sabido; resultado do trabalho das forças históricas, que não da vontade do homem ou de uma concepção a priori, surgiu desse magma como um resultado, um produto histórico. Tal conceito ocupa um lugar determinado na cadeia de conceitos orgânicos da série [Egeia ; Grécia ; Roma ; Europa], na qual a Grécia define o conceito de «cité», Roma lhe confere a hegemonia, e que a actual Europa transforma no de Nação.

É pois de prever que o novo conceito, actualmente em potência, mas não actual, no Sistema Europeu, levará por seu turno muitos séculos a definir:- e que é absolutamente impossível prever sequer o que ele possa um dia ser em sua realidade concreta.

Science and philosophy have succumbed to competition from Eastern mysticism, which performs a real transmutation of values. The transformation is no less miraculous than that of the sleeper, waking up and seeing other stars shining over his head.”

Such is the world that disintegrates under the fictitious frame of the Empire. Finally, after Theodosius, the emperor is no longer a chief or the lord of power, but a live puppet enclosed in a palace. Power now belongs to a few protégés and, eventually, the Empire is abolished from the West (476). The empire died “as an old man who, deprived of its members, decrepitly emits its last breath.”

* * *

Europe is today in a similar situation.

Like ancient Greece, it is a group in which the Nation replaces the “cité”.

This group of nations has a civilization unity, the European civilization.

Structured in the organic concept that Europe has historically developed, the group tends to overcome this concept. The unity of civilization seeks political unity; however, the new concept is not yet defined: only the historical development of the future will be able to define it. This concept is clearly antagonistic to the concept of Nation, as formerly, in ancient Greece, the concept of nation was contrary to the concept of “cité”.

Much like Greece and Rome, Europe is now also cloistered in a dilemma; because transcending the concept of nation, its organic concept, is to destroy the current Historical System. On the other hand, to preserve the concept of nation is to paralyze History and accentuate its contrast with the unity of civilization. This unity potentially contains a germ, a new concept, and, therefore, a new Historical System. Thus, Europe constantly and increasingly fluctuates between the historically elaborated defined concept and the undefined future concept. Today, Europe is drawn to this last concept as to anything in the mist of the horizon, without being able to comprehend what it is.

The “United States of Europe”, the “European Federation”, the “League of Nations” and similar ideas are nothing more than preludes to this future concept: attempts to define what is currently impossible to define. This definition or construction of the concept is only possible through a long historical development, precisely as with the current organic concept of nation. It is a known fact that this concept, rooted in the ancient concept of “cité”, was slowly formed in the mediaeval magma that resulted from the disintegration of the Roman empire and crystallized in the end of the present System’s incubation period. This process was long, confusing and complex and resulted from historical forces, not from man’s will or any apriori concepts. It emerged from this magma as a result, a historical product. This concept holds a certain place in the chain of organic concepts in the series [Aegea → Greece → Rome → Europe], in which Greece defines the concept of “cité”, Rome provides hegemony, and present day Europe turns it into the concept of Nation.

Therefore, it is expected that the new concept, currently a possibility, but not effectively in existence, in the European system, will take many centuries to define: - and it is absolutely impossible to even predict what it may actually be one day.

Tal conceito é anunciado, como dissemos, por prelúdios como os acima citados; embriões apenas de uma fórmula futura, que será coisa muito diferente deles.

Há porém uma manifestação desta tendência que convém assinalar — o chamado internacionalismo.

Não sabendo nem podendo definir a fórmula futura, a Europa actual reage contra o conceito de nação pela sua negação. Este movimento é natural, pois que é a única forma precisa de reacção no meio desta insolúvel imprecisão. Não sabendo definir o futuro conceito, a actual Europa limita-se a negar o actual; e com essa negação supõe, por vezes, ter encontrado o futuro conceito, quando afinal outra coisa não encontra senão uma negação. Com esta negação ela continua, em realidade, presa ao antigo conceito do qual não consegue sair. Que é, com efeito, o internacionalismo, sem um conceito orgânico que dê coesão e coerência ao todo? Coisa nenhuma, a não ser uma negação. O internacionalismo não é, pois, nem mais preciso, nem mais viável que as outras utopias: Sociedade das Nações, Estados Unidos da Europa e análogas. Tais conceitos são, no fundo, expedientes políticos com que se procura remediar um certo número de males e, ao mesmo tempo e sobretudo, satisfazer a tendência de um movimento que caminha para um conceito orgânico impossível actualmente de definir. No fundo, tais conceitos exprimem apenas actualmente desejos e tendências; são símbolos destas tendências, objectivações prematuras do Futuro.

Por seu turno, o internacionalismo provocou a reacção dos nacionalismos, como era natural; e o exagero destas reacções conduziu aos extremismos nacionalistas da Europa actual. Por um lado, a própria negação conduz a uma reacção; por outro lado, como a substituição do conceito de nação seria a supressão do actual Sistema Histórico, visto que ele é o seu conceito orgânico fundamental, a Europa reage, naturalmente, por um instinto colectivo de defesa, contra este aniquilamento do seu conceito básico. Como todas as reacções deste género, o movimento cai rapidamente em exageros, os quais, por seu turno, provocam excessos; a Europa actual oscila entre estes dois extremos, com todas as consequências destas oscilações, sem no entanto encontrar a solução do problema. É que esta, como dissemos, pertence ao futuro; internacionalismo, sociedade de nações, federação, etc. representam o futuro; a nação é o presente, mas contém já o passado; e, actualmente, o Presente contém já o conflito do Passado e do Futuro. O dilema é insolúvel, e a Europa vive hoje este dilema. Nacionalismos, chauvinismos, internacionalismos, etc., em suas múltiplas formas, não são mais do que reacções extremas, as quais, passando ao campo dos sistemas políticos, revestem as variadas formas visíveis hoje na Europa: fascismo, nazismo, francismo, etc., de um lado; internacionalismo, europeísmo, etc., do outro. Entre eles, como compromisso, as fórmulas híbridas: Sociedade de Nações, Federação de Nações, e os diferentes tipos de utopia ecléctica inglesa.

Mas estes conceitos (Sociedade de Nações, Federação de Nações) são historicamente absurdos, contraditórios e sem sentido. Porque encerram em si precisamente a contradição fundamental do dilema. Procuram anular este por um compromisso entre a unidade de civilização e o conceito de nação, o que é impossível; e, ao mesmo tempo, tentam substituir aos processos longos, lentos e complexos da história, um expediente ideológico. Neste expediente esquece-se o trabalho das forças históricas e a acção do factor tempo.

As we said before, this concept is announced by preludes such as the ones mentioned above; mere embryos of a future formula, which will be very different from them.

There is, however, a tendency for this manifestation worthy of note: the so-called *internationalism*.

Not knowing how to define the future formula, today's Europe reacts against the concept of nation by denying it. This is a natural movement, for it is the only possible reaction in this insoluble inaccuracy. Not being able to define the future concept, Europe merely denies the present one; assuming, sometimes, that through this denial it has found the future concept when, in reality, it only finds denial. With this refusal it actually continues attached to the old concept from which it cannot escape. What is internationalism, without an organic concept that gives consistency and coherence to the whole? Nothing but a denial. Thus, Internationalism is no more accurate or more viable than other utopias: League of Nations, United States of Europe and others. Such concepts are essentially political expediency used to remedy a number of evils and, above all, to comply with a movement that walks towards an organic concept currently impossible to define. Basically, these concepts only express desires and tendencies; they are symbols of these tendencies, premature objectifications of the Future.

In turn, as expected, internationalism caused the reaction of nationalisms; and the exaggeration of these reactions led to nationalist extremism in Europe today. On the one hand, the very negation leads to a reaction; on the other hand, as the replacement of the concept of nation would be the extinction of the current Historical System, for it is its fundamental organic concept, Europe reacts, of course, by a collective instinct of defense against the destruction of its basic concept. As all reactions of this kind, the motion falls rapidly in exaggerations, which, in turn, lead to excesses; today's Europe oscillates between these two extremes, with all the consequences of these oscillations, but without finding the solution for the problem. As we said, this solution pertains to the future; internationalism, League of Nations, federation, etc., represent the future; the nation is the present, although already containing the past; and today, the Present already contains the conflict of the Past and of the Future. The dilemma is insoluble, and Europe is currently experiencing this dilemma. Nationalisms, chauvinisms, Internationalisms, etc., in their various shapes, are only extreme reactions, which, in the political systems, incase the many forms that appear in Europe today: Fascism, Nazism, the *Mouvement Franciste*, etc., on one side; Internationalism, Europeanism, etc., on the other. Between them, as a compromise, the hybrid formulas: the League of Nations, the Nations Federation, and all sorts of eclectic English utopia.

But these concepts (League of Nations, Nations Federation) are historically absurd, contradictory and meaningless. They are the fundamental contradiction of the dilemma. They try to undo this dilemma trough a compromise between the unity of civilization and the concept of nation, which is impossible; at the same time attempting to replace, the long, dilatory and complex processes of history, an ideological expediency in which the influence of time and historical forces is overlooked.

Recordemos que levou séculos e séculos a elaborar o conceito de nação; e que assim, tentar resolver de um jacto, por um esquema orgânico, o dilema, e dispensar a longa elaboração futura da história, é pura utopia. Esta utopia, no entanto, faz parte, precisamente, das forças históricas, das quais é um dos expoentes; daí, o facto de tais utopias, apesar de absurdas e contraditórias em si, serem no entanto lógicas e eficientes.

Conexo com este facto, encontramos na actual Europa a mesma indecisão de quadros políticos que se nota nos Sistemas antigos, em período correspondente.

Como Roma durante a época imperial de decadência, a Europa de hoje encontra-se entre os quadros políticos clássicos, inerentes à sua orgânica histórica, e os novos quadros. Estes, porém, são em realidade inexistentes. Como outrora no Império Romano, são apenas expedientes que as condições actuais impõe. A sua indecisão, a falta de quadros definidos, é manifesta.

A actual Alemanha nazi, a Itália fascista, a Espanha falangista, a Roménia legionária, etc., são disso exemplos flagrantes, por tal forma evidentes que constituem como que uma documentação experimental. A analogia com o artificialismo dos quadros do Império Romano e com fenómenos análogos da decadência da Grécia, é evidente.

O fenómeno, de resto, em globo, é perfeitamente análogo em seus processos e características ao que lhe corresponde nos Sistemas grego e romano. O actual Sistema Europeu, depois do seu desenvolvimento mundial, não cabe já no quadro do conceito de nações, nem nos quadros políticos que lhe correspondem. A máquina é demasiado vasta, demasiado complicada para esse conceito e para esses quadros; os problemas postos por ele ultrapassam e transcendem em muito, e de há muito, esses quadros e esses conceitos. O filho é maior e mais complicado do que a mãe, e a mãe não sabe já como abraçar e governar o filho.

Sob o ponto de vista económico, sob o ponto de vista social, intelectual e emotivo, a Europa actual transcendeu a sua orgânica histórica e os seus quadros políticos; ela tende a sair fora dos limites do seu Sistema Histórico: - tende para outro Sistema Histórico. Mas reage contra esta própria tendência, contra este movimento; porque outro Sistema Histórico significa outra civilização, outro elo na grande cadeia Greco- Europeia. Assim oscila constantemente entre estas duas tendências, entre estes dois movimentos, e dilacera-se nesta constante oscilação, nesta perplexidade aguda. Ela quer um absurdo e um paradoxo: meter o mundo e o Futuro nos quadros do seu actual Sistema Histórico.

Ora este é já o Passado, porque findou o seu período áureo; e o Presente é já o Futuro, porque o declínio de um Sistema, o seu período de decadência, é, como vimos, ao mesmo tempo o prelúdio de um novo Sistema. Por essa razão, a decomposição, a desagregação actual está grávida de futuro; a Europa actual contém em suas entranhas um mundo novo, uma nova civilização. Por essa razão, igualmente ela tende para um novo conceito, sem poder defini-lo. E por essa razão ainda, num reflexo instintivo de vida e de conservação, ela reage, e tenta conservar o seu próprio Sistema. Mas as duas coisas são incompatíveis; uma aniquilará a outra.

A vida da Europa, por um lado, pertence, como entidade histórica, ao seu Sistema actual; mas, por outro lado, este faz parte de um complexo mais vasto, que é o grande Sistema Greco-Europeu. Ora a vida deste exige a morte daquele, como exigiu a morte da Grécia e a de Roma. E assim a Europa não poderá fugir à lei implacável.

Let us not forget that the concept of nation took many centuries to develop; and so, trying to quickly solve the dilemma through an organic scheme and dismiss the long preparation of future history is pure utopia. This utopia, however, is an exponent of the historical forces; hence, the fact that such utopias, despite being absurd and contradictory in themselves, are logical and efficient.

Associated to this fact, in today's Europe, we find the same political indecisions that can be seen in the old Systems, in the corresponding period.

Like Rome, during its imperial era of decline, Europe is now between the new political frameworks and the classic ones, inherent to its organic history. The new political scenarios, however, are virtually non-existent. Like before, during the Roman Empire, these are only expedients imposed by existing conditions. The lack of defined political frameworks is evident.

The present Nazi Germany, the Fascist Italy, the Falangist Spain, the Legionary Romania, etc., are such striking examples of this that they constitute a sort of experimental documentation. The similarity to the artificiality of the Roman Empire's framework and other similar phenomena of the decadence of Greece is obvious.

Globally considered, the processes and characteristics of this phenomenon are perfectly similar to the corresponding ones in the Greek and Roman Systems. The current European System, after its worldwide development, doesn't fall within the definition of nation nor in the political framework corresponding thereto. The machine is too vast, too complicated for this concept and structure; the problems raised by it largely transcend these structures and these concepts. The child is greater and more complicated than the mother, and the mother doesn't know how to embrace and dominate the child anymore.

From the economical, social, intellectual and emotional points of view, Europe has now transcended its historical structure and political framework; it tends to go beyond the limits of its Historical System: - it tends to leap to another System. However, it reacts against this tendency, because another Historical System means another civilization, another link in the great Greco-European chain. Therefore, Europe constantly oscillates between these two tendencies, between these two movements, and is torn to pieces in this constant oscillation, in this acute confusion. Europe wants an absurdity and a paradox: to have the world and the Future in its current Historical System.

However, this is already the Past, because the System's golden period has ended; and the Present is already the Future, because the period of decadence of a System, as we have seen, is, at the same time, the prelude to a new System. For this reason, the current decomposition is pregnant with the Future; Europe has now, in its womb, a new world, a new civilization. That is the reason why it seeks a new concept, without being able to define it. That is why, in an instinctive reflex of survival and conservation, it tries to maintain its own System. However, the two are incompatible; one will annihilate the other.

The life of Europe as an historical entity belongs, on the one hand, to its current System; but, on the other hand, this System is also part of a larger complex, which is the great Greco-European System. The life of one demands the death of the other, as it demanded the death of Greece and of Rome. Europe will not be able to escape the ruthless law.

ÍNDICE

Prefácio

Introdução

Primeira Parte

Capítulo I — Os sistemas históricos

Capítulo II — Os sistemas históricos; suas curvas e cadeias; seus processos de articulação — Lei de formação das curvas

Capítulo III — A Idade da Europa

Segunda Parte

Capítulo I — A regressão económica

Capítulo II — A dissolução mística do pensamento

Capítulo III — O dilema da Europa

INDEX

Preface

Introduction

Part One

Chapter I – The Historical Systems

Chapter II – The Historical Systems; their curves and chains; their articulation processes–
Curve formation law

Chapter III – The Age of Europe

Part Two

Chapter I – The economic regression

Chapter II – The mystical dissolution of thought

Chapter III – Europe's dilemma

NOTAS

¹ L. Robin, *La Pensée Grecque*. — Biblioth. De Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre. — Paris.

² L. Robin, *La Pensée Grecque*. — Biblioth. De Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre. — Paris.

³ L. Robin, *La Pensée Grecque*. — Biblioth. De Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre. — Paris.

⁴ L. Robin, *La Pensée Grecque*. — Biblioth. De Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre. — Paris.

⁵ L. Robin, *La Pensée Grecque*. — Biblioth. De Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre. — Paris.

⁶ L. Robin, *La Pensée Grecque*. — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre. — Paris.

⁷ L. Robin, *La Pensée Grecque*. — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre. — Paris.

⁸ Abel Salazar, *Sobre os processos construtores da Metafísica* — Síntese — Coimbra.

⁹ L. Robin, *La Pensée Grecque*. — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre. — Paris.

¹⁰ Ver, por exemplo, como a discussão de Lacape, no opúsculo *La Notion de liberté et la crise du déterminisme*, «Act. Sc. et Ind., No 200, gira toda ela em volta da irreduzibilidade de Tyndall.

¹¹ Schneider, *Filosofia de la História*, trad. esp. — Editorial Labor.

¹² F. Frank, *Le Principe de Causalité et ses limites* — Flammarion, Paris.

¹³ Ver a este respeito a coleção de filosofia científica incluída na «Act. Sc. et Ind.» Hermann & C.a, em particular as obras de Langevin, Carnap, Schlick, Frank, Reichenbach, Lacape, etc., etc..

¹⁴ Ver também J. Delewsky, *La prévision historique dans la nature*, Act. Sc. et Ind., No 304, e Meyerson, *Réel et déterminisme*, No 68.

NOTES

1 L. Robin, *La Pensée Grecque*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l' Humanité; La Renaissance du Livre, Paris.

2 L. Robin, *La Pensée Grecque*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l' Humanité; La Renaissance du Livre, Paris.

3 L. Robin, *La Pensée Grecque*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l' Humanité; La Renaissance du Livre, Paris.

4 L. Robin, *La Pensée Grecque*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l' Humanité; La Renaissance du Livre, Paris.

5 L. Robin, *La Pensée Grecque*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de L'Humanité; La Renaissance du Livre. Paris.

6 L. Robin, *La Pensée Grecque*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre, Paris.

7 L. Robin, *La Pensée Grecque*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre, Paris.

8 Abel Salazar, *Sobre os processos construtores da Metafísica*, Síntese, Coimbra.

9 L. Robin, *La Pensée Grecque*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre, Paris.

10 See, for example, how the discussion of Lacape in the pamphlet *La Notion de liberté et la crise du déterminisme*, Act Sc. et Ind., No. 200, revolves entirely around Tyndall's irreducibility.

11 Schneider, *Filosofía de la Historia*, spanish translation, Editorial Labor.

12 F. Frank, *Le Principe de Causalité et ses limites*, Flamarion, Paris.

13 In this regard, see the collection of scientific philosophy included in the "Act Sc. et Ind.", Hermann & C^a, particularly the works of Langevin, Carnap, Schlick, Frank, Reichenbach, Lacape, etc., etc.

14 Also see J. Delewsky, *La prévision historique dans la nature*, Act. Sc. et Ind., N° 304, and Meyerson, *Réel et déterminisme*, N° 68.

- ¹⁵ Abel Salazar, *O que é a Arte?* — «Colecção Studium» — Coimbra, 1940.
- ¹⁶ Abel Salazar, *O que é a Arte?* — «Colecção Studium» — Coimbra, 1940.
- ¹⁷ Schneider, *Filosofia da História*, trad. esp. - Editorial Labor.
- ¹⁸ Abel Salazar, *O que é Arte?* — Col. Studium. — Coimbra, 1940.
- ¹⁹ Esta afirmação parece paradoxal, mas é absolutamente verídica. Simplesmente não podemos desenrolar aqui a sua demonstração. Diremos apenas que há que distinguir nas artes elementos de experiência adquirida que não devem intervir nesta apreciação. Desta forma, quando limitadas as coisas aos mesmos meios de execução, constata-se que em arte não há progresso histórico: um desenho de Forain não vai mais longe que certos «croquis» das cavernas.
- ²⁰ Abel Salazar, *O que é a Arte?* — «Colecção Studium» - Coimbra, 1940.
- ²¹ Ver a este respeito o notável artigo de Darlington publicado na revista *Listener*, de 03-08-1942, Trad. in «Seara Nova», 790.
- ²² Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen-Age*. — Biblioth. De Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre. — Paris, 1927.
- ²³ Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen-Age*. — Biblioth. De Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre. — Paris, 1927.
- ²⁴ Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen-Age*. — Biblioth. De Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre. — Paris, 1927.
- ²⁵ Abel Salazar, *O que é Arte?* — Col. Studium — Coimbra, 1940.
- ²⁶ Schneider, *Filosofia de la História*, trad. esp. — Editorial Labor.
- ²⁷ Lot, *La fin du Monde Antique et le début de Moyen Age* — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre — Paris, 1927.
- ²⁸ Remuneração paga em víveres.
- ²⁹ Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art* — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre - Paris.

- 15 Abel Salazar, *O que é a Arte?*, “Colecção Studium”, Coimbra, 1940.
- 16 Abel Salazar, *O que é a Arte?*, “Colecção Studium”, Coimbra, 1940.
- 17 Schneider, *Filosofia de la Historia*, spanish translation, Editorial Labor.
- 18 Abel Salazar, *O que é a Arte?*, “Colecção Studium”, Coimbra, 1940.
- 19 This statement seems paradoxical but it is absolutely true. We simply cannot conduct its demonstration here. We will only state that in the arts we should distinguish the elements of acquired experience that shouldn't intervene in this analysis. Thus, when things are subjected to the same means of implementation, it appears that there is no progress in the history of art: a drawing of Forain goes no further than some “sketches” of the caves.
- 20 Abel Salazar, *O que é a Arte?*, “Colecção Studium”, Coimbra, 1940.
- 21 In this regard, see the remarkable article by Darlington published in the periodical *Listener*, 03/08/1942, Translated in “Seara Nova”, 790.
- 22 Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen-Age*. Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris, 1927.
- 23 Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen-Age*. Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris, 1927.
- 24 Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen-Age*. Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris, 1927.
- 25 Abel Salazar, *O que é a Arte?*, Colecção Studium, Coimbra, 1940.
- 26 Schneider, *Filosofia de la Historia*, spanish translation, Editorial Labor.
- 27 Lot, *La fin du Monde Antique et le début de Moyen Age*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris, 1927.
- 28 - Salary paid in provisions.
- 29 Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Évolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris.

- ³⁰ Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art* — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre — Paris.
- ³¹ Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen Âge* — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre — Paris, 1927.
- ³² Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art* — Biblioth. De Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre, Paris.
- ³³ Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art* — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre, Paris.
- ³⁴ Abel Salazar, *O que é a Arte?* — «Colecção Studium» — Coimbra, 1940.
- ³⁵ Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen Âge* — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre — Paris, 1927.
- ³⁶ Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art* — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre — Paris.
- ³⁷ Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen-Âge* — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre — Paris, 1927.
- ³⁸ Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art* — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre — Paris.
- ³⁹ Comparar com o que se passa actualmente em Paris e noutras grandes cidades europeias, onde a monomania do «mistério» oriental em todas as suas manifestações penetra todos os meios literários e artísticos e na chamada alta sociedade. Uma grande parte de certa literatura actual está contaminada de asiaticismo místico. Quanto ás artes, ver Bourdelle, por exemplo, e certas correntes de pintura chamada «modernista» ou «futurista»: um «asiaticismo» frenético é aí evidente. O mesmo na filosofia. Uma grande parte do movimento europeu actual, no campo literário, artístico e filosófico, é nitidamente *anti-europeu* como espírito: ver, por exemplo, a típica «greco-mania» dos tempos recentes, isto é, o «engouement» pelo Greco, expoente típico de asiaticismo.
- ⁴⁰ Glotz, *La Cité Grecque*. — Biblioth. de Synthèse Historique, La Renaissance du Livre. — Paris.
- ⁴¹ L. Robin, *La Pensée Grecque*. — Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité; La Renaissance du Livre. — Paris.

30 Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris.

31 Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen Age*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris, 1927.

32 Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris.

33 Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris.

34 Abel Salazar, *O que é a Arte?*, “Coleção Studium”, Coimbra, 1940.

35 Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen Age*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris, 1927.

36 Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris.

37 Lot, *La fin du Monde Antique et le début du Moyen-Age*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris, 1927.

38 Grénier, *Le Génie Romain dans la religion, la pensée et l'art*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris.

39 Compare to what is currently happening in Paris and in other major European cities, where the monomania of the Oriental “mystery”, in all its forms, penetrates every literary and artistic environment and the so-called high society. A major part of current literature is contaminated with mystic Asianism. As for the arts, see Bourdelle, for example, and certain painting movements called “modernist” or “futuristic”: a frantic Asianism is obvious there. The same goes for philosophy. A large part of the European literary, artistic and philosophical movement is clearly anti-European in spirit: see, for example, the typical “Greco-mania” of recent times, i.e., the “engouement” by Greco, typical exponent of Asianism.

40 Glotz, *La Cité Grecque*, Biblioth. de Synthèse Historique, La Renaissance du Livre, Paris.

41 L. Robin, *La Pensée Grecque*, Biblioth. de Synthèse Historique, L'Evolution de l'Humanité, La Renaissance du Livre, Paris.

⁴² Glotz, *La Cité Grecque*, — Biblioth. de Synthèse Historique, La Renaissance du Livre. — Paris.

⁴³ Abel Salazar, *O que é Arte?* — «Col. Studium» — Coimbra, 1940.

⁴⁴ F. Enriquez, *Signification de l'histoire de la Pensée Scientifique* — «Actual. Scient. et Ind., No 161, 1934 — Paris, Hermann & Ca.

42 Glotz, *La Cité Grecque*, Biblioth. de Synthèse Historique, La Renaissance du Livre, Paris.

43 Abel Salazar, *O que é Arte?*, “Coleção Studium”, Coimbra, 1940.

44 F. Enriquez, *Signification de l'histoire de la Pensée Scientifique*, “Actual. Scient. et Ind.”, N° 161, 1934, Paris, Hermann & C^a.

Apêndice B

Quadro Analítico

Texto de partida	Tradução	Justificação da opção de tradução	Localização no texto de partida
Devir	Becoming	Conceito associado a Heráclito – esta página tem a opção de se apresentar em várias línguas, pelo que a tradução foi feita, num primeiro momento, através da ferramenta de tradução facultada: http://www.lpefil-uerj.net/filoimg/327-2011-o-devir-de-heraclito Citação de Heráclito que explica a sua ligação ao conceito de Devir (<i>Becoming</i>): http://plato.stanford.edu/entries/spacetime-bebecome/	Página 9
fluxos e refluxos	ebbs and flows	http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=portugues-ingles&palavra=fluxo	Página 9
antítese corpúsculo-onda	wave-particle duality	http://en.translatethings.com/w/a/v/wave-particle_duality.html As duas páginas que se seguem remetem, imediatamente, para o conceito seguinte da complementaridade: http://www.thefreedictionary.com/wave-particle+duality http://en.wikipedia.org/wiki/Wave-particle_duality#Origin_of_theory http://hyperphysics.phy-astr.gsu.edu/hbase/mod1.html	Página 11
princípio da complementaridade de Bohr	Bohr's principle of complementarity	Primeiro a pesquisa sobre o autor: http://en.wikipedia.org/wiki/Niels_Bohr http://prd.aps.org/abstract/PRD/v19/i2/p473_1 http://encyclopedia2.thefreedictionary.com/complementarity+principle http://van.physics.illinois.edu/qa/listing.php?id=19527	Página 11
Heráclito (de Éfeso)	Heraclitus (or Heracleitus of Ephesus)	Heráclito: http://www.infoescola.com/filosofos/heraclito/ Heraclitus: http://plato.stanford.edu/entries/heraclitus/ http://www.trincoll.edu/depts/phil/philo/phils/heraclitus.html A simples procura do nome Heráclito no <i>Google</i> remete para o Mobilismo e para a Harmonia dos Contrários.	Página 11
Conflitos e Discórdias	<i>Concordia Discors</i>	Como as palavras aparecem grafadas com letra maiúscula a meio de uma frase tive que verificar que conceitos seriam estes. A melhor opção de tradução que encontrei foi a do original, em latim: http://www.academia.edu/2050380/Renaissance_aesthetics_and_the_harmony_of_discord http://www.litencyc.com/php/stopics.php?rec=true&UID=1693	Página 11

harmonia dos Contrários (de Heráclito)	unity of Opposites (of Heraclitus or Heracleitus)	http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-3173199000100001&script=sci_arttext http://plato.stanford.edu/entries/heraclitus/#UniOpp	Página 11
mobilismo	mobilism	http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Heraclit.html http://www.scielo.br/pdf/trans/v13/v13a01.pdf	Página 11
Anaximandro	Anaximander	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Anaximander Encyclopedia Britannica: http://www.britannica.com/EBchecked/topic/23149/Anaximander	Página 11
Pitagóricos	Pythagoreans	http://plato.stanford.edu/entries/presocratics/#PytTra http://www.britannica.com/EBchecked/topic/485235/Pythagoreanism	Página 11
Alcmeon	Alcmaeon	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Alcmaeon_of_Croton http://plato.stanford.edu/entries/alcmaeon/	Página 11
Parmênides (de Eleia)	Parmenides (of Elea)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Parmênides_de_Eleia http://plato.stanford.edu/entries/parmenides/ http://www.britannica.com/EBchecked/topic/444361/Parmenides	Página 11
Não Ser	Nonbeing	http://www.thefreedictionary.com/nonbeing	Página 11
Cratylo	Cratylus	“Crátilo” - grafia usada nos nossos dias. Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Cratylus http://plato.stanford.edu/entries/plato-cratylus/ http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1943	Página 13
Anaxágoras	Anaxagoras	http://plato.stanford.edu/entries/anaxagoras/ Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Anaxagoras http://www-history.mcs-st-and.ac.uk/Mathematicians/Anaxagoras.html	Página 13
Górgias	Gorgias	http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/sofistas/gorgias.htm Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Górgias http://www.iep.utm.edu/gorgias/	Página 13
Diodoro Cronos	Diodorus Cronus	http://www.borges.pitt.edu/fr/index/diodoro-cronos http://plato.stanford.edu/entries/diodorus-cronus/	Página 13
Empédocles d'Agrigento	Empedocles of Agrigentum	http://plato.stanford.edu/entries/empedocles/ Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Empédocles	Página 15

		Agrigento: http://pt.wikipedia.org/wiki/Agrigento	
Heraclitismo	Heraclitism	http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/heraclitismo http://www.revistafenix.pro.br/PDF26/Dossie_03_Helio_Rebello_Cardoso_Jr http://www.freefictionbooks.org/books/s/15780-sextus-empiricus-and-greek-scepticism-by-patrick?start=37	Página 15
matematicismo pitagórico	pythagorean Mathematics	http://www.math.tamu.edu/~dallen/history/pythag/pythag.html http://www.math.dartmouth.edu/~m5w11/pastpapers/pastpap2	
Escola d'Abdera	School of Abdera	Fundada por Leucipo, professor de Demócrito de Abdera, seu sucessor. http://books.google.pt/books?id=Y08L-MC36JUC&pg=PA124&lpg=PA124&dq=school+of+Abdera&source=bl&ots=wINUoCkDjz&sig=RXeSsnx_bnk33Pml92HdLBY05SQ&hl=en&sa=X&ei=K_NEUcTjFleYhQelq4CQBw&ved=0CD4Q6AEwAw#v=onepage&q=school%20of%20Abdera&f=false Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Demócrito_de_Abdera	Página 15
Demócrito (de Abdera)	Democritus (of Abdera)	http://www.infopedia.pt/\$democrito-de-abdera http://plato.stanford.edu/search/searcher.py?query=democritus http://www.iep.utm.edu/democrit/	Página 15
Eleatas	Eleatics	http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/eleata http://www.thefreedictionary.com/Eleatics	Página 15
Leucippo (Leucipo de Mileto)	Leucippus	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Leucipo_de_Mileto http://en.wikipedia.org/wiki/Leucippus Tanto na página da Infopédia como na da Wikipédia o nome aparece como "Leucipo" e não como Abel Salazar escreveu: <i>Leucippo</i> . http://www.infopedia.pt/\$leucipo http://plato.stanford.edu/search/searcher.py?query=leucippus	Página 15
monismo (imobilista)	monism (immobilistic)	Monismo – em oposição ao pluralismo mobilista. http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx?pal=monismo Ferramenta de tradução da Wikipédia (espanhol): http://es.wikipedia.org/wiki/Monismo http://plato.stanford.edu/entries/monism/ Imobilista: http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/imobilista	Página 15
pluralismo (mobilista)	pluralism (mobilitist)	Pluralismo – em oposição ao monismo imobilista. http://plato.stanford.edu/entries/heraclitus/	Página 15

		http://wiki.answers.com/Q/Monism_and_pluralism_what_it_means_to_Heraclitus Mobilista: http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/mobilista	
naturalismo jónico	ionian naturalism	http://www.artehistoria.jcyl.es/v2/contextos/351.htm http://www.lia.ufc.br/~rudini/ufla/filos/jonicos.htm http://personal.georgiasouthern.edu/~doug/phil.htm http://www.haverford.edu/classics/courses/2007F/csts119/handouts/presocratics_grid.pdf http://www.britannica.com/EBchecked/topic/292882/Ionian	Página 15
Straton (português atual: Estratão de Lampsaco)	Straton (ou Strato of Lampsacus)	Em português, "Estratão". Como em situações anteriores Abel Salazar optou pelo nome traduzido, desta vez para inglês. Ferramenta de tradução da Wikipédia : http://en.wikipedia.org/wiki/Strato_of_Lampsacus http://www.oxfordreference.com/search?q=Straton	Página 15
empirismo moral d'Epicuro	Epicurus' moral empiricism	Empirismo http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=empirismo Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/empirismo http://www.iep.utm.edu/epicur/ http://www.britannica.com/EBchecked/topic/189746/Epicurus	Página 15
eleatismo	eleaticism	http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/eleatismo http://www.britannica.com/EBchecked/topic/182279/Eleaticism http://www.thefreedictionary.com/Eleaticism	Página 15
pirronismo	pyrrhonism	http://www.trincoll.edu/depts/phil/phil/phil/heraclitus.html http://www.iep.utm.edu/pyrrho/ http://www.britannica.com/EBchecked/topic/485099/Pyrrhonism	Página 15
cepticismo pirrónico	pyrrhonian skepticism	http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pirrónico http://www.iep.utm.edu/skepanci/ http://www.iep.utm.edu/pyrrho/	Página 15
asiatoidismo	asianism	http://www.thefreedictionary.com/-oid http://www.jacobs-university.de/asianisms http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14683840802648562 O sufixo <i>oid</i> provém do latim <i>oides</i> (grego <i>eidos</i>) e significa semelhante a alguma coisa mas não exatamente igual: http://www.merriam-	Página 15

		webster.com/dictionary/-oid http://www.learnthat.org/word_lists/view/1349 Significado do sufixo “oide” em português: http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=oide Pejoratividade do sufixo “oide” em português: http://www.gel.org.br/resumos_det.php?resumo=5754 Pejoratividade do sufixo “oide”, por Sandmann: http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19181/12479	
Estoicismo	Stoicism	Ferramenta de tradução da Infopedia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/estoicismo http://www.iep.utm.edu/greekphi/#H5 Estóicos – Stoics: http://www.trincoll.edu/depts/phil/philo/phils/heraclitus.html	Página 17
sincretismo	syncretism	Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/sincretismo http://www.britannica.com/EBchecked/topic/670974/syncretism	Página 17
Hermes Trimegista (o três vezes grande)	Hermes Trimegistus (the thrice great)	O nome correto seria Hermes Trimegisto, não “Trimegista” como está grafado na obra, provavelmente por erro ortográfico ou tipográfico. Mais à frente (página 115 do Apêndice A), o autor volta a escrever “Hermes Trimegisto”, desta vez com a grafia correta, o que solidifica a hipótese de se tratar de uma gralha. Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hermes_Trismegisto Confirmação da tradução: http://plato.stanford.edu/search/searcher.py?query=hermes+trimegistus	Página 17
Gnósticos	Gnostics	Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/gnóstico http://www.thefreedictionary.com/Gnostic	Página 17
Antióquia	Antioch	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Antioquia http://www.britannica.com/EBchecked/topic/28297/Antioch	Página 17
Plotino	Plotinus	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Plotino http://www.iep.utm.edu/plotinus/	Página 17
Pleromo (grafia correta seria Pleroma)	Pleroma	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Pleroma http://www.iep.utm.edu/gnostic/ http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/pleroma	Página 17

Eons	Eons (ou Aeons)	http://fr.wikipedia.org/wiki/Plérôme http://en.wikipedia.org/wiki/Aeon http://pt.wikipedia.org/wiki/Aeon_(gnosticismo) http://www.iep.utm.edu/gnostic/	Página 17
Gnose	Gnosis	Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/gnose http://www.iep.utm.edu/gnostic/	Página 17
Zoroastro	Zoroaster	Abel Salazar optou pela versão grega do nome que em português seria <i>Zaratustra</i> . http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Zoroastr.html Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Zaratustra http://www.princeton.edu/~achaney/tmve/wiki100k/docs/Zoroaster.html	Página 17
irredutibilidade de Tyndall	Tyndall's irreducibility	Tyndall: http://earthobservatory.nasa.gov/Features/Tyndall/ Irredutibilidade: http://dictionary.sensagent.com/irredutibilidade/pt-en/ http://www.academia.edu/315503/Irreducible_Mind_Review_of_E._Kelly_et_al._Irreducible_Mind_	Página 21
proto-ciências	protoscience	http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Proto-science	Página 23
Vitalismo	Vitalism	http://dictionary.sensagent.com/vitalismo/pt-en/ http://www.britannica.com/EBchecked/topic/630920/vitalism	Página 23
mecânica dos quanta	quantum mechanics	http://dictionary.sensagent.com/mecânica%20dos%20quanta/pt-en/ http://www.britannica.com/EBchecked/topic/486231/quantum-mechanics	Página 27
nebulosas da Terra	Earth's <i>nebulae</i>	http://dictionary.sensagent.com/nebulosas%20da%20Terra/pt-en	Página 31
Egêa	Aegea	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Civilização_egeia Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/Egeia Portal da Língua Portuguesa (pesquisa por palavra "Egeia". A pesquisa da palavra "Egêa" não obteve resultados: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=novoacordo&act=list&search=Egeia	Página 43
citê	<i>citê</i>	http://fr.wikipedia.org/wiki/Cité_(ville) http://www.le-dictionnaire.com/definition.php?mot=cit%E9	Página 64
arianismo	arianism	http://www.infopedia.pt/\$arianismo Ferramenta de tradução da Infopédia:	Página 65

		http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/arianismo A ferramenta de tradução da Infopédia alerta ainda para a semelhante grafia e diferente significado dos termos <i>Arianism</i> e <i>Aryanism</i> . O último, do qual não nos vamos ocupar, diz respeito à doutrina propagandeada pelo Nazismo.	
Baixo-império	Lower Empire	http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=baixo-império Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/baixo-império http://www.thefreedictionary.com/Lower+Empire	Página 65
processos mecanóides	mechanical processes	A tradução das palavras com o sufixo “óide”, repetidamente usado pelo autor, está exposta neste quadro, na palavra “asiatoidismo”, página 8.	Página 67
papel mecanóide	mechanical role	A tradução das palavras com o sufixo “óide”, repetidamente usado pelo autor, está exposta neste quadro, na palavra “asiatoidismo”, página 8.	Página 67
mitracismo	mithraism	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mitra%C3%ADsmo http://www.britannica.com/EBchecked/topic/386080/Mithraism http://en.wikipedia.org/wiki/Mithra	Página 67
maniqueísmo	manichaeism	Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/manique%C3%ADsmo http://www.britannica.com/EBchecked/topic/362167/Manichaeism	Página 67
místicas asiatóides	asiatic mysticism	O termo <i>asiatóides</i> (ver “asiatoidismo”, página 8) possui um carácter pejorativo que me levou à escolha da tradução <i>asiatic</i> , em vez de <i>asian</i> : http://www.thefreedictionary.com/Asiatic Na minha pesquisa descobri que o termo <i>asiatic</i> tem uma carga ofensiva que me pareceu importante manter já que está também presente no termo da língua de partida.	Página 69
Radagasio	Radagaisus	Apenas encontrei o nome Radagaiso. Provavelmente um erro ortográfico ou tipográfico. http://en.wikipedia.org/wiki/Radagaisus http://www.britannica.com/EBchecked/topic/488268/Radagaisus	Página 71
Odoacro	Odoacer	http://www.infopedia.pt/\$odoacro-(reino-lombardo) Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Odoacro http://www.britannica.com/EBchecked/topic/425187/Odoacer	Página 71

		oacer	
escola diamática	dialectical school	<p>Inicie a minha pesquisa por pensamento diamático. (Curiosamente, na procura de identificar o que é a Escola Diamática encontrei um artigo de uma doutoranda em Ciências Sociais da Universidade do Minho (Maria Otilia Pereira Lage) que se debruça sobre a polémica travada entre Abel Salazar e António Sérgio, de que falei no subcapítulo 3.1 deste trabalho - contextualização da obra: <i>Sol Nascente</i> - e que foi a razão da interrupção do tema “A Crise Europeia” nesta mesma publicação:</p> <p>http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462de5b1ea610_1.PDF</p> <p>Relativo ao Diamatismo:</p> <p>http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/diamático</p> <p>Por sua vez, é a designação moderna do materialismo dialético de K. Marx.</p> <p>http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/diamatismo</p> <p>Dialectical school:</p> <p>http://plato.stanford.edu/entries/dialectical-school/</p>	Página 79
antonianus	<i>antonianus</i>	<p>Latim. Ferramenta de tradução da Wikipédia:</p> <p>http://en.wikipedia.org/wiki/Roman_currency</p> <p>A página da Wikipédia apenas apresenta <i>Roman Currency</i> e o equivalente em português “Moeda da Roma Antiga” como título do termo procurado. Optei por manter o latim.</p> <p>http://www.scholarly-societies.org/history/1443pa.html</p>	Página 79
“assignat metálico”	“metallic <i>assignat</i> ”	<p>http://www.thefreedictionary.com/Assignats</p> <p>http://www.merriam-webster.com/dictionary/assignat</p>	Página 79
Mommsen	Mommsen	<p>http://en.wikipedia.org/wiki/Theodor_Mommsen</p> <p>http://www.britannica.com/EBchecked/topic/388656/Theodor-Mommsen</p>	Página 79
Aureliano	Aurelian	<p>Ferramenta de tradução da Wikipédia:</p> <p>http://pt.wikipedia.org/wiki/Aureliano</p> <p>http://www.britannica.com/EBchecked/topic/43299/Aurelian</p>	Página 81
Diocleciano	Diocletian	<p>Ferramenta de tradução da Wikipédia:</p> <p>http://pt.wikipedia.org/wiki/Diocleciano</p> <p>http://www.britannica.com/EBchecked/topic/164042/Diocletian</p>	Página 81
Atticus	Atticus	<p>http://www.britannica.com/EBchecked/topic/42228/Titus-Pomponius-Atticus</p> <p>http://en.wikipedia.org/wiki/Titus_Pomponius_Atticus</p>	Página 85
Brutus	Brutus	http://en.wikipedia.org/wiki/Brutus	Página 85

		http://en.wikipedia.org/wiki/Brutus_(Cicero) http://www.britannica.com/search?query=brutus	
<p>mundos helenísticos</p>	hellenistic world	<p>No texto original <i>helenístico</i> está com letra minúscula e na tradução está com letra maiúscula porque, na pesquisa que fiz, o termo em inglês aparecia grafado com letra maiúscula: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/helen%C3%ADstico</p>	Página 85
Vespasiano	Vespasian	<p>Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Vespasiano http://www.britannica.com/EBchecked/topic/626856/Vespasian</p>	Página 87
<p>Setino Severo (em português atual: Septímio Severo ou Sétimo Severo)</p>	<p>Septimius Severus (em inglês = latim)</p>	<p>Apenas encontrei, em português, Septímio Severo: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sept%C3%ADmio_Severo ou Sétimo Severo: http://www.infopedia.pt/\$setimo-severo</p> <p>Ferramenta de tradução da Wikipédia – Septimius Severus: http://en.wikipedia.org/wiki/Septimius_Severus</p> <p>Para certificar-me de que seria o imperador correto, já que o texto original menciona o período de 235-284 d.C.: http://www.infopedia.pt/\$dinastia-dos-severos-(193-d.-c.-235-d.-c.)</p>	Página 87
Alberto de Broglie	Alberto de Broglie	<p>Apesar de algumas páginas apresentarem o nome traduzido para Albert, aqui aparecem as capas dos livros de sua autoria onde o nome aparece grafado como Alberto: http://www.barnesandnoble.com/c/alberto-de-broglie</p> <p>Inclusivamente a capa do livro mencionado um pouco mais à frente no texto: (<i>A. De Broglie, L'Église et l'Empire Romain au siècle IV, Paris, 1856-66</i>).</p>	Página 87
Constantino	Constantine	<p>Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Constantino http://www.britannica.com/EBchecked/topic/133873/Constantine-I</p>	Página 87
pietismo	pietism	<p>Dicionário e ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/pietismo http://www.britannica.com/EBchecked/topic/459967/Pietism</p>	Página 99
Antoninos	Antonines	<p>Dicionário da Infopédia: http://www.infopedia.pt/\$dinastia-antonina-(96-d.-c.-192-d.-c.) http://www.britannica.com/EBchecked/topic/28759/Antonines</p>	Página 99
Ansone	Ausonius	Não encontrei Ansone. Penso que será um erro	Página 101

(Décimo Magno Ausônio)	(Decimus Magnus Ausonius)	tipográfico e que o autor se refere a Ausônio, o poeta e retórico romano. Ausônio e Claudino aparecem referenciados no texto original como contemporâneos do século IV, exatamente como as personalidades que identifiquei na tradução. Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Ausonius http://www.britannica.com/EBchecked/topic/43540/Decimus-Magnus-Ausonius	
Claudino (Claudiano)	Claudian	Em latim, Claudius Claudianus. Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Claudian http://www.britannica.com/EBchecked/topic/120471/Claudian	Página 101
Virgílio	Virgil	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Virg%C3%ADlio http://www.britannica.com/EBchecked/topic/629832/Virgil	Página 101
Lucano	Lucan	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lucano http://www.britannica.com/EBchecked/topic/350458/Lucan	Página 101
Ovídio	Ovid	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ov%C3%ADdio http://www.britannica.com/EBchecked/topic/436057/Ovid	Página 101
Marcial	Martial	Em latim Marcus Valerius Martialis. Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcial http://www.britannica.com/EBchecked/topic/366836/Martial	Página 101
Sidônio Apolinário	Apollinaris Sidonius	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sid%C3%ADnio_Apolin%C3%A1rio http://www.britannica.com/EBchecked/topic/29860/Apollinaris-Sidonius http://www.britannia.com/history/docs/sidonius.html	Página 101
Gregório de Tours	Gregory of Tours	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Greg%C3%B3rio_de_Tours http://www.britannica.com/EBchecked/topic/245712/Saint-Gregory-of-Tours	Página 101
S. Cesário de Arles	Saint Caesarius of Arles	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ces%C3%A1rio_de_Arles http://www.britannica.com/EBchecked/topic/88243/Saint-Caesarius-of-Arles	Página 101

Pomerius (Julianus)	Pomerius	http://en.wikipedia.org/wiki/Julianus_Pomerius http://books.google.pt/books/about/The_contemplative_life.html?id=vFA1sqSaujoC&redir_esc=y	Página 101
Santo Eloi (ou Elígio)	Saint Eloy (or Eligius or Eloi)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_El%C3%ADgio http://www.britannica.com/EBchecked/topic/185259/Saint-Eloi	Página 101
Santo Oneu	Saint Ouen (or Audoin or Audoen)	Não encontrei "Santo Oneu". Terá sido mais um erro tipográfico? http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Saint+Ouen+(catholic+saint) http://en.wikipedia.org/wiki/Ouen Em francês: http://fr.wikipedia.org/wiki/Ouen_de_Rouen	Página 101
Homero	Homer	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Homero http://www.britannica.com/EBchecked/topic/270219/Homer	Página 101
Gregório o Grande	Gregory the Great	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Gregório_I http://www.britannica.com/EBchecked/topic/245549/Saint-Gregory-I	Página 101
Isidoro de Sevilha	Isidore of Seville	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Isidoro_de_Sevilha http://www.britannica.com/EBchecked/topic/295415/Saint-Isidore-of-Sevilla	Página 101
Padres:			
Tertuliano	Tertullian	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tertuliano http://www.britannica.com/EBchecked/topic/588511/Tertullian	Página 101
Lactâncio	Lactantius	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lactâncio http://www.britannica.com/EBchecked/topic/327306/Lactantius	Página 101
Hilário	Hilarius	http://en.wikipedia.org/wiki/Hilarius http://www.britannica.com/search?query=hilarius http://en.wikipedia.org/wiki/Pope_Hilarius http://www.britannica.com/EBchecked/topic/265689/Saint-Hilary-of-Arles	Página 101
Ambrósio	Ambrose	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ambrósio_de_Milão http://www.britannica.com/EBchecked/topic/19014/Saint-Ambrose	Página 101
Jerónimo	Jerome	Ferramenta de tradução da Wikipédia:	Página 101

		http://pt.wikipedia.org/wiki/Jerónimo_de_Str%C3%ADDon http://www.britannica.com/EBchecked/topic/302749/Saint-Jerome	
Agostinho (de Hipona)	Augustine (of Hippo)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_de_Hipona http://www.britannica.com/EBchecked/topic/42902/Saint-Augustine	Página 101
Poetas:			
Commódio (Cómodo)	Commodus (Caesar Marcus Aurelius Commodus Antoninus Augustus)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Commodus http://www.britannica.com/EBchecked/topic/128108/Commodus	Página 101
Invenco (Juvenco)	Juvenco	Devido à dificuldade em encontrar este nome fiz uma procura por poetas romanos: http://en.wikipedia.org/wiki/Category:Roman-era_poets Penso que o autor se estaria a referir a <i>Juvencus</i> : http://en.wikipedia.org/wiki/Juvencus Este poeta viveu no século IV, exatamente a altura de que fala o texto original.	Página 101
Ledilus (Élio Donato)	Aelius (Aelius Donatus)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Aelius_Donatus Viveu no séc. IV e foi um retórico e gramático. http://www.britannica.com/EBchecked/topic/169021/Aelius-Donatus	Página 101
Dracontius	Dracontius	http://www.britannica.com/EBchecked/topic/170693/Blossius-Aemilius-Dracontius	Página 101
Arator	Arator	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Arator http://vufind.carli.illinois.edu/all/vf-usf/Record/2887263	Página 101
Prudêncio	Prudentius	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Prudêncio http://www.britannica.com/EBchecked/topic/480834/Prudentius	Página 101
Etymologiarum libri	<i>Etymologiarum libri</i>	Ferramenta de tradução da Wikipédia (latim-português): http://la.wikipedia.org/wiki/Etymologiarum_libri_viginti Primeira enciclopédia da cultura ocidental, compilada por Isidoro de Sevilha, e composta por 20 volumes: http://pt.wikipedia.org/wiki/Etymologiae http://www.oup.com/us/catalog/general/subject/ClassicalStudies/AncientArtArchitecture/?view=usa&ci=9780198146193	Página 101

Cícero	Cicero	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADcero http://www.britannica.com/EBchecked/topic/117565/Marcus-Tullius-Cicero	Página 101
Ausônio	Ausonius	http://en.wikipedia.org/wiki/Ausonius http://www.britannica.com/EBchecked/topic/43540/Decimus-Magnus-Ausonius	Página 101
Vitorino (Santo Vitorino de Pettau)	Victorinus (Saint Victorinus of Pettau)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Victorinus_of_Pettau http://www.britannica.com/EBchecked/topic/627812/Victorinus-of-Pettau	Página 101
Boécio	Boethius	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Boécio http://www.britannica.com/EBchecked/topic/71328/Anicius-Manlius-Severinus-Boethius	Página 103
renascimento carolíngio	carolingian renaissance	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Renasçenç_a_carol%C3%ADngia http://www.britannica.com/EBchecked/topic/96570/Carolingian-Renaissance	Página 103
Jean Scot de Irlanda	Jean Scott of Ireland	Não consegui encontrar nada sobre este nome na minha pesquisa. Por isso, apenas traduzi o artigo “de” e o substantivo “Irlanda” e corriji o que acredito ser um erro tipográfico, na palavra Scott.	Página 103
Santo Anselmo	St Anselm	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Anselmo http://www.britannica.com/EBchecked/topic/26753/Saint-Anselm-of-Canterbury	Página 103
Euclides	Euclid	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Euclides http://www.britannica.com/EBchecked/topic/194880/Euclid	Página 103
Nicomaco	Nicomachus (of Gerasa)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Nicomachus http://www.britannica.com/EBchecked/topic/414433/Nicomachus-of-Gerasa	Página 103
Etymologiarum	<i>Etymologiae</i>	Nesta segunda referência à enciclopédia compilada por Isidoro de Sevilha o autor apenas escreve <i>Etymologiarum</i> , e não <i>Etymologiarum Libri</i> , como tinha feito anteriormente. Na tradução da primeira mantive o Latim como uma primeira explicação mais completa e nesta segunda referência optei apenas pelo nome que e usado na língua inglesa. http://www.britannica.com/EBchecked/topic/194705/Ety	Página 103

		mologiae	
Paulo Emílio	Aemilius Paullus (or Aemilius Paulus)	Ferramenta de tradução da Wikipédia (francês-português-inglês): http://fr.wikipedia.org/wiki/Lucius_Aemilius_Paullus_(Paul_Émile) http://www.britannica.com/EBchecked/topic/447198/Lucius-Aemilius-Paullus-Macedonicus	Página 103
Varron	Varro (Marcus Terentius)	Mais uma vez o autor utiliza um nome em francês. Ferramenta de tradução da Wikipédia (francês-português-inglês): http://fr.wikipedia.org/wiki/Varron_(écrivain) Francês - Varron Português - Marco Terêncio Varrão Inglês - Marcus Terentius Varro (= latim) http://www.britannica.com/EBchecked/topic/623569/Marcus-Terentius-Varro	Página 103
Zeus	Zeus	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Zeus	Página 105
Janus (Jano)	Janus	A palavra já estava traduzida pelo autor. Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Janus http://www.britannica.com/EBchecked/topic/300515/Janus	Página 105
Tito Lívio	Livy	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tito_L%C3%ADvio http://www.britannica.com/EBchecked/topic/344974/Livy	Página 105
Bacanaís	Bacchanalia	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bacanal Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/bacanal http://www.britannica.com/EBchecked/topic/47767/Bacchanalia	Página 109
Grande Mãe dos Deuses de Pessinonte (e não “Pessimonte”, como está no original)	Great Mother of the Gods of Pessinus	Mãe – Antiga grafia da palavra “mãe”. Alteração publicada em Diário da República, a 27 de maio de 1931. http://www.dre.pt/pdf1s/1931/06/12600/10281028.pdf “Pessinonte” e não “Pessimonte”. http://www.britannica.com/EBchecked/topic/453411/Pessinus Ferramenta de tradução da Wikipédia (francês-português-inglês) : http://fr.wikipedia.org/wiki/Pessinonte	Página 109
égide	aegis	Égide:	Página 109

		http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=égide Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Égide http://www.britannica.com/EBchecked/topic/7026/aegis http://encyclopedia.thefreedictionary.com/aegis	
Decênviros	Decemvirs (ou Decemviri)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Decenvirato http://www.britannica.com/EBchecked/topic/155038/decenviri Optei pela tradução <i>Decemvirs</i> por concordância com o original que também está em português e não em Latim. No entanto, nem todos os dicionários e enciclopédias reconhecem a palavra <i>Decemvirs</i> . Confirmei com a ajuda de dicionários fidedignos para validar a utilização da palavra: http://www.thefreedictionary.com/decemvir http://dictionary.reference.com/browse/decemvirs	Página 109
Estado laico	secular State	http://www.infopedia.pt/\$estado-laico http://pt.bab.la/dicionario/portugues-ingles/estado-laico	Página 109
Imperador Tibério	Emperor Tiberius	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tibério O facto de poder tratar-se do Imperador Tiberius I ou do Imperador Tiberius II não afeta a tradução. http://www.britannica.com/EBchecked/topic/594862/Tiberius http://www.britannica.com/EBchecked/topic/594882/Tiberius-II-Constantinus	Página 109
Lucrécio	Lucretius	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lucrécio http://www.britannica.com/EBchecked/topic/350683/Lucretius	Página 109
Gracos	Gracchi	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Gracos http://www.britannica.com/EBchecked/topic/507905/ancient-Rome/26627/The-reform-movement-of-the-Gracchi-133-121-bc http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia_Augusta/Gordiani_tres*.html	Página 109
Scipião Emiliano	Scipio Aemilianus	Em português apenas encontrei “Cipião Emiliano”. Terá sido erro tipográfico ou grafia que entretanto caiu em desuso? Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Scipio_Aemilianus http://www.britannica.com/EBchecked/topic/529059/Sci	Página 109

		pio-Africanus-the-Younger	
Augusto	Augustus	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto http://www.britannica.com/EBchecked/topic/43047/Augustus	Página 113
orfismo	orphism	Ferramenta da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Orfismo_(movimento_art%C3%ADstico) http://www.britannica.com/EBchecked/topic/433206/Orphism	Página 115
Cínicos	Cynics	Como aparece grafado com letra maiúscula não se trata do vulgar uso do adjetivo plural “cínicos” mas de uma doutrina ou conceito mais complexo. http://www.iep.utm.edu/cynics/ http://www.britannica.com/EBchecked/topic/148429/Cynic	Página 115
Neo-platonismo	NeoPlatonism	“Neoplatonismo” e não “Neo-platonismo” como se apresenta no texto original. Novamente uma grafia que, provavelmente, caiu em desuso Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Neoplatonismo http://www.britannica.com/EBchecked/topic/409036/Neoplatonism	Página 115
dogmas “lourdistas” e “anti-lourdistas”	Lourde’s dogmas	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lourdes http://fr.lourdes-france.org http://www.theotokos.org.uk/pages/approved/appariti/lourdes.html	Página 117
Terre-Nouvelle	<i>Terre-Nouvelle</i>	Mantive os termos em francês, como no original.	Página 117
L’Esprit	<i>L’Esprit</i>	Mantive os termos em francês, como no original.	Página 117
protestantismo	protestantism	Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/protestantismo	Página 119
facista (fascista)	fascism	Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/fascismo	Página 119
falangista (movimento)	falangism (o resto da frase obrigou a esta opção)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/falangismo http://www.encyclopedia.com/topic/Falangism.aspx	Página 119
francista (movimento) (não está fixado na grafia atual para este	<i>mouvement franciste</i> (a French fascist and anti-semitic league created by Marcel	Significado de francismo e sinonímia com francesismo: http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/francismo http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Francist+Movement Oxford – Advanced Learner’s Dictionary	Página 119

referente)	Bucard in 1933)		
rexista (movimento)	rexism	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Rexism http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Rexism	Página 119
proteiforme	proteiform	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/proteiforme Ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/proteiforme Proteiforme: http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=proteiforme Proteiform: http://www.thefreedictionary.com/Proteiform http://www.merriam-webster.com/medical/proteiform	Página 123
Impérium	<i>Imperium</i>	O autor uniu a palavra latina ao acento da palavra traduzida para português: <i>imperium</i> + império. Optei por manter o latim. http://books.google.pt/books?id=gBncL--Z7E4C&pg=PA19&lpg=PA19&dq=imperium+significado&source=bl&ots=nIzHwqWWYR&sig=fSgZug2VaPKE8k33CpwAM_NWX7k&hl=en&sa=X&ei=HecYUePzHsm2hQeBIIGABw&ved=0CGcQ6AEwCA#v=onepage&q=imperium%20significado&f=false http://www.thefreedictionary.com/imperium	Página 129
Augusto (título honorífico)	Augustus	http://encyclopedia.thefreedictionary.com/Augustus+(emperor Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_(t%C3%ADtulo)	Página 129
Dea Roma	<i>Dea Roma</i>	Mantive o latim. http://www.tate.org.uk/art/artworks/turner-statue-of-the-dea-roma-in-the-gardens-of-the-villa-medici-rome-d16410 http://books.google.pt/books?id=4II_mqxM8s0C&pg=PA50&lpg=PA50&dq=dea+roma&source=bl&ots=n0lugNsNuV&sig=peWpYYM67Cqixg9Rh99ZaTTBYis&hl=en&sa=X&ei=A_oYUaqZNtO2hAep8oCgDg&sqi=2&ved=0CGkQ6AEwDQ#v=onepage&q=dea%20roma&f=false	Página 129
numen	numen	Em português “númen”. Definição em português: http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/númen Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/númen	Página 129
Adriano	Hadrian	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Adriano http://www.britannica.com/EBchecked/topic/251204/Ha	Página 131

		drian	
majestas	<i>majestas</i>	Mantive o latim. A <i>Law of majestas</i> foi instituída por Ulpiano (<i>Ulpian</i> : http://pt.wikipedia.org/wiki/Ulpiano) http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/secondary/SMIGRA*/Majestas.html http://en.wikipedia.org/wiki/Law_of_majestas	Página 131
Didius, Julianos (em português atual: Dídio Juliano)	Didius Julianus (nome completo em inglês = latim: Marcus Didius Severus Julianus Augustus)	http://en.wikipedia.org/wiki/Didius_Julianus Pelo contexto da frase do texto original penso que a pessoa em questão será <i>Didius Julianus</i> . http://www.britannica.com/EBchecked/topic/162476/Marcus-Didius-Severus-Julianus	Página 131
Severo Alexandre (ou Alexandre Severo)	Severus Alexander (or Alexander Severus - Marcus Aurelius Severus Alexander Augustus)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Alexander_Severus http://www.britannica.com/EBchecked/topic/536782/Severus-Alexander http://www.infopedia.pt/\$alexandre-severo	Página 131
Os três Gordianos	The three Gordians	http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Historia_Augusta/Gordiani_tres*.html http://en.wikipedia.org/wiki/Gordian_I http://en.wikipedia.org/wiki/Gordian_II http://en.wikipedia.org/wiki/Gordian_III	Página 131
Decius (Décio)	Decius	Em português Décio. Mantive o nome em latim pois a língua inglesa mantém igualmente o nome em latim: http://en.wikipedia.org/wiki/Decius http://www.britannica.com/EBchecked/topic/155162/Decius http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/IRTraDec.html	Página 131
Saturninus (Júlio Saturnino)	Saturninus (Julius)	http://en.wikipedia.org/wiki/Saturninus_(253-268) Ferramenta de tradução da Wikipédia (EN-PT): http://en.wikipedia.org/wiki/Julius_Saturninus http://www.britannica.com/EBchecked/topic/525235/Antonius-Saturninus	Página 66
Tetricus (Tétrico)	Tetricus (Gaius Pius Esuvius Tetricus)	Ferramenta de tradução da Wikipédia (EN-PT): http://en.wikipedia.org/wiki/Tetricus_I http://www.britannica.com/EBchecked/topic/589138/Gaius-Pius-Esuvius-Tetricus http://tradutor.babylon.com/portugues/Tétrico%20i/	Página 131
Mário e Sylla (Caio Mário e Lúcio Cornélio Sula ou Sila ou Silas)	Marius and Sulla (ou Gaius Marius and Lucius Cornelius Sulla)	Diz respeito a uma das guerras civis do império romano travada entre <i>Gaius Marius</i> e <i>Sulla</i> . Mais uma vez Abel Salazar opta por uma tradução “livre” dos nomes em questão. Neste caso específico traduz o primeiro e mantém o segundo em francês (que é usado também	Página 131

		na língua inglesa, a par de <i>Sulla</i> , a grafia original em latim): http://www.britannica.com/EBchecked/topic/572893/Lucius-Cornelius-Sulla	
Caliban	Caliban	Personagem de “A Tempestade”, a última obra teatral de Shakespeare. <i>Caliban</i> era um escravo selvagem e disforme. A frase de Abel Salazar onde este nome aparece é a seguinte: “...O chefe do Estado, déspota todo poderoso e temível, é o escravo submisso de um monstro de cem cabeças, de um <i>Caliban</i> sem ideal, sem fé nem lei...” http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/63_Centeno.pdf http://www.shakespeare-online.com/plays/characters/calibanbio.html	Página 131
Duruy (Victor)	Duruy	http://en.wikipedia.org/wiki/Victor_Duruy http://www.britannica.com/EBchecked/topic/174383/Victor-Duruy	Página 133
Salius	Salius	http://en.wikipedia.org/wiki/Salius http://books.google.pt/books?id=AhBTAEKpfNMC&pg=PA435&lpg=PA435&dq=salius+arcanian&source=bl&ots=Z5RnwvzGFw&sig=ws5a8omDHTQ4ss1z6jXQXMbY_Ag&hl=en&sa=X&ei=3O9EUfG9Huyv7Ab62IDoCQ&ved=0CDsQ6AEwAw#v=onepage&q=salius%20arcanian&f=false	Página 133
Sassânidas (império Sassânida)	Sassanid Empire (ou Sasanid ou Sasanian)	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Império_Sassânida http://www.britannica.com/EBchecked/topic/524652/Sasanian-dynasty	Página 133
Valentiniano	Valentinian	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Valentinian_I http://www.britannica.com/EBchecked/topic/622032/Valentinian-I	Página 133
Teodósio	Theodosius	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Teodósio_I http://www.britannica.com/EBchecked/topic/590747/Theodosius-I	Página 133
ilírios	illyrian	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Il%C3%ADrios http://www.britannica.com/EBchecked/topic/283111/Illyrian	Página 135
Cláudio II (Marco Aurélio Valério Cláudio)	Claudius II (ou Claudius Gothicus)	<i>Marcus Aurelius Claudius Augustus</i> - Soldado e imperador romano de origem ilírica. Contextualização facilitada pelo termo anterior deste quadro.	Página 135

		Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cláudio_II	
Probus (em português: Marco Aurélio Probo)	Probus (inglês = latim: Marcus Aurelius Probus)	http://en.wikipedia.org/wiki/Illyrian_emperors http://en.wikipedia.org/wiki/Marcus_Aurelius_Probus Probo: http://www.infopedia.pt/\$probo Probus: http://www.britannica.com/EBchecked/topic/477638/Probus	Página 135
Eufrates	Euphrates	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Eufrates http://www.britannica.com/EBchecked/topic/195441/Euphrates-River	Página 135
Caledónia	Caledonia	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Caledônia http://www.britannica.com/EBchecked/topic/89334/Caledonia	Página 135
Bizâncio	Byzantium	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bizâncio http://www.thefreedictionary.com/Byzantium	Página 135
Caldeia	Chaldea	Ferramenta de tradução da Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Caldeia http://www.thefreedictionary.com/Chaldea	Página 135
glebas	glebes	Dicionário e ferramenta de tradução da Infopédia: http://www.infopedia.pt/portugues-ingles/gleba Servos da glebe – poético <i>gleba</i> http://www.thefreedictionary.com/glebe Oxford Advanced Learner's Dictionary	Página 135
collegium	<i>Collegium</i>	http://en.wikipedia.org/wiki/Collegium_(ancient_Rome) http://www.thefreedictionary.com/collegium	Página 135
curiais	members of the Curia	http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/curiais http://www.thefreedictionary.com/Curia http://www.britannica.com/EBchecked/topic/507667/Roman-Curia http://en.wikipedia.org/wiki/Roman_Curia	Página 135
defensores civitatis	<i>defensores Civitatis</i>	http://en.wikipedia.org/wiki/User:Chief_Ellingar/Defensor_civitatis http://thelawdictionary.org/defensor-civitatis/ http://lawi.us/defensor-civitatis/	Página 135
collegia (plural de Collegium)	<i>collegia</i>	Mantive o latim. Plural de Collegium: http://www.thefreedictionary.com/collegia http://www.britannica.com/EBchecked/topic/507759/Roman-law/41326/Corporations#ref469112	Página 135

Páginas acedidas entre novembro de 2011 e março de 2012.

Todos os acessos verificados a 12 de março de 2013.

Anexos

Digitalizações das publicações em periódicos:

Sol Nascente

O Trabalho

(disponibilizadas em cd)